

**Organizadores:**  
**Clotilde Perez, Eneus Trindade**  
**Maria Immacolata Vassallo de Lopes**  
**e Márcia Pinheiro Olhson**

# **PPGCOM-USP**

## **50 ANOS:**

**entre o passado e o futuro, nosso percurso**



**PROAP**  
Programa de Apoio à  
Pós-Graduação



CAPES



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



**Estação**  
**das Letras**  
**e Cores**

**Organizadores:**  
**Clotilde Perez, Eneus Trindade**  
**Maria Immacolata Vassallo de Lopes**  
**e Márcia Pinheiro Olhson**

# **PPGCOM-USP**

## **50 ANOS:**

**entre o passado e o futuro, nosso percurso**

© Vários autores, 2023

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

#### **ORGANIZADORES**

Clotilde Perez, Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Márcia Pinheiro Olhson

#### **DIREÇÃO EDITORIAL**

Kathia Castilho e Solange Pelinson

#### **REVISÃO**

Leoberto Balbino

#### **PROJETO GRÁFICO E EDIÇÃO DE ARTE**

Marcelo Max

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)**

---

P146 PPGCOM USP 50 anos : entre o passado e o  
1.ed. futuro, nosso percurso / organizadores  
Clotilde Perez...[et al.]. – 1.ed. –  
São Paulo : Estação das Letras e Cores, 2023.

Outros organizadores: Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de  
Lopes, Márcia Pinheiro Olhson.

ISBN : 978-65-5029-027-6

1. Ciências sociais. 2. Comunicação. 3. Pesquisa – Aspectos sociais.  
4. Pós-Graduação. 4. Professores – Formação. I. Perez, Clotilde. II. Trindade,  
Eneus. III. Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. IV. Olhson, Márcia Pinheiro.

03-2023/64

CDD 300

---

#### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Ciências sociais 300

Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

#### **Estação das Letras e Cores Editora**

Av. Real, 55 – Aldeia da Serra

06429-200 – Barueri – SP

Tel.: 55 11 4326-8200

 [www.estacaoletras.com.br](http://www.estacaoletras.com.br)

 [facebook.com/estacaodasletrasecoreseditora](https://facebook.com/estacaodasletrasecoreseditora)

 [@estacaodasletrasecores](https://instagram.com/estacaodasletrasecores)

**Organizadores:**  
**Clotilde Perez, Eneus Trindade**  
**Maria Immacolata Vassallo de Lopes**  
**e Márcia Pinheiro Olhson**

# **PPGCOM-USP**

## **50 ANOS:**

**entre o passado e o futuro, nosso percurso**

2023



Obra financiada pelo:

**PROAP**  
Programa de Apoio à  
Pós-Graduação



**CCN** **USP**  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

 **Estação  
das Letras  
e Cores**

# Sumário

## INTRODUÇÃO

<b>PPGCOM-USP 50 anos: entre o passado e o futuro, nosso percurso</b> Clotilde Perez • Eneus Trindade • Maria Immacolata Vassalo de Lopes • Roseli Figaro	<b>7</b>
--	----------

## LINHA DE PESQUISA 1 • Comunicação, redes e linguagens: objetos teóricos e empíricos

<b>Imagens e reflexões de uma trajetória</b> Boris Kossoy	<b>25</b>
<b>Cinco décadas de vida uspiana</b> Cremilda Medina	<b>35</b>
<b>Tempo e estudo</b> Eugênio Bucci	<b>45</b>
<b>Narrativas e discursos na ficção televisiva</b> Maria Cristina Palma Munglioli	<b>53</b>
<b>De passagem</b> Mayra Rodrigues Gomes	<b>67</b>
<b>Comunicação e Trabalho: uma trajetória de estudos nas Ciências da Comunicação</b> Roseli Figaro	<b>75</b>
<b>A comunicação como semiose e os desafios da sociedade da informação</b> Vinicius Romanini	<b>89</b>
<b>Um percurso epistemológico para a pesquisa de comunicação</b> Maria Immacolata Vassallo de Lopes	<b>97</b>

## LINHA DE PESQUISA 2 • Processos comunicacionais: tecnologias, produção e consumos

<b><i>Habitus</i> acadêmico: uma reflexão a partir da produção discente na disciplina de pós-graduação, bem como de orientandos de mestrado e doutorado</b> Brasilina Passarelli	<b>117</b>
<b>A criação e a consolidação do Consumo como novo campo de pesquisa na comunicação</b> Clotilde Perez	<b>129</b>
<b>Utopia, distopia e possíveis caminhos</b> Daniela Osvald Ramos	<b>145</b>

<b>Sob as lentes do digital</b> Elizabeth Saad	<b>153</b>
<b>Da produção de sentido da publicidade às mediações e miditizações dos consumos e a semiopragmática interacional entre marcas e consumidores</b> Eneus Trindade	<b>163</b>
<b>Ciências Cognitivas e Comunicação: uma integração investigativa com a aplicação de metodologias pouco tradicionais no programa</b> Leandro Leonardo Batista	<b>181</b>
<b>A ciência do jornalismo no PPGCOM-ECA-USP: estudos aplicados ao rádio e aos esportes</b> Luciano Victor Barros Maluly	<b>191</b>
<b>Fotografia e as telas midiáticas: comunicação e tecnoimagética</b> Wagner Souza e Silva	<b>201</b>
<b>Pesquisas em Comunicação Visual</b> Sandra Maria Ribeiro de Souza	<b>209</b>

### **LINHA DE PESQUISA 3 • Comunicação: Interfaces e Institucionalidades**

<b>Dos estudos de recepção infantojuvenil ao paradigma da educomunicação na Pós-Graduação da ECA-USP</b> Claudemir Edson Viana	<b>221</b>
<b>Educação, pesquisa e engajamento: uma trajetória imbrincada</b> Cláudia Lago	<b>237</b>
<b>A Educomunicação nos 50 anos do PPGCOM da ECA-USP: uma experiência de 30 anos de orientação</b> Ismar de Oliveira Soares	<b>249</b>
<b>Percurso, reflexões e intersecções das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional no PPGCOM</b> Maria Aparecida Ferrari	<b>269</b>
<b>Inserção no PPGCOM-ECA-USP: desbravando a construção de novos aportes nos estudos teóricos e aplicados em Comunicação Organizacional e em Relações Públicas</b> Margarida M. Krohling Kunsch	<b>275</b>
<b>Um esboço do presente</b> Por Paulo Nassar e Luiz Alberto de Farias	<b>285</b>
<b>Minicurriculo dos autores(as)</b>	<b>299</b>



# **PPGCOM-USP 50 anos: entre o passado e o futuro, nosso percurso**

**Clotilde Perez  
Eneus Trindade  
Maria Immacolata Vassalo de Lopes  
Roseli Figaro**

Em sua trajetória de 50 anos, completados em 8 janeiro de 2022, o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo é protagonista de uma rica contribuição para o desenvolvimento das Ciências da Comunicação no Brasil, no espaço Ibero-Americano e no mundo. Os docentes pesquisadores do PPGCOM formaram gerações de novos investigadores imbuídos da responsabilidade profissional de ampliar a compreensão desse objeto teórico-metodológico complexo e desafiador que é a comunicação. Assim, a proposição e a contribuição do PPGCOM estão endereçadas para a formação humanista, plural e interdisciplinar e na pesquisa que transforma a vida das pessoas.

Neste momento de celebração, mas também de conscientização acerca do contexto vivido, apresentaremos o panorama do Programa em termos de docentes e discentes envolvidos; faremos uma síntese da história do PPGCOM; relataremos os bem-sucedidos projetos interinstitucionais de pesquisa, bem como a introdução das ações afirmativas por meio da reserva de vagas para pretos, pardos e



indígenas (PPIs) no processo seletivo do programa; as ações planejadas e implementadas dentro do contexto dos 50 anos do PPGCOM; e a atualização do modelo de gestão do programa. Essas contribuições e movimentações do PPGCOM acontecem em um país com crescimento importante do número de programas de pós-graduação em Comunicação firmados nas cinco regiões do país, nos últimos anos, mas, também, revelam o esforço dos pesquisadores durante mais dois anos de pandemia da covid-19, com fortes impactos na vida de todos, somados aos desmandos vindos da autoridade federal, especificamente do Ministério da Educação, Capes e CNPq, com fortes restrições orçamentárias, cortes de bolsas e outras ações de desmantelamento da pós-graduação e da pesquisa no país.

### **Um pouco de história**

O Programa de Pós-graduação em Comunicação da USP teve início com as atividades, no nível de mestrado, em 8 de janeiro de 1972 e, no de doutorado, em 1 de agosto de 1980. Ao buscarmos as origens do Programa, já encontramos uma concepção multidisciplinar na qual comunicações e artes encontram-se entrelaçadas em um mesmo programa. A ECA-USP formou na pós-graduação desde então mais de 4 mil pesquisadores. Especificamente, em Ciências da Comunicação são 2.600 formados, sendo 1.650 mestres e 950 doutores (fontes: LOPES, 2003; JANUS 2003/2022; ALUMNI USP, PEREZ e PERUZZO, 2022). Cerca de 30% dos egressos do programa estão trabalhando em instituições localizadas em outros estados do País, predominantemente, instituições públicas de ensino e pesquisa. Em dezembro de 2022, temos 113 discentes com pesquisas em andamento, vinculados aos grupos de pesquisa de seus orientadores. O PPGCOM formou grande parte dos acadêmicos que hoje atua na área das Ciências da Comunicação no Brasil. Esse é o nosso maior legado. Responsabilidade que está substanciada na missão de formar/qualificar pesquisadores/docentes nos níveis de mestrado e doutorado em conformidade com os parâmetros de excelência para a atuação inter, trans e multidisciplinar na área das Ciências da Comunicação e suas interfaces. Em

termos de infraestrutura, contamos com espaços qualificados para aulas, eventos e pesquisas, assistência a vídeos, cabines de pesquisa e um acervo exemplar em títulos de livros, revistas, jornais, partituras, peças de teatro, vídeos e filmes. O serviço de biblioteca da ECA coloca à disposição dos pesquisadores todo esse rico material que soma mais de 200 mil itens. O banco de teses e dissertações da USP é totalmente digitalizado e dá acesso público ao conhecimento depositado em teses e dissertações defendidas na Universidade. Há ainda, por parte da Universidade, uma política de apoio a publicações de periódicos científicos.

No portal de revistas USP ([www.revistas.usp.br/matrizes](http://www.revistas.usp.br/matrizes)) está a revista MATRIZES, único periódico qualificado como A1 no sistema WebQualis da CAPES. Projeto que nasceu bilíngue e com uma linha editorial que atende à concepção multidisciplinar e complexa do campo da Comunicação, com conselho editorial composto por pesquisadores nacionais e internacionais que são referência na pesquisa e na formação do campo da Comunicação. Os Centros e Grupos de Pesquisa são o eixo estruturante do desenvolvimento das pesquisas de mestrado e doutorado, organizam-se por linhas de pesquisa e são coordenados pelos respectivos professores orientadores. Esses centros e grupos de pesquisa têm acervo e infraestrutura básica para seu funcionamento. Eles também abarcam pesquisadores de pós-doutorado e jovens de iniciação científica, além de pós-doutorados e de pesquisadores convidados externos.

O PPGCOM-USP entrou no século XXI preparando sua primeira grande reestruturação, ocorrida em 2005. Ela trouxe o delineamento mais claro entre os objetos teóricos e empíricos e a criação de programas em maior consonância com as áreas de pesquisa da Capes. Com essa reestruturação, a ECA-USP passa a ter seis programas de pós-graduação: três de artes, – Música, Cênicas e Visuais; três da área de comunicação e informação, Ciências da Comunicação (PPGCOM), Meios e Processos Audiovisuais, Ciências da Informação. O desenho da estrutura do PPGCOM passou a três áreas e a oito linhas de pesquisas, com mais de 40 docentes. Essa estrutura permaneceu por mais de dez anos. Em 2013, em face das mudanças no contexto nacional

das pesquisas em comunicação e da situação particular do Programa, caracterizada pela forte transformação no perfil geracional, devido a aposentadorias, implementamos nova reformulação para que o programa pudesse melhor se adequar à realidade da área no Brasil. O resultado da avaliação da Capes, no quadriênio 2013-2016, foi fundamental para que o PPGCOM desse o passo decisivo em face do que vinha considerando desde 2013. Os primeiros dois anos do quadriênio 2017-2020 foram de intensa atividade e autoavaliação. Desse processo, emerge a nova estrutura do Programa, construída em muitas reuniões e discussões e aprovada em todas as instâncias universitárias. A proposta foi aprovada em 2018 e implantada em 2019. A nova estrutura, com uma área de concentração – Ciências da Comunicação – e três linhas de pesquisa reafirma o objetivo geral de oferecer formação de excelência a mestrandos e doutorandos e favorecer o desenvolvimento de pesquisas científicas inovadoras em Ciências da Comunicação a partir de linhas de pesquisa e seus respectivos grupos, promovendo temáticas de ponta e de interface com a trans, inter e multidisciplinaridade em contexto nacional e internacional. A avaliação CAPES 2017-2020 atribuiu a nota 5,0 ao PPGCOM, reforçando a melhoria frente ao quadriênio anterior.

Consoante à missão e aos objetivos do PPGCOM é possível identificar os quatro grandes eixos de atuação que articulam a nova estrutura curricular: 1) Dedicção à pesquisa. Eixo consolidado por meio de inúmeras pesquisas pioneiras e de referência no campo da comunicação que fundamentam: estudos ligados à epistemologia e às metodologias de pesquisa na comunicação, a compreensão das linguagens e estéticas midiáticas e suas metodologias de análise; os processos comunicacionais, entendidos em sua dimensão ontológica; bem como, as pesquisas comunicacionais nos contextos de redes e ambientes digitais; os estudos sobre os enfoques das produções midiáticas voltadas à difusão da informação; os estudos do consumo; os estudos da comunicação e das interfaces sociais demarcados pelas pesquisas em comunicações organizacionais, dimensões políticas e estratégias da comunicação; as relações entre comunicação e educação; e, por fim, os fenômenos de comunicação cultura e cidadania. Todos os objetos

e enfoques anteriores encontram-se em evidente consonância com o atributo identificador fundamental e dele dependente – o olhar interdisciplinar das Ciências da Comunicação; 2) Nucleação com capacidade de promover impactos em nível nacional e regional. Somos um programa que formou grande parte dos doutores em comunicação no Brasil, gerando quadros especializados para a formação de outros programas que hoje compõem o cenário de mais de 50 cursos na área. Nosso programa é multidisciplinar, diversificado, trabalha com teorias e temáticas inúmeras, sem se restringir a um ou dois perfis temáticos e teóricos. Trata-se de aspecto relevante e positivo porque permite a formação e o aperfeiçoamento em relação a competências e habilidades diversificadas, capazes de nuclear em outras instituições e regiões novos grupos de pesquisa e novos programas. Nossas pesquisas têm contribuído para o país e internacionalmente em múltiplas temáticas: epistemologia da comunicação, teorias da comunicação, estudo de teleficção (telenovela, séries); educomunicação (comunicação e educação); teorias dos discursos; comunicação organizacional; estudos de recepção e usos midiáticos; teoria da publicidade, das marcas e os consumos mediados pela comunicação analógica e digital; teoria do jornalismo e diálogo social; estudos de imagem e estética; comunicação e trabalho; desinformação, censura e liberdade de expressão; comunicação e cultura. Vale destacar a perspectiva das mediações comunicacionais das/nas culturas, como inicialmente proposto por Jesús Martín-Barbero (2001), acrescido dos avanços dessa discussão latino-americana e promovidos pelos pesquisadores do nosso Programa e de programas parceiros, a exemplo das recentes contribuições (LOPES, 2018, TRINDADE, FERNANDES; LACERDA, 2019, e TRINDADE; MALULY; PAVAN; FERNANDES, 2021).

No quadriênio 2017-2020 foram concluídos dois grandes convênios com impactos expressivos nacionais. Um de caráter regional, o Dinter, com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus Juazeiros, formou oito doutores em 2020. E o outro tratou do projeto PRO-CAD-Capes em cooperação com os PPGs da UFMS e UFRN, com resultados efetivos para as pesquisas locais, publicações e formação de novos quadros. Este último projeto envolveu 10 missões de docentes da USP,

além de proporcionar a vinda de duas missões internacionais à USP; 3) Inserção e relevância social no perfil do egresso. O PPGCOM-USP constituiu-se historicamente como um centro de formação de novos pesquisadores – ex-alunos do Programa se multiplicam por Universidades brasileiras e Instituições de outros países da América Latina. A capacidade de nucleação de outros pesquisadores e formação de novos programas em todo o país resulta de nossa capacidade de pluralidade e excelência na pesquisa. Do total dos programas de pós-graduação em comunicação no Brasil, muitos docentes são egressos do PPGCOM-USP. Entre os egressos há destacados e reconhecidos pesquisadores atuando em um leque amplo de instituições de ensino e pesquisa no Brasil, inclusive na coordenação de programas de pós-graduação. É importante destacar a presença de nossos egressos em órgãos governamentais, organizações do terceiro setor e empresas privadas; 4) Ampliação dos diálogos internacionais. O programa possui entre seus membros diversos professores coordenadores de convênios com instituições estrangeiras, o que permite uma maior agilidade no intercâmbio qualificado de docentes e pós-graduandos entre instituições do mundo. Contribui ainda para a internacionalização a existência de redes de pesquisa com grupos nacionais e internacionais; cotutelas com pesquisadores ibero-americanos e europeus; a atuação de docentes em entidades científicas da área em âmbito ibero-americano e em outros continentes; e, por fim, a contribuição significativa no terreno bibliográfico com publicação de capítulos de livros e artigos em periódicos internacionais, destacando-se, especialmente nos últimos anos, o trabalho da revista *MATRIZES* e das demais revistas científicas institucionalizadas nos diferentes departamentos, dos quais fazem parte os docentes do programa, tais como *Organicom*, *Signos do Consumo*, *Alterjor* e *Comunicação e Educação*, na inserção e divulgação do pensamento comunicacional brasileiro. Esses quatro eixos orientam e configuram as três linhas de pesquisa da atual Estrutura Curricular com uma única área de concentração, conforme se detalhará a seguir. Cabe destacar ainda que todo esse processo buscou interface com os pressupostos de qualidade discutidos pela Capes, a partir do documento de área da Capes para Comunicação e Informação, bem como no diálogo com a coordenação de área.

A concepção de uma única área de concentração, Ciências da Comunicação, toma por base: o panorama epistemológico do próprio campo, traduzindo uma visão pluralista e, ao mesmo tempo, agregadora das diversidades temáticas e de objetos de pesquisa; as hibridações provenientes de campos correlatos e inovações decorrentes de vertentes teóricas emergentes; o dinamismo em fluxo contínuo do processo de inovação e mudança da base técnica de sustentação dos processos comunicativos; a ampliação e a transformação das linguagens, meios, públicos e processos de produção e circulação, especialmente a partir da condição de digitalização que permeia estes objetos comunicacionais; e o papel que o campo da Comunicação assume na sociedade, uma resultante dos processos de mudança da base material e inovação tecnológica, com profunda transformação cultural. Com base nessa concepção estruturante, o Programa se reorganizou objetivando criar aderência e consistência entre: a) as atividades de ensino e pesquisa e produção docente – aqui expressas pela integração das linhas, grupos e projetos de pesquisa e a capacidade de oferta de disciplinas; b) as atividades de organização didático-pedagógica – aqui traduzidas pela gestão de um perfil de egresso decorrente da grade semestral de oferta de disciplinas, da organização pedagógica de conteúdo das disciplinas e das atividades complementares necessárias à formação planejada; c) as atividades de regulamentação e organização/adequação institucional da configuração do Programa com a USP – aqui formuladas pelas obrigatoriedades; e d) as atividades de inovação, regionalização e internacionalização – aqui constituídas pelas atividades propostas por eixos específicos adicionais à grade disciplinar formal. Tal configuração proporciona identidade temática aos propósitos gerais dos trabalhos desenvolvidos em cada linha sem, contudo, perder seu caráter plural e transdisciplinar. A postura articuladora também se estende à proposição de disciplinas dos diferentes eixos – teórico-metodológicos e especificidades. Desse modo, a área de concentração Ciências da Comunicação estrutura basilaramente três linhas de pesquisa: Linha de pesquisa 1 – Comunicação, redes e linguagens: objetos teóricos e empíricos. Linha de Pesquisa 2 – Processos Comunicacionais: tecnologias, produção e consumos. Linha de Pesquisa 3 – Comunicação: interfaces e institucionalidades. A articulação

e diálogo entre as três linhas de pesquisa encontra-se em sua própria composição conforme poderá ser observado nas descrições das linhas a seguir, em que apresentamos também os grupos de pesquisa a elas vinculados. Linha de pesquisa 1 – Comunicação, redes e linguagens: objetos teóricos e empíricos. Ementa: Estudos de teorias, metodologias e linguagens, implicadas no processo comunicacional. Trata de problematizar e renovar o arcabouço epistemológico, teórico e metodológico do campo da comunicação, tendo em vista os objetos teóricos e empíricos de pesquisa, no contexto digital em seus atravessamentos culturais, estéticos, socioeconômicos, políticos e ecológicos. Grupos de pesquisa articulados: – CECOM – Centro de Estudos do Campo da Comunicação; – CETVN - Centro de Estudos de Telenovela; – CPCT – Centro de Pesquisa Comunicação e Trabalho; – GELiDis – Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação; – Grupo de pesquisa Jornalismo, Direito e Liberdade; – Grupo de Pesquisa Epistemologia do Diálogo Social. Professores(as): Anderson Vinicius Romanini; Boris Kossoy; Cremilda Celeste de Araujo Medina; Eugênio Bucci; Maria Cristina Palma Munglioli; Maria Immacolata Vassallo de Lopes; Roseli Fígaro; e Vitor Blotta. Os oito professores e os seis grupos de pesquisa que compõem a linha 1 articulam seu trabalho em torno de temáticas relativas à epistemologia, às teorias, às metodologias da comunicação e da linguagem e na produção de sentidos/semiose da comunicação. Linha de Pesquisa 2 – Processos comunicacionais: tecnologias, produção e consumos, com a seguinte ementa: Estudos de processos de comunicação, tecnologias digitais, linguagens, redes e formatos, no contexto da ecologia das mídias, da cultura e da economia. A abordagem teórica e metodológica trata das relações entre comunicação, tecnologias e consumos. Problematiza essas relações desde o âmbito da produção ao da recepção e circulação de objetos, mercadorias e significados e de narrativas no cotidiano de pessoas, instituições e sociedade. Grupos de pesquisa articulados: – COM+ – Grupo de Pesquisa em Comunicação, Jornalismo e Mídias Digitais; – ALTERJOR – Jornalismo Alternativo; – GESC3 – Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo; – GEIC – Grupo de Estudos da Imagem em Comunicação – 4C – Centro de Comunicação e Ciências Cognitivas, e o Núcleo de Apoio à Pesquisa (NAP) – Escola do

Futuro. Professores(as): Brasilina Passarelli; Daniela Osvald Ramos; Elizabeth Nicolau Saad Corrêa; Eneus Trindade Barreto Filho; Leandro Leonardo Batista; Luciano Victor Barros Maluly; Maria Clotilde Perez Rodrigues; e Wagner Souza e Silva. Os oito professores e os cinco grupos de pesquisa que compõem a linha 2 articulam seu trabalho em torno de temáticas das técnicas e das tecnologias digitais na reflexão sobre a comunicação e suas diferentes linguagens: jornalismo, fotografia, editoração, publicidade, marcas e no processo cognitivo e simbólico e do consumo; bem como em torno de temáticas relativas à formação, à cultura e à circulação dos bens culturais, comerciais e do consumo de marcas e outros produtos midiáticos. Linha de Pesquisa 3 – Comunicação: Interfaces e Institucionalidades. Ementa: Estudos da comunicação em suas interfaces sociais, tecnológicas e institucionais. Trata de apreender a comunicação nos aspectos organizativos e políticos, tendo como instância constitutiva os processos educacionais, econômicos, culturais e ecológicos. A reflexão epistemológica, teórica e metodológica dá-se no âmbito do diálogo entre as diferentes práticas sociais. Grupos articulados na linha 3; – CECORP – Centro de Estudos de Comunicação Organizacional e Relações Públicas; – DICULT – Grupo de Estudos de diversidades, interculturalidade, comunicação e linguagens culturais; – GENN – Grupo de Estudos das Narrativas – NCE - Núcleo de Comunicação e Educação – Laboratório de Inovação, Desenvolvimento e Pesquisas em Educomunicação; – CECOM – Centro de Estudos do Campo da Comunicação; – MECOM – Mediações educacionais. Professores(as): Adilson Odair Citelli; Claudemir Edson Viana; Claudia Lago; Ismar de Oliveira Soares; Luiz Alberto de Farias; Margarida Maria Krohling Kunsch; Maria Aparecida Ferrari; Paulo Roberto Nassar; Richard Romancini. Os nove professores e os sete grupos de pesquisa que compõem a linha 3, articulam seu trabalho em torno dos temas da comunicação que envolvem organizações e instituições de diferentes perfis (educacionais, políticas, empresariais). Desenvolvem pesquisas sobre a potencialidade da comunicação, em seus aspectos epistemológicos e teóricos, em transformar essas instituições, no contexto da liberdade de expressão, da democracia, da sustentabilidade e da formação humanística.



O nosso quadro docente é formado hoje por 25 professores permanentes. Todos são doutores há mais de cinco anos, sendo que 50% há mais de 20 anos, a maioria é formada por professores livre-docentes e por professores titulares. A qualificação desse corpo docente é contínua e reconhecida por sua excelência. Com relação à aderência e à qualificação, o corpo docente da nova estrutura do PPGCOM atende plenamente os objetivos para a formação de mestres e doutores e se constitui em um grupo destacado de intelectuais, que produzem conhecimento na área da Comunicação com impacto relevante na sociedade, seja em termos de discursos qualificados e/ou em termos de políticas públicas aplicadas, ou ainda em termos de abordagens inovadoras dos objetos da Comunicação, tais como metodologias de análise das redes sociais, relações homem-máquina, consumo (i)material e suas implicações. Tais elementos concorrem para o processo de qualificação do Programa que se mostra por meio de dez aspectos: a) **Pesquisa** – a atualização exigida pelos objetos teóricos e empíricos de pesquisa, nesse sentido, os 43 projetos de pesquisa do PPGCOM demonstram nos títulos e nos objetivos a assertiva e necessária constante atualização das referências teóricas e metodológicas. Nessa mesma lógica, enquadram-se as ações de atualização necessárias e também resultantes do processo de orientação de mestrandos e doutorandos, que atualmente somam 113 alunos, sendo 63 doutorandos e 47 mestrandos, além de 3 alunos de programas internacionais; b) **Inserção nacional e internacional** – participação e organização em eventos, seminários, congressos, cursos de curta duração, bem como a participação em bancas examinadoras de teses e dissertações de outras instituições. Essas atividades demandam atualização constante e proporcionam acesso a resultados de novas pesquisas e reflexões realizadas em âmbitos mais amplos do que aquele vivenciado em nosso programa; participação em cursos de atualização, seminários e palestras em universidades e institutos de pesquisa nacionais e estrangeiros. A título de exemplo, podemos mencionar a participação e/ou organização em congressos nacionais como os das entidades científicas: Intercom, SBPJor, ABP2, SBPC, Compós, Abrapcorp, ABPEducom, entre outros, e em eventos de sociedades científicas internacionais como a IAMCR, CONFIBERCOM, ASSIBERCOM-IBERCOM, ALAIC,

FELS, AISS, BRASA, entre outros; os nossos docentes também atuam em comitês científicos ou como avaliadores de uma gama enorme de periódicos nacionais e internacionais de grande prestígio. Além disso, os docentes do programa possuem uma rede de convênios internacionais que merece destaque; temos grupos de pesquisa que atuam em nível internacional por meio de redes de investigação: Obitel, CPCT, GESC3, COM+, entre outros. Há que se destacar a participação do PPGCOM no Projeto USP-Print/Capes em sucessivas edições. Tivemos três doutorandos selecionados para estágio sanduíche em universidades na Europa. Em 2020-2021, as viagens dos demais selecionados não puderam ser realizadas, em função da pandemia da covid-19, mas, já no início de 2022, tivemos a retomada, com 10 alunos em estágios no exterior, 80% deles com bolsa. Nesse item, foram incrementados os acordos de intercâmbio e/ou pesquisa com: Universidade Sorbonne, Celsa – l'École des Hautes Études en Sciences de l'Information et de la Communication; Nowregian Research Council, com o projeto Journalism: Safety matters; Universidade de Oxford e Universidade do Rio dos Sinos, Unisinos, USP, UFRJ, no Projeto Fair-Work – Brasil; European Cooperation in Science & Technology – cooperação, professores do PPGCOM desenvolvem parceria de pesquisa no projeto FATIDIC: Fake Advanced Technology in Digital Internet Communication, liderado pela Universidade de Turin; Universidad de Murcia, Universidade de Sevilla, Pontificia Universidad Católica de Chile e Universidade Nova de Lisboa estão articuladas na cooperação com o PPGCOM-USP no projeto Observatório da Pandemia; Trans-Atlantic Platform for the Social Sciences and Humanities, projeto em colaboração com Université de Cergy-Pontoise, França, e Universidade Estadual Paulista (Unesp); Universidade de Huelva, por meio da recepção de dois estudantes para estágio de pesquisa doutoral, oriundos do programa de Doctorado Interuniversitario en Comunicación constituído pelas Universidades de Huelva, Sevilla, Málaga e Cádiz. Recebemos, em 2022, um doutorando da Universidad Autónoma de Madrid, integrante do doutorado em História Contemporânea, com pesquisa na articulação com os estudos da Comunicação. O PPGCOM -USP possui hoje mais 22 convênios internacionais oficializados no Centro de Relações Internacionais da USP (CRint), uma demonstração do esforço e

da determinação dos docentes na ampliação da internacionalização de suas pesquisas e da mobilidade dos estudantes; c) **Maturidade do corpo docente** – cerca de 20% são bolsistas produtividade do CNPq, três deles incluídos nos diferentes estratos do nível 1: Maria Immacolata Vassalo de Lopes, 1A; Margarida Maria Krohling Kunsch, 1B; e Adilson Odair Citelli, 1B; e quatro no nível 2: Eneus Trindade, Maria Cristina Palma Mungioli, Maria Clotilde Perez e Roseli Figaro Paulino. Além disso, é preciso destacar que, dos 25 docentes do Programa, 13 possuem estágio pós-doutoral realizado no exterior, em Universidades dos Estados Unidos, Portugal, Espanha, Itália, França.

d) **Reconhecimento** – cerca de 60% dos docentes do PPGCOM têm financiamento em seus projetos de pesquisa pela Fapesp, CAPES, CNPq ou de entidades de pesquisa internacionais. Nos últimos 3 anos, professores do PPGCOM foram finalistas do Prêmio Jabuti, maior reconhecimento nacional da produção literária e científica. Outro aspecto que configura o reconhecimento do corpo docente do PPGCOM-USP é a presença destacada em eventos internacionais, com palestras magnas, plenárias e convites para composição de júri de importantes premiações; e) **Dedicação** – os professores do PPGCOM têm carga horária na graduação, oferecendo disciplinas, orientações para TCC, para Iniciação científica ou a bolsistas de projetos de extensão universitária, além de participarem ativamente de inúmeras comissões e instâncias de gestão nos departamentos, na escola e na USP; já a dedicação dos alunos, além da participação em diferentes atividades do programa, destacamos o Conexão pós, evento científico organizado desde 2018, com ampla participação dos discentes; deste seminário resultam apresentações orais comentadas pelos professores convidados da ECA-USP e dos demais programas do estado de São Paulo, ampliando o nosso diálogo interinstitucional. Deste evento surge uma publicação em e-book a partir da organização dos artigos completos apresentados e debatidos durante o evento; f) **Relevância** – todos os professores do PPGCOM têm índice h5, sendo 60% deles com índice h5 maior que 10. É um dado importante sobre o impacto das obras dos referidos professores em termos de citação na área; g) **Mapeamento da produção dos egressos** – dentro das celebrações dos 50 anos do PPGCOM, empreendemos a pesquisa com os mais de 2.600 egressos do programa, como

estratégia para ampliar o conhecimento sobre nossos alunos já formados, bem como para inspirar estratégias para a formação dos futuros pesquisadores. A Pesquisa Egressos (PEREZ; PERUZZO, 2022) revelou que grande parte dos alunos formados atua no Ensino Superior e em outros setores de instituições públicas, não-governamentais e privadas, sendo que 134 docentes de 34 programas de Pós-Graduação em Comunicação são formados no PPGCOM-ECA-USP, ou seja, 60% de todos os programas do país conta com docentes-pesquisadores formados pelos mais de 200 professores que atuam ou já atuaram em nosso programa. Alguns se tornaram pesquisadores destacados no campo e assumem papéis importantes na ação de políticas científicas da área no Brasil e fora do país; h) **Revista MATRIZES** – revista do Programa indicada, pelos parâmetros Qualis a estrato A1, publicada quadrimestralmente em inglês e português desde sua fundação. A revista tem oferecido ao campo da comunicação artigos qualificados, cujos autores, brasileiros e estrangeiros, são lideranças em suas frentes de pesquisa. *MATRIZES* também tem apresentado novos autores, jovens pesquisadores que têm mostrado protagonismo na renovação da área, contando com a colaboração solidária dos pesquisadores da área da comunicação do Brasil e do mundo; i) **Inclusão e diversidade** – em 2022, pela primeira vez, o PPGCOM implementou processo seletivo com política de cotas destinando 35% das vagas para candidatos autodeclarados PPIs – pretos, pardos e indígenas. Esta ação foi possível pela implementação no início de 2022, de uma comissão de professores do programa e externa, com o objetivo de apresentar proposta objetiva para implantação imediata, o que aconteceu em três meses de trabalho. A política de ações afirmativas foi aprovada pela coordenação, que participou da comissão, bem como pelas CCP – Comissão Coordenadora do Programa e CPG da ECA-USP. Os primeiros resultados deste edital estão sendo colhidos neste momento e serão acompanhados com vistas ao aperfeiçoamento para os próximos processos seletivos; j) **Modernização da gestão** – no último ano, foi implementada uma política de gestão mais participativa por meio de 9 comissões de trabalho, sempre com o objetivo de valorizar os professores mais experientes (50% dos integrantes) e ampliar a participação daqueles que não estavam integrados à gestão do programa (os

demais 50%). Neste momento, dos 25 professores do PPGCOM, 17 participam de comissões, quais sejam: comissão de novas bolsas, comissão de renovação de bolsas, comissão de prêmios, comissão de credenciamento docente, comissão de reconhecimentos docentes, comissão de diversidade, inclusão e impacto social, comissão de internacionalização, comissão de internacionalização e comissão 50 anos PPGCOM. Essas comissões estudam e propõem caminhos e soluções sempre de maneira participativa e propositiva, enviando às instâncias imediatas conteúdos e estudos para discussão, aprovação e implementação de estratégias e práticas.

Neste momento, é importante destacar o conjunto de atividades programadas e oferecidas durante as celebrações dos 50 anos do PPGCOM, que seguirão durante o ano de 2023, dado o êxito e o ânimo de todos os envolvidos. Apenas em 2022, recebemos 6 professores internacionais para palestras, seminários e reuniões com alunos e professores. Também recebemos oito professores nacionais de diferentes estados e programas de pós-graduação, para aulas magnas e oferecimento de disciplinas condensadas, além de apoios a eventos científicos na ECA, na USP e internacionais, resultando em mais de 30 atividades acadêmicas. Também serão publicados, além deste livro intitulado *A comunicação na USP 50 anos: um olhar do passado às perspectivas futuras*, outras duas publicações, uma delas intitulada “Comunicação na agenda do século XXI” e outra com a seleção da produção discente dos últimos 2 anos. Igualmente teremos uma edição especial de *Matrizes PPGCOM 50 anos*, com lançamento nos primeiros meses de 2023, com textos de destacados pesquisadores nacionais e internacionais que colaboraram com suas pesquisas e diálogos teórico-metodológicos com o PPGCOM-USP.

A título de considerações finais, avaliamos que os desafios futuros do PPGCOM-USP passam pela consolidação das políticas de ações afirmativas, ampliação do processo seletivo para outras áreas, com destaque para a busca de financiamentos de bolsas e demais ações compensatórias. Essa ação não se limitará aos alunos ingressantes pelas políticas afirmativas, mas sim a todos os alunos e professores do

programa. A escassez de recursos para pesquisa é geral e alternativas precisam ser construídas e viabilizadas. Nesse sentido, o PPGCOM-USP investiu, como em nenhum ano anterior, no fomento a participação de alunos em eventos no exterior e em certames nacionais; cerca de 37 alunos foram beneficiados com apoios financeiros parciais. Outro aspecto desafiador é a criação de um projeto de internacionalização que organize as inúmeras e potentes atuações internacionais dos docente e discentes, de modo organizado e estratégico, com ações de reforço ao que já existe, mas também de induções em áreas e/ou centros de investigação de interesse institucional.

Por fim, o protagonismo da equipe de docentes e discentes do PPGCOM leva a articular de maneira coerente e coesa a tradição de mais de 50 anos de história privilegiando as temáticas contemporâneas cujos desafios nos fazem prospectar que o campo das Ciências da Comunicação tem grande contribuição científica a dar para a sociedade. Olhar para o horizonte significa o esforço de ir adiante, de enfrentar os desafios e ser responsável por ações auspiciosas.

Nesse sentido, cada capítulo desta obra, apresentado no sumário, mostra uma trajetória autorreflexiva de cada pesquisador do Programa, que se presta a ser uma espécie de *lente de aumento* sobre os trabalhos dos docentes do PPGCOM-USP, quanto às ações específicas de seus trabalhos, tanto para a construção e sustentação do campo da Comunicação e das suas interfaces possíveis, quanto na formação de novos e melhores pesquisadores-professores para o país.

## Referências

CAPES. Documento de área. Área 31: comunicação e informação. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/comunicacao-pdf>. Acesso em: 25 abr. 2021.

LOPES, M.I.V. **A teoria Barberina da comunicação: matrizes.** *Revista do PPGCOM-USP*, São Paulo: PPGCOM-USP, v. 12, n. 1, p. 39-63, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/145750/139740>. Acesso em: 25 abr. 2021.

LOPES, M.I.V. **Diversidade & interdisciplinaridade:** teses e dissertações. Ciências da Comunicação. São Paulo: ECA-USP, 1972-2002. 1. ed. São Paulo: NUPEM – Núcleo de Pesquisa do Mercado de Trabalho em Comunicações e Artes; ECA-USP, 2003.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

PEREZ, C.; PERUZZO, A. (Coords.). **Pesquisa egressos 2022:** quem somos e onde estamos? São Paulo: ECA-USP; PPGCOM, 2022.

PROCAD. Capes – Comunicação e mediações em contextos regionais. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/procad/>. Acesso em: 25 abr. 2021.

REGIMENTO da Pós-Graduação da USP. Disponível em: <http://www.leginf.usp.br/?resolucao=resolucao-no-7493-de-27-de-marco-de-2018>. Acesso em: 25 abr. 2021.

REGULAMENTO do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. Disponível em: [http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/ata/pos/ppg-com/regulamento\\_ppgcom.1.pdf](http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/ata/pos/ppg-com/regulamento_ppgcom.1.pdf). Acesso em: 25 abr. 2021.

TRINDADE, E.; LACERDA, J.S. (Org.); FERNANDES, M.L. (Org.). **Entre comunicação e mediações:** visões teóricas e empíricas. 1. ed. São Paulo; Campina Grande: ECA-USP; EDUEPB, 2019. v. 1. 240 p. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/21db4537-b975-439c-8497-df8584d867c1/002955410.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2021.

TRINDADE, E.; MALULY, L. V. B. (Org.); PAVAN, M. A. (Org.); FERNANDES, M. L. (Org.). **Comunicação e mediações:** novas perspectivas. 1. ed. São Paulo: ECA-USP, 2021. 300 p. Portal Livro Abertos USP. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/831a566f-830a-4437-9cd9-5967163b9e64/003021022.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2021.

LINHA DE PESQUISA 1

**Comunicação, redes e linguagens:  
objetos teóricos e empíricos**





# Imagens e reflexões de uma trajetória

Boris Kossoy

## I. Antecedentes acadêmicos, artísticos e profissionais

O autobiográfico é um exercício complexo pelos múltiplos acontecimentos tramados que compõem a nossa história pessoal, profissional, acadêmica ou de qualquer outra natureza. Nessa viagem interior, o fator emocional está sempre presente, e nem poderia ser de outra forma, diz respeito à um mosaico de lembranças e sentimentos, fragmentos de nossas memórias.

O cerne da solicitação proposta pela Comissão de Publicação PPGCOM 50 tem por objeto as contribuições que nós, enquanto personagens docentes e pesquisadores, pudemos oferecer à Instituição através do nosso desempenho acadêmico, pedagógico, científico, em diferentes momentos desse período. Vou tentar, nas linhas que se seguem, obter uma síntese objetiva dessa experiência.

Minha inserção na ECA se deu de pouco em pouco. De início, devo destacar certos antecedentes necessários para situar o meu interesse pelo universo das imagens, em especial as fotográficas. Minha experiência neste vasto campo da comunicação e expressão, que é a fotografia, abrange três vertentes principais: histórica, teórica e poética. De forma breve, deterei-me em aspectos que julgo mais relevantes desse percurso, que teve início nos anos de 1960.

Tudo começou com minha paixão pela arquitetura e pelo desenho quando ainda era muito jovem. Entre 1961 e 1965, cursei a Faculdade de Arquitetura, da Universidade Mackenzie, e me vi logo interessado pela história da arquitetura, pela iconografia das cidades e pela cultura material. Admirava os arquitetos contemporâneos e as propostas da Bauhaus, porém a associação de imagem e história formaria o binômio que perduraria para sempre na minha trajetória. A arquitetura seria o esteio estético e cultural, que influiria definitivamente na minha futura carreira como fotógrafo e pensador das imagens. E, de fato, a fotografia passou, aos poucos, a ocupar integralmente minha mente e motivação. Novos projetos estavam a caminho.

Passei a atuar profissionalmente na fotografia ao mesmo tempo em que iniciava meus estudos de pós-graduação na Escola de Sociologia e Política, focado, especialmente, na pesquisa histórica e social da fotografia. Na primeira metade dos anos 1970 assinava uma página mensal sobre fotografia no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, e, ao lado do meu trabalho profissional de estúdio, buscava na imagem um meio de expressão autoral. Em 1971, publiquei meu primeiro livro, *Viagem pelo Fantástico*.<sup>1</sup> A par da experiência conceitual e estética proposta, ele inaugurava, concretamente, minha vertente poética, uma viagem que perdura até o presente, inspirada pelo Realismo Mágico.

Minha estreia no magistério data de 1973, inaugurando o primeiro curso de fotografia da Faculdade de Comunicação Social Anhembí, onde permaneci por três ou quatro anos. A experiência docente prosseguiu ministrando as disciplinas “História da Fotografia” e “Técnicas de Pesquisa Iconográfica” no curso de especialização em Museologia, em nível de Pós-Graduação, entre 1978 e 1980, junto ao MASP – Museu de Arte

---

<sup>1</sup> **Viagem pelo fantástico**. 2. ed. São Paulo: Ipsis, 2021 (1. ed. São Paulo: Kosmos, 1971). Trata-se de um livro de contos imagéticos que pressupõe uma narrativa literária, porém sem palavras, recentemente reeditado, após 50 anos ausente das estantes. Creio que a obra poderia bem esclarecer a primeira das fases da poética referida. O livro contém dez “contos” (sequências fotográficas não lineares, fragmentadas, alógicas), que partem de situações aparentemente normais, corriqueiras à primeira vista, mas que no seu final acabam surpreendendo o espectador pelo seu desenrolar inesperado. É neste momento que me afasto do “documental” no estrito sentido em que se pretende tradicionalmente considerar o termo como sinônimo de “verdade”. Buscava, enfim, mesclar na minha narrativa imagens diretas do real com situações encenadas sobre o real, sendo elas simbólicas acerca de inquietações existenciais, mágicas, políticas. Imaginava um horizonte livre, aberto à expressão fotográfica descolada da obrigatoriedade de ser um “documento do real”, conceito retrógrado que se tinha sobre os limites da fotografia.

de São Paulo<sup>2</sup>. Naquele último, ano interrompi minhas aulas por ter sido indicado para presidir a Comissão de Fotografia e Artes Aplicadas da Secretaria de Estado da Cultura. Dois anos depois, para a direção do Museu da Imagem e do Som de São Paulo – MIS, um período pródigo no sentido de poder colocar em prática uma atividade conjunta de documentação, arquivo, história oral, pesquisa histórica, exposições de fotografia, ciclos de cinema e publicações. Muitos dos registros gravados no MIS, em diferentes áreas do conhecimento e das artes, são hoje referência primordial de informações e reflexões sobre a cultura brasileira. Personagens de renome deixaram seus pensamentos e ideias registradas no programa de história oral, desenvolvido pelo MIS, naquele período. Compunham essa galeria nomes como os de Antonio Cândido, Sergio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Gilberto Freyre, entre muitos outros intelectuais, artistas, literatos, músicos e editores da cena nacional.

Cheguei à USP, aos poucos, por diferentes vias. Primeiramente, por haver participado, juntamente com outros pesquisadores das artes, da elaboração da obra *História geral da arte no Brasil*,<sup>3</sup> livro que se tornaria referência sobre o tema, organizado pelo Prof. Dr. Walter Zanini a quem conhecia desde muitos anos. Desde 1970, já havia participado de vários eventos do Museu de Arte Contemporânea da USP a convite de Zanini, então diretor daquela instituição e recorde que ele, por vezes, me sugeriu ingressar como docente da ECA. Naquela oportunidade, comecei a considerar essa possibilidade, o que, no entanto, só viria a acontecer muitos anos depois.

Uma primeira aproximação à USP se deu em 1984 quando fui convidado pela Prof<sup>a</sup> Maria Isaura Pereira de Queirós para participar das atividades do CERU – Centro de Estudos Rurais e Urbanos. Permaneci alguns anos no CERU atuando como membro da comissão científica da entidade. Uma segunda aproximação se deu em 1987 e 1988, quando, a convite do Departamento de História da FFLCH<sup>4</sup> ministrei

---

2 À convite de Pietro Maria Bardi, permaneci como coordenador do setor de fotografia do MASP, por algum tempo.

3 ZANINI, Walter (Org.). **História geral da arte no Brasil**. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983.

4 Trata-se do curso “Iconografia fotográfica e história social: fontes e métodos”.

curso de pós-graduação na área de História Social e fui curador de duas exposições iconográficas.<sup>5</sup> A partir de 1990, ofereci vários cursos de pós-graduação como professor colaborador da ECA sendo que o primeiro deles, “História da fotografia no Brasil: uma abordagem sociocultural”, ministrei junto ao Departamento de Comunicações e Artes (CCA). Seguiu-se meu pós-doutorado no Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE), tendo como minha mentora a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cremilda Medina, amiga de muitos anos e conhecedora de minha atividade artística e cultural. Durante a década de 1990, ofereci outros cursos de pós-graduação no CJE como professor colaborador e professor visitante. Minha inserção definitiva na ECA foi acontecendo assim, de pouco em pouco, como me referi de início.

## II. Notas de um percurso

Parte substancial da minha obra se desenvolveu basicamente em torno das vertentes já referidas: história, teoria e poética. Tal se constata por alguns dos livros que já havia publicado, ainda antes de meu ingresso na ECA. Um percurso que teve sua gênese durante meus anos formativos, como já mencionado, e ao longo da minha vida acadêmica, transitando pelas áreas de arquitetura, história, ciências sociais, museologia e comunicação, paralelamente ao exercício profissional da fotografia, além de uma constante dedicação aos meus trabalhos de expressão pessoal. Acredito que essa experiência foi fundamental para minhas formulações e reflexões acerca da imagem fotográfica, que apenas se iniciavam. Na realidade, uma retroalimentação constante entre o fazer e o pensar, entre a teoria e a práxis, dinâmica multidisciplinar que nortearia também minha proposta de ensino e pesquisa na ECA.

---

5 Ambas as exposições foram realizadas por iniciativa do CEDHAL (Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina, sob a direção da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Maria Luiza Marçílio e coordenadas pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luiza Tucci Carneiro). Em 1987, foi montada a primeira delas sob o título “Teatro da fé: iconografia da Inquisição”. A segunda, “O olhar europeu: o negro na iconografia brasileira do século XIX”, foi montada por ocasião do Congresso Internacional Escravidão. Essa exposição foi apresentada na Faculdade de Minas de Ouro Preto, MG, e, posteriormente, foi remontada em Paris na Maison de Sciences de l’Homme, com o apoio da Biblioteca Nacional da França. Percorreu mais tarde circuito por várias cidades europeias. Anos depois, foi publicado o livro de mesmo nome: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (Orgs.). **O olhar europeu: o negro na iconografia brasileira do século XIX**. 1. ed. São Paulo: Edusp, 1994.

Nos meados dos anos 1970, os estudos sobre a imagem fotográfica ainda ensaiavam seus primeiros passos. Durante minha pós-graduação, ao longo daquela década, pude observar a pobreza historiográfica que caracterizava os estudos da fotografia no Brasil. Da mesma forma, uma bibliografia teórica na área era inexistente. Pode-se dizer que o panorama nos demais países latino-americanos não diferia muito daquele quadro. Por ocasião do I Colóquio Latino-Americano de Fotografia, realizado na Cidade do México em 1978, nos achávamos, salvo raras exceções, ainda muito distantes das abrangentes possibilidades científicas e estéticas que os estudos históricos e teóricos da fotografia poderiam suscitar. Cabe, por outro lado, salientar que as histórias clássicas da fotografia eram voltadas unicamente à determinados países europeus e aos Estados Unidos. Esses modelos pouca importância davam aos contextos socioculturais e às particularidades sobre os cenários e personagens retratados. Tratava-se de abordagens desvinculadas da realidade social. A contribuição latino-americana à história da fotografia, a partir dos anos 1970, teve relevada importância no sentido de romper com esse paradigma.

Minhas investigações sobre a imagem fotográfica têm suas raízes naqueles anos:<sup>6</sup> nas perguntas que me fazia e no universo de dúvidas que me assaltavam. As proposições teóricas sobre a imagem – submetidas aos conceitos pensados em torno e em função do tradicional signo escrito – não me convenciam. Naquele momento, uma filosofia da fotografia começava a despontar nos grandes centros.

Por outro lado, não se pode perder de vista, que a tradição livresca associava a imagem à ideia de adorno, ilustração, “arte” e,

---

6 Foi nessa década que me vi envolvido em longa pesquisa acerca das experiências precursoras do francês Hercule Florence (1804-1879), realizadas a partir de 1833, com materiais fotossensíveis, que o levariam a uma descoberta independente da fotografia no Brasil. Uma façanha pioneira nas Américas e contemporânea às que se achavam em curso na Europa, através de Niépce, Daguerre, Fox Talbot. Trata-se, portanto, de múltiplas descobertas visando um mesmo propósito. Suas investigações, levadas a cabo na Província de São Carlos (Campinas), foram mantidas praticamente no anonimato, por cerca de 140 anos. Comprovamos a autenticidade de seus manuscritos e a fidedignidade científica dos seus relatos no que se refere a materiais, métodos e técnicas empregados. Comprovamos, igualmente, que Florence foi o primeiro a utilizar o termo “photographie”, nome que deu à sua descoberta. É óbvio que a assimilação dessa comprovação se deu lentamente, e não poderia ser de outra forma. Ver do autor, **Hercule Florence, a descoberta isolada da fotografia no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2020 (1. ed. pela Faculdade de Comunicação Social Anhembí, 1977). Edições estrangeiras do livro foram lançadas no México, Alemanha, França, Estados Unidos, Inglaterra e Espanha.

quando incluída em obras históricas, se via, em geral, remetida ao apêndice do volume. De outra parte, ela também era considerada como um documento fiel, autêntico, “prova de verdade”, cuja credibilidade nunca era posta em dúvida; para os mais crédulos as câmeras ainda são “neutras”, registram o fato com total isenção. Raramente se questionava as intenções que dirigiam o olhar da câmera. Sabemos, todavia, que o documento fotográfico não é inocente e que a imprensa, as redes sociais, os governos e os políticos teriam muito a nos ensinar sobre isso. Essas questões iriam permear os meus cursos de graduação e pós-graduação na ECA.

### **III. Pensando a fotografia e lembrando a trajetória**

Não foram nos volumes clássicos da história da fotografia, nem nas incursões teóricas, que procuravam analisar esta forma de comunicação e expressão segundo os modelos da linguística, que encontrei caminhos inspiradores para a reflexão. Foi em Husserl, Francastel, Panofsky, Warburg, Ginzburg, entre muitos outros, que descobri, de fato, luzes para muitas de minhas indagações. Minha aproximação ao estudo das imagens se fez a partir de uma postura fenomenológica e segundo uma abordagem sociocultural. De um lado, apreender a essência do fenômeno fotográfico de forma a identificar seus elementos constitutivos e suas coordenadas de situação; de outro, empreender a desmontagem do processo que deu origem à representação, analisar suas condições de produção, bem como os mecanismos da recepção, no interior do contexto histórico em seus desdobramentos sociais, econômicos, políticos, estéticos/ideológicos.

Meu interesse primeiro pela história da imagem e pelas imagens da história ocorreu a partir da reflexão teórica, quando percebi claramente os diferentes mundos que envolvem o fato e a representação: o mundo do fato (dimensão da vida) e o mundo da representação (dimensão da imagem). O primeiro se dilui na sua ocorrência, é efêmero, o segundo permanece estagnado na longa duração, é perpétuo, se materializa pela fotografia, elo que nos liga ao passado enquanto representação e enquanto documento. Refiro-me portanto, a duas realidades, a do objeto/referente e a da representação/documento. A realidade do objeto pode ou não ser forjada, a da representação,

certamente, é construída. Diante disso, vemos o decisivo papel que a ficção tem na representação fotográfica: *realidades construídas, ficções documentais*. É com essa ambiguidade que temos que conviver quando mergulhamos no estudo das imagens, um complexo desafio epistemológico que tem como fundamento essencial os *processos de criação/construção de realidades*.

A história *da* fotografia e a história *através* da fotografia remetem a dois gêneros de história que mantêm suas especificidades próprias que, no entanto, são interdependentes na medida em que se referem às mesmas imagens. De um lado, devem elas ser identificadas em suas características externas, de outro, necessitam das informações de contexto para que possamos compreender seus significados. Além das questões teóricas, incentivamos nossos alunos a pesquisarem a vida, ofício e obra dos fotógrafos anônimos do século XIX, grande parte deles itinerantes. Foram eles que perpetuaram as feições dos homens e mulheres comuns e os cenários desaparecidos do passado.<sup>7</sup>

A tarefa de compreensão da imagem por tais vias foi se desdobrando em outras indagações que continuavam a nos desafiar. Essas investigações resultaram num *corpus* teórico que nos possibilitou estabelecer as bases de uma proposição metodológica de investigação e análise crítica das fontes fotográficas. Quero crer que tal proposição foi adquirindo maior consistência à medida em que testada e aplicada no próprio fazer histórico<sup>8</sup> e em outras áreas das ciências humanas, sociais e sociais aplicadas. Tal é possível constatar por meio de um considerável número de dissertações e teses apresentadas nas últimas décadas.

A fotografia não substitui o fato passado, ela é uma representação dele, que deve ser criticamente analisada e interpretada assim como o são os documentos escritos. Um detalhado estudo técnico-iconográfico e multidisciplinar deve ser empreendido para que possamos ir além do aparente e da aparência das imagens. Deste modo, elas poderão ser úteis

---

7 **Dicionário histórico-fotográfico brasileiro. Fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002. Trata-se de minha tese de Livre-Docência; volume que abrange cerca de 900 verbetes sobre os fotógrafos que atuaram em todas as Províncias do país no século XIX.

8 Sobre a aplicação da metodologia mencionamos **São Paulo, 1900**. São Paulo: Kosmos, 1988 e **Album de photographias do Estado de São Paulo. Estudo crítico**. São Paulo: Kosmos, 1984



como fontes históricas e contribuir para a produção do conhecimento. Sua importância é inequívoca para estudarmos a cultura material de um povo, o traçado urbano das cidades, assim como as mentalidades dos homens do passado. Permanecem nas fotografias que sobreviveram, as lembranças dos fatos corriqueiros, dos parques e ruas da infância e dos afetos de outrora, representações nostálgicas da nossa memória individual e coletiva.

Importa, nesta altura, assinalar que, paralelamente ao pensamento teórico e histórico, a vertente poética da minha obra seguia continuamente com as pesquisas estéticas, exposições e publicações<sup>9</sup>, atividades do criar e do pensar enquanto fotógrafo.

#### IV. O ensino

No que diz respeito ao ensino, os cursos de fotografia e a reflexão sobre sua estética particular eram, em geral, pouco privilegiados nas últimas décadas do século passado, assim como sua função social e cultural, seu papel nos estudos da mídia, entre outros temas necessários à formação dos estudantes de Comunicação Social. O conteúdo dos cursos na graduação – tal como vinham sendo tradicionalmente ministrados nas diferentes instituições de ensino em todo o país – pouco diferiam em sua essência. De forma geral, as aulas eram mais voltadas aos primeiros passos do aprendizado técnico – que tem sua devida importância –, porém, desacompanhados dos necessários aprofundamentos teóricos e históricos, básicos para a compreensão do potencial das imagens. É indiscutível que as áreas teóricas, críticas e históricas da fotografia, por não terem sido incentivadas, acabaram por retardar o surgimento de um pensamento fotográfico no Brasil. Nos últimos anos da década de 1990, propus ao CJE a criação da disciplina de graduação “História e Estética da Fotografia” (CJE0583), admitida como disciplina optativa seletiva.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Entre essas publicações, destaco **Boris Kossoy, fotógrafo**. São Paulo: Cosac & Naify; Imprensa Oficial; Arquivo do Estado, 2010, e **Imago, sobre o aparente e o oculto**. Basileia: Fundação Brasileira, 2015.

<sup>10</sup> A disciplina permaneceu ativa entre 1999 e 2011. Após essa data, mudou de nome e passou a se chamar “Técnica e Estética da Fotografia”, nessa altura eu já não era mais o professor da disciplina.

Os fundamentos teóricos e as proposições metodológicas antes mencionadas se acham distribuídos em diversas obras, em especial nos títulos aqui citados, escritos ao longo de 30 anos.<sup>11</sup> As primeiras respostas a cada um desses livros vinham da sala de aula, junto aos meus alunos de graduação e pós-graduação, respectivamente nas disciplinas “História e estética da fotografia” (CJE0583), e “Fotografia, Comunicação e Memória” (CJE5907), constante da Área 1 (Teoria e pesquisa em Comunicação).

A multidisciplinaridade de abordagens sempre caracterizou nossas aulas; refletem, creio, a experiência acumulada nas diferentes vertentes de atuação que marcam a minha trajetória. Os alunos regulares da ECA e de outras unidades da USP, além dos especiais, vinham de diferentes áreas do conhecimento: comunicação, história, sociologia, fotojornalismo, publicidade, educação, psicologia, entre outras. As contribuições, segundo diferentes visões de mundo, enriqueciam o conteúdo das aulas, instigavam o debate crítico.

Em síntese, nossos cursos de pós-graduação abrangiam aulas expositivas sobre história da fotografia; aplicações da fotografia em diferentes áreas do conhecimento; fundamentos e métodos; fotografia como forma de expressão artística; entre outros conteúdos. Incluíam-se, também, exercícios práticos de desconstrução das imagens de temáticas as mais variadas publicadas pelos órgãos de imprensa, atividade que acabou se tornando conhecida como “Imagens da Semana”. O aluno já trazia preparada sua própria edição, com o material físico ou digital selecionado, e analisava a forma pela qual os diferentes veículos enfatizavam determinado aspecto em detrimento de outros. Nas comparações entre as fotos, que representam os mesmos fatos, alertávamos para os interesses políticos e ideológicos que impregnavam as publicações.

O seminário tinha sequência com as perguntas, sugestões e críticas dos colegas, etapa em que buscava-se identificar as conexões

---

11 Veja-se nossa trilogia: **Fotografia e história**. 5ed., Cotia: Ateliê Ed., 2014 (1ed., Ed. Ática, 1989); **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 6ed., Cotia: Ateliê Ed., 2020; (1ed., 1999); **Os tempos da fotografia, o efêmero e o perpétuo**. 3ed., São Paulo: Ateliê Ed., 2014 (1ed., 2007), além de artigos, ensaios e, especialmente, **O encanto de Narciso**. São Paulo: Ateliê Ed., 2020. Edições da trilogia foram publicadas na Espanha, **Lo efímero y lo perpetuo en la imagen fotográfica**. Madrid: Cátedra Ed, 2014 e na França, **L'éphémère et l'éternel dans l'image photographique**. Paris: L'Harmattan, 2022.

técnicas, estéticas, ideológicas e culturais existentes entre as imagens, seus estilos e as influências que receberam e, naturalmente, seus significados. Na última parte da aula, convidávamos algum personagem de destaque na área da imagem, que falava aos alunos sobre sua experiência.

Entre as imagens dos fatos diários da imprensa, da publicidade de produtos, da propaganda política, dos filmes da TV, das revistas e cartões postais de geografias variadas, das obras de arte expostas no Prado ou no MoMA, e das redes sociais, pode-se fazer conexões multidisciplinares que atravessam os tempos. As imagens do mundo e o mundo das imagens devem ser percebidos em sua ligação eterna, em suas múltiplas realidades e ficções. Warburg nos inspirava.

A intenção desses estudos tem sido a de equipar os alunos com um instrumental teórico e metodológico que lhes possibilite observar, questionar e analisar criticamente o valor, alcance e limites dos documentos iconográficos, sua natureza, suas leis, seus códigos, sua ideologia. Um arcabouço teórico, enfim, que lhes direcione na decifração das imagens do passado, assim como das contemporâneas.

Sobre o futuro das imagens não podemos especular, sabemos, todavia, que a vocação da fotografia sempre esteve assentada em *processos de criação/construção de realidades*, desde seus primórdios até os nossos dias. Essa construção é inerente ao sistema de representação visual e sedutora para os produtores de imagens e aos receptores: clientes, empresas, imprensa e governos. As tecnologias tornaram possível o aperfeiçoamento constante desses *processos*, que aproximam cada vez mais a representação ao seu modelo. Representações que mostram um *novo real: ficções documentais*. Tal é válido para o retrato como para a informação econômica, social, cultural. E, também, para a desinformação. As imagens convalidam as intenções e interesses dos grupos de poder através de sua difusão, em qualquer época e lugar. Diante dessas questões, instigamos nossos alunos a pensar as imagens para além da aparência, uma porta comum que se abre para os caminhos da Ciência e da Arte, uma experiência de vida que extrapola a Academia.

# Cinco décadas de vida uspiana

Cremilda Medina<sup>1</sup>

Em 2021, segundo ano da pandemia covid-19, completava 60 anos de vida universitária – uma década em Porto Alegre, cinco em São Paulo. O isolamento – só agora, agosto de 2022, atenuado – é um convite às **memórias**. Em oficina de Narrativas da Contemporaneidade, que ofereço a grupos da terceira idade, propus, no ano passado, que recorreríamos a **memórias lúdicas**, pois os tempos já em si eram trágicos. Lembrei então de um dos livros da série *São Paulo de Perfil* que realizava com os alunos de graduação no curso de Jornalismo da ECA-USP: *Farra, alforria* (1992) narrava experiências de lazer em São Paulo. À época, a inspiração dessa pauta surgiu no debate transdisciplinar em que convidei um grupo de psicólogos para discutir o tema. Uma espécie de terapia de grupo para atenuar a visão ideológica estratificada dos divertimentos como alienação da realidade. Pois foi tão rica a diversidade temática em **Farra, alforria**, que o livro-reportagem culmina numa libertária vivência da arte em um hospício de São Paulo ou a experiência da *Arte Incomum*, como nomeava à época o psicanalista João Freyze-Pereira, da USP, colaborador da série transdisciplinar *Novo Pacto da Ciência*, que iniciara na pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes em 1990.

---

<sup>1</sup> **Cremilda Medina**, jornalista, pesquisadora e professora titular sênior da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, é autora de 20 livros e organizadora de 60 coletâneas intertransdisciplinares.

O certo é que, na pandemia, a casa se isolou da rua, uma ruptura considerável em minha trajetória preferencial de **repórter**. Natural que do presente imediato haja um forte apelo para o passado distante. Meu relato vai aos fins dos anos 1950: curso então, em Porto Alegre – o terceiro ano colegial ou “clássico” – ensino médio voltado para humanas – e assumo a decisão de fazer vestibular, em dezembro de 1960, para Jornalismo, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Meu pai, saudosa memória, achou um deslante, um desperdício de inteligência escolher essa carreira e, para acalmá-lo, também prestei vestibular para Letras Clássicas – gostava muito de latim). Apesar da dupla estrada acadêmica, Jornalismo, mediação social da informação de atualidade, e Letras, atividade interativa educador/educando na sala de aula, a primeira opção me atrai: *ir à rua, as viagens ao Outro e sua circunstância*. Mas a segunda opção me inspira no convívio como educadora, no imaginário da Língua e da Literatura. Diga-se de passagem, que, no segundo caso, nunca desenvolvi o projeto de ensino entre quatro paredes ou em filas alinhadas de carteiras – aprendi a pesquisar para cada aula a pedagogia cúmplice com o mundo exterior à escola, interrogando as demandas sociais para aprofundar no conhecimento acadêmico. O fato é que 60 anos de múltiplos ares e convivência coletiva, principalmente no trânsito da reportagem, vieram desaguar no particular aprisionamento à casa em 2020-2021. Não por acaso, registrei em livro, aos 70 anos, a paixão de me mover nas sociedades contemporâneas, em *Casas da viagem, de bem com a vida ou afetos do mundo* (São Paulo, edição de autor, 2012). E neste momento, aos 80 anos, registrei os cotidianos do isolamento com uma janela aberta para as *Memórias lúdicas, em tempos de pandemia* (Portal Edições, 2022).

Não me encontro, pois, predisposta a recordar momentos da dor atual ou momentos de indignação e ameaças da ditadura militar que atingiu a sociedade brasileira, justamente na noite de minha formatura em Jornalismo na Porto Alegre do dia 31 de março de 1964. Não quero me deter também em frustrações e obstáculos profissionais nestas tumultuadas décadas em que me lancei, com curiosidade e estudos, à saga contemporânea do humano ser, sua diversidade,

contradições, desafios de Sobre Vivências (um dos títulos de outro projeto de pesquisa, o nº 4 da série *Novo Pacto da Ciência*, 1995). A entrega foi definida antes da noite da formatura, logo no primeiro ano dos dois cursos da mesma universidade em 1961: a fiel trajetória da **Epistemologia da Dialogia Social** – atual linha de trabalho como professora titular sênior da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Devo muito a professores e parceiros de caminhada. São ao mesmo tempo memórias lúdicas e inovadoras no laboratório das epistemologias a que o labor universitário dá sua assinatura. Uma sedução que se expande do brilho dos olhos do pesquisador para seu aluno-parceiro. Assim foi no curso de didática da Universidade Federal em Porto Alegre quando, nos alvares da década de 1960, nos foi apresentada a concepção que nascera do pós-Segunda Guerra, em síntese, a Nova Escola e a viragem do ensino para a conjugação sujeito/educador e sujeito/educando nas dinâmicas de ensino-aprendizagem. Em meu livro, *O signo da relação, comunicação e pedagogia dos afetos*, Paulus, 2006, dedico um capítulo, “Caderno de anotações didáticas”, à vertente inovadora desencadeada pelos professores do curso de Letras e que vai se conjugar tanto na prática pedagógica quanto na prática do Ato de Reportar, quando se ensaia a efetiva comunicação social. Em nome desses mestres de didática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, rendo a homenagem póstuma a uma líder da ruptura do paradigma tradicional na educação, Graciema Pacheco, que implantou, em Porto Alegre, o primeiro Colégio de Aplicação, onde fiz meu estágio antes da formatura em Letras, dezembro de 1964, nove meses depois de formada, na mesma academia, em Jornalismo.

Mas não deixaria de homenagear neste depoimento a formação humanística da graduação que se beneficiava do caldo fértil dos primeiros anos da década de 1960 – a formação de um jornalista na interdisciplinaridade de uma faculdade de filosofia, ciências e letras ultrapassava os horizontes técnicos ou tecnológicos. A lembrar, professores de Ciência Política, como Leônidas Xausa, a bagagem expressiva da escrita na literatura que nos deixaram Pradelino Rosa e Albino de Bem Veiga, a força simbólica da publicidade, com o poeta Sílvio Duncan, sem falar

de disciplinas múltiplas das épocas históricas ou da geografia humana. Isso tudo não descuidando da formação técnica, segundo a ortodoxia da gramática jornalística. Já profissional no mercado editorial da capital gaúcha, com exercício continuado na Revista e Editora Globo, justamente o professor de disciplinas técnicas me chamou, em 1967, para atuar no laboratório do *Jornal Escola*, no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Naquele momento, ele catedrático, eu assistente e os alunos ávidos da iniciação à prática jornalística. Para evitar confrontos, Salvador Bruno comandava a pauta e os textos de reportagem e eu me “refugiava” na diagramação do jornal (área que sempre me agradou). Mas uma inquietude não me deixava: desenvolver com os alunos um simulacro do jornalismo do mercado não era o que eu entendia por formação universitária. Tanto as fórmulas da captação das informações quanto as narrativas (nas décadas posteriores viria aprofundar os significados de Autoria na produção simbólica) não podiam ser estancadas em fórmulas (Escreveria mais tarde também o pesquisador italiano Gillo Dorfles: “as fórmulas se esvaziam e os inovadores criam outras formas, um processo inesgotável na cultura”).

Foi deste incômodo epistemológico-pedagógico que nasceu a decisão de vir para a capital paulista e visitar a Universidade de São Paulo, em 1970. E não foi por um desejo da migração regida por melhores condições econômicas, foi o rumo da qualificação que seduziu uma família já constituída – o companheiro do curso de Jornalismo, Sinval Medina, e dois filhos, Ana Flávia, aos cinco anos, e Daniel, um ano e quatro meses. Correria a notícia na Universidade Federal, onde eu trabalhava, pela manhã, na disciplina Técnica de Jornal e Periódico e, à tarde, atuava na revista e na Editora Globo de Porto Alegre: a Universidade de São Paulo iria implantar o primeiro curso de pós-graduação em Ciências da Comunicação. No fim dos anos 1960, havia, para além dos temores pela repressão que se acentuou em 1968, um êxodo de inteligências para especializações na Europa e nos Estados Unidos. As bolsas para bancar essas qualificações acadêmicas representavam um investimento e muitos pós-graduados não voltavam. Ao que tudo indica, os ventos favoreciam a nova mentalidade – expandir

a formação de mestres e doutores nos campos acadêmicos locais. Foi o que ocorreu com a área de agronomia da Universidade de São Paulo, na segunda metade da década de 1960, e a Escola de Comunicações e Artes também se alinhou a esse pioneirismo. Hoje, 2022, o pós-graduação da ECA-USP celebra 50 anos de percurso e, casualmente, sou a primeira mestre formada em 1975.

No inverno de 1970, vim a São Paulo para visitar a Primeira Bienal do Livro e encontrar o escritor, então premiado, argentino Jorge Luis Borges. O trabalho na Editora Globo, de Porto Alegre, me dera a oportunidade de negociar com Borges a tradução do livro *Ficções* (1970) no Brasil, além de encaminhar os direitos de toda a sua obra literária na correspondência que estabeleci no fim dos anos 1960. Encontrar o admirado escritor, já praticamente cego, caminhando pelos corredores da Bienal, no Ibirapuera, me emocionou tanto quanto a visita à ECA, na USP, e conversar com um autor que já havia lido no Rio Grande do Sul, José Marques de Melo (1943-2018), jovem professor e chefe do Departamento de Jornalismo, a quem tenho rendido várias homenagens póstumas. Nesse contexto de figuras emblemáticas, também explodiu o encantamento por São Paulo. Da viagem ao ameno inverno do planalto paulista, julho de 1970, resultou a mudança radical em dezembro, quando deixaria Porto Alegre. Logo, em janeiro de 1971, me desliguei de meus vínculos com a universidade gaúcha e a Editora Globo para ser imediatamente contratada no Departamento de Jornalismo da USP. A pós-graduação, motivo do deslocamento, só começaria no ano seguinte. E para essa radical mudança contribuiu também a parceria intelectual e de compromissos familiares de Sinval Medina, para nos instalarmos na capital paulista com dois filhos na primeira infância e ambos cursarmos o primeiro pós-graduação em Ciências da Comunicação, além de trabalharmos como auxiliares de ensino no Departamento de Jornalismo e Editoração da mesma unidade.

Seriam agora, ao todo, 51 anos de meu convívio com o DNA de pesquisa na Universidade de São Paulo, não fora a ação repressiva da ditadura militar que interrompeu, de 1975 a 1985, essa intensa dedicação. Mas, como já disse, não quero me deter em amarguras, de tragédias estamos esgotados na pandemia. Mesmo porquê



estão registrados os nossos depoimentos, meu e de Sinval Medina, na Comissão da Verdade da USP, em que nos detivemos nesse período de cassações e afastamentos por perseguição política. Importa sim lembrar a ebulição de resistência cultural no período, em que mantive a dupla atuação em pesquisa acadêmica na USP e exercício jornalístico no mercado paulista, nos quatro primeiros anos dos 1970. Assim, pela manhã, teoria e prática do Jornalismo, a criação do laboratório Agência Universitária de Notícias, sob inspiração do Prof. Freitas Nobre (1921-1990), em que o foco não eram as técnicas de “Jornalismo Informativo”, mas a pesquisa do Direito Social à Informação. Mais do que a liberdade de expressão individual, a busca de uma massa crítica sobre o aprofundamento interpretativo e autoral da mediação social. Esses estudos deram origem ao primeiro livro, *A arte de tecer o presente* (ECA-USP, 1973), escrito a quatro mãos com Paulo Roberto Leandro, que nos deixou em 2015.

Se pela manhã, a oficina pedagógica recebia influxos acadêmicos, à tarde, se enriquecia com a prática constante de Jornalismo no *Jornal da Tarde* (1966-2012) ou na *Revista Fotóptica* (1953-1987) e, neste caso, convivia duplamente com Thomas Farkas (1924-2011), colega professor da ECA e diretor desse veículo de comunicação. Também trabalhei no telejornalismo da TV Bandeirantes e da TV Cultura – muito por conta da parceria com Walter Sampaio (1931-2002), professor pela manhã na ECA e diretor de telejornal à tarde. Para completar a pesada jornada semanal, à noite, voltava à USP para cumprir o terceiro turno nos estudos das 14 disciplinas de pós-graduação, na primeira formação de mestres no Brasil.

Nessa trajetória dos anos 1960 aos 1970, os alicerces humanistas e técnicos da graduação se ampliam no conhecimento fenomenológico das Ciências da Comunicação. No conjunto dos estudos da Semiologia, incursões de Eduardo Peñuela (1934-2014), nas raízes históricas aprofundadas por Vergílio Noia Pinto, nas vertentes artísticas cruzadas com o Jornalismo, disciplinas fundantes de Sábato Magaldi (1927-2016) ou Décio de Almeida Prado (1917-2000) – todas, fontes inovadoras da formação multidisciplinar que inspiraram as primeiras dissertações de mestrado em Ciências da Comunicação

na ECA-USP. Por exemplo, o teatro de Nelson Rodrigues, tema preferencial de Sábato Magaldi, além de nos proporcionar na ECA um encontro presencial com o autor, me abriu a possibilidade de um mergulho epistemológico na teoria da interpretação e das pluralidades da produção simbólica na arte através da peça “Boca de Ouro”; e com Décio de Almeida Prado, me permitiu a exploração do repórter João do Rio, pseudônimo jornalístico do dramaturgo Paulo Barreto. Minha paixão por cinema foi também reforçada pelas aulas de Paulo Emílio Salles Gomes (1916-1977), um mergulho brasileiro no que hoje chamo de *Gesto da Arte*, tão necessário quanto o *Gesto Científico*.

Era assim: os professores mais sensíveis e sábios permitiam que nós, os alunos do curso de *pós-graduação* e, ao mesmo tempo, professores na graduação, pesquisássemos temas com um recorte ligado aos nossos projetos de mestrado. Nesse sentido, tantas seriam as homenagens póstumas... Uma delas, muito especial, ao antropólogo Egon Schaden (1913-1991), que foi de tal forma criativo e dedicado a ponto de bancar com seus próprios recursos uma viagem ao Canadá para discutir com McLuhan a implantação pioneira na ECA-USP da Antropologia da Comunicação. Com ele, nosso grupo de pesquisa desenvolveu estudos de campo numa comunidade (Capelinha) não eletrificada para descrever, por meio da nova metodologia da Antropologia Visual, o contexto sem televisão. A proposta era posteriormente visitar esses mesmos sujeitos da pesquisa quando chegasse a eletricidade e as redes televisivas, o que não foi possível por causa da interrupção repressiva de nossos trabalhos em 1975. Mas seja em São Paulo, seja em convívios fora do Brasil com o professor Schaden – por exemplo, no interior do Equador quando me dediquei à especialização no Ciespal, Quito, 1972 – muito aprendi de trabalho de campo e teorias da cultura que convergiam com as interrogantes da reportagem jornalística e da responsabilidade social do repórter, um **leitor cultural** como proporia em um congresso internacional, na antiga Iugoslávia, em 1990.

Um tempo de plantio e de adesão permanente aos estudos, com imediata aplicação ao ensino-aprendizagem na formação e no

exercício do jornalismo. As bibliografias nacional, latino-americana e internacional eram descobertas no dia a dia dos primeiros anos de 1970. A introdução de minha dissertação de mestrado, defendida em 1975, hoje com várias edições no livro *Notícia, um produto à venda, Jornalismo na sociedade urbana e industrial*, reúne alguns desses autores que procurei até mesmo em livrarias de Barcelona, de Paris ou de Londres, em viagens profissionais durante os três anos de mestrado. Recentemente, escrevi uma das memórias desses convívios e leituras: felizmente entre nós, saudei, no ano passado, os cem anos de Edgar Morin (Texto publicado no *Jornal da USP*).

O mergulho na cultura latino-americana também acontece por conta da especialização, de 1972 em Quito, Equador, no Centro Internacional de Estudos Superiores para a América Latina (Cispal). Além dos dois meses de convívio e pesquisa com jornalistas e professores da região, estendi, por conta própria, com viagens ao interior, nos Andes, e ampliei os estudos na Colômbia no terceiro mês e, de passagem, fazia contatos no Peru. Na década anterior, ainda residente em Porto Alegre, já tinha conhecido Uruguai e Argentina. Os laços com os países hispano-americanos só aumentavam e, não fosse a interrupção da atividade na USP de 1975 a 1985, prosseguiria no integral envolvimento acadêmico com o tom maior da época, a defesa do Direito Social da Informação, em que os pesquisadores latino-americanos foram pioneiros.

Ao ficar dez anos afastada da universidade de minha preferência, levei para o jornalismo, na empresa *O Estado de S. Paulo*, o legado do pós-graduação que hoje completa meio século. Talvez por isso me entregaram uma editoria de artes e me escolheram para repórter especial no período intenso da reconstrução democrática no país. Reconstrução essa que me impeliu ao doutorado e retorno à docência e pesquisa na USP em 1986, em tempos de anistias. Com a implantação do Programa de *Pós-Graduação em Integração da América Latina* (Prolam), área pioneira da Universidade de São Paulo, em 1988, logo estaria oferecendo disciplinas e orientação, em paralelo ao Programa de Pós-Graduação da ECA. Ao longo dos anos 1970, como pesquisadora do Ciespal, além de voltar a Quito, também frequentei seminários e centros de pesquisa no México e na América Central. Só visitei

pesquisadores do Chile após a queda da ditadura Pinochet, mas de longe mantinha contatos com os parceiros do Direito Social à Informação ou a Nova Ordem da Informação como, entre eles, o chileno Fernando Reyes Matta.

Do século passado ao presente, nem mesmo a aposentadoria (em 2011) interrompeu a entrega integral, não à carreira pela carreira mas aos projetos desafiadores. Em 1987, ano seguinte ao doutorado e à docência na USP, começaria a *série São Paulo de Perfil*, 27 livros-reportagem com os alunos de graduação de Jornalismo, alunos do programa pioneiro da terceira idade na USP, e colaboradores ou alunos de pós-graduação. Uma ou duas edições por ano, a coleção desenvolveu, até a primeira década do século XXI, itinerários que desbravam, na reportagem-ensaio, histórias de vida, marcas de identidade cultural e contextos de São Paulo. Nos cursos de *pós-graduação* da ECA e do Prolam mestres, doutores e pós-doutores, meus parceiros da Epistemologia do Diálogo Social, contribuíram para a quebra de fronteiras disciplinares. A partir do primeiro seminário transdisciplinar que promovi em 1990, cria-se a *série Novo Pacto da Ciência*, hoje com onze edições no formato impresso e o 12º título em *e-book*, no Portal Livros Abertos da USP, que celebra 30 anos do projeto transdisciplinar, sob o título *Nas Trilhas do Saber Plural*. Sublinha-se então que nos alimentamos de permanentes ***interrogantes*** na mediação do debate sobre o discurso fragmentalista da ciência e as possibilidades de cruzarmos afirmações e incertezas epistemológicas entre físicos, químicos, matemáticos, médicos, psicanalistas/psicólogos, sociólogos, antropólogos, economistas, juristas, geógrafos, historiadores, engenheiros, educadores, arquitetos, filósofos, artistas (*lato sensu*) ou comunicadores. Essa iniciativa, que vai além da interdisciplinaridade e alcança pontes transdisciplinares, nasce na ECA/Prolam no início da última década do século passado e se espalha em outras universidades com a publicação de seminários e textos de ensaístas que compõem agora doze edições da *série Novo Pacto da Ciência*.

No espaço disciplinar, me dediquei à produção simbólica das Narrativas da Contemporaneidade, laboratório que tem sido também oferecido a idosos. Os livros da *série Reproposta não podem esque-*

*cer a homenagem póstuma a Ecléa Bosi (1936-2017)*, pioneira do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade (1994) e, hoje, nomeado Programa USP 60+. Acrescente-se Alfredo Bosi (1936-2021), companheiro de Ecléa, que tanto nos inspirou nas teorias culturais e na literatura. E por falar na ensaística dessa área de Bosi, retorno ao curso de Letras em Porto Alegre e a âncora de pesquisa que nos chegava de São Paulo: a obra fundante de Antônio Cândido (1918-2017). Muito depois tive o privilégio de sua interlocução no concurso de livre-docência na USP (1989) e um solidário diálogo sobre a proposta de leitura cultural que apresentei na tese *Povo e Personagem*, hoje publicada em livro.

Sigamos, pois, enquanto a vida permitir e não se apagarem as memórias do universo lúdico dos afetos ou dos domínios do ser pensante.

# Tempo e estudo

Eugênio Bucci

A primeira vez que entrei no Campus do Butantã, num dia perdido entre fevereiro e março de 1978, eu estava dentro de um táxi. Tão logo o automóvel cruzou o Portão 1, rodeando a estátua do Armando de Salles Oliveira, minha respiração se alterou, agitada. Eu me virava de um lado para o outro, procurando olhar cada detalhe de paisagem que fluía pelas janelas. Depois de contornar a rotatória em frente ao CP-USP, o carro virou à esquerda, tomando a subida rumo ao prédio de História. Uma fâisca macia se acendeu do lado de dentro das minhas costelas. Eu tinha dezenove anos de idade e aparentava dezesseis. Sem barba formada, eu não tinha “experiência empírica” nas artes e nas desventuras de viver. Não sabia nada de política. Sabia menos ainda sobre os visgos e das nervuras a que chamam de paixão carnal.

Num intervalo de poucos minutos, aconteceu tudo. Os gramados largos, com suas ondulações em aclave salpicadas de edificações esparsas, adquiriram um sentido cósmico. “Achei meu lugar neste mundo”, diziam as fibras do meu corpo, ainda que eu não soubesse escutá-las. A Cidade Universitária era maior do que Orlândia, o município remoto de onde eu vinha. Suas fronteiras ficavam além do alcance dos meus olhos, por maior que fosse a distância que o táxi percorria pelas avenidas largas e impassíveis. Foi amor à primeira vista – o único amor à primeira vista que deu certo para mim.

O motorista achou fácil a Escola de Comunicações e Artes. A chegada foi tensa. Eu tinha medo, tinha pavor total de que descobrissem que eu não passava de um caipira frágil. Mesmo assim, apesar dos meus temores secretos, nada em minha máquina psíquica pedia para recuar. Desci do carro como quem salta numa piscina sem saber a temperatura da água. A sola do meu sapato fez o primeiro contato com o chão da escola.

Naquela manhã de 1978, no meu *debut* como calouro, fui cair numa sala de aula que me pareceu espaçosa, a mesma que hoje tem o nome de Auditório Freitas Nobre. Achei uma vaga nas primeiras fileiras e me sentei. O professor Virgílio Noya Pinto dava uma aula – verdadeiramente inaugural – sobre o tempo. Quase assombrado, fui apresentado a ideias das quais eu nunca tinha me dado conta. Ele ensinava as diferenças entre o tempo cíclico, com suas evoluções repetitivas – como os dias e as noites, as luas e as estações do ano – e o tempo linear, esse que marcamos nos calendários. Em silêncio, de olhos vidrados naquele homem de calva imponente e estatura modesta, eu era levado a intuir que os recursos simbólicos que nos permitem contar a passagem das décadas e dos milênios é uma conquista da civilização e da linguagem. Fora o que, eu me divertia com a dessintonia entre o registro retilíneo e sem retorno do tempo linear e o modo como o professor se movia à frente da nossa turma. Vestindo paletó e gravata, Virgílio Noya Pinto andava sem parar. Lentamente. Ia de um lado para outro, num trajeto miseravelmente cíclico. Ia e voltava, ia e voltava, como um pêndulo. Dando passos ritmados, em ciclos repetitivos de vai e vem, ele discorria sobre a marcação cronológica em que podemos situar os fatos históricos. Aquele contraste involuntário e inevitável me fisgou para sempre. Nada como ouvir, imaginar, pensar e estudar.

O PPGCOM, o nosso Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, só entraria no meu horizonte muitos anos depois. Só bem mais tarde é que eu fui me tornar um acadêmico assumido. Sou temporão. Assim como aos dezenove anos eu tinha cara de dezesseis,

quando ingressei no programa eu já estava um pouco passado. Meus colegas de classe eram mais novos do que eu, ainda que parecessem intelectualmente mais maduros. Alguns o eram de fato.

A razão de eu ter demorado a entrar na pós-graduação tem nome e sobrenome: José Teixeira Coelho Netto. Foi esse grande pensador da cultura, um dos maiores, que me recomendou deixar para mais adiante. Eu fazia duas graduações na USP (no meu tempo, longínquo, isso nos era permitido). De manhã, eu era aluno da ECA; à noite, da São Francisco, onde estudava Direito. Eu achava que o Direito me daria mais base humanista, embora não tivesse nenhuma intenção de me tornar advogado. Eu não trabalhava, mas tinha outras atividades, como a militância no movimento estudantil. Lia com gosto alguns livros de Leon Trotsky (fui um militante estudioso).

Quando ia lá pelo final das minhas graduações, comecei a pensar em ingressar na pós. O professor Luiz Milanesi, outra forte influência na minha formação, me deu a dica de falar com o Teixeira, e lá fui eu. Era uma sala pequena que ficava no segundo andar do prédio central da nossa escola. Eu já não era o jeca medroso de 1978. Tinha aprendido a disfarçar o sotaque da Alta Mogiana, com seus “erres” amaciados e azeitados. Andava mais confiante ou, como se dizia nos estertores do século XX, mais saidinho. No meu juízo era óbvio que o Teixeira ficaria interessadíssimo em me orientar. Eu fazia aquele estilo “sou uma cabeça cheia de perguntas”, o que me tornava – acreditava eu – uma figura promissora. Ao entrar na sala dele, eu tinha certeza de que receberia um convite para me inscrever no exame do PPGCOM.

Foi rápido. O Teixeira, atencioso, aceitou me ouvir por uns cinco ou dez minutos, não mais, e me respondeu, cortês e seco:

– Você deveria ir trabalhar e voltar só mais tarde. Vá para o mercado, aprenda com a vida profissional, e depois você vem para estudar mais.

Aquiesci. Não me restava alternativa que não fosse aquiescer. Meio ressabiado por ter sido esnobado, saí dali aparentando



normalidade e pensando no futuro. O tempo – de novo, o tempo – diria que o Teixeira estava certíssimo. Virar jornalista profissional me faria bem – tanto faria que efetivamente fez. Uns dez anos depois, quando finalmente comecei a frequentar aulas no PPGCOM, eu era outra pessoa. Fiz uma disciplina do próprio Teixeira, que numa das aulas lembrou que “a flor inculta, quando tocada, fenece”. A flor era eu, não o idioma. Fiz outra disciplina com Jean-Claude Bernardet, que falava sem parar seguindo um roteiro grafado a mão sobre folhas de papel sulfite. “No fim da *estrurada* não há nada”, ele dizia sobre o plano final de *O Anjo Nasceu* (1969), de Júlio Bressane.

Pelas mãos de minha orientadora Dulcília Buitoni, eu me tornaria doutor. “Você gosta da palavra ‘tessitura’, né?”, ela comentou uma vez, folheando meu material para a qualificação. Elegante, Dulcília me fez ver que eu deveria cortar umas tantas vezes o vocábulo recorrente. Com delicadeza, deu um jeito de me deixar perceber que o correto era escrever “tessitura” com dois “esses”, e não com “c”.

Na disciplina de Jeanne Marie Machado de Freitas, que cursei duas vezes, entrei em contato com a prosa inóspita de Jacques Lacan. Um dia, depois da aula, ela me pediu uma carona até uma agência bancária. Ainda existia, naquele tempo, o Banco Real. Ela olhou para mim, sob a sombra das tipuanas, e falou com ar descuidado:

– Eugênio, você pode me levar ao Real?

Achei, num lampejo travesso, que fosse um ato falho da professora. Doce ilusão. Para Jeanne Marie, ao menos naquele instante, o Real era só uma casa bancária mesmo, e foi para lá que a conduzi. Na única vez que uma mulher me pediu para ser levada ao Real, foi no sentido fiduciário da coisa.

Conhecer a nossa insignificância talvez seja uma das melhores razões para se gostar de estudar. Muita gente estuda para ser maior, para ganhar mais, para ganhar patentes e credenciais. Eu descobri que estudo para me saber menor. Gosto assim. Eu era insignificante para Jeanne Marie, em quem nunca inspirei nada de Real que não fosse uma agência na Praça do Relógio. Sou insignificante para tudo o

mais – o que não me impede de ser um significante zanzando por aí. A vastidão da minha ignorância – escura, rude e bruta, como a inculta flor do poeta – por vezes cede sob uma fagulha efêmera, mas, de resto, impera surda. O que não sei guarda mais charme do que aquilo que aborrecidamente domino. Os livros que não li parecem ainda acesos nas estantes. As pessoas com quem ainda não falei despertam minha curiosidade, quando as vejo apressadas nas escadas da ECA, ou quando miram o outro lado da avenida no ponto de ônibus, ou quando passam numa estação de metrô para jamais cruzarem outra vez o meu caminho. De algum jeito, a ideia de que estudar palavras e imagens é estudar gente me pacifica. Enquanto isso, entardece.

Passei a dar aulas no PPGCOM depois de receber um estímulo da grande professora Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Ela me levou a pedir meu credenciamento. Desde então, obrigo minhas orientandas e meus orientandos a cursar a disciplina que ela ministra sobre metodologia em pesquisa de comunicação. Trata-se de uma exigência metodológica, sem trocadilho. Aprendo muito com Immacolata – diretamente ou por tabela.

Assim vou estudando, antes que anoiteça no meu tempo cíclico. Uma das revelações mais gratificantes que pude ter no PPGCOM é que os alunos da gente nos ensinam muito. Aconteceu algo de notável comigo, quando um aluno, Rafael Venâncio, que depois se tornaria professor na Federal de Uberlândia, de onde saiu para ser psicanalista em São Paulo, me mostrou que Jacques Lacan era o autor de uma expressão que eu achava que eu mesmo tinha inventado. Aquilo me aliviou imensamente, e é fácil explicar porquê.

Quando defendi meu doutorado, em 2002, afirmei na minha tese que, além do *valor de uso* e *valor de troca*, precisávamos começar a considerar o *valor de gozo* da mercadoria. Tempos depois, na minha disciplina de pós, eu venho ensinando o sentido desse conceito. Claro que eu sempre me baseei no que Lacan diz sobre o *gozo*. Mais do que isso: eu me baseava em referências explícitas que ele faz à função de gozo da mercadoria. Em uma de suas obras, *A Ética da*

*Psicanálise*, o psicanalista francês fala na “utilização de coso”, do que chama de “essa coisa produzida”.<sup>1</sup> Em síntese, quando eu lançava mão do conceito de *valor de gozo* estava lançando mão de Lacan, mas eu desconhecia um texto dele em que essa expressão exata aparecesse.

Essa ausência me desconcertava. A sonoridade, a prosódia de *valor de gozo* me saía com uma nota, digamos, lúbrica. Como professor, isso me encabulava diante da classe. Então, uma vez, o aluno (excelente) Rafael Venâncio me contou que a expressão *valor de gozo* era empregada por Lacan, assim mesmo, com todas as letras – *valeur de jouissance* –, num seminário de 1967. As transcrições (autorizadas pelos herdeiros) desses seminários começavam a circular entre lacanianos, em edições digitais. Verdadeiramente, no seminário *A Lógica do Fantasma*, lá está. Em diversas passagens, Lacan fala no *valor de gozo*. Eu e Rafael publicamos juntos um artigo na *Matrizes*, em que contamos a história do uso do termo *valor de gozo* por Lacan já nos anos 1960.<sup>2</sup>

O conceito teórico da expressão, suas determinantes econômicas assentadas na relação capitalista de produção que explora o olhar como trabalho, este nunca foi desenvolvido por Lacan. Esse conceito só foi posto de pé na minha tese de doutorado e, mais tarde, foi mais aprofundado num livro recente, *A Superindústria do Imaginário*.<sup>3</sup> O dono da expressão, no entanto, é Jacques Lacan. E isso eu só fui descobrir graças a um aluno meu. Irresistível dizer, a essa altura: eu não tenho culpa de nada.

Tantas outras coisas eu aprendi com os alunos, em aula aberta, na hora, a quente, na lata. Muito de Jürgen Habermas eu só fui saber com nosso professor Vitor Blotta, que, mais jovem, cursou minha disciplina. Entre outras proezas, Vitor conheceu pessoalmente o filósofo alemão, com quem chegou a fazer uma reunião de trabalho acadêmico.

---

1 LACAN, J. **O seminário, livro 7: A Ética da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991. p. 279.

2 BUCCI, E.; & VENANCIO, R. D. O. **O valor de gozo: um conceito para a crítica da indústria do imaginário**. *MATRIZES*, v. 8, n. 1, p. 141-158, 2014.

3 BUCCI, E. **A superindústria do imaginário**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

Hoje somos parceiros não só no PPGCOM, mas também no Grupo Jornalismo, Direito e Liberdade, vinculado à ECA e ao Instituto de Estudos Avançados da USP.

Lembranças e ensinamentos. Aprendizados e vivências. Outro dia, numa reunião do nosso programa, vivi uma emoção muito forte. Entre os professores reunidos estava Cremilda Medina, um dos nomes que inspiram minha jornada. Lá pelas tantas, ela levantou a mão e nos lembrou de que foi ela a primeira mestre a se formar pelo PPGCOM. Toda a turma que estava lá reunida aplaudiu na hora. Quanta justiça e quanto saber havia naquelas palmas. Pela tradição, pelo vigor das inteligências que reúne, pela coragem das proposições que abriga, o PPGCOM é o melhor programa de pós em Ciências da Comunicação do Brasil.

Tudo isso vai ficando comigo, de um modo mais ou menos cumulativo. Quando volto no tempo que não volta – posto que é retilíneo e imperturbável, como quiseram Kant e Newton –, eu me descubro dando voltas no tempo cíclico de cada um de nós. Sim, para quem vive de estudar, a história se repete: no primeiro ciclo, em descobrir; no ciclo seguinte, em fazer descobrir. Aprender e ensinar são dois ciclos que não se desvinculam, mas que se entrelaçam em ciclos próprios.

Hoje eu tenho a pretensão de dizer que andei conhecendo certas dimensões do tempo que talvez tenham escapado ao professor Virgílio Noya Pinto, mas, se eu conheci algo mais, posso dizer também que devo quase tudo a ele. Não fosse aquela aula, naquele dia perdido entre fevereiro e março de 1978, e tudo teria sido diferente. Que bom que tudo foi como foi. Que bom que estou aqui agora para contar um pouco do que se passou. Outras pessoas virão e a história ainda vai se repetir diferentemente outras vezes.

Não é raro eu estar à frente de uma classe, espremido entre o quadro negro – parte dele recoberto por uma tela branca – e as poltronas da primeira fila, e começar a andar de um lado para outro. Vou para a direita, depois volto para a esquerda e, então, sigo para a direita novamente, sabendo que retornarei depois. Não é raro eu estar assim e me surpreender que estou ali falando sobre o tempo, “o tecido da

nossa vida”, como pontuava nosso grande mestre Antonio Candido. O assunto me fascina até hoje, sobretudo quando penso que o “tecido” é imaginário. Mas isso é outra conversa, assunto para outra divagação. Por agora, quero me fixar – ainda que deslizante – sobre essa recorrência benigna e fértil de um professor que, em passos cíclicos, discorre sobre um tempo que escorre e não recorre. Sou meio calvo, admito, mas não com aquele brilho resoluto do professor Virgílio. Costumo usar um blazer, colarinho abotoado, embora sem gravata. Aos que me escutam com atenção, deixo sementes na incerteza. Estudar é não ceder à violência. E ainda é tempo.

# Narrativas e discursos na ficção televisiva

Maria Cristina Palma Mungioli

## Introdução

Ao longo do texto, abordo alguns temas e perspectivas teóricas que têm caracterizado minhas atividades de pesquisa e docência no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. Os tópicos estão sistematizados sob um princípio organizador que buscou dar-lhes certa coesão temática de modo que seja possível observar o percurso que realizei no PPGCOM desde 2009, quando credenciei a disciplina **CCA5097 – Narrativas Televisuais e Identidades**, ministrada até 2017. E, a partir de 2018, quando credenciei a disciplina **CCA5193 – Narrativas Televisivas de Ficção: Discursos, Gêneros e Formatos**. Além delas, ministro, juntamente com colegas do PPGCOM, a disciplina **CCA5968 – Métodos e Técnicas Aplicadas à Pesquisa em Comunicação**.

Embora o presente texto dialogue mais diretamente com as pesquisas e atividades que realizei nos últimos 13 anos em que atuo como professora do programa, gostaria de relacionar esse percurso à minha formação acadêmica, desde a graduação no curso de Letras (Habitação Português e Alemão), na Faculdade de Filosofia, Letras

e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP) e no curso de Pedagogia, na Faculdade de Educação da USP. De maneira mais ampla, as pesquisas e atividades realizadas dialogam com minha experiência como docente no ensino superior privado e no ensino fundamental e médio, antes do meu ingresso como Professora Doutora no Departamento de Comunicações e Artes da ECA. Tal trajetória se relaciona também com as pesquisas do mestrado, na área de Educação e Linguagem, na Faculdade de Educação, e do doutorado em Ciências da Comunicação, no PPGCOM-USP.

Na construção de minha trajetória no PPGCOM, destaco a relação direta das atividades de pesquisa e docência e minha inserção nos campos dos estudos de televisão e ficção seriada brasileiro e latino-americano, mas também com a minha pesquisa de mestrado em que estudei as relações entre narrativa e construção de mundos ficcionais. A pesquisa de mestrado, finalizada em 1996, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alice Vieira, resultou na dissertação intitulada: *Narrativas e Computador: Diálogos entre Mundos Reais e Mundos Possíveis*<sup>1</sup>, que teve como objetivo principal analisar as estratégias narrativas empregadas por alunos do Ensino Fundamental na produção de textos por meio de um processador de textos, bem como observar a construção discursiva dessas narrativas. Também estudei as relações que se estabeleciam entre professor-aluno, aluno-aluno, aluno-professor-conhecimento, à luz da perspectiva vigotskyana acerca da aprendizagem mediada por instrumentos e signos. Adotei o estudo de caso como forma de abordagem metodológica. Em termos de quadro teórico, destaco as contribuições de Jerome Bruner (1991, 1998, 2001), Lev Vygotsky (1981, 1998), Mikhail Bakhtin (2003) e Mikhail Bakhtin/Valentin Volochínov (2002) para as discussões.

---

<sup>1</sup> Parte das discussões e resultados dessa pesquisa encontra-se publicada nos artigos: MUNGIOLI, M. C. P. Apontamentos para o estudo da narrativa. **Comunicação e Educação** (USP), São Paulo, v. 23, p. 49-56, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37016>. Acesso em: 10 mar. 2021; MUNGIOLI, M. C. P. Narrativas e computador: criando mundos e experimentando realidades. **Educação: teoria & prática**, Rio Claro, SP, v. 13, p. 65-78, 2005; MUNGIOLI, M. C. P. Jogando com o narrador: estratégias narrativas na produção de textos em ambientes escolares informatizados. **Educação Temática Digital**, v. 10, p. 24-48, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1014>. Acesso em: 13 mar. 2021.

Na pesquisa de doutorado, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Lourdes Motter, dei continuidade ao estudo das relações entre televisão e narrativas que havia iniciado na Faculdade de Educação ainda na graduação e, posteriormente, ao longo do mestrado. A pesquisa de doutorado foi apresentada, em 2006, por meio da tese<sup>2</sup> *Minissérie Grande Sertão: Veredas: Gêneros e Temas Construindo um Sentido Identitário de Nação*<sup>3</sup>. A pesquisa teve como objetivo central compreender a produção de sentidos identitários de nação por meio de gêneros e temas na minissérie *Grande Sertão: Veredas*. O referencial teórico e os procedimentos adotados possibilitaram compreender a articulação entre gêneros literários, gêneros do discurso, gêneros televisuais e acabamento temático na perspectiva de construção histórica de um sentido de nação socialmente determinado produzido ao longo da trama, seja por meio da construção dos discursos e da construção de personagens, seja por meio da estética adotada. Com base nessa perspectiva, nossas discussões sobre as questões de linguagem, de estética literária e de comunicação compreendidas numa perspectiva ampla que envolve todas as esferas da sociedade tiveram como embasamento teórico principal os estudos de Bakhtin (1993, 1993a, 2002, 2003, 2005) e Martín-Barbero (2001).

Já como professora do Departamento de Comunicações e Artes da ECA, participei, entre os anos de 2008 e 2015, dos projetos da rede OBITEL – Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva – no espaço ibero-americano e da mesma rede no Brasil. O Observatório, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Maria Immacolata Vassalo de Lopes, é sediado no Centro de Estudos de Telenovela (CETVN), da ECA. No âmbito internacional, o projeto congregava, à época, equipes de pesquisadores de 12 países do espaço ibero-americano dedicadas ao

---

2 Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-11052009-153059/pt-br.php#referencias>. Acesso em: 28 jan. 2021.

3 Algumas publicações derivadas da pesquisa empreendida ao longo do doutorado foram: MUNGIOLI, M. C. P.; MOTTER, M. L. Ficção seriada: o prazer de re-conhecer e pré-ver. *Communicare* (São Paulo), v. 6, p. 59-70, 2007; MOTTER, M. L.; MUNGIOLI, M. C. P. Gênero teledramatúrgico: entre a imposição e a criatividade. *Revista USP*, v. n. 76, p. 157-166, 2008.; MUNGIOLI, M. C. P. A função social da minissérie *Grande Sertão: Veredas* na construção de um sentido identitário de nação. *Comunicação e Educação* (USP), v. Ano 14, p. 37-48, 2009.



estudo da ficção televisiva. No âmbito brasileiro, o projeto constituiu rede de pesquisa sobre ficção televisiva integrando diversas equipes de investigação sediadas em universidades públicas e privadas, produzindo pesquisas sobre temas emergentes no cenário da comunicação e da ficção televisiva. Fui coordenadora do GP de Ficção Seriada dos Congressos Nacionais Intercom, de 2011 a 2014, e coordenadora do GI Ficção Televisiva e Narrativa Transmídia nos Congressos da ALAIC – Associação Latino-Americana de Investigadores de Comunicação –, nos anos de 2014, 2016 e 2018. No Congresso da ALAIC de 2022, fui coordenadora do GI Culturas, comunicación y narrativas transmedia: ficcionalidades y prácticas de consumo. Atualmente, sou editora-adjunta da *Revista ALAIC*.

Ainda em relação às *atividades de pesquisa* e docência, incluo a formação de quadros. Desde 2012, orientei, no PPGCOM-USP, oito mestrados e oito doutorados, que abordaram as relações entre linguagem, discurso e meios de comunicação e narrativas ficcionais.

Como eixo central de minhas investigações, destaco o tripé sobre o qual tenho refletido de forma sistemática ao longo de minha atuação no PPGCOM-USP: os estudos do discurso verbal, da narrativa ficcional de televisão e do contexto nacional de produção de tele-dramaturgia, como detalharei a seguir. Ênfase a seguir que um dos princípios norteadores das pesquisas realizadas encontra apoio na compreensão dialógica da linguagem e do discurso, conforme enfatiza Bakhtin (2003, p. 299):

o objeto do discurso do falante, seja esse objeto qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado, e um dado falante não é o primeiro a falar sobre ele. O objeto, por assim dizer, já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos; nele se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes. (BAKHTIN, 2003, p. 299)

A busca pelas camadas de sentidos construídos por meio dos discursos, leva-nos a procurar entender os sentidos ressaltados, contestados, elucidados e avaliados por meio da análise dos gêneros e formatos ficcionais televisivos, bem como de suas imbricações com o contexto de produção ficcional nacional e internacional.

## Projetos de Pesquisa

Os projetos de pesquisa que tenho conduzido no PPGCOM apresentam sua centralidade em relação a três objetos: os estudos do discurso verbal, a narrativa televisiva ficcional e o contexto nacional dos gêneros e formatos televisivos ficcionais. O eixo central se organiza em torno das narrativas ficcionais da televisão com base no estudo de discursos, temas, gêneros e formatos. As discussões têm como referencial teórico os Estudos Culturais, a Teoria das Mediações (MARTIN-BARBERO, 2001), os Estudos de Televisão, os Estudos de Linguagem de matriz bakhtiniana e a Análise do Discurso de linha francesa (A.D.). A partir desse referencial, destaco a compreensão do formato e do gênero televisivo como formas culturais (WILLIAMS, 2016) que compõem as mediações (MARTIN-BARBERO, 2001).

Esses estudos analisam o formato ficcional televisivo na atualidade, em especial a série, em um cenário marcado pela internacionalização dos formatos em um contexto globalizado de produção, distribuição e recepção. Procuo conectar esses elementos por meio de um eixo que se estabelece a partir da construção social dos discursos e da sua materialidade. Discuto como esses elementos se inter-relacionam para produzir sentidos identitários e um imaginário brasileiro por meio da composição discursiva e estética dos programas de ficção televisiva estudados, em especial as séries e minisséries brasileiras, analisadas ao longo do primeiro projeto realizado – *A produção de sentido por meio da linguagem televisual: gêneros, temas e discursos*, que teve início em 2008 e prosseguiu até 2014. As pesquisas realizadas nesse primeiro projeto tiveram sequência com o projeto *Linguagem televisual e produção de sentido: formatos, gêneros e temas*, que realizei de 2015 a 2021. Como os próprios títulos indicam,

há uma continuidade em termos de objetos de pesquisa, porém é possível observar o acréscimo de um ingrediente que começou a fazer parte mais intensamente de minhas pesquisas a partir de 2015, o formato televisivo.

O terceiro projeto é *Séries brasileiras no contexto da internacionalização e da transnacionalização: um estudo do formato, seus gêneros e temas no período de 2010 a 2015*. Para este projeto, obtive financiamento da FAPESP para realizar estágio pós-doutoral, em 2016, no CEISME – Centre d’Etude sur les Images et les Sons Médiatiques –, da Universidade Sorbonne Nouvelle, então coordenado pelo Prof. François Jost. Os estudos realizados nesse projeto constituíram-se como base para ampliação do escopo de minhas pesquisas não apenas em relação aos gêneros e formatos, mas também em relação ao meio de comunicação, pois incluí entre os objetos de pesquisa, além das séries brasileiras da TV aberta, as séries da plataforma de *streaming* Globoplay. Todos os projetos posteriores ampliaram a pesquisa dos projetos iniciados em 2008 e 2015.

Detalho um pouco mais o quarto projeto, que se encontra em andamento, *Séries brasileiras de televisão no cenário da internacionalização e da transnacionalização: um estudo sobre a mediação local na constituição de formatos e gêneros ficcionais na plataforma Globoplay no período de 2016 a 2020*, para o qual obtive bolsa produtividade PQ2. Este estudo ganha forma no atual cenário audiovisual com transformações que envolvem de maneira direta, de um lado, os sistemas de *broadcasting* (TV aberta), *narrowcasting* (TV paga) e, de outro, os sistemas sob demanda por assinatura SVOD – *Subscription Video on Demand* – ou *streaming*. Nesse contexto, todos os envolvidos buscam formas de produzir e distribuir conteúdo de maneira a captar audiências cada vez mais dispersas, não apenas entre as diversas telas e dispositivos (LOTZ, 2018) mas também em diferentes regiões e países. O projeto objetiva analisar séries brasileiras – levando em consideração o tensionamento entre os modelos *broadcasting* e SVOD – por meio do estudo dos gêneros e formatos a partir da mediação local (MARTÍN-BARBERO, 2001) em séries inéditas na plataforma Globoplay no período de 2016 a 2020. A metodologia empregada caracteriza-se tanto pelo uso de ferramentas de cunho quantitativo,

para estabelecimento do *corpus*, quanto qualitativo, para sua análise por meio da Análise do Discurso (AD) e Estudos de Linguagem de matriz bakhtiniana, bem como os Estudos de Televisão e Mediações (MARTÍN-BARBERO, 2001). O projeto considera questões concernentes à discussão das relações entre forma e conteúdo (Bakhtin, 2003), analisando-as com base nos estudos de gêneros e formatos televisivos (MITTEL, 2004, 2015; JOST, 2004, 2011; MUNGIOLI; PELEGRINI, 2013; SEPULCHRE, 2011; ESQUENAZI, 2011; MARTIN-BARBERO, 2001). São considerados os novos contextos de produção, consumo e exibição advindos com a emergência de plataformas de *streaming* (JOST, 2019; LOTZ, 2018; BARKER; WIATROWSKI, 2017; PENNER; STRAUBHAR, 2020) em escala mundial (Netflix, Amazon Prime Video) e nacional (Globoplay). O projeto se propõe a analisar não apenas as transformações nas séries em termos de produção de sentido, mas também em termos de compreensão acerca de um cenário televisivo cada vez mais marcado tanto pelas novas formas de produção, exibição e distribuição – como as plataformas de *streaming* – quanto pela concorrência de formatos ficcionais internacionais e formas de distribuição –, correspondendo a grandes transformações nas chamadas indústrias criativas.

## **Grupo de Pesquisa GELiDis – Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação<sup>4</sup>**

**O Grupo de Pesquisa Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação (GELiDis)**, criado e liderado por mim desde 2015, é certificado pelo CNPq. O grupo liga-se à Linha 1 - Comunicação, redes e linguagens: objetos teóricos e empíricos do PPGCOM-USP e está sediado no Departamento de Comunicação e Artes. Tem como objetivos principais estudar formatos, gêneros e temas de produtos de ficção – telenovelas, séries, minisséries, telefilmes – em diversos suportes e dispositivos, bem como analisar a construção verbo-visual da narrativa

---

<sup>4</sup> Link da página do grupo no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espeelhogrupo/237881#linhaPesquisa>. Link para grupos de pesquisa da ECA-USP: <http://www3.eca.usp.br/pesquisa/grupos>.

e do roteiro televisivo, considerando que tanto formatos quanto gêneros e temas devem ser analisados com base em um quadro complexo de interpretação do texto televisivo estabelecido a partir de sua materialidade (histórica, social, composicional e tecnológica).

Seu escopo de pesquisa integra ainda o estudo da produção de sentido na construção de identidades geracionais, de gênero e de classe social, bem como da cultura popular nos meios de comunicação. Busca-se analisar a produção ficcional de televisão a partir de sua complexidade narrativa e social situando-a nos contextos nacional e internacional marcados pela globalização e pela hibridação, formatos e gêneros. O instrumental teórico-metodológico do grupo engloba aspectos como os estudos de linguagem e estética de Bakhtin, na Análise do Discurso (AD) e nos estudos de televisão a partir dos Estudos Culturais e dos estudos de Martín-Barbero. Cabe enfatizar que se trata de um grupo recém-formado que já acumula diversas participações em eventos nacionais e internacionais, bem como na organização de eventos no âmbito do PPGCOM-USP, para discussão de fundamentos teóricos e metodologias para o estudo da ficção seriada televisiva e em plataformas de *streaming*.

### **Disciplinas ministradas no PPGCOM-USP**

Ministro, desde 2018, a disciplina CCA5193 – *Narrativas Televisivas de Ficção: Discursos, Gêneros e Formatos*. Cabe ressaltar que a disciplina corresponde a uma atualização de temas e bibliografia mais relacionadas, à questão específica das ficções televisivas tendo como ponto de partida a disciplina CCA5097 – *Narrativas Televisuais e Identidades*, ministrada de 2009 a 2017. Por isso, faço um *flashback* antes de tratar da disciplina atual.

Na estrutura antiga do PPPGCOM, a disciplina CCA5097 inseria-se na linha de pesquisa 1 – Teoria e Pesquisa em Comunicação e na área de concentração Linguagens e Estéticas da Comunicação. A disciplina continha parte do referencial teórico utilizado em minha tese de doutorado, indicando a continuidade de minhas pesquisas em relação aos discursos, produção de sentidos identitários e identidades. Além

disso, possuía estreita relação com as pesquisas que desenvolvi nos projetos que realizei individualmente no PPGCOM conforme relato neste capítulo.

Nessa disciplina, eram enfatizados os processos de produção de sentidos de identidade e de nacionalidade por meio das narrativas ficcionais de televisão. Narrativas que constroem/desconstroem discursos sobre os mais diversos aspectos da sociedade – sociais, culturais, econômicos –, dando-lhes sentido, atribuindo-lhes valor, organizando-os, estabelecendo vínculos, mesmo que seja pela contradição, pela negação ou pelo esquecimento. É incidindo sobre essa capacidade de criar sentidos, sentimentos – “aquilo por que se luta” (FOUCAULT, 1996, p. 10) –, e identidades por meio de discursos que a televisão tem se consolidado ao longo dos anos – principalmente em países onde o surgimento desse meio de comunicação esteve marcado pelo ideário e atuação governamentais – no sentido de criar o laço social que caracterizaria tais países como nação. O curso tinha como proposta fornecer ferramental teórico e metodológico para estudar, sob o enfoque interdisciplinar, a linguagem verbal e a produção de sentido dos programas de ficção na televisão com base em uma abordagem que considerasse não apenas as imbricações recorrentes entre gêneros (literários, televisuais e midiáticos em geral) e gêneros do discurso, mas também as relações entre pensamento, linguagem e cultura em uma perspectiva de construção dialética marcada pela dialogicidade e pela interdiscursividade. A disciplina considera a narrativa como uma construção transcultural e um modo de pensamento (BRUNER, 2001, p. 117). A abordagem adotada tem como base autoras(es) que privilegiaram uma abordagem sócio cultural para o estudo da cognição, da linguagem verbal, da narrativa e da produção de sentido. Dessa forma, cabe destacar que, no curso, estão presentes, principalmente autoras(es) como Lev Vygotsky (1991, 1998), Jerome Bruner (1991, 1998, 2001), Mikhail Bakhtin (2003, 2010), Mikhail Bakhtin/Volochinov (2002), Helena N. Brandão (2002), Eni Orlandi (2003), Homi Bhabha (1998) e Stuart Hall (2003).

Como mencionei anteriormente, a segunda disciplina que propus ao PPGCOM, CCA5193 – *Narrativas Televisivas de Ficção*:

*Discursos, Gêneros e Formatos*, é ministrada desde 2018. O curso surge como resultado das pesquisas que efetuei, desde 2008, como professora da ECA. Porém, ressalto sua relação direta com o estágio pós-doutoral realizado no CEISME: Centre d'Etude sur les Images et les Sons Médiatiques, à época dirigido pelo professor François Jost, na Universidade Sorbonne Nouvelle, no âmbito do projeto *Séries brasileiras no contexto da internacionalização e da transnacionalização: um estudo do formato, seus gêneros e temas no período de 2010 a 2015*, com apoio da FAPESP. A disciplina possui ainda aderência aos estudos que realizo e oriento no Grupo de Pesquisa GELiDis/CNPq/ECA. Após a reestruturação do PPGCOM em 2019, a disciplina passou a fazer parte da **Linha de Pesquisa 1 – Comunicação, redes e linguagens: objetos teóricos e empíricos**.

Os estudos realizados no projeto se constituíram como base para outras pesquisas que ampliaram a investigação não apenas em relação aos gêneros e formatos, mas também em relação aos meios de veiculação dessas produções, pois foram incluídos entre os objetos de pesquisa, além das séries brasileiras na TV aberta, as séries na plataforma de *streaming* Globoplay. Foi mantido o ferramental teórico e analítico baseado nos estudos de televisão – com ênfase nos estudos de linguagem e estética da televisão –, da Análise do Discurso (AD) e dos estudos de linguagem de matriz bakhtiniana, mesclando procedimentos de análise de natureza quantitativa e qualitativa. Tais estudos tiveram ainda, como base teórica, os Estudos Culturais e a abordagem das mediações de Martin-Barbero (2001).

As transformações no cenário de produção de televisão apontam a necessidade de discussões teóricas e análises mais abrangentes em termos de negócios e estratégias de produção, distribuição e consumo, tendo em vista a escala e os níveis de mudança que vêm ocorrendo em todas as etapas do circuito da comunicação (HALL, 2003). São transformações que colocam em xeque os sistemas de televisão aberta (*broadcasting*) e televisão a cabo (*narrowcasting*), consolidados ao longo de décadas, frente aos avanços tecnológicos da distribuição mediada pela internet, criando condições para sistemas de alcance mundial, como a plataforma Netflix. Frente a esses desafios,

tenho procurado adaptar conceitos e práticas de pesquisa, sobretudo em relação à produção de sentido por meio da linguagem audiovisual às novas injunções que caracterizam esse cenário.

Nesse contexto, cabe destacar o sucesso sobretudo da ficção seriada de televisão em escala mundial – não somente das séries estadunidenses, mas também das telenovelas (incluindo as brasileiras) – propiciando um sem número de estudos não apenas no campo da Comunicação, mas também da Antropologia, Sociologia, Filosofia, apenas para citar alguns. Considerando esse cenário, o curso parte do pressuposto de que a comunicação verbal e visual mediadas pela tecnologia (rádio, cinema, televisão, internet, plataformas de *streaming*) caracteriza-se não pela exclusão, mas pela adição, complementaridade e hibridização de gêneros, formatos e gêneros discursivos. Considera-se que a ficção televisiva produz sentidos não apenas pela abordagem de um tema, mas também pela estruturação e pelo funcionamento de determinado formato ou gênero discursivo. Em termos gerais, o curso discute a forma complexa com que elementos composicionais, como temas, roteiro, linguagem verbal, estética visual e estilo, se constroem e se reconstroem no formato serial. Tal perspectiva justifica-se por meio da compreensão de que esse formato/gênero deve ser considerado em um quadro complexo de interpretação do texto televisivo estabelecido a partir de sua materialidade (histórica, social, composicional). Consideramos gêneros e formatos como formas culturais (WILLIAMS, 2016), como mediações culturais (MARTÍN-BARBERO, 2001) e como dispositivos de comunicação por meio dos quais se configuram as produções de sentido na comunicação (MAINGUENEAU, 2002). A ascensão mundial das séries ficcionais de televisão e *streaming* tem propiciado um grande número de estudos, discutidos em nosso curso, que as analisam com base em diferentes perspectivas discutidas por autoras(es), como Ethan Thompson; Jason Mittel (2013); Jason Mittel (2004, 2006, 2015), François Jost (2004, 2011, 2015); Amanda Lotz (2018), Sarah Sepulchre (2011); Jean-Pierre Esquenazi (2011), que analisam a complexidade dos gêneros, formatos e temas por meio dos quais se constrói a serialidade televisiva na atualidade.



## Considerações

Conforme anunciei na apresentação e introdução deste capítulo, procurei ao longo de sua tessitura apresentar um pouco de minha trajetória, desde 2009, como professora do PPGCOM-USP. Procurei destacar as pesquisas e as disciplinas que me propiciaram avançar nas reflexões teóricas e no emprego de metodologias que pudessem responder aos problemas de minhas pesquisas, mas também às transformações que têm ocorrido na produção, distribuição e recepção de produtos ficcionais na contemporaneidade. Porém, gostaria de ressaltar que a busca pelo aprofundamento teórico-metodológico sempre esteve profundamente relacionada às atividades de orientação de mestrados e doutorados em nosso programa, bem como às supervisões de bolsas de iniciação científica. Dessa forma, destaco o papel preponderante que a atividade de orientação e supervisão de pesquisas adquire em minha trajetória. Enfatizo ainda a convivência com orientandas(os) de mestrado, doutorado e iniciação científica como o alicerce para o desenvolvimento intelectual e científico.

Ao finalizar as considerações, agradeço às(aos) funcionárias(os) e colegas docentes do PPGCOM-USP que contribuíram com as pesquisas de forma direta e indireta e, principalmente, às(aos) discentes que têm colaborado enormemente com as pesquisas que tenho realizado.

## Referências

- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Ed. da Unesp, 1993.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BRANDÃO, H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002.
- BRUNER, J. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BRUNER, J. **Realidades mentais, mundos possíveis**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- BRUNER, J. **The narrative construction of reality**. *Critical Inquiry* 18. Autumn 1991. p. 1-21.
- ESQUENAZI, J-P. **As séries televisivas**. Lisboa: Texto & Grafia, 2011.
- HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- JOST, F. **De quoi les séries américaines sont-elles le symptôme**. Paris: CNRS Éditions, 2011.
- JOST, F. **Les nouveaux méchants**: quand les séries américaines font bouger les lignes du Bien et du Mal. Paris: Bayard, 2015.
- JOST, F. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- LOTZ, A. **We now disrupt this broadcast**: how cable transformed television and the internet revolutionized it all. Cambridge (MA): The MIT Press, 2018.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.
- MITELL, J. **Complex TV**: the poetics of contemporary television storytelling. New York: New York University Press, 2015.

- MITTELL, J. **Genre and television**. From cop shows to cartoons in american culture. New York: Routledge, 2004.
- MITTELL, J. **Narrative Complexity in Contemporary American Television**. The velvet light trap. Number 58, Fall 2006, University of Texas Press.
- MITTELL, J. **Television and American Culture**. New York: Oxford, 2010.
- MUNGIOLI, M. C. P.; PELEGRINI, C. Narrativas complexas na ficção televisiva. *In: Revista Contracampo*, Niterói, RJ, v. 26, n. 1, p. 21-37, abr. 2013.
- ORLANDI, E. P. (Org.). **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- PENNER, T.; STRAUBHAAR, J. Títulos originais e licenciados com exclusividade no catálogo brasileiro da Netflix. **MATRIZES**, v. 14, n. 1, p. 125-149, 7 maio 2020.
- SEPULCHRE, S. (Org.). **Décoder les séries télévisées**. Bruxelas: Éditions De Boeck Université, 2011.
- THOMPSON, E.; MITTELL, J. (Ed.). **How to watch television**. New York: New York University Press, 2013.
- VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- WILLIAMS, R. **Televisão**: tecnologia e forma cultural. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2016.

# De passagem

Mayra Rodrigues Gomes

Com a aposentadoria, afastada da maior parte das atividades ligadas à universidade, escrevo este texto na perspectiva dos momentos, dos fluxos que compuseram o passado da minha vida acadêmica. Estive de passagem em diferentes espaços, que, muitas vezes, se sobrepuseram uns aos outros, agindo em conformidade a seus respectivos protocolos e tarefas.

Minha passagem pela USP como professora durou 23 anos e como aluna, contando graduação e pós-graduação, mais uns 12 anos. Certamente está neste espaço empenhada uma boa parcela de minha vida, que talvez seja a passagem mais longa se descontarmos aquela, por acaso sem fim, como mãe de família.

Após tantos prefácios às obras de queridos ex orientandos, vejo o convite à escritura deste texto como a hora do mergulho em meu posfácio acadêmico. Pois bem, com a formação original em filosofia, meu interesse pela pós-graduação em comunicação foi estimulado pela Prof<sup>a</sup> Dulcília Buitoni (gratidão sempre), posteriormente minha orientadora no mestrado e no doutorado, com pesquisas sob o viés das linguagens.

É importante que esse termo apareça no plural, ao menos no início deste relato, pois não se trata aqui, e não se tratava então, de pensar línguas do ponto de vista dos estudos em linguística, ou do estudo de produções literárias, ou do aprendizado da proficiência, ou da língua como instrumento de conversação/comunicação, argumentação e persuasão.

É importante a expressão “linguagens” para marcar que nos preocupávamos com as múltiplas formas, talvez infinitas, com que chegamos a simbolizar as pessoas, as coisas e as relações no mundo: as figuras, as letras, os gestos, os sons etc.

As linguagens eram concebidas por mim e pelo grupo de professoras, que mais tarde substituí junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração, a partir de observações oriundas de estudos sob a ótica de seu poder constitutivo. Em suma, eram pensadas sob a concepção central do “sujeito de linguagem”, ou de um indivíduo cuja subjetivação só se concebe por sua assunção das linguagens, pelo acesso à dimensão simbólica, ou pelos processos simbólicos com que ele pode se encarnar.

Autores de diferentes campos de saber que se consolidaram em torno da “virada linguística”, reviravolta epistêmica que recebeu esse nome justamente pela compreensão do papel da linguagem na constituição do humano, foram muito importantes em minha formação durante a pós-graduação.

Dois professores se destacam nesse trecho do meu caminho, ambos em posições um tanto antagônicas, mas, sem que quisessem, compartilhando muitas ideias e achados.

Estive estudando/trabalhando com o grupo coordenado pelo professor Ciro Marcondes, durante cinco anos. Leituras teóricas em torno da pós-modernidade eram constantes, assim como os grupos de debates e a escrita de pequenos ensaios. A abertura de novas perspectivas, a rigor expansão de saber, representou intensa assimilação de conhecimento. Gratidão ao professor que só me engrandeceu.

Estive vários anos estudando com a professora Jeanne Marie Machado de Freitas. Além das aulas em suas disciplinas na pós-graduação, eu e um grupo de estudantes nos reuníamos em sua casa para leitura e discussão da obra de Jacques Lacan.

Foram ótimos momentos de convívio, embora pautados pela dificuldade de entender a escritura lacaniana. Quanto a isso, eu me lembro que começamos pelo Seminário *Encore*, que é na realidade uma das últimas obras de Lacan e, portanto, reúne, sintetizando, muito do que ele havia anteriormente colocado. Li pela primeira vez (sou uma total imbecil), pela segunda vez (continuo uma imbecil, mas, esclarecida), pela terceira vez (Nossa! Será verdade? Entrevejo uma luz e um sentido...). Gratidão a

Jeanne Marie que me levou a perceber um fio condutor na obra de Lacan e a importância do legado da psicanálise para os estudos em comunicação.

Penso, até hoje, que minha formação para posteriores estudos, leituras, reflexões, artigos e até para o planejamento das disciplinas que ministrei, tanto para graduação quanto para pós-graduação, está fortemente embasada nos caminhos que Ciro e Jeanne Marie me apresentaram.

Quanto a esses posteriores empreendimentos, posso com segurança apontar um foco central que esteve presente, implícita ou explicitamente, em todos eles. Tratava-se sempre de demonstrar que as palavras caminham em direção às coisas, mas carregam consigo um conjunto de ideias que acaba por constituir a natureza das coisas. De tal modo que, em relação às representações, elas tropeçam e rasuram a pretensão de acesso a uma possível coisa em si.

Ora, desse foco outras meadas conceituais se desprendem, elas próprias condutoras de reflexões, uma vez que amarram os sentidos subentendidos nessa concepção do que seriam as palavras. Em primeiro lugar, quesito fundamental para alunos na área da comunicação, está a compreensão de que as palavras não são neutras e, portanto, nunca devem ser tomadas como meros instrumentos: elas invocam sentidos até mesmo à nossa revelia. Não é à toa que o controle das palavras, ao longo dos processos civilizatórios, foi objeto de disputas e, hoje em dia, tem se encarnado nas lutas pelos termos politicamente corretos, ou seja, aqueles que, segundo a orientação humanitária de muitos, contemplam maior equidade.

Por outro lado, ainda nesse registro, se o controle das palavras sempre se fez tão ambicionado é porque elas invocam uma modalidade de subjetividade, toda vez que um indivíduo as assume. Mais uma volta no parafuso da ideia do sujeito de linguagem: além de se constituir sujeito em virtude do acesso à dimensão simbólica, ele se constitui como um “tipo de sujeito”, conforme sua partilha das palavras. Acho que com um exemplo banal posso esclarecer minha colocação: a escolha entre os termos ocupação ou invasão, para descrever algumas ações de apropriação, diz com uma só palavra tudo sobre a posição de sujeito assumida, portanto sobre sua subjetividade e modo de ver o mundo, a rigor, sobre suas possíveis empreitadas sociais.

Ora, nesse caso, o fato de que as palavras comportam múltiplos e enraizados significados só pode ser entendido como a revelação

de um compromisso que elas mantêm numa proporção mais ampla. Por reunirem coerentemente uma série de sentidos, os centrais e os complementares, numa formação ampla, desde meados do século passado essa formação tem sido pensada sob a rubrica “discurso”.

As quatro modalidades de discursos colocadas por Lacan eram, sem explicitar, a referência notória aos conjuntos discursivos que embalam o mundo das palavras. Claro que para efeito das disciplinas que ministrei, sob o nome de Ciências da Linguagem, as bases teóricas de referência foram as colocações iniciais de Michel Pêcheux, e as subsequentes reflexões desenvolvidas por Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau.

O encontro com as palavras de Charaudeau<sup>1</sup>, que num único parágrafo resumiam tudo desse mundo languageiro, foi providencial. Elas se tornaram um ponto de inflexão didática. Com elas ficava fácil explicar em aula, passo a passo, cada tópico do próprio parágrafo, mostrando assim as manifestações concretas que, afinal, tecem as materialidades do mundo.

Contudo, numa última linha que se destaca da meada condutora inicial, e que perpassou meus estudos e produções, é preciso colocar a pergunta sobre o mecanismo das escolhas individuais. Afinal, os discursos circulantes a um tempo e lugar, numa determinada cultura e visada teleológica são muitos. No entanto, e no geral, é com naturalidade que os indivíduos assumem um ou outro discurso, sem grandes conflitos morais, mas com firme adesão que pautará o resto de suas vidas.

Por causa dessa condição, as identificações se tornaram um aspecto forte de minhas investigações e, posteriormente, de temas em aulas. Elas envolveram as observações da psicanálise e as de muitos achados de sociologia e de psicologia social.

No conjunto, eu pretendia mostrar os pontos de apoio em que uma identificação se atrela: pais e mestres educaram para certas ideias, e se as ideias são encontradas em determinado discurso, o nó de ligação está pronto, calcado na autoridade desses cuidadores. A opinião da maioria de convívio também concorre para um liame, assim como as fragilidades e os interesses pessoais fazem ligação com os discursos

---

<sup>1</sup> “O discurso circulante é uma soma empírica de enunciados com visada definicional sobre o que são os seres, as ações, os acontecimentos, suas características, seus comportamentos e os julgamentos a eles ligados” (CHARAUDEAU, 2006, p. 118).

que parecem contemplar e suprir tanto carências quanto ambições.

Falei em firme adesão que acompanhará um indivíduo ao longo de sua vida em virtude de outra característica das identificações, característica que deve ser bem mostrada e sopesada, quando se pretende um espírito crítico, como aquele desejável no exercício do jornalismo.

Por um lado, as identificações são bem-sucedidas desde que haja um apagamento, uma cegueira em relação aos pontos contraditórios entre discursos, aos pontos contraditórios de um discurso assumido frente a uma possível percepção crítica de mundo, à relevância possível dos contradiscursos e ao fato de sua potência como criação de realidades.

Por outro lado, uma vez construída uma subjetividade sobre uma plataforma discursiva, mudar de posição, tarefa sempre temerosa, significa mexer consigo próprio ou se reinventar. Daí podermos dizer que, ao longo de uma vida, dificilmente um indivíduo se deixa permear, ou sequer se permite oscilar entre discursos.

No geral, até este momento, a presente exposição dá conta dos assuntos, conceitos e teorias que procurei desenvolver em parte das disciplinas que ministrei para a graduação e para pós-graduação. Tais disciplinas poderiam ser concebidas como calcadas em duas partes. A primeira parte, com caráter formativo no que tange a introdução a pensadores da comunicação em geral, tinha seu foco em análise de discurso e foi desenvolvida sob a rubrica *Dos Discursos*.

A segunda parte, estreitamente ligada a essa primeira, esteve voltada para exercícios, análise de mídia e experiências em hipermídia, foi desenvolvida sob a rubrica *Das Narrativas*.

As reflexões sobre discurso anteriormente exploradas levam a questionar os modos de sua consolidação junto ao corpo social. Claro que, tecnicamente, são as adesões, os compartilhamentos de um discurso que constituem sua base de confirmação, legitimação, reprodução e, muitas vezes, transformação ao mesmo tempo que perenização. Pelas identificações se tecem os compartilhamentos, mas é pelas histórias contadas, matéria dos discursos, que serão criados os “pontos de basta”. A metáfora introduzida por Lacan serve a mostrar como os pontos de basta, nos estofamentos, puxam e prendem os tecidos ao enchimento. São eles, e são muitos, que agrupam, que fazem convergir sentidos, fechando os significados em torno de si.



Muito já se falou sobre o poder agregador de um mito de origem; contado e sacralizado como tal é suficiente para agregar um povo em torno de uma ideia de si, compatível com o mito ou mesmo demandada pelo mito em sua procura de preservação.

As histórias podem ser vistas sob essa perspectiva social, ou seja, de validação de uma série de ideias, de legitimação discursiva, mas também devem ser pensadas sob o ponto de vista das subjetivações. Para tanto, é suficiente lembrarmos que as subjetivações se alçam a partir do atrelamento de um sujeito a uma história de si, desse contar incessante com o qual nos debruçamos sobre nós mesmos.

De qualquer modo as narrativas, tanto na função individual quanto na social, cumprem um papel fundamental de afastamento da ausência de sentido, do vazio de sentido que assombra e talvez paire, de plantão, como ameaça em nosso horizonte.

A esse propósito gostaria de lembrar artigo que escrevi há muito tempo atrás: “Da Narrativa, Mais Uma Vez: Transcurso por *As Aventuras de Pi*”, publicado na revista *Novos Olhares*, em junho de 2013.

Nele abordo essa questão do vazio de sentido porque o filme analisado se presta, com perfeição, ao assunto. Pí Patel, personagem central da história, escolhe narrar suas aventuras como náufrago de forma absolutamente heroica e romantizada, rasurando momentos cruéis em que até a antropofagia está subentendida. Questionado sobre sua opção narrativa ele devolve a questão: que versão aquele que escuta a história escolheria?

Cito a mim mesma no parágrafo final do artigo, lembrando que minha referência ao Real, com letra maiúscula, carrega a concepção lacaniana dessa dimensão:

“*Life of Pi* ganhou quatro Oscar na 85th Academy Awards, entre eles o de sua direção pelo celebrado Ang Lee. O filme tem sido objeto de muitos comentários. Até agora, nenhum deles mencionou essa incrível façanha de fazer com que até o espectador, sabendo como provavelmente os fatos aconteceram, se recuse a aceitá-los e embarque, ele também, no acordo de justeza do narrador, acordo que tem, tudo somado, a função primeira de alijar o vazio do Real” (GOMES, 2013, p. 16).

Em minhas disciplinas, para graduação e pós, sempre tentei explicar esse poder criador das narrativas, criador de mundos e de pessoas a eles adequadas, enfim, de sentidos. Mas também introduzia

os estudos das estruturas narrativas, dos modos de contar histórias que seguem um certo padrão.

Atravessávamos esses padrões ou roteiros de contadores de história, fazendo-os incidir sobre produções midiáticas de diversas plataformas, mostrando na vida vivida a presença constante das narrativas e suas escolhas de caminhos ou de enredos sedutores.

Assim, minhas disciplinas para pós-graduação estiveram em perfeita sintonia com a área e a linha de pesquisa em que me inseri no PPGCOM – **Área de Concentração:** Teoria e Pesquisa em Comunicação, Linha de Pesquisa: Linguagens e Estéticas da Comunicação.

No que tange os projetos de pesquisa que desenvolvi, com bolsa Produtividade em Pesquisa pelo CNPq, todos eles estiveram calcados nessa formação teórica que me acompanha e todos estiveram voltados para questões de linguagem.

Estive empenhada em projetos voltados para a liberdade de expressão, para a censura, para as palavras proibidas em períodos de forte repressão, assim como no cotidiano da atualidade, e para as palavras, junto à prática do jornalismo, que carregam significados subentendidos e que expressam, à sua revelia, preconceitos e processos de exclusão.

No momento, finalizo pesquisa para o CNPq, na modalidade Bolsa Produtividade em Pesquisa, Nível: PQ-1D, Vigência: de 01/03/2019 a 28/02/2023, sob o título “Os nomes da violência contra as mulheres. Das narrativas no jornalismo”, que, como se vê pelo título, encontra-se absolutamente vinculada aos estudos de linguagem que me conduziram ao longo do trajeto acadêmico.

Em minha experiência com a pós-graduação no PPGCOM estive envolvida de diversos modos, a começar pela reforma inicial do programa, quando ele precisava de melhor classificação junto aos órgãos avaliadores, e, na continuidade, com a participação na Comissão de Pós-Graduação que se estendeu por vários anos: sob a coordenação da professora Maria Immacolata Vassalo de Lopes, do professor Eneus Trindade, da professora Roseli Figaro e, no momento, da professora Clotilde Perez.

Foi uma convivência agradável e muito enriquecedora a que tive com os professores coordenadores e com os outros membros da Comissão ao longo dessa fase na vida. Esses colegas foram motivo de muita inspiração, sempre ensinando muita competência.

Minha atuação como professora na pós-graduação durou quase tanto tempo quanto minha presença na USP como docente. Foi talvez breve, em relação a outros que estiveram lá desde muitas décadas, mas, com certeza, foi bastante intensa e academicamente produtiva.

Sem sombra de dúvida, vejo essa passagem com reverência, com orgulho e gratidão, como um momento de grande brilho em minha vida.

## Referências

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1998b.
- ECO, U. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego**. Edição Standard Brasileira. V. XVIII (1920-1922). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GOMES, M. Da narrativa, mais uma vez: transcurso por “As aventuras de Pi”. **Novos Olhares**, v. 2, n. 1, 16 p., jun. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/novo-solhares/article/view/57036>.
- LACAN, J. **Livro 20 mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LYOTARD, J. **La condition postmoderne**. Paris: Minuit, 1979.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**. Investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- PÊCHEUX, M. **O discurso, estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.
- PROPP, V. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- VOGLER, C. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ZIZEK, S. **Bem-vindo ao deserto do real**. São Paulo: Boitempo, 2002.

# Comunicação e Trabalho: uma trajetória de estudos nas Ciências da Comunicação

Roseli Figaro

## Introdução

A pós-graduação é um espaço de produção de pesquisa, formação de pesquisadores e de interlocução privilegiada entre cientistas. As disciplinas, orientações, grupos, laboratórios e centros de pesquisas materializam as rotinas acadêmicas da pós-graduação, sempre orientadas por projetos e temas de pesquisas capazes de congregarem equipes de discentes e docentes em redes locais, regionais, nacionais e internacionais. As linhas de pesquisa nas áreas científicas se consolidam ao longo de um processo de acúmulo de investigações e descobertas em relações de trabalho que formam os pesquisadores.

A abordagem de Comunicação e Trabalho insere-se nesse espaço da pós-graduação a partir da pesquisa doutoral “Comunicação e trabalho. O mundo do trabalho como mediação da comunicação” (FIGARO, 2001). A pesquisa seguinte, 2002-2004, amplia esse espaço ao estudar a comunicação no mundo do trabalho, em duas grandes empresas: Siemens do Brasil e BCP-Claro. Os resultados dela estão publicados no livro *Relações de Comunicação no mundo do trabalho* (FIGARO, 2008a) e contribuem para se compreender a temática de

forma mais ampla do que o enfoque da comunicação organizacional ou das organizações. Ambas pesquisas possibilitaram amadurecimento para credenciar a primeira disciplina ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da USP, em 2004, denominada “Comunicação no mundo do trabalho: mediações e recepção”. Nesse mesmo ano, o Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho – CPCT foi credenciado pelo CNPq e deu início a uma série de novas investigações por meio das quais a abordagem teórica de Comunicação e Trabalho foi ganhando corpo e maior consistência.

Ainda entre 2006-2007, as inquietações sobre a comunicação e o trabalho foram tema de pesquisa de pós-doutorado na Universidade de Aix-Marseille, França, onde se deu a aproximação com a abordagem da Ergologia, tema desenvolvido pela equipe do filósofo Yves Schwartz. O eixo de discussão do pós-doutorado centrou-se no conceito de trabalho como atividade humana, a qual demanda o envolvimento do ser humano por inteiro, em seus aspectos físicos, psíquicos e intelectuais. Assim sendo, a comunicação é parte da atividade de trabalho.

A partir dessa perspectiva teórica, as pesquisas coletivas do CPCT tomam como objeto de estudo o mundo do trabalho dos comunicadores, principalmente, dos jornalistas. Entre elas estão “Comunicação e Trabalho: as mudanças no mundo do trabalho das empresas de comunicação” (2006), com apoio da Fapesp; “As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas” (2010); e “As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia”, com apoio da Fapesp e do CNPq (2016-2020).

Em 2018, a disciplina para o PPGCOM-USP foi reformulada e passou a denominar-se “Comunicação e trabalho: implicações teórico-metodológicas”. O aprofundamento das reflexões sobre esse binômio está registrado em artigos publicados em várias revistas acadêmicas, com destaque para: “A comunicação como trabalho no capitalismo de plataforma: o caso das mudanças no jornalismo” (2020); “Comunicação e trabalho: implicações teórico-metodológicas” (2018); “Jornalismo e trabalho de jornalistas: desafios para as novas gerações no século XXI” (2014); “A abordagem ergológica e o

mundo do trabalho dos comunicadores” (2011); “Comunicação e trabalho para mudanças na perspectiva sociotécnica” (2010); “Comunicação e Trabalho: binômio teórico produtivo para as pesquisas de recepção” (2009), entre muitos outros.

Consubstancia-se, dessa maneira, uma linha de pesquisa que propugna que a área da Comunicação, para produzir ciência, precisa ampliar seu escopo, muito restrito ao estudo das mídias, para assim adotar um procedimento que compreenda a Comunicação como aspecto fundante da ontologia do ser social, o que lhe dá campo e objeto de estudos mais abrangentes. A abordagem do binômio Comunicação e Trabalho propugna que não há trabalho sem comunicação. Os procedimentos de trabalho não podem prescindir dos processos comunicacionais. A gestão e a racionalização do trabalho são processos comunicacionais. As transformações no mundo do trabalho contemporâneo são mudanças comunicacionais materializadas em procedimentos e tecnologias. A Comunicação ao entender-se como categoria ontológica abre perspectivas que transcendem as propedêuticas profissionais das mídias e de seus manuais.

Feita essa primeira aproximação, a trajetória descrita passa a ser mais bem discutida conceitualmente nos dois eixos seguintes, Comunicação e Trabalho: conceito e aplicações; Comunicação e trabalho no contexto de plataformização e de datificação.

### **Comunicação e Trabalho: conceito e aplicação**

Trabalho é um conceito complexo. Muitos o entendem como emprego, outros como atividade subordinada e outros, ainda, de forma mais ampla, como atividade que produz um bem, serviço e/ou cuidado não necessariamente de forma subordinada e/ou remunerada.

Para o binômio Comunicação e Trabalho, tratar do tema requer compreender o trabalho como atividade humana com finalidade de produção de um produto, um bem, um serviço ou cuidado de forma subordinada ou não subordinada, com ou sem venda de força de trabalho. Nesse aspecto, por exemplo, todos os trabalhos de cuidados domésticos e de pessoas, sem pagamento e sem subordinação

imediate na forma contratual (no entanto, sempre vinculada às condições históricas das disputas sociais entre classes, castas, proprietários e não proprietários) são trabalho. De maneira mais clara, na acepção de Marx e Engels, em *A Ideologia Alemã* (2007), o trabalho, como autoatividade, permite a produção dos meios de vida, processo de diferenciação da natureza e da cultura, o que diferencia o ser humano de outros animais. À medida do evento da divisão do trabalho e da propriedade privada, o trabalho torna-se, ele mesmo, um meio de vida, assim o ser humano é força de trabalho, mercadoria, e aí está a subsunção do trabalho à lógica da dominação.

Essa categorização explicita a contradição fundamental do desenvolvimento histórico da sociedade: o trabalho é forma histórica de autoprodução do ser humano, portanto, pertence à sua ontologia; e é forma de subsunção do ser às fases históricas da propriedade privada, provocando no ser o estranhamento de sua atividade de trabalho.

É também na *Ideologia Alemã* que encontramos a clássica passagem em que Marx e Engels comentam o estar do ser humano no mundo como ser que se produz a si próprio e ser histórico. É na comunicação que se dá a dialética condição do ser matéria significativa, ou seja, ser de consciência. A “maldição” da consciência é estar, como afirmam os autores, “contaminada pela matéria [...] camadas de sons, sob a forma de linguagem [...] ela nasce do carecimento, da necessidade de intercâmbio com outros homens” (2007, p. 34). Esse carecimento e a necessidade de intercâmbio com outros seres humanos têm a finalidade da subsistência e da existência, da manutenção da vida.

Lev Vygotsky, em *Pensamento e Linguagem* (2005, p. 7), nos ajuda a compreender Marx e Engels ao afirmar que “A transmissão racional e intencional de experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador, cujo protótipo é a fala humana, oriunda da necessidade de intercâmbio durante o trabalho.” Dessa maneira, está aí indicada a compreensão de uma ontologia do ser social que é, simultaneamente, atividade de trabalho e atividade de comunicação.

Ao longo da história, essa imbricação de comunicação e trabalho perdura e identifica a espécie humana, porque não há trabalho sem comunicação. Soma-se a essa característica, a especialização de

atividades como trabalho de comunicação, produção de meios de comunicação, ou seja, de artefatos e tecnologias de comunicação.

O artefato é elemento e produto da cultura; é a síntese dialética de comunicação e trabalho. O artefato é unidade conceitual de sentido e de instrumento em ação. O martelo, a enxada, o computador, por exemplo, em diferentes dimensões da história da técnica, são sínteses conceituais com significados e funcionalidades.

Em palavras mais claras, o enunciado do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto, em sua obra monumental, *O conceito de tecnologia*, registra: “A natureza só prepara a ação do animal sobre a natureza, mas no homem a programação inclui a atuação sobre outro homem, mediante a comunicação existencial, para em conjunto agirem ambos sobre o mundo natural. Exatamente isto constitui o modo social de produção.” (2005, p. 320)

Cabe ainda avançar para compreender o movimento dialético materialista que se constitui no próprio binômio, pois trabalho é criação, ineditismo e, nos sistemas de propriedade privada, subsunção do humano ao capital, estranhamento (MARX, 2013). Essa condição já está explícita em *O Capital*. No entanto, vale abordar esse aspecto por outra via. Pela via da Ergologia. Essa linha de pesquisa aproxima a teoria da atividade de Lev Vygotsky e de Alexis Leontiev à Filosofia da Vida, de George Canguillen, e à Ergonomia da atividade de linha francesa. O filósofo Yves Schwartz (1997) caracteriza o trabalho como atividade humana sempre inédita, sempre atuando a partir das normas antecedentes e das prescrições para manifestar-se como ineditismo e renormalização. Para Schwartz a linguagem verbal é aquela manifestação humana que mais se aproxima do trabalho. Esse aspecto da abordagem Ergológica dialoga em profundidade com a dialética materialista, pois considera o movimento da história como processo contraditório e assinala a singularidade do ser social na totalidade da espécie humana.

De maneira sintética, são esses os fundamentos conceituais do binômio Comunicação e Trabalho. Cabe agora discorrer sobre como aplicar essa perspectiva teórica às pesquisas.

A práxis (GRAMSCI, 2006) de pesquisa demanda o movimento contínuo entre formulação, verificação empírica e vice-versa. Em consonância a esse pressuposto, o binômio Comunicação e Trabalho



orienta que o pesquisador se volte para o mundo do trabalho (FIGARO, 2008b) e neste “lócus” observe as problemáticas que se apresentam sempre na perspectiva do trabalhador(a).

Os problemas, objetivos e técnicas de investigação estão postos a serviço de se conhecer os processos comunicacionais no mundo do trabalho, as relações de comunicação que permitem a realização do trabalho, a comunicação como formulação de normas e enquadramentos de gestão, bem como o papel da comunicação na criação, ineditismo, resistência ao embotamento e ao estranhamento de si no trabalho.

Ao assim proceder, a pesquisa revelará as contradições que se apresentam no mundo do trabalho e como a comunicação atravessa todo o processo produtivo e as relações sociais que se dão no mundo do trabalho e em outros espaços em decorrência das ações ali desencadeadas. Para Yves Schwartz, “uma situação de trabalho contém as questões da sociedade” (2007, p. 31).

As técnicas de investigação devem ser múltiplas para abarcar a diversidade de informações que estão no mundo do trabalho. Dessa forma, a triangulação de métodos e investigadores é sempre muito propícia. Os elementos da triangulação de métodos podem ser: pesquisa documental sobre o contexto do setor econômico/empresarial, sobre aspectos das profissões que envolve; pesquisa empírica com levantamento de perfil dos trabalhadores, manuais e documentos técnicos sobre os processos produtivos; entrevistas com gestores, entrevistas aprofundadas com trabalhadores; observação do trabalho e grupos de discussão com trabalhadores. Essas são algumas das técnicas para a obtenção de dados necessários à investigação, muitas outras podem ser pertinentes.

Tais procedimentos metodológicos servem para coleta, organização e análise do que é comunicacional no trabalho, ou seja, falar sobre, no e como trabalho, relatos de experiências, documentos escritos na forma de registros técnicos, normas e prescrições sobre o trabalho, ordens, controles do trabalho e, sobretudo, os embates discursivos que se apresentam na forma do proselitismo que envolve os métodos de racionalização dos processos de trabalho em contraposição às relações de comunicação de trabalhadores para resistir, criar, inovar e

tentar controlar sua atividade de trabalho. As falas de trabalhadores permitem ao investigador se aproximar da atividade de trabalho e verificar como a comunicação se torna parte do processo produtivo.

A operação conceitual e as técnicas de pesquisa também frutificam nos nossos projetos coletivos e individuais, que se espriam por temas bastante variados no universo da comunicação. São inúmeras as pesquisas já realizadas por meio dessa abordagem. Tanto as já citadas anteriormente quanto aquelas fruto da orientação de mestrados e doutorados apontam os resultados positivos de sua aplicação. Como exemplo, há o mestrado de Sérgio Picciarelli, 2009, “As relações de comunicação no processo de produção na Gráfica Abril: inovações, criatividade e reconhecimento do uso de si na atividade de comunicação e de trabalho”, cujos resultados demonstram “como a comunicação tornou-se base de organização dos processos de produção e como as relações de comunicação no nível da produção revelam o saber do trabalhador” (2009, p. 4). Já o mestrado de Edilma Rodrigues dos Santos, 2013, “Estudo de recepção em comunicação: as representações do feminino no mundo do trabalho das teleoperadoras”, contribui para entendermos os discursos do feminino no mundo do trabalho e as marcas conservadoras que ainda o perpassam. Entre outros, vale destacar o doutorado de Cláudia Nociolini Rebechi, 2014, “Prescrições de comunicação e racionalização do trabalho: os ditames de relações públicas em diálogo com o discurso do IDORT (anos 1930-1960)”. Nas conclusões, a pesquisadora verificou que “o desenvolvimento da atividade de relações públicas no Brasil recebeu influência dos princípios da racionalização do trabalho admitidos pelo IDORT e [que] a gênese das prescrições de comunicação nas relações de trabalho em organizações apresenta relação direta com os mesmos princípios” (2014, p. 5).

A aplicação teórico-metodológica do binômio Comunicação e Trabalho trouxe, ainda, resultados bastante relevantes no estudo do trabalho dos jornalistas. Essa tem sido uma marca das investigações nos últimos dez anos do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, desde a publicação do livro *As mudanças do mundo do trabalho dos jornalistas* (FIGARO, NONATO, GROHMANN, 2013). Nessa

perspectiva, contribuem as pesquisas de 2018, novos arranjos do trabalho de jornalistas; e de 2021, discursos jornalísticos e condições de produção em novos arranjos jornalísticos. As teses de Cláudia Nonato Lima (2015), João Augusto Moliani (2020) e Naiana Rodrigues da Silva (2022) somam-se aos estudos de comunicação e trabalho voltado aos profissionais da comunicação e do jornalismo.

Essa abordagem teórico-metodológica revela, a cada pesquisa realizada, novas problemáticas advindas do mundo do trabalho. As mudanças com a introdução das tecnologias digitais e a reorganização dos processos produtivos, facilitados pelos sistemas de conexão em rede e as empresas de plataformas evidenciam ainda mais a pertinência do binômio Comunicação e Trabalho.

### **Comunicação e trabalho no contexto de plataformização e de datificação**

O afastamento obrigatório devido à pandemia de covid-19 amplia o trabalho remoto e, assim, incrementa a problemática da comunicação no mundo do trabalho. As pesquisas realizadas a partir de 2020 abrangem o trabalho plataformizado, o trabalho home office e as situações inusitadas que essa realidade traz para as condições de trabalho e para os perfis profissionais de comunicadores.

Nesse cenário, o binômio Comunicação e Trabalho redobra de importância porque permite olhar o trabalho de perto, ouvir quem trabalha para compreender o que a reorganização dos processos produtivos tem de comunicacional e como impactam a sociedade. Por esse viés, identifica-se as empresas de plataformas como empresas singulares, capazes de subsumirem profissões, empresas e relações entre trabalhadores e suas organizações por direitos.

As pesquisas realizadas, em 2020 e 2021, pelo CPCT, sobre como trabalham os comunicadores no contexto da pandemia de covid-19 (FIGARO, et al., 2020 e 2021), trouxeram insights importantes sobre o trabalho em home office e sua face de desestruturação dos espaços presenciais coletivos de trabalho, transferindo para as empresas de plataformas e seus aplicativos a gestão das

rotinas produtivas, o controle dos procedimentos para o trabalho e de vigilância do(a) trabalhador(a).

A participação, desde 2020, na pesquisa do Projeto Fairwork Brasil, em parceria com outros pesquisadores brasileiros e coordenação da Universidade de Oxford (FAIRWORK BRASIL, 2022), possibilitou acompanhar mais de perto as lógicas de regulação e subordinação do trabalho realizado por meio de aplicativos de empresas de plataformas. Ouvir o relato sobre o cotidiano de trabalho, sobre a perda da noção e do controle da jornada de trabalho e do ganho que advém do tempo trabalhado permitiu avanços na compreensão e na aplicabilidade do binômio Comunicação e Trabalho.

Dessa recente trajetória de pesquisas (2020-2022), há resultados teórico-empíricos que operam de forma dialética para a formulação conceitual de que as empresas de plataformas são empresas que se caracterizam pela coleta, tratamento, circulação e controle de dados (SRNICEK, 2018; CASILLI, 2019). O negócio principal delas são os dados dos usuários, dos trabalhadores e de outras empresas delas dependentes. O trabalho subordinado continua sendo o eixo da gestão do negócio e por meio do qual se dá a extração de mais valor. Há ainda a subordinação de outras empresas à lógica das plataformas, seja porquê usam os serviços de arquivo, de conexão e de circulação dos dados, seja porquê monetizam seus produtos por meio dessas plataformas. Essas atividades desafiam nossa compreensão sobre a morfologia do trabalho (ANTUNES, 2002).

As plataformas organizam as atividades de trabalho nos mais diferentes ramos econômicos de produção, circulação, distribuição e consumo. Elas também atuam como processos de produção em meio ao processo de circulação do capital (GROHMANN, 2019) e, enquanto meio de comunicação, contribuem para a aceleração dessa circulação, diminuindo o tempo de rotação, reduzindo o tempo morto e acelerando produção e consumo (HARVEY, 2018).

Essa caracterização das empresas de plataformas considera que os dados captáveis são a matéria-prima da remodelagem algorítmica. Assim, cabe caracterizar e conceituar os dados vivos do trabalho como “materialidades sensíveis”. Define-se “materialidades sensíveis” como

todos os gestos do trabalho humano vivo, apropriados pelas empresas de plataformas de maneira sistêmica. Essa conceituação é uma hipótese teórica em construção e está lastreada na compreensão de trabalho e de linguagem explicitadas no início deste texto.

O conceito de “materialidades sensíveis” recobre todas as interações humanas com o meio e com o social, pois esses movimentos e ações são matéria-prima para a constituição de arquivos que fornecem base de dados digitalizáveis para as remodelações algorítmicas e também para formatação de perfis comercializáveis. Centramos a concepção desse conceito na interação e, portanto, em todos os deslocamentos inter e intradiscursivos pertinentes às atividades de trabalho.

As “materialidades sensíveis” são captáveis, reorganizáveis e arquiváveis. Como arquivo em uso, são a base para as atualizações e remodelagem dos algoritmos e das ferramentas digitais (aplicativos etc.), em constante racionalização da gestão dos processos de trabalho. A cada atualização, demanda-se um ato também atualizado do trabalho.

O conceito de materialidades sensíveis em processo de elaboração no âmbito do binômio comunicação e trabalho é elemento a ser estudado e comprovado nas próximas investigações do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho – CPCT.

## **Considerações finais**

Para concluir, cabe ressaltar o quão produtivo o binômio Comunicação e Trabalho tem se mostrado para as Ciências da Comunicação, abrindo, para essa área do conhecimento, um conjunto de problemas e domínios de pesquisa.

Como abordagem teórico-metodológica, o binômio Comunicação e Trabalho se constitui por meio de perspectiva trans e multidisciplinar, em um sistema de conhecimento aberto, dialético e materialista, atento às mudanças e fortemente ancorado por pesquisa empírica.

Por fim, há um conjunto de novas pesquisas na perspectiva do binômio Comunicação e Trabalho em andamento e, certamente, elas permitirão aprofundar a compreensão sobre as mudanças que estão acontecendo na estrutura da sociedade, pois o mundo do trabalho é o

eixo que opera as relações que nela se desenvolvem e que constituem o ser humano.

## Referências

- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6. ed. São Paulo: Boitempo, 2002.
- CANGUILLEN, G. Milieux et normes de l'homme au travail. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, v. 3, p. 120-136, 1947.
- CASILLI, A. **En attendant les robots**. Enquete sur le travail du clic. Paris: Seul, 2019.
- FAIRWORK. **Fairwork Brazil Ratings 2021**: Towards Decent Work in the Platform Economy. Porto Alegre, Brazil; Oxford, United Kingdom; Berlin, Germany, 2022.
- FIGARO, R. (Org.); NONATO, C.; GROHMANN, R. **As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas**. São Paulo: Atlas, 2013.
- FIGARO, R. Comunicação e trabalho: implicações teórico-metodológicas. **Galáxia**, n. 39, São Paulo, Sep-Dec. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-255435905>. Acesso em: 1 out. 2022.
- FIGARO, R. *et al.* As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia. São Paulo: ECA-USP; Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2018. 245 p. Disponível em: <https://www.l1nq.com/hsBB3>. Acesso em: 1 out. 2022.
- FIGARO, R. *et al.* Como trabalham os comunicadores na pandemia do covid-19? **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, n. 3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33239/rjtdh.v.76>. Acesso em: 1 out. 2022.
- FIGARO, R. *et al.* **Discurso jornalístico e condições de produção em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP; Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021. 462 p. Disponível em: <https://www.l1nq.com/CLK3U>. Acesso em: 1 out. 2022.
- FIGARO, R. Jornalismo e trabalho de jornalistas: desafios para as novas gerações no século XXI. **Revista Parágrafa**, v. 2, n. 2, 2014.
- FIGARO, R.; MARQUES, Ana Flávia. A comunicação como trabalho no capitalismo de plataforma: o caso das mudanças no jornalismo. **Revista Contracampo**, v. 39, n. 1, 2020. Niterói: UFF, on-line. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38566>. Acesso em: 1 out. 2022.

- FIGARO, Roseli *et al.* Os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de covid-19. **Líbero**, v. 24, n. 49, p. 61-89, 2021. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003067089.pdf>. Acesso em: 1 out. 2022.
- FIGARO, Roseli. A abordagem ergológica e o mundo do trabalho dos comunicadores. **Trabalho, Educação, Saúde**, v. 9, n. 1, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-774620110004000014>.
- FIGARO, R. Comunicação e trabalho para mudanças na perspectiva sociotécnica. **Revista USP**, n. 86, p. 96-107, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.voi86p96-107>.
- FIGARO, R. Comunicação e trabalho: binômio teórico produtivo para as pesquisas de recepção. **Mediaciones Sociales**, v. 4, p. 23-49, 2009. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/MESO/article/view/MESO0909120023A>.
- FIGARO, R. **Relações de comunicação no mundo do trabalho**. São Paulo: AnaBlume, 2008a.
- FIGARO, R. O mundo do trabalho e as organizações: abordagens discursivas de diferentes significados. **Organicom**, v. 5, n. 9, p. 90-100, [S. l.], 2008b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/138986>. Acesso em: 30 set. 2022. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.
- FIGARO, R. **Comunicação e trabalho**. O mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita, 2001.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. 6 volumes. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- GROHMANN, R. Financeirização, midiaticização e dataficação como sínteses sociais. **Mediaciones de la Comunicación**, v. 14, n. 2, p. 97-117, 2019.
- HARVEY, D. **A loucura da razão econômica**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- LEONTIEV, A. **Le développement du psychisme**. Paris: Editions Sociales, 1976.
- LIMA, C. N. **Jornalistas, blogueiros, migrantes da comunicação**: em busca de novos arranjos econômicos para o trabalho jornalístico com maior autonomia e liberdade de expressão. 2015. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. DOI.10.11606/T.27.2015.tde-26062015-112522.
- MARX, K. ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, K. **O capital**. v. I. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MOLIANI, J. A. **O trabalho em agências de comunicação**: processos produtivos e densificação da atividade no jornalismo de cabo preso com o cliente. 2020. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.27.2020.tde-02032021-111757>. Acesso em: 12 out. 2022.

PICCIARELLI JUNIOR, S. **As relações de comunicação no processo de produção na Gráfica Abril**: inovações, criatividade e reconhecimento do uso de si na atividade de comunicação e de trabalho. 2009. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. DOI 10.11606/D.27.2009.tde-31082015-154104.

VIEIRA PINTO, A. **O conceito de tecnologia**. v. II. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

REBECHI, C. N. **Prescrições de comunicação e racionalização do trabalho**: os ditames de relações públicas em diálogo com o discurso do IDORT (anos 1930-1960). 2014. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. DOI 10.11606/T.27.2014.tde-20102014-110342.

SANTOS, E. R. **Estudo de recepção em comunicação**: as representações do feminino no mundo do trabalho das teleoperadoras. Dissertação de Mestrado (Escola de Comunicações e Artes) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. DOI 10.11606/D.27.2011.tde-10062013-114554.

SCHWARTZ, Y. **Reconnaissances du travail**. Pour une approach ergologique. Paris: PUF, 1997.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. **Trabalho e ergologia**. Conversas sobre a atividade humana. Niterói: Eduff, 2007.

SILVA, N. R. da. **As relações de comunicação e de trabalho de jovens jornalistas cearenses**: um estudo sobre as dramáticas do uso de si, o ethos e a deontologia profissionais. 2022. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

SRNICEK, N. **Capitalismo de plataformas**. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

YVGOTSKY, L. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005





# A comunicação como semiose e os desafios da sociedade da informação

Vinicius Romanini

## A semiótica como lógica da comunicação

O problema fundamental de minha pesquisa sempre esteve ligado à epistemologia da comunicação ou, mais precisamente, à ontologia dos processos comunicativos. O fenômeno da comunicação não é trivial, ou seja, não pode ser considerado como um dado de partida, irrefletido, e sobre o qual se edificaria uma teoria social aplicada. A comunicação é um processo complexo, que envolve diferentes estados cognitivos, desde a percepção imediata até a argumentação compartilhada socialmente por meio de inferências. Embora as Ciências da Comunicação tenham tradicionalmente privilegiado na dimensão humana e cultural, a comunicação parece ser um processo biossemiótico, ou seja, está associada a processos mentais e biológicos que se baseiam em signos, especialmente símbolos. Os processos de causação observados na natureza (ROMANINI, 2014) são os mesmos que dão a forma geral dos processos comunicativos.

É claro que a comunicação depende de códigos e linguagens para produzir e comunicar sentido. No entanto, há nela extratos mais fundamentais que não podem ser descartados numa abordagem epistemológica

(MACHADO; ROMANINI, 2010). Em primeiro lugar, a dimensão estética que nos obriga a pesquisar a fenomenologia e as poéticas artísticas. Em segundo lugar, a dimensão ética, pois a ação de comunicar é um processo contínuo de escolhas dentro das possibilidades da linguagem e, a cada escolha, se vincula uma consequência a ser avaliada entre os participantes do processo. Essas duas dimensões, nem sempre consideradas nas teorias clássicas, mostram-se bastante relevantes no atual estágio da plataformização da cultura, em que elementos estéticos se sobrepõem à racionalidade simbólica, exigindo novas abordagens éticas para os problemas da comunicação que circula na esfera digital.

Podemos então concluir que a semiótica estuda o fenômeno comunicativo como uma tessitura de signos produzidos, enunciados e interpretados em todas essas dimensões possíveis (ROMANINI, 2015b e 2016), das quais emergem terminalidades, como Jornalismo, Publicidade, Cinema, Artes Visuais, Artes Cênicas, Educomunicação, Ciências da Informação, Relações Públicas etc. As comunicações e as artes são, portanto, expressões da semiose humana ou ação do signo na esfera da nossa cultura. Cabe ao semioticista, munido com a bateria analítica oferecida pela semiótica, escolher os objetos empíricos de seu interesse de pesquisa para explicitar as relações profundas que conectam nossa cognição individual à produção social de sentido e assim explicar os jogos de linguagem que motivam nossas interações sociais. A semiótica pensa a comunicação como uma atividade retórica (ROMANINI, 2018b).

Para desempenhar essa tarefa, o semioticista precisa conhecer com profundidade a tipologia dos signos e suas regras de composição, ramo da semiótica denominado gramática. Além disso, precisa estudar criticamente as proposições comunicativas, pois são elas que expressam a informação a ser compartilhada e asseveram as crenças que embasam os discursos opinativos que circulam na esfera da cultura. Por fim, precisa estudar as formas lógicas dos argumentos usados nos debates de ideias, narrativas e discursos persuasivos que agem na camada mais abstrata da comunicação. A normatividade estética da gramática, a crítica ética das asserções e o método lógico para a produção social de sentido formam os ramos da semiótica que tem as formas de semiose como seu objeto de estudo principal (ROMANINI, 2015).

## Fundamentos semióticos da comunicação

A disciplina “Fundamentos Semióticos da Comunicação”, marca minha entrada no PPGCOM da USP, é justamente a que procura explicitar a estrutura em andaimes e os níveis crescentes de complexidade envolvidos na perspectiva semiótica aplicada à comunicação. A perspectiva semiótica engloba o pragmatismo como um método para esclarecer o significado dos símbolos compartilhados numa comunidade. A lição primeira do pragmatismo é considerar o significado do símbolo como a soma resultante de todos os efeitos (ou consequências) que ele seria capaz de produzir, ainda que virtualmente. O significado, portanto, não um campo apriorístico aceito como um dado de partida, mas algo em contínua evolução e desenvolvimento por meio da experiência compartilhada socialmente. E a informação semiótica é justamente esse diferencial que se realiza na dinâmica do tempo como acréscimo de significação ao longo da experiência. A informação semiótica pode ser decomposta em dois eixos: 1) o da compreensão, que concentra o desenvolvimento dos atributos do símbolo; 2) o da extensão, que concentra o aumento da capacidade de denotação do símbolo. Predicar por meio de atributos gerais ou indicar por meio de seletivos lógicos são as duas principais funções dos símbolos durante o processo de comunicação. Esses conceitos são importantes para entender também a desinformação como produtora de sentido social, algo que a teoria da informação de Shannon, baseada na incerteza associada a sinais de um código, não consegue fazer (RIPOLL; OHLSON; ROMANINI, 2022).

A proposição e, mais especificamente, a asserção pela qual participantes da comunidade expressam suas opiniões e colhem os resultados de sua expressão, inclusive éticos e morais, é considerado na semiótica o tipo de símbolo que merece especial atenção. Por exemplo, é por meio de proposições que símbolos atual culturalmente. Uma publicidade, uma reportagem, um livro, uma peça de teatro, um programa de televisão ou um site na internet são exemplos de símbolos proposicionais agindo na esfera da cultura, produzindo efeitos que movimentam o sentido. A partir desse princípios, podemos

estudar a pletora de classes de signos que vive no interior das trocas simbólicas: ícones, índices, metáforas, diagramas, metonímias e uma infinidade de subdivisões a depender do grau de refinamento desejado pela análise semiótica.

A comunicação passa, então, a ser compreendida como um sistema lógico complexo em que, sob a coordenação do símbolos, todos as demais classes de signos são mobilizadas e articuladas para gerar sentido socialmente. Se os canais de comunicação são estruturas espaçotemporais por onde a informação semiótica se propaga, os meios de comunicação são as estruturas lógicas por meio das quais códigos são gerados e linguagens são criadas e se desenvolvem continuamente para explorar as possibilidades de geração de sentido da esfera da cultura. As linguagens que nascem com as redes sociais, por exemplo, se servem de um novo canal (a internet), novos códigos (os protocolos da rede mundial de computadores e seus desdobramentos em interfaces, plataformas, aplicativos etc.) para ocupar as novas dimensões de redes de interação, como Facebook, Twitter, Whatsapp, TikTok etc. (ROMANINI, 2012). Em cada uma delas, as linguagens crescem e se desenvolvem com especificidades que incluem a criação de novos gêneros e hibridizações com linguagens anteriores. Todos esses fenômenos são semióticos e geram objetos empíricos para semioticistas, embora apresentando sempre desafios teóricos e epistemológicos para quem estuda os fundamentos da comunicação.

### **Teoria dos sistemas e da auto-organização**

A teoria dos sistemas oferece um arcabouço conceitual importante para pensarmos a comunicação social em tempos de globalização, plataformização da cultura e computação ubíqua, principalmente se unida aos preceitos da semiótica. O principal diferencial dessa abordagem é focar nas relações ao invés da materialidade constitutiva dos sistemas comunicativos. E relação é uma propriedade dos signos gerais, especialmente símbolos. Um sistema pode ser definido simplesmente como um agregado de coisas (sejam entidades materiais, como objetos, partes, ou entidades racionais, como números, figuras

geométricas etc.) que estão em qualquer tipo possível de relação de forma a gerar uma propriedade emergente, ou seja, um atributo que não pertence às coisas particulares mas que emerge justamente como resultado das relações. Todo sistema existe num ambiente mais amplo que, por sua vez, também é um sistema. A abordagem sistêmica é holística, ou seja, considera que as propriedades definidoras do sistema pertencem à sua totalidade e não podem ser reduzidas às partes componentes. Ela também implica uma hierarquia complexa de hólons, em que estratos mais internos (intrínsecos) de um sistema apresentam parâmetros, como estrutura, coesão, funcionalidade e organização; e estratos mais externos (extrínsecos) desenvolvem parâmetros como o de auto-organização e de comunicação com o ambiente e com outros sistemas. A comunicação, portanto, é um fenômeno característico de sistemas complexos capazes de auto-organização (ROMANINI, 2014a). Esses sistemas são capazes de implementar homeostase, ou autorregulação de seus parâmetros internos, o que lhes permite permanecer no entorno de estados dinâmicos estacionários distantes do equilíbrio termodinâmico. Essa configuração especial também lhes garante uma hipersensibilidade às condições iniciais, o que lhes garante um grau especial de liberdade, imprevisibilidade e criatividade.

A comunicação social humana é um ótimo exemplo de fenômeno sistêmico complexo regido por dinâmicas hipersensíveis, em que interações em níveis mais fundamentais do sistema podem produzir reverberações e ressonâncias imprevisíveis, a ponto de mudar inclusive as propriedades mais gerais do sistema, transformando sua essência. As plataformas de redes sociais têm demonstrado que o entendimento dessa dinâmica é importante para compreender fenômenos comunicativos em geral mudanças estruturais. Esses movimentos de longa duração, alimentado pelas interações em tempo real das plataformas de redes sociais, são exemplos de como sistemas complexos podem entrar em deriva e caminhar para catástrofes a partir de reverberações nos extratos mais básicos que alteram suas relações com grande hipersensibilidade – um fenômeno popularmente conhecido como “efeito borboleta”.

A semiótica entende esses sistemas dinâmicos complexos como símbolos que se transformam por meio da quebra de hábitos (padrões),

a partir da introdução fortuita de novidade (ícones), expansão de sua capacidade de reagir concretamente no espaço-tempo (índices) e, por fim, a capacidade de produzir efeitos gerais por meio de uma contínua seleção das novidades para quebrar velhos hábitos e introduzir novos, alterando as configurações sociais e a produção de sentido entre os participantes da comunidade. A semiose, portanto, pode ser descrita como um processo contínuo de transformação dos parâmetros de sistemas complexos em comunicação – perspectiva que oferece uma visão original e interessante para os fenômenos comunicacionais da contemporaneidade, principalmente as teorias e modelos do século passado, baseados na linearidade da transmissão de sinais entre emissores e receptores por meio de um canal. A teoria dos sistemas complexos associada à semiótica já não divide agentes comunicativos de forma estanque, mas adota a perspectiva holística que vê a significação como uma propriedade primitiva desses sistemas e que deve ser considerada real e geral. Para o semioticista de extração peirceana, o realismo metafísico é uma imposição lógica.

### **Comunicação, semiótica e tecnologias cognitivas**

Diante dos recentes desafios trazidos pela introdução de tecnologias cognitivas no campo da comunicação, busquei uma visão interdisciplinar que perpassa as humanidades, as biociências e as ciências da computação. A partir de 2023, passei a oferecer no PPGCOM a disciplina “Comunicação, Semiótica e Tecnologias Cognitivas” para compartilhar a nova fase de minhas pesquisas sobre a epistemologia da comunicação.

As ciências cognitivas ocupam justamente esse espaço de interface, procurando entender fenômenos cognitivos, tais como percepção, emoção, representação, inteligência e, claro, a própria comunicação (IBRI; QUEIROZ; ROMANINI, 2017). O **princípio da minimização da energia livre** e sua versão teleológica conhecida como **inferência ativa** unem conhecimentos da física e da matemática, têm sido usados para a arquitetura das redes neurais usadas no aprendizado de máquina profundo (ROMANINI, no prelo). Conceitos como autopoiesis, cognição situada e incorporada e mente estendida foram unidos aos arcabouço tradicional da teoria dos sistemas auto-organizados para compreender

o atual estágio da comunicação humana, que começa a se servir de inteligência artificial para a produção de narrativas (do jornalismo à ficção), investigação científica, criação artística e, até mesmo, a simulação de afetividade na interação com seres humanos.

A inteligência artificial entrou no cotidiano das sociedades da comunicação desde que, na primeira década do século XXI, os computadores passaram a ter uma capacidade (e velocidade) de computação e memória suficiente para simular processos cognitivos humanos. Os métodos de computação associados ao “big data” identificam padrões de comportamento de agentes cognitivos que podem ser individuais ou de grupos imensos de usuários das plataformas de redes sociais, exercendo uma capacidade preditiva que lhes confere o poder de, literalmente, fabricar valor e acumular riqueza de uma maneira jamais pensada no passado. A manipulação da opinião pública foi imensamente potencializada com a produção de desinformação (MIELLI; ROMANINI, 2019), discurso de ódio e teorias conspiratórias, que agora circulam sem regulação adequada nas plataformas de redes sociais e colocam em cheque as formas de debate e produção social do consenso necessário para a manutenção das democracias (GUARDA; OHLSON; ROMANINI, 2018).

Entender a produção das crenças por meio da mudança de hábitos socialmente compartilhados a partir da plataformização da cultura é um dos grandes desafios da pesquisa comunicacional da contemporaneidade, para o qual a semiótica e o pragmatismo têm contribuições relevantes para oferecer (CALDAS; ROMANINI, 2021). É esse propósito que anima minha pesquisa atual.

## Referências

- CALDAS, P. N.; ROMANINI, V. Opinião pública e tecnologia: os impactos do big data nos estudos de opinião pública sob o olhar do pragmatismo. **Trans/Form/Ação**, v. 44, p. 375-398, Marília, SP: Unesp, 2021.
- GUARDA, R. F.; OHLSON, M. P.; ROMANINI, V. Disinformation, dystopia and post-reality in social media: A semiotic-cognitive perspective. **Education for Information**, v. 34, p. 1-13, 2018.



- IBRI, I. A.; QUEIROZ, J, M.; ROMANINI, V. Cognition in Peirce's semiotic *In: Cognitive Science: Recent Advances and Recurring Problems*. **Dalaware: Vernon Press**, v. 1, p. 231-244, 2017.
- MACHADO, I.; ROMANINI, V. Semiótica da comunicação: da semiose da natureza à cultura. **Revista FAMECOS**, v. 17, p. 89-97, 2010.
- MIELLI, R.; ROMANINI, V. A comunicação dominada pelos “big techs” digitais: superabundância informativa, espetáculo, alienação e fabricação de sentido no mundo algorítmico. **Eptic On-Line (UFS)**, v. 23, p. 142-161, 2021.
- RIPOLL, L.; OHLSON, M.; ROMANINI, V. Analysis of the Concept of Disinformation from Peirce's Semiotics. **Linguistic Frontiers**, v. 5, p. 61-68, 2022.
- ROMANINI, V. Tudo azul no universo das redes. **Revista USP**, v. 92, p. 59-73, 2012.
- ROMANINI, V. Prolegômenos para uma teoria semiótica da auto-organização. *In: Auto-organização: estudos interdisciplinares*. Campinas: Unicamp, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, v. 66, p. 375-415, 2014a.
- ROMANINI, V. Semeiosis as a Living Process. 1. ed. **Biosemiotics**. Dordrecht: Springer, Netherlands, v. 1, p. 215-239, 2014b.
- ROMANINI, V. La contribución de Peirce para la teoría de la comunicación. *In: GARDUÑO, G. O.; GÁMEZ, L. M. (Coord.). Diez autores clave para comprender la comunicación como metadisciplina*. Cidade do México: Universidade Autónoma del Estado de México, 2015b. p. 135-164.
- ROMANINI, V.. A contemporaneidade de Peirce no pensamento comunicacional *In: Cibertecs: conceitos, interações, automações, futurasções*. São Luis: LabCom Digital, v.1, p. 28-43, 2016.
- ROMANINI, V. A retórica segundo Peirce. *In: Sementes de Pragmatismo na contemporaneidade: homenagem a Ivo Assad Ibri*. São Paulo: FiloCzar, v. 1, p. 195-209, 2018b.
- ROMANINI, V. How Information Gets Its Meaning. **Biosemiotics and Evolution: The Natural Foundations of Meaning and Symbolism**. Dordrecht: Springer, v. 1, p. 117, 2022.
- ROMANINI, V. From perceptron to semiotron: A biosemiotic approach to artificial intelligence. *In: BIGLIARI, A. (Ed.). Open Semiotics*, v. 7 (Semiotics and Artificial Intelligence), Paris: L'Harmatton, no prelo.

# Um percurso epistemológico para a pesquisa de comunicação

Maria Immacolata Vassallo de Lopes

## Ao modo de apresentação

Desenvolvo aqui um texto autorreflexivo, ao modo de uma autobiografia intelectual, que reconstrói momentos-chave da vida da autora a fim de esclarecer a sua inserção no campo da pesquisa/docência dos estudos da Comunicação. Costuro aqueles em que produzi trabalhos mais de corte epistemológico/metodológico, que visaram tanto a construção de uma teoria da pesquisa empírica em comunicação quanto uma reflexão metodológica *lato sensu* sobre a prática da pesquisa comunicacional, que venho desenvolvendo na disciplina “Metodologia da Pesquisa em Comunicação”, que leciono anualmente dentro do PPGCOM-USP. Ambos os aspectos, tanto a teoria como a prática da pesquisa, têm estado presente ao longo de meu trabalho acadêmico sobre os objetos empíricos que escolhi<sup>1</sup> para pesquisar e que envolveram o Popular como fenômeno de comunicação.

Desde este início, expresso um esforço deliberado de reflexividade, uma tentativa de autoanálise tentando relacionar vida e

---

<sup>1</sup> A escolha dos temas de pesquisa dificilmente é responsabilidade exclusiva do pesquisador, antes, ela deve ser creditada a fatores subjetivos e objetivos, tanto micro como macrossociais de suas condições de existência.

empreendimento intelectual e de firmar os princípios que nortearam certa coerência no pensamento e na ação, um pulso sobre o afeto e a razão. Busco aplicar na desconstrução e reconstrução dessa trajetória o próprio método que fui lapidando ao longo de meu trabalho acadêmico. E afirmo ter escolhido como meu programa forte de estudo dois objetos da Comunicação – a Metodologia e a Telenovela – combinação que parece tão esdrúxula, à primeira vista, mas que, em verdade, dão completa organicidade a esse programa. Explico: meus trabalhos metodológicos me fazem compreender melhor a complexidade da telenovela e tanto como o trabalho com a telenovela coloca desafios metodológicos e epistemológicos à pesquisa de Comunicação. Também posso afirmar que são as duas entre as minhas realizações que mais tiveram repercussão na área. Para fins de exposição, porém, vou aqui dividir esses dois objetos de estudo.

### **1. A busca da pesquisa como empreendimento intelectual de vida, ou o longo percurso para a pesquisa de Comunicação**

A pesquisa constituiu-se em objeto de meus estudos a partir da graduação, realizada no curso de Ciências Sociais da USP. Tive a sorte de estudar nesse curso em um momento em que ele se configurava como a ponta de lança da crítica intelectual e pública ao regime militar (1964-1985) e como celeiro de nomes marcantes que formavam a chamada “escola paulista de Sociologia”, em torno da figura de Florestan Fernandes. Acredito que devo à formação que ali tive à disposição que desenvolvi o diálogo permanente, ainda que tenso e conflituoso, entre as diferentes linhagens paradigmáticas e teóricas que têm marcado a história das Ciências Humanas e Sociais. Resumo com o pensamento de Florestan Fernandes o que hoje se definiria como “transgressão teórica”: numa pesquisa se podia usar indistintamente autores marxistas e funcionalistas? Florestan respondia a isso de uma maneira extremamente contemporânea ao dizer que dependendo do objeto, autores de outra matriz teórica que não fosse aquela de base do autor podiam ser assimilados, desde que houvesse um trabalho de

apropriação dialética. Dialectizar ou confrontar criticamente os autores sem cair num ecletismo teórico ingênuo. Isso afirmado em plena década de 1960, quando hoje, os mais incautos (“pós-modernos”?) acreditam que a problemática da diversidade de paradigmas teóricos é da última hora.

As questões da diversidade (vetor de dispersão) e da integração (vetor de convergência) teórica e metodológica das Ciências Sociais e Sociais marcou-me profundamente e foi responsável por me treinar um certo olhar interno, próprio da crítica epistemológica sobre as teorias em geral.

Outro ponto marcante foi o interesse por certos temas, em um nascente interesse pela sociologia da comunicação e da cultura. No fenômeno da comunicação de massa já me chamava a atenção não tanto a massificação, mas a preferência manifestada por públicos diversos pelos mesmos programas. O que o povo mais gostava de ver e de ouvir? Por quê? Queria aliar meu interesse pelo estudo da ideologia dominante a uma tendência inata pelo popular. Pretendia fazer um trabalho sobre Sílvio Santos desde que eu cursava a graduação. Outro tema que me sensibilizava era o das migrações que incidia exatamente sobre a questão da modernização em países subdesenvolvidos, no caso, o Brasil, onde coexistiam temporalidades e espaços vividos profundamente diferentes. Acabei por ingressar na pós-graduação da ECA e por trabalhar na conjunção desses dois interesses, o do massivo com o popular e o tema da marginalização social, do que resultou minha dissertação de mestrado, publicada como “O Rádio dos Pobres. Comunicação de massa, ideologia e marginalidade social” (LOPES, 1988).

**O objeto dessa dissertação situava-se no trânsito interdisciplinar entre comunicação, sociologia e semiologia.** Tinha por foco três programas populares de rádio e seu público de baixa renda. Tentei trabalhar com a dimensão sociológica do público, a dimensão semiológica do discurso radiofônico e a dimensão comunicacional entre as duas. Apresentava uma abordagem de base marxista, operando combinações teóricas e metodológicas diversas. Hoje, esse trabalho é tido como um dos precursores dos estudos de recepção. Estão lá a pesquisa de campo e a interpretação teórica dos dados

empíricos; ainda, a dimensão da microestrutura do cotidiano e dos programas de rádio e a macroestrutura da sociedade brasileira a legitimar a marginalidade social e os meios de comunicação que exerciam a hegemonia cultural junto às camadas populares.

Depois do mestrado, começo outra fase da minha trajetória de estudos. Ela tem a ver com a decisão de fazer um **doutorado sobre a pesquisa de Comunicação**, ou seja, uma pesquisa sobre a pesquisa, uma tese metodológica, que é afinal, uma pesquisa epistemológica. O projeto inicial era analisar o estado da arte da pesquisa de Comunicação no Brasil, sua constituição como campo de estudos interdisciplinares, suas áreas e linhas de pesquisa. Depois, ao longo do processo, o projeto foi ganhando um perfil nitidamente sobre a prática metodológica ao dirigi-lo para a análise interna de dissertações e teses sobre Comunicação Popular. Novamente, refaço as ligações com minhas raízes. Volto-me para a releitura da obra teórica de Florestan Fernandes. O modelo metodológico para a pesquisa de Comunicação que acabo propondo na tese de doutorado tem tudo a ver com ela. Persegue o rigor metodológico sem deixar de lado a “imaginação metodológica” do ofício de pesquisador. Propõe elaborar a pesquisa atendendo às demandas metodológicas expressas em níveis e fases que se articulam formando um modelo em rede. Reafirmo o princípio de que toda pesquisa é uma construção do investigador, ao mesmo tempo em que ela determina a prática desse investigador. Liberdade e determinismo – a eterna batalha que se manifesta ao longo de todo processo de pesquisa.

## **2. Um Modelo Metodológico de pesquisa empírica de comunicação**

Após a defesa do doutorado, firmei duas linhas de interesse na Pós-Graduação da ECA: Metodologia da Pesquisa em Comunicação e Comunicação e Cultura Popular. Nelas moldei o *habitus* que imprimiria à pesquisa e à docência: o trabalho transversal às disciplinas estabelecidas, a vigilância epistemológica do pensamento teórico e metodológico e o prazer pela pesquisa empírica.

O Modelo Metodológico para a pesquisa de Comunicação que acabei propondo na tese de doutorado foi publicado com o título de *Pesquisa em Comunicação. Formulação de um modelo metodológico* (LOPES, 1990) e tem tudo a ver com esse meu *habitus*. Persegue o rigor metodológico sem deixar de lado a “imaginação metodológica” do **ofício do pesquisador**. Esse modelo metodológico é uma de minhas duas realizações que mais teve repercussão na área. A outra é a telenovela de que falarei adiante.

As observações que se seguem derivam desse modelo e dos trabalhos que desenvolvi, aprofundando-o e ajustando-o seja na sala de aula seja nas pesquisas. É um modelo metodológico para a pesquisa empírica de Comunicação e ele se tornou referência central em meus trabalhos sobre a epistemologia, a teoria e as práticas da pesquisa. Ele propõe planejar e realizar a pesquisa atendendo a demandas de operações metodológicas que se expressam em níveis e fases que se articulam formando um modelo em rede. Defino a metodologia da pesquisa como um processo de tomada de decisões e opções que estruturam a investigação em níveis e em fases que se realizam num espaço determinado, que é o espaço epistêmico. Minhas referências básicas nesse modelo são: Bachelard, Bourdieu, Piaget, Florestan Fernandes, Wallerstein, Vattimo, Morin e Martín-Barbero.

Seu enfoque é metodológico *lato sensu*, isto é, interno ao fazer científico e onde ele se confunde com a reflexão epistemológica. Dois pontos destacam-se nesse enfoque. O primeiro é que a epistemologia é tratada ao nível histórico e operatório, na tradição de Bachelard (1949, 1972, 1974), isto é, como sendo um nível da prática metodológica, entendendo-se, portanto, que a reflexão epistemológica opera internamente à prática da pesquisa. A reflexão epistemológica é a operação metodológica de entrada e se desenvolve através de ações de permanente vigilância e de autocontrole sobre a prática da pesquisa e dela resulta a *autonomia relativa da pesquisa*. Em outros termos, a crítica epistemológica rege os critérios de validação interna do discurso científico. O segundo ponto a destacar é que a reflexão epistemológica é necessária, mas não é suficiente se não for combinada aos critérios de validação externa apoiados na crítica feita pela sociologia

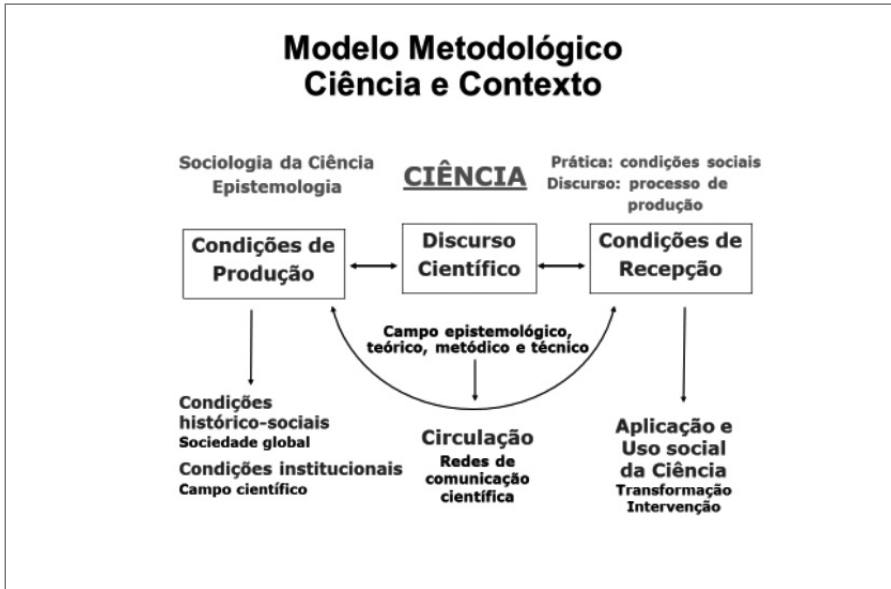
do conhecimento. Como recurso de crítica epistemológica da pesquisa de Comunicação, retomo algumas concepções da sociologia da ciência. E aqui encontro correspondências com o conceito de *sociedade da comunicação generalizada*, de Vattimo (1992) e *de agenda de nação na pesquisa*, de Martín-Barbero (2009).

*As condições de produção da pesquisa no Modelo Metodológico*

De acordo com a sociologia da ciência, a ciência é vista como um sistema empírico de atividade social que se define por um certo tipo de discurso decorrente de condições concretas de elaboração, difusão e desenvolvimento. São as condições de produção que definem o horizonte dentro do qual se movem as decisões que permitem falar de uma certa maneira sobre um certo objeto. Em outro texto (LOPES, 1997), indiquei que as condições de produção de uma ciência podem ser resumidas em três grandes contextos. O primeiro é o *contexto discursivo*, no qual podem ser identificados paradigmas, modelos, instrumentos, temáticas que circulam em determinado campo científico. Trata-se propriamente da história de um campo científico, os percursos pelos quais ele vem se constituindo, firmando suas tradições e tendências de investigação. O segundo é o *contexto institucional*, constituído por mecanismos de mediação entre as variáveis sociológicas globais e o discurso científico e que se realizam como dispositivos organizativos de distribuição de recursos e de poder dentro de uma comunidade científica. Corresponde ao que Bourdieu (1983) chama de “campo científico”. E o terceiro fator, o *contexto histórico-social*, é onde residem as variáveis sociológicas que incidem sobre a produção científica, com particular interesse pelos modos de inserção da ciência e da comunidade científica dentro de um país ou no âmbito internacional.

Segue-se que o conhecimento científico é sempre o resultado desses múltiplos fatores, de ordem científica, institucional e social, os quais constituem as condições concretas de produção de uma ciência. Esse discurso científico tem suas condições próprias de circulação e de recepção, através das quais é socializada e aplicada visando a intervenção e a mudança sociais. É o que pode ser visualizado no gráfico 1.

Gráfico 1



*O processo de produção da pesquisa no Modelo Metodológico*

Falar de metodologia implica sempre um “falar pedagógico”, pois parte-se, de todo modo, de uma determinada concepção de pesquisa ou, mais propriamente, de uma determinada teoria da pesquisa que é concretizada na prática da pesquisa. O efeito desse falar remete invariavelmente a um “como fazer pesquisa”. Assim, sublinho que as presentes ponderações derivam de minha prática com o ensino de metodologia no PPGCOM-USP, com a avaliação institucional de projetos de pesquisa de Comunicação, além, é claro, de minhas próprias experiências de investigação. Isso tem me dado, no mínimo, a possibilidade de basear minhas concepções na crítica à prática concreta da pesquisa, notadamente, a brasileira.

São *dois princípios básicos* que regem esse modelo: 1) a reflexão metodológica não se faz de modo abstrato porque o saber de uma disciplina não é destacável de sua implementação na investigação. Portanto, o método não é suscetível de ser estudado separadamente das investigações em que é empregado; 2) a reflexão metodológica não só é



importante como necessária para criar uma atitude consciente e crítica por parte do investigador quanto às operações que realiza ao longo da investigação. Deste modo, torna-se possível internalizar um sistema de hábitos intelectuais, que é o objetivo essencial da metodologia.

Quero ressaltar que um ponto central dessa concepção de pesquisa é a noção de modelo que ela acarreta. Seu postulado é a autonomia relativa da metodologia, isto é, um domínio específico de saber e de fazer e o decorrente trabalho metodológico reflexivo e criativo.

Mas por que construir um modelo metodológico para a pesquisa de Comunicação? Como lembra Granger (1960), a tarefa da ciência é a construção de modelos que objetivam a experiência, mesmo que sua realização seja sempre aproximativa, uma vez que o trabalho científico assenta sobre uma inadequação, uma tensão sempre presente entre o pensamento formal e a experiência humana que pretende conceituar. Talvez seja na presença mesma dessa tensão entre o discurso científico e o real que se assenta o ideal de compreensão da ciência.

O modelo metodológico que apresento articula o campo da pesquisa em níveis e fases metodológicas, que se interpenetram dialeticamente, do que resulta uma concepção simultaneamente topológica e cronológica de pesquisa. A visão é a de um modelo metodológico que opera em rede. O eixo paradigmático ou vertical é constituído por quatro níveis ou instâncias: epistemológica, teórica, metódica e técnica; o eixo sintagmático ou horizontal é organizado em quatro fases: definição do objeto, observação, descrição e interpretação. Cada fase é atravessada por cada um dos níveis e cada nível opera em função de cada uma das fases. Além disso, os níveis mantêm relações entre si e as fases também se remetem mutuamente em movimentos verticais, de subida e descida (indução/dedução, graus de abstração/concreção) e em movimentos horizontais, de vai e vem, de progressão e de volta (construir o objeto, observá-lo, analisá-lo, retomando-o de diferentes maneiras).

Esta aplicação vem sendo testada concretamente em projetos de pesquisa de Comunicação nos cursos de graduação, porém, sua aplicação tem se dado fundamentalmente nos de pós-graduação. Devido ao lugar “estratégico” que venho ocupando, tenho tido a oportunidade

especial de avaliar muitos desses projetos de pesquisa e de acompanhar os usos do modelo nos projetos de pesquisa dos alunos.

Como modelo de prática metodológica ou de construção metodológica de pesquisa, o modelo incide não na superfície do discurso, mas no nível de sua estrutura onde se dão as operações de construção do discurso científico. E a pedra de toque é que esse discurso é feito de opções e decisões que implicam a responsabilidade intransferível do autor pela montagem de uma estratégia metodológica de sua pesquisa, o que impõe que as opções sejam tomadas com consciência e explicitadas enquanto tal: uma opção específica para uma particular pesquisa em ato.

Construir metodologicamente uma pesquisa implica, então, em adotar uma teoria da pesquisa que constrói sua estrutura em níveis e fases e em operar, praticar as operações metodológicas através das quais cada nível e cada fase se realiza.

Não cabe aqui fazer uma exposição do modelo, feita em outro lugar (LOPES, 1990), mas destacar que o trabalho com o modelo metodológico me levou naturalmente a pesquisar tópicos de “estudos do campo” em que o apliquei. Cito, por exemplo, um projeto de pesquisa nacional sobre os egressos dos cursos de graduação de Comunicação, de base quantitativa, cuja estratégia metodológica apresentei na minha tese de livre-docência (LOPES, 1998). Também aí coloco meu interesse pelos estudos bibliométricos<sup>2</sup>, em que a combinação da metodologia de banco de dados com a metodologia visual da teoria dos grafos me permitem entender certos aspectos do funcionamento do campo.

Também credito a esse modelo metodológico minhas incursões no processo de institucionalização do campo da Comunicação no Brasil. Refiro-me à organização da Pós-Graduação em Comunicação no país, retomando meu original projeto de pesquisa de doutorado sobre o estado da arte da pesquisa de Comunicação. Em verdade, são três os tópicos que me interessam nos processos de institucionalização do

---

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, Lopes; Romancini (2006, 2009).

campo da Comunicação no Brasil: 1) o desenvolvimento da pós-graduação, onde se fixa a pesquisa acadêmica; 2) os debates organizados pelas sociedades científicas da área; 3) a difusão do conhecimento da área.<sup>3</sup>

### 3. As pesquisas sobre telenovela e o projeto OBITEL

Retomo o que afirmei no princípio sobre a segunda de minhas realizações que obteve repercussão na área. Como disse, a consciência do papel do intelectual crítico num país periférico e a necessidade de eleger objetos importantes de pesquisa levaram-me aos estudos do popular em comunicação. A filiação gramsciana, combinada aos estudos culturais e à tradição dos estudos de comunicação latino-americanos de recepção estão na base de dois estudos de recepção, de rádio e de telenovela, ambos com forte preocupação metodológica. O primeiro, que já reportei acima, dos anos 1980, combinava metodologia quantitativa e qualitativa na recepção do discurso radiofônico e o segundo, dos anos 1990, teve por objetivo principal traduzir metodologicamente a teoria das mediações de Martín-Barbero (2001) numa pesquisa de recepção de telenovela.

Aqui eu reencontro meus temas de interesse permanente: a exploração metodológica e a vertente do popular, agora atualizados através do paradigma das mediações que, para mim, constitui um marco na perspectiva comunicacional porque se situa no nível epistemológico do objeto da comunicação por combinar múltiplas interfaces disciplinares. Em outras palavras, o paradigma das mediações comunicativas expressa cabalmente o estatuto transdisciplinar do campo da comunicação.

O protocolo metodológico da pesquisa de recepção de telenovela, a que chamei de *protocolo multimetodológico*, pois devia dar conta de múltiplas mediações, combinava métodos qualitativos, como a etnografia, a história de vida, o depoimento, e quantitativos, como o

---

<sup>3</sup> Com referência ao primeiro tópico, estive envolvida em trabalhos que remetem à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP, que exerci entre 2001 e 2012; aos processos de avaliação da CAPES e à organização da pós-graduação na área através da COMPÓS. Quanto ao segundo, minha atuação tem sido no sentido de estimular os debates sobre a pesquisa em associações científicas no país, como a INTERCOM e no exterior (entre outras, está a ASSIBERCOM-Associação Ibero-Americana de Comunicação - que presidi entre 2012 e 2019). E no que tange ao terceiro, está meu trabalho frente à **MATRIZES**, revista do PPGCOM-USP, desde que foi fundada em 2007.

questionário e a escala, além da análise da narrativa ficcional televisiva. Realiza-se aí uma combinação específica de métodos e técnicas “disciplinares”, orientada pela perspectiva transdisciplinar da Comunicação. A estratégia metodológica visava dar conta da assistência conjunta com quatro famílias de condições sociais distintas de uma mesma telenovela, que naquele momento estava no ar – *A Indomada* (GLOBO, 1997). O grupo familiar foi a unidade de pesquisa e os resultados foram de várias ordens: teórica, por ter permitido criar conceitos como “repertório comum”, “contrato de recepção” e “palimpsesto do receptor”; metodológica, por ter explorado a metodologia das mediações em um projeto de pesquisa; e empírica, por ter demonstrado que cada família se apropriava diferentemente dos significados da telenovela no seu cotidiano e “escrevia” sua própria telenovela, o que chamamos de “palimpsesto do receptor”. Esse trabalho foi realizado por uma equipe multidisciplinar e publicado com o título de *Vivendo com a telenovela. Mediações, recepção e teleficcionalidades* (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002).

A ressonância desse trabalho foi grande nos estudos de recepção e também como proposta teórica e metodológica que extrapolava esses estudos. Foi esse último aspecto o que me provocou um crescente interesse pelo estudo da ficção televisiva e, curiosamente, despertou-me a vontade de extrapolar também os estudos de caso em que a telenovela estava então circunscrita. Levou-me a aderir à “palavra de ordem” de Roger Silverstone, pesquisador inglês dos Estudos Culturais, de que era preciso “sair da casa e ir para a rua”, a fim de dar nova dimensão aos estudos culturais de televisão. Foi o que me fez procurar e encontrar em um estágio de pós-doutorado<sup>4</sup> uma “metodologia de observatório”, como uma resposta para renovar teórica e metodologicamente os estudos de telenovela.

Por isso, não tenho dúvidas de que nesse pós-doutorado aconteceu um novo ponto de fusão de elementos afetivos e intelectuais, de elementos nativos e migrantes, de minha identidade híbrida, como híbrido era o meu objeto de pesquisa – a telenovela – um objeto popular e acadêmico. Uma pesquisadora brasileira na Itália ou uma pesquisadora

---

4 Fiz esse estágio em 2001, na Universidade de Florença, Itália, junto ao Osservatorio della Fiction Italiana (OFI), coordenado por Milly Buonanno.

“ítkalo-brasileira”, como lá me chamaram e gostei de ser chamada. Descubri que esse hífen parece marcar toda a minha trajetória intelectual, e também de vida. Hífen que representa ponte, travessia, hibridação, duas coisas ao mesmo tempo, a não exclusão, a contiguidade de opostos e de ambivalências, a complexidade, a conexão, enfim, a comunicação. Na Itália, fui viver a minha dupla/múltipla nacionalidade, italiana, brasileira, latino-americana, fui trabalhar com um objeto acadêmico-popular – a telenovela –, estudar como essa narrativa viaja por entre muitas fronteiras e se afirma como narrativa brasileira, como gênero da televisão latino-americana. Espelho da minha própria condição de vida?

Os trabalhos que se seguiram desde então permitiram-me desenvolver conceitos como o de *telenovela como narrativa da nação* (LOPES, 2003) e o de *telenovela como recurso comunicativo* (LOPES, 2009), dentro da experiência do projeto OBITEL.

O Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva (OBITEL) constituiu-se, desde sua criação em 2005, em um projeto internacional de pesquisa cujo objeto era o monitoramento anual da produção, circulação, audiência e repercussão sociocultural da ficção televisiva na América Latina e Península Ibérica (LOPES, 2006).

Desde então, o OBITEL vem produzindo análises de natureza quantitativa e qualitativa com o objetivo principal de identificar, por meio do método comparativo, as semelhanças, especificidades, adaptações, apropriações entre as diversas narrativas de ficção produzidas e exibidas pelas televisões dos países da região ibero-americana. Iniciou-se como um projeto intercultural que tinha por objetivos principais: identificar e interpretar as representações que os diversos países fazem de si e dos outros por meio das produções ficcionais de televisão; criar indicadores culturais por meio dos quais tais países constroem e reconstroem cotidianamente elementos de sua identidade cultural; acompanhar os modos como se produzem, circulam e se consomem as ficções televisivas. Esses objetivos têm possibilitado ao Observatório construir, ao mesmo tempo, uma visão mais aprofundada e de conjunto sobre a força cultural e econômica que a ficção adquire através das televisões desses países.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Atualmente, o OBITEL é formado por 11 grupos nacionais de pesquisa de: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Espanha, Estados Unidos (produção hispânica), México, Peru, Portugal, Uruguai e Venezuela.

Hoje, fala-se, mais do que nunca, que as “culturas viajam”, enfatizando a grande mobilidade, as práticas de deslocamento tanto de pessoas como de ideias. E isso remete à dinâmica da importação-exportação intercultural que afeta profundamente a construção e reconstrução das culturas no cenário atual da globalização.

As narrativas televisivas ocupam um papel central nesse processo. Cada vez mais aumentam os fluxos de importação-exportação de ficção televisiva doméstica de um país a outro. Verificamos principalmente o crescente aumento das coproduções concebidas sobre um sentido multi ou transnacional porque destinadas ao consumo de diferentes audiências nacionais. Essa é a lógica que move a produção ficcional nas plataformas de *streaming*.

A ficção é importante para a economia da televisão pela relevância das suas funções e seus significados culturais, embora não haja ainda a esse respeito uma suficiente consciência nos estudos de Comunicação.

Por isso, a tese que sustenta o trabalho do OBITEL é que a *comunicação intercultural* tem na teleficção seu gênero por excelência. Definir o gênero como *categoria étnica* é avançar na percepção do vínculo social cuja existência é reafirmada pela televisão e que lhe permite funcionar como dispositivo de amplificação em uma comunidade de significações, a *comunidade imaginada e narrada*.

Por isso, a ficção televisiva é hoje um enclave estratégico para a produção audiovisual ibero-americana, tanto por seu peso no mercado televisivo como pelo papel que ela joga na produção e reprodução das imagens que esses povos fazem de si mesmos, e através das quais se reconhecem. Só este fato me pareceu suficiente o bastante para tornar indispensável para mim um projeto sistemático e permanente de análise sobre os diferentes sentidos da teleficção no plano nacional, regional e internacional.

Estruturada no Brasil, e também na América Latina, nos anos 1960 e 1970, a telenovela foi um fator determinante na criação de uma *capacidade televisiva nacional* que se projetou não só numa extensiva produção como também numa particular apropriação do gênero, isto é, sua *nacionalização*. Entretanto, isso vai além de modelar o caráter nacional da telenovela. Duas dinâmicas diferentes, mas intimamente conectadas estão envolvidas: uma delas empurra para a integração do

espaço latino-americano e outro mobiliza o mercado mundial. Dentro da América Latina, a telenovela conta com a vantagem de um longo processo de identificação massiva e popular, colocada em movimento desde os anos 1940 e 1950, resultando no que poderíamos chamar de um processo de *integração sentimental* dos países latino-americanos – um padrão de modos de sentir e de expressar, de gestos e sons, ritmos de dança e de cadências narrativas – tornada possível pelas indústrias culturais do rádio e do cinema. Isto quer dizer que, enquanto marco nesta dinâmica de integração – os países em sua pluralidade nacional e diversidade cultural – a telenovela é também o lugar em que intervém a dinâmica da globalização do mercado mundial. A internacionalização da telenovela responde ao movimento de ativação e reconhecimento do que é especificamente latino-americano num gênero televisivo que, de longa data, exporta sucessos nacionais.

Contraditoriamente, sua internacionalização também deve responder ao movimento de progressiva neutralização das características de uma *latino-americanidade* de um gênero que a lógica do mercado mundial pretende converter em transnacional no momento de sua produção. Nesse sentido, o fato mais recente são as crescentes coproduções entre os países latino-americanos e ibéricos com grandes produtoras internacionais, como Netflix, HBO, Disney, Prime. A entrada das telenovelas latino-americanas no mercado audiovisual mundial certamente mostrou o nível de desenvolvimento atingido pela indústria da televisão nesses países e também significou, em alguma medida, o rompimento da linha demarcatória entre o norte e sul, entre países destinados a ser produtores e países destinados a ser exclusivamente consumidores.

## **O protocolo metodológico OBITEL**

A metodologia do OBITEL está na construção e o aprimoramento, ao longo de seus 15 anos de existência, de um *protocolo metodológico* comum, adotado por todas as equipes do OBITEL, que reúne técnicas e métodos de análise quantitativas e qualitativas, o que possibilita uma visão tanto sincrônica quanto diacrônica das

transformações pelas quais vêm passando as indústrias televisivas no âmbito ibero-americano. A visão sincrônica é possibilitada pelo monitoramento anual da produção do país de que resulta um retrato informado, e a visão diacrônica é dada pela série histórica construída ao longo dos anos, o que permite verificar permanências e mudanças, inovações e tendências da ficção televisiva na região.

São três as linhas de pesquisa que confluem no Protocolo Metodológico:

- Uma linha quantitativa-descritiva, com o fim de situar os dados da pesquisa na produção e recepção real da ficção televisiva de cada país.
- Uma linha de análise da produção e recepção, de caráter qualitativa/interpretativa, com o fim de dar conta dos aspectos sociais e culturais inerentes aos conteúdos veiculados na ficção televisiva de cada país.
- Uma linha de análise comparativa, a fim de sintetizar as características e tendências da ficção televisiva ibero-americana, representada pelos 11 países participantes.

O produto deste sistemático trabalho de monitoramento e de análise, no qual convergem metodologias quantitativas e qualitativas, constitui a matéria de elaboração de um *Anuário da Ficção Televisiva Ibero-americana*, que apresenta uma estrutura que se articula em duas partes. A primeira é constituída por um capítulo de análise comparativa entre os 11 países ressaltando semelhanças e diferenças, tendências e inovações. A segunda parte apresenta os capítulos das análises de cada país.<sup>6</sup>

Em nossa experiência no OBITEL, a atenção que damos às questões epistemológicas, teóricas e metodológicas permite que elas

---

<sup>6</sup> O conjunto desse trabalho permanente do Observatório já resultou na publicação de 16 *Anuários Obitel* e nesses 17 anos de sua existência também consolidou parcerias exitosas entre o campo acadêmico, na figura das universidades ibero-americanas que têm apoiado as equipes de pesquisa OBITEL, e o campo profissional – Globo, Universidade do Grupo Globo e os diversos institutos de medição de audiências, notadamente Kantar IBOPE e Nielsen.



sejam renovadas e criadas no estudo de novos objetos comunicacionais, como acontece atualmente com a ficção televisiva nas plataformas VoD, nas redes sociais, as narrativas ficcionais transmídia, as métricas comunicacionais na internet e os novos receptores on-line, como os *virtual fandoms*. Todos esses objetos têm nos levado tanto à pesquisa de comunicação on-line como à pesquisa sobre a comunicação on-line.

A partir dessa perspectiva, é possível afirmar que talvez nunca tenhamos observado, como no momento atual, tão intenso fluxo de conteúdos produzidos pelos usuários e fãs que atravessam diferentes mídias e que são reinventados a partir de cada uma delas, integrando assim o que passou a ser largamente chamada de *narrativa transmídia* ou *transmedia storytelling*.

No momento, sentimos necessidade de aprofundar os estudos de abordagem qualitativa que têm o potencial de iluminar a existência do fã onde ele melhor pode ser entendido, em comunidade de pares, isto é, no chamado *fandom*. O desafio é dar um passo além dos estudos dos conteúdos e trazer à luz os processos estruturantes desse conteúdo, como cultura de fãs, cultura participativa, comunidade de fãs, trabalho de fãs (colaborativo, voluntário, remunerado). Foi isso que quisemos apontar no título do livro publicado *Por uma teoria de fãs da ficção televisiva brasileira* (LOPES [Org.], 2015c).<sup>7</sup>

Essa é a nossa atual temática de estudo – os *fãs on-line* –, que consideramos herdeira dos estudos latino-americanos de recepção, e que está sendo abordada através de práticas e comportamentos e como audiência ativa e produtora de conteúdos nas diversas redes digitais. Essa abordagem incide principalmente na figura do fã coletivo, isto é, nas comunidades de fãs nas redes sociais. O estudo é teórico com base empírica e, no limite, ambiciona demonstrar que os estudos de fãs na internet são herdeiros da tradição latino-americana dos estudos de recepção e a renovam combinando a permanência e o novo. Desse modo, estamos no OBITEL pesquisando a produção de fãs sobre a ficção televisiva dentro da grande área dos

---

<sup>7</sup> Penúltimo livro do OBITEL BRASIL, rede nacional do OBITEL, constituído por 10 grupos de pesquisa brasileiros voltados para a temática da ficção televisiva.

*Internet Studies* e descobrindo as novas dimensões e os novos sentidos dados por essa produção às nossas teses sobre a telenovela como *narrativa da nação* e como *recurso comunicativo*. Em outros termos, estamos trabalhando os novos sentidos das mediações comunicativas na cultura participativa e compartilhada da era digital.

## Ao modo de pequena conclusão

Minha história de vida intelectual, a que tentei dar sentido no que escrevi acima, colocou-me na posição de sujeito e objeto de mim mesma. De um sujeito que se volta sobre seu passado e que deve fazê-lo com as lentes do que é hoje. Por isso, este ensaio de autorreflexão mistura, como não podia deixar de ser, subjetivismo e memória seletiva com a objetivação da produção acadêmica que desenvolvi no campo da Comunicação. E que está resumida no título mesmo deste texto, o interesse pela pesquisa empírica em Comunicação, desde a de recepção até a de fãs na internet e pela história, epistemologia e metodologia desse campo. Com todos os desafios, lutas, perplexidades e prazeres que toda produção de conhecimento implica.

## Referências

- BACHELARD, G. **Epistemologia**. Barcelona: Anagrama, 1974.
- BACHELARD, G. **La formación del espíritu científico**. Buenos Aires: SigloXXI, 1972.
- BACHELARD, G. **Le rationalisme appliqué**. Paris: Presses Universitaires de France, 1949.
- BOURDIEU, P. **O campo científico**. São Paulo: Ática, 1983.
- Granger, G-G. **Pensée formelle et science de l'homme**. Paris: Aubier, 1960.
- LOPES, M. I. V. (Org.). **Por uma teoria de fãs da ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2015c.
- LOPES, M. I. V. **Mercado de trabalho dos egressos dos cursos de Comunicação Social no Brasil**. Resultados de uma pesquisa nacional de diagnóstico e avaliação. 1998. Tese (Livre-docência) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

- LOPES, M. I. V. **O rádio dos pobres**: comunicação de massa, ideologia e marginalidade social. São Paulo: Loyola, 1988.
- LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação**. Formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990. [2014, 12. ed.].
- LOPES, M. I. V. Pesquisa em comunicação. Formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990. O estado da pesquisa de comunicação no Brasil. *In*: LOPES, M. I. V. (Org.). **Temas contemporâneos em comunicação**. São Paulo: Edicom; Intercom, 1997.
- LOPES, M. I. V. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, v. 1, 2003.
- LOPES, M. I. V. Telenovela como recurso comunicativo. **MATRIZES**, v. 3, n. 1, 2009b.
- LOPES, M. I. V.; BORELLI, S. H. S.; REZENDE, V. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.
- LOPES, M. I. V.; ROMANCINI, R. Teses e dissertações: estudo bibliométrico na área da Comunicação. *In*: POBLACIÓN, Dinah *et al.* (Org.). **Comunicação & Produção científica**. São Paulo: Angellara, 2006b. p. 139-161.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Pistas para entre-ver meios e mediações**. Dos meios às mediações. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001. (Novo prefácio).
- MARTÍN-BARBERO, J. Uma aventura epistemológica. **MATRIZES**, v. 2, n. 2, 2009.
- VATTIMO, G. **A sociedade transparente**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

LINHA DE PESQUISA 2

**Processos comunicacionais:  
tecnologias, produção e consumos**



# ***Habitus* acadêmico: uma reflexão a partir da produção discente na disciplina de pós-graduação, bem como de orientandos de mestrado e doutorado**

**Brasilina Passarelli**

O *habitus*, segundo Bourdieu, é constituído e constitui o nosso ser social, expresso no estilo de vida dos campos que pertencemos e entrelaçamos as nossas histórias. Como pesquisadora e docente, dedico-me a observar e a tecer em palavras os devires do futuro-agora. E, assim, como Fernando Pessoa/Alberto Caeiros em “O guardador de rebanhos” ... “Sinto-me nascida, a cada momento, para a eterna novidade do mundo”.

Inovações em educação não se resumem somente a novas tecnologias e uso de artefatos tecnológicos. Podem ser criadas em processos, serviços, programas, parcerias e produtos. Uma intervenção verdadeiramente inovadora deve acelerar os processos de ensino-aprendizagem e os sistemas resolvendo problemas reais de forma simples e clara a partir de demandas locais, observando-se as diversidades culturais e de linguagem. O arcabouço teórico-metodológico das Literacias de Mídia e Informação (em inglês, MIL – Media and

Information Literacy) representa terreno fértil para a prática da autoria multimídia e da prototipagem digital, tão fundamentais para os educadores do futuro-agora. Faltam, no entanto, ambientes híbridos de formação voltados especificamente para a prática de desenvolvimento de produtos digitais educacionais, abrigando e assessorando educadores e alunos em seus projetos aplicados. Como coordenadora científica do NACE Escola do Futuro – USP, desde 2007, tenho coordenado a concepção, desenvolvimento, implementação e avaliação de projetos de pesquisa-ação que tem como arquitetura estruturante um ecossistema digital híbrido para criar e ancorar diferentes formatos de conteúdo digital interativo, visando o desenvolvimento de literacias de mídia e informação em professores e profissionais da educação fundamental, com ênfase no segundo ciclo.

Pretendemos, com o ecossistema proposto, estimular a cultura do remix e utilização de novas metodologias além da prática da autoria multimídia e multissemiótica, com atenção aos aspectos éticos e às licenças de cópias e compartilhamentos de conteúdos digitais disponíveis na web; apoiar o uso e apropriação de ferramentas de desenvolvimento abertas, com baixa complexidade de programação e assessorar em todas as etapas da prototipagem digital educacional, oferecendo uma suíte de serviços com recursos formativos baseados em metodologias ativas e híbridas.

Esta experiência da coordenação de projetos de pesquisa inovadores me inspirou a propor, no âmbito da minha participação como orientadora de mestrado e doutorado bem como docente do PPGCOM – Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP, a mesma arquitetura estruturante do ecossistema anteriormente apresentado.

Minha primeira disciplina de pós-graduação no PPGCOM, em 2012, intitulada Criando Comunidades Virtuais de Aprendizagem e de Prática, apresentava ênfase em metodologias ativas e na construção de um texto coletivo como trabalho final da disciplina. Essa proposta causou inicialmente algum estranhamento entre os alunos, porque o texto coletivo era construído na hora final de cada uma das aulas presenciais, e previa a alternância de papéis com relatórios

semanais dos avanços e das discussões para construção do mesmo ao longo do semestre. Assim as aulas cumpriam uma agenda de leituras, resenhas e discussões de autores, bem como das reuniões semanais do texto coletivo. A simples leitura dos títulos dos textos coletivos produzidos pelos alunos com minha curadoria demonstra a evolução dos temas por eles escolhidos para discussão, a reboque das tecnologias digitais de então, no contexto da sociedade em rede em construção a partir dos anos 2000.

- Turma 2002 – **O texto coletivo: um estudo de caso.** MATSUDA, C. e outros.
- Turma 2003 – **O fórum na construção de comunidades virtuais de aprendizagem. (recursos ICQ, Messenger, chat, newsletter, Messenger internet relay chat – MIRC, e-mail).** DIEGUES, A. e outros.
- Turma 2004 – **Comunidades virtuais de aprendizagem e de prática: uma leitura do processo de construção (alunos entrevistados sobre hábitos de acesso, com destaque para e-mails e ferramentas de busca, fórum/ lista de discussão).** FUNARI, C. e outros.
- Turma 2005 – **Participação no fórum de uma comunidade virtual de aprendizagem: facilidades e dificuldades.** BORGES, A. e outros.
- Turma 2006 – **Comunidades virtuais de aprendizagem em universidades brasileiras: um olhar sobre os consórcios CVA, RICESU e CEDERJ.** ALVAREZ, A. e outros.
- De 2007 a 2009, a disciplina não foi ofertada por diferentes motivos: 2007 – concurso para titular; 2008 – realização de meu pós-doc na Espanha; 2009 – invasão dos servidores do NACE Escola do Futuro – USP, com perda total do site da disciplina. Em 2010, a disciplina voltou a ser oferecida com apoio de um blog, enquanto o novo ambiente virtual estava em construção.
- Turma 2011 – **Interfaces das ferramentas da web 2.0 na construção dos textos coletivos da disciplina CCVAP de 2002 a 2010.** DEPIERI, A. e outros.



- Em 2012, a disciplina foi atualizada com novos conteúdos, novo ambiente virtual e novo título, “Novas Lógicas e Literacias Emergentes no Contexto da Educação em Rede: Práticas, Leituras e Reflexões” (PPGCOM-USP). **Objetivos:** Disseminar o conhecimento acerca de conceitos seminais do contemporâneo conectado: IoT – Internet das Coisas e Big Data; redes sociais, comunidades virtuais de aprendizagem; coletivos digitais; *folksonomias*, etnografia virtual e netnografia, entre outros. Estimular leituras, reflexões e novas práticas de produção coletiva do conhecimento no contexto da sociedade contemporânea em rede. Estimular a reflexão sobre os cenários globais e locais que envolvem a educação presencial e a distância. Propiciar instâncias presenciais e a distância via site da disciplina para produção de texto coletivo com alternância de papéis para assegurar a participação igualitária de todos os alunos. Manutenção do blog CBD5411, **Novas Lógicas e Literacias Emergentes no Contexto da Educação em Rede: práticas, leituras e reflexões**. Disponível em: <http://novasliteraciasusp.blogspot.com/p/a-disciplina.html>.
- Turma 2013 – **A emergência da concepção do *prosumer* na era da comunicação digital**. COSTA, A. e outros.
- Turma 2014 – **A presença de conteúdos de tecnologia nos currículos dos cursos de educação e/ou pedagogia: mapeamento no Brasil, nos Estados Unidos, no Reino Unido e na Austrália**. BISCALCHIN, A. e outros.
- Turma 2015 – **Transliteracia na palma da mão: o smartphone na educação do século XXI**. POSSA, A. e outros.
- Em 2016 e 2017, houve nova interrupção na oferta da disciplina, desta vez ocasionada por questões administrativas de credenciamento junto ao PPGCOM.
- Turma 2018 – **Entre Maniac e Eniac: Conexões conceituais entre a série de ficção e as teorias**. LAVRINI, B. e outros.
- Turma 2019 – **Web Waves: narrativas acadêmicas e o jogo interativo das ondas informacionais**. GOMES, A. e outros.

Como trabalho final da disciplina de pós-graduação intitulada *Novas Lógicas e Literacias Emergentes no Contexto da Educação em Rede*, que ofereço no PPGCOM-ECA-USP desde 2012, anualmente, os alunos tem como missão construir um texto coletivo sobre vertentes estruturantes da Cultura Digital. Em 2019, eu apresentei a eles minhas reflexões sobre a Terceira Onda Informacional nas Humanidades Digitais, uma vez que, em artigos anteriores já publicados, eu havia identificado duas ondas informacionais a reboque das tecnologias então preponderantes. Ao longo da disciplina, eles propuseram realizar um breve estado da arte com os autores indicados na bibliografia da disciplina, a fim de promover um diálogo com as minhas proposições e também, desenvolveram um jogo interativo (jogo disponível em: <https://scratch.mit.edu/projects/345837760/>) tendo as três ondas como tema central. Posteriormente, publiquei o artigo “Transliteracias: a terceira onda informacional nas humanidades digitais”, em parceria com minha doutoranda, Ana Claudia Gomes, na **RICI: Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 13, n. 1, p. 253-275, jan./abr. 2020. apresentando minhas reflexões sobre o tema e incorporando as contribuições dos alunos apresentadas no trabalho final da disciplina” (disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/29527/25371>).

Dando continuidade a esta reflexão sobre a minha produção e dos meus alunos no âmbito da minha participação no PPGCOM, decidi apresentar os nomes dos orientandos bem como os títulos das dissertações de mestrado e teses de doutorado que refletem minha inserção no imbricamento da comunicação, informação e educação, bem como minha trajetória da pesquisa-ação para a pesquisa empírica e vice-versa, o que pode ser consubstanciado em quatro dissertações de mestrado e duas de doutorado que, diretamente, tiveram como objeto de estudo projetos de pesquisa-ação desenvolvidos pelo NACE Escola do Futuro – USP. No caminho inverso encontra-se o meu apego ao uso da etnografia virtual e da netnografia como método de avaliação quantitativa e qualitativa das populações conectadas e seus novos modos de consumir e produzir conhecimento na internet, presentes e várias das dissertações e teses orientadas bem como nas minhas publicações em artigos científicos, capítulos de livros e *e-books*.

## Dissertações de Mestrado

- Mariane Beline **Tavares**. *O contemporâneo hiperconectado: realidade aumentada e seus usos nas redes sociais e nos videogames*. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes – ECA-USP. Orientador: Brasilina Passarelli.
- Laiara **Alonso**. *Diversidade no YouTube: narrativas de gênero, identidade e sexualidade pela perspectiva de Youtubers Trans*. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação ECA-USP) – Escola de Comunicações e Artes – ECA-USP. Orientador: Brasilina Passarelli.
- Gabriella Garcia Sanches **Feola**. *Mapeamento da comunicação sobre sexualidade feita por influenciadores no YouTube*. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação ECA-USP) - Escola de Comunicações e Artes – ECA-USP, Conselho Nacional de Pesquisa. Orientador: Brasilina Passarelli.
- Beatrice Bonami **Rosa**. *A Transdisciplinariedade das Literacias Emergentes no Contemporâneo Conectado: um mapeamento do universo documental das Literacias de Midia e Informação (MIL) entre 1984-2014*. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação ECA-USP) – Escola de Comunicações e Artes – ECA-USP, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Brasilina Passarelli.
- Carlos Eduardo **Lourenço**. *Mapeamento de teses e/ou dissertações brasileiras sobre games: um estudo de caso*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes – ECA-USP. Orientador: Brasilina Passarelli.

- Cristiane Henriques Rodrigues **Chica**. *Literacia Digital em Comunidades virtuais: um estudo de caso no Programa ACESSASP*. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes – ECA-USP. Orientador: Brasilina Passarelli.
- Lígia **Capobianco**. *Literacias digitais no Programa de Inclusão Digital ACESSASP*. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes – ECA-USP. Orientador: Brasilina Passarelli.
- Claudia Pontes **Freire**. *Critérios de Reputação em Coletivos Digitais: estudo de caso na disciplina de Criando Comunidades Virtuais de Aprendizagem e de Prática*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Brasilina Passarelli.
- Cristina Alvares **Beskow**. *Comunicação, educação e inclusão digital: quem tá ligado na escola estadual paulista: uma análise da interatividade no projeto TôLigado: O Jornal Interativo da sua Escola*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da USP, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Brasilina Passarelli.
- Rui **Santo**. *Boletins “On-line” em Comunidades Virtuais de Ciências Exatas: Estudo Exploratório com Engenheiros e Pesquisadores da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo. Orientador: Brasilina Passarelli.

- Anita Vera **Bliska**. *Capital Social em Comunidades Virtuais de Aprendizagem*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da USP. Orientador: Brasilina Passarelli.

## Teses de Doutorado

- Ana Claudia Fernandes **Gomes**. *Cultura digital e narrativa transmídia na telenovela infantojuvenil “As aventuras de Poliana”*. Início: 2019. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação ECA-USP) – Escola de Comunicações e Artes – ECA-USP, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: [em andamento].
- Beatrice Bonomi **Rosa**. *Dez Categorias que Expressam a Interface entre Tecnologia Digital, Comunicação e Educação: instrumento, empoderamento e rede de actantes*. 2021. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes – ECA-USP, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Bolsista CAPES – PRINT. Orientador: Brasilina Passarelli.
- Andre **Dala Possa**. *Interação comunicacional de estudantes do ensino médio: netnografia para compreensão da nova ecologia cognitiva*. 2018. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes – ECA-USP. Orientador: Brasilina Passarelli.
- Fabiana M **Ventriti**. *A resignificação da pesquisa-ação do NACE Escola do Futuro – USP: análise dos principais projetos sob a ótica das Literacias de Mídia e Informação (MIL)*. 2017. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes – ECA-USP. Orientador: Brasilina Passarelli.

- Alan Queiroz **Costa**. *Comunicação e jogos digitais em ambientes educacionais: literaciais de mídia e informação dos professores de educação física da cidade de São Paulo*. 2017. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes – ECA-USP. Orientador: Brasilina Passarelli.
- Rafael **Vergili**. *Literacias Digitais nos Cursos de Graduação em Relações Públicas: disciplinas de tecnologia nas matrizes curriculares de universidades brasileiras*. 2017. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes – ECA-USP. Orientador: Brasilina Passarelli.
- Rodrigo Eduardo **Botelho** Francisco. *Interatividade e literacias emergentes em contextos de inclusão digital: um estudo netnográfico no programa ACESSA SP*. 2014. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes – USP. Orientador: Brasilina Passarelli.
- Antonio Helio **Junqueira**. *Literacias digitais no ensino-aprendizagem de professores: uma abordagem netnográfica dos cursistas do Programa REDEFOR-USP*. 2014. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes – USP. Fundação da Universidade de São Paulo. Orientador: Brasilina Passarelli.

## Referências

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

BOSTROM, N. **Superinteligência**: caminhos, perigos e estratégias para um novo mundo. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2018.

COELHO, T. **E-cultura, a utopia final**: inteligência artificial e humanidades. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2019.

- HINE, C. (Ed.). **Virtual methods**. Issues in social research on the internet. Oxford: Berg, 2005.
- LATOUR, B. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Ed. da Unesp, (1998) 2000.
- KERCKHOVE, D. **A pele da cultura**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.
- KOZINETS, R.V. **Netnography**: The Essential Guide to Qualitative Social Media Research. Oxford: Sage Publ., 2019.
- LANIER, J. **Who owns the future?** New York: Simon & Schuster, 2013.
- MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (Understanding media). São Paulo: Cultrix, 1964.
- MOROZOV, E. **Big tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Ed., 2018.
- PASSARELLI, B.; ANGELUCI, A. B. C.; GARCIA, M. P.; FALANDES, C. G. Estudo netnográfico de jovens brasileiros e suas produções no Stories de perfis principais e Dix do Instagram no contexto da pandemia covid-19. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo: IEA – Instituto de Estudos Avançados (aceito para publicação em 2022).
- FARIAS, M. T. de; ANGELUCI, A. C. B.; PASSARELLI, B. Web scraping e ciência de dados na pesquisa aplicada em comunicação: um estudo sobre avaliações online. **Revista Observatório**, v. 7, n. 3, p. 1-22, jul.-set., Palmas, TO: 2021. e-ISSN n. 2447-4266. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v7n3a1pt>.
- PASSARELLI, B.; GOMES, A. C. F. Transliteracias: a terceira onda informacional nas humanidades digitais. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, v. 13, n. 1, p. 253-275, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/rici.v13.n1.2020.29527>.
- PASSARELLI, B. (Org.); GOMES, A. C. F.; ENDO, B.; SOBREIRA, E. S. R.; SOLEDADE, R. T. **Web Waves**: narrativas acadêmicas e o jogo interativo das ondas informacionais. São Paulo: PPGCOM-ECA-USP, 2020. Disponível em: <http://novasliteracia-susp.blogspot.com/p/turma-2019.html>. Acesso em: 22 jan. 2020.
- PASSARELLI, B. Jovens brasileiros em conectividade contínua: estudos e tendências. **Revista Juventude e Políticas Públicas**, v. 1, p. 1-16, 2020.
- BONAMI, B.; NOCENZI, M.; PASSARELLI, B. Qualitative Analysis of Digital Technology Research and Practice in the Field of Social and Human Sciences. **Journal of E-Learning and Knowledge Society**, v. 16, p. 50-59, 2020.

PASSARELLI, B.; ANGELUCI, A. B. Emerging trends on Brazilian connected students behavior. **Páginas A & B. Arquivos & Bibliotecas**, v. 3, p. 28-37, 2020.

ANGELUCI, A. B.; ROSA, B. B.; PASSARELLI, B. Podcasts sobre covid 19: o projeto #MDDFcontraocorona. São Paulo: **Comunicação & Educação**, v. 25, il. v. 25, p. 186-199, 2020.

PASSARELLI, B. Mediação da informação no hibridismo contemporâneo: um breve estado da arte. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 43, n. 2, 2014 b. Disponível em: [www.revista.ibict.br](http://www.revista.ibict.br) Acesso em: dez 2019.

BOTELHO-FRANCISCO, R. E.; PASSARELLI, B.; MEALHA, O. Interatividade e literacias emergentes em contextos de inclusão digital: um estudo netnográfico no programa ACESSA SP. **Journal of Digital Media and Interaction**, v. 2, p. 58-76, 2019.

PASSARELLI, B.; ANGELUCI, A. B. Conectividade contínua e acesso móvel à informação digital: jovens brasileiros em perspectiva. **Informação & Sociedade** (UFPB-online), v. 28, p. 197-208, 2018.

PASSARELLI, B.; VETRITTI, F. G. C. M. AVA Nexus e a Produção Discente em Rede na Graduação da ECA-USP: Da Informação ao Conhecimento. **Revista de Graduação da USP GRAD**, v. 2, p. 31-39, 2017.

MAHMOOD, Z.; PASSARELLI, B.; STRAUBHAAR, J.; CUEVAS-CERVERÓ, A. (Org.). **Advances in Electronic Government, Digital Divide, and Regional Development**. 1. ed. v. 1. Hershey: IGI Global, 2016. 530 p.

PASSARELLI, B.; STRAUBHAAR, J.; CUEVAS-CERVERÓ, A. (Org.). **Comparative Approaches to Digital Age Revolution in Europe and the Americas**. 1. ed. v. 01. New York: Idea Group, 2016. 562 p.

PASSARELLI, B.; PALETTA, F. C. Living inside the Net: the primacy of interactions and processes. *In: Comparative Approaches to Digital Age Revolution in Europe and the Americas*. v. 01. New York: Idea Group reference, 2016. p. 1-15.

PASSARELLI, B.; VETRITTI, F. M. #Connected Youth Brazil Research: emerging literacies in a hyperconnected society. *In: Comparative Approaches to Digital Age Revolution in Europe and the Americas*. v. 01. New York: Idea Group reference, 2016. p. 171-191.

PASSARELLI, B.; VETRITTI, F. G. C. M. #JuventudeConectadaBrasil: literacias emergentes na sociedade hiperconectada. **Coleção Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**, v. 2, p. 34-54, 2015.





# **A criação e a consolidação do Consumo como novo campo de pesquisa na comunicação**

**Clotilde Perez**

Ingressei na Universidade de São Paulo em setembro de 2002, por meio de concurso público junto ao curso de Publicidade, no Departamento de Publicidade, Relações Públicas e Turismo – CRP. da ECA. Havia defendido minha tese no Programa de Comunicação e Semiótica – COS, da PUC-SP, em novembro de 2001. Na ocasião, o PPGCOM-ECA-USP estava passando por uma profunda e necessária reestruturação decorrente da queda na nota na então avaliação trienal CAPES e medidas contundentes eram necessárias, o que foi feito pela determinação de Maria Immacolata Vassalo de Lopes, então coordenadora do programa. Um dos problemas centrais do PPGCOM era a baixa produção docente e discente e a elevadíssima endogenia, mais de 90% dos professores eram formados na ECA-USP. A linguagem da Capes e da avaliação do Sistema Nacional de Pós-Graduação já eram parte do meu cotidiano, mesmo ainda como pós-doutoranda, quando participava de reuniões como discente no colegiado do COS.

Minha decisão de seguir como pesquisadora já existia e, com o apoio das professoras Maria Immacolata e Margarida Kunsch, submeti, em 2003, o projeto de pesquisa “Desenvolvimento de metodologias para análise das expressões da Marca” e uma proposta

de disciplina, para credenciamento junto ao PPGCOM, intitulada “Semiótica das expressividades da marca” (oferecida em 2004), ambos projetos alinhados com minha pesquisa de doutorado. Estava claro que minha formação fora da USP já era uma contribuição evidente para a redução da endogenia, mas o mais significativo aporte estava na minha área de pesquisa, praticamente inexistente no programa: o estudo da Publicidade, da Marca e do Consumo, a partir da teoria semiótica de Charles Sanders Peirce. Uma vinculação teórica que não foi imediatamente valorizada, muito em função da perspectiva sociológica que o programa vinha seguindo nos últimos anos. Além deste, muitos desafios se apresentaram, uma nova universidade, a melhor universidade do país, muitos novos colegas para conhecer e trabalhar, um novo programa se estruturando, uma nova área de pesquisa no PPGCOM, na ECA, na USP e fora dela. Ainda que a nova área não estivesse com contornos claros, a origem do PPGCOM, há 50 anos atrás, demonstra que a Publicidade havia sido eixo estruturante do programa, com várias disciplinas oferecidas, pesquisas e orientações. Mas, naquele momento, eu não tinha essa informação.

Ingressei na linha de pesquisa “Políticas e Estratégias de Comunicação”, área de concentração “Interfaces Sociais da Comunicação”, o caminho possível dentro da nova estrutura. Os professores credenciados na área eram: Adilson Citelli, Elizabeth Saad, Arthur Matuck, Ismar Oliveira, Celso Frederico, Leandro Batista, Margarida Kunsch, Clotilde Perez, Mitsuru Yanase, Lucilene Cury, Massimo di Felice, Luiz Guilherme Antunes, Brasilina Passarelli, Waldenyr Caldas, Waldomiro Vergueiro e Sidnéia Freitas. Ainda que a ementa da área fosse abrangente, minha pesquisa não era totalmente aderente, mesmo que já apontasse conexões com as pesquisas dos professores Leandro Batista, pelo objeto da publicidade, com Mitsuru Yanase, pela aproximação com o Marketing, e com Margarida Kunsch, pelas discussões sobre a marca e a comunicação institucional. Iniciei a orientação de mestrado logo após a conclusão da primeira oferta de disciplina, seguindo as regras do PPGCOM, tendo como primeiro orientando Bruno Pompeu Marques Filho, que havia sido meu aluno no curso de Publicidade da ECA, além de ter participado da brilhante

defesa do seu TCC, no ano anterior. Minha busca naquele momento era pela aderência entre os projetos de pesquisa dos alunos, o meu próprio projeto, a disciplina ofertada na linha de pesquisa e minhas publicações.

Em 2004, publico o livro *Signos da Marca*, como fruto da tese de doutorado e de novos avanços na articulação Semiótica, Publicidade e Marca. No mesmo ano, o artigo “A comunicação da completude: a busca do objeto de desejo”, na revista do programa de pós-graduação Educação, Arte e História da Cultura, da Universidade Mackenzie, era a semente de uma busca que retorna alguns anos depois, a articulação teórica entre Semiótica, Consumo, Antropologia e Psicanálise. Os anos seguintes (2004-2006) destinaram-se à qualificação da produção, orientações de graduação e pós-graduação e atuação nos colegiados do departamento e da ECA.

Importante mudança foi o ingresso de Eneus Trindade no PPGCOM, em 2006, que adensou a linha de pesquisa que articulava o trabalho de Leandro Batista, o meu e o de Sandra Sousa, esta última mais dedicada aos estudos da identidade visual das marcas. Eneus Trindade, com o projeto de pesquisa focado no estudo da relação Publicidade e Identidade e com formação em Sociosemiótica e Análise do Discurso, acabou por proporcionar as melhores condições para o desenvolvimento da pesquisa na linha, ampliando a formação e a atuação política no campo. Em 2007, juntos criamos a ABP2 – Associação Brasileira dos Pesquisadores em Publicidade e Propaganda, o GESC3 – Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo e a revista *Signos do Consumo*. Três projetos de natureza distinta, mas potentes nos propósitos de consolidação do Consumo como campo de pesquisa e formação. A partir da institucionalização da ABP2, passamos à realização do Propesq PP – Encontro Nacional dos Pesquisadores em Publicidade e Propaganda, evento que buscava agregar todos os pesquisadores em Publicidade e Consumo do país, objetivo que foi alcançado já na primeira edição, em 2009, com a participação de professores-pesquisadores de todas as regiões do Brasil, principalmente das universidades federais. Desde o início, o Propesq PP contou com apoio das agências de fomento – Fapesp, CNPq, Capes –, além de apoios internos da diretoria da ECA, do departamento CRP

e dos cursos de especialização, por nós coordenados. Em suas edições fora da ECA-USP, uma realizada na PUC-Rio e outra realizada na UFPE, seguiu como espaço agregador dos pesquisadores brasileiros, estruturado a partir do núcleo duro de professores que ainda hoje dão sustentação e visibilidade ao GP de Publicidade e Propaganda da Intercom, onde todos os coordenadores do GP, nos últimos 24 anos, são membros da ABP2. Eu mesma fui vice-coordenadora de 2012-2015 e coordenadora de 2015-2017. Neste momento, Eneus Trindade e L.Z. César são os coordenadores do GP de PP da Intercom e diretores da ABP2. Toda a articulação rendeu a publicação do livro *Ontologia Publicitária: epistemologia, práxis e linguagem*, publicado pela Intercom, em 2019, como celebração dos 20 anos do GP de PP.

As pesquisas e orientações seguiam o caminho trilhado, mas já apontavam para a internacionalização e novas articulações teóricas. Busquei aprofundar o estudo da Antropologia Visual, abrindo diálogo com as pesquisas do professor José Ribeiro da Silva, cineasta e antropólogo, da Universidade Aberta, Portugal, e com o professor Rui Torres, da Universidade Fernando Pessoa, com o qual tive uma instância de docência em 2005 e outra em 2006. Por meio do grupo de pesquisadores vinculados ao José Ribeiro, com forte presença de brasileiros e espanhóis, conheci o professor Pedro Hellín, da Universidad de Murcia, e o professor Fernando Contreras, da Universidad de Sevilla. Pela afinidade de área de formação e pesquisa e pelos afetos prontamente estabelecidos, passamos a trabalhar conjuntamente em projetos de pesquisa, publicações, aulas, eventos, e a oportunidade do meu primeiro pós-doutorado, realizado na Universidad de Murcia, com bolsa da Fundación Carolina, do governo da Espanha. O projeto, “O papel das mascotes na construção e posicionamento das marcas – um estudo comparativo Brasil e Espanha”, teve campo realizado de dezembro de 2008 a março de 2009. Projeto posteriormente replicado em Portugal, seguindo na busca comparativa entre países, agora junto a Universidade Católica Portuguesa, em articulação com o Grupo de Estudos da Marca, liderado pelo professor Paulo Lencastre, já parceiro em outras pesquisas, eventos e publicações, com destaque para minha participação no *Livro da Marca*, com o

capítulo “Semiótica da Marca, uma abordagem peirceana”, publicado em 2005, pela editora Dom Quixote, de Lisboa. Também como fruto do pós-doutorado, publiquei em 2010, o livro *Mascotes, semiótica da Vida Imaginária*, além de artigos científicos, conferências e uma sequência de exposições no Brasil (ECA, ESPM, ABERJE e APAS – Associação Paulista de Supermercados) e em Portugal (Universidade Católica Portuguesa).

Esta parceria ibérica, hoje muito consolidada, garantiu a assinatura de convênios de mobilidade e pesquisa, envolvendo alunos de graduação e pós-graduação, pesquisas conjuntas, orientações e co-orientações de dissertações e teses, participação em bancas de concursos e a criação de um Master em Tendencias Socioculturales, na Espanha, com a participação dos professores espanhóis Pedro Hellín e Fernando Contreras, do professor Paulo Lencastre, de Portugal, e do PPGCom, de mim e de Eneus Trindade. E a construção de um projeto de formação com a UCP, Porto, articulando Brasil, Portugal e Angola, que criou as bases para pesquisas e projetos em diferentes níveis. Dessas parcerias, que se ampliaram com a interação de nossos orientandos de mestrado e doutorado, decorreram mais de 40 artigos, capítulos de livros, palestras e apresentações em congressos no Brasil, na Espanha (Barcelona, Madrid, Sevilla, Murcia e La Coruña), em Portugal (Lisboa, Porto), no México (Ciudad de Mexico, San Luís Potosi e Zacatecas), no Chile (Santiago), na Colômbia (Bogotá), na Argentina (Buenos Aires), na França (Paris e Annecy), na Bulgária (Sofia), na Lituânia (Kaunas), no Peru (Lima), no Uruguai (Montevideo), na China (Nanjing), nos Estados Unidos (Miami), na Itália (Veneza, Milão e Turin) e na Grécia (Thessaloniki). A presença nos congressos da FELS – Federación Latino-americana de Semiótica, da IASS – International Association of Semiotics Studies, da Associação de Semiótica Visual, no Global Marketing, na ALAIC, no Ibercom e no Seminário Cultura das Imagens/Imagens da Cultura, configuram-se como espaços privilegiados de encontro, divulgação científica e reforço da presença política no campo.

A já destacada atuação de pesquisa e formação em Publicidade e Consumo, e o reconhecimento do pioneirismo da ECA-USP na área, foram a base, em 2010, de um convite para atuar como consultora nos estudos e posterior implantação do curso de Publicidade na

Universidad Católica de Chile, o que ocorreu em 2013. Dessa atuação, surgiram seminários em Santiago, publicações conjuntas, integração dos professores Paulina Gómez e Claudio Racciatti na ABP2, além do acompanhamento da primeira turma de formandos e, em 2018, a participação na avaliação institucional de toda a Facultad de Comunicación, realizada em parceria com Michael Renov, da South California University. Em linha semelhante, atendi em três oportunidade distintas, aos convites da Universidad Católica de Peru, na figura das professoras Carmen Rodrigues Denari e Célia Rubina, decana da Facultad de Comunicación, para compartilhar as exitosas experiências de pesquisa e formação na área da Publicidade e do Consumo.

Voltando ao programa, propusemos, em 2012, nova reestruturação de linhas/área no PPGCOM, processo que participei ativamente pois já integrava a CCP – Comissão Coordenadora do Programa. A nova área passou a ser “Estudo dos Meios e da Produção Mediática”, linha de pesquisa “Consumo e usos midiáticos nas práticas sociais“. Em 2013, seguindo o caminho de adensar minha pesquisa em perspectivas internacionais e também buscar formação qualificada, iniciei uma pesquisa pós-doc junto a CDR – Center for Design Research, na Stanford University, atuando como Visiting Scholar por seis meses. Agora a articulação se dava na intersecção dos estudos do consumo com a criatividade e o design thinking, na época uma metodologia inovadora, onde o CDR era parte estruturante e inaugural das reflexões e das práticas. Tal aproximação foi importante para criar condições de avançar na pesquisa sobre comunicação e criatividade empreendedora, que já contava com forte trabalho de campo no Brasil, com predomínio dos estados nordestinos, São Paulo e Rio de Janeiro. Esta pesquisa foi emblemática por possibilitar a implementação da pesquisa etnográfica em maior escala, já há tempos estudada e testada em São Paulo, desde os contatos com o grupo de pesquisadores vinculado ao José Ribeiro, na Universidade Aberta, articulada ao método semiótico de Peirce, resultando na Antropossemiótica como escolha metodológica decorrente dos fundamentos teóricos da Antropologia e da Semiótica de Peirce. Dessa articulação, surgiram publicações emblemáticas como o capítulo “Condições Antropossemiótica do Negro

na Publicidade Contemporânea”, de 2011, o livro *Universo Signico da Pirataria: Falso? Verdadeiro*, obra coletiva do GESC3, publicado em 2013, em especial o capítulo escrito em coautoria com Eneus Trindade, “Sobre o olhar na Antropologia Visual e na Pesquisa Fotoetnográfica”, além de orientações de dissertação e teses, com destaque para a tese de doutorado de Silvio Sato, defendida em 2015, com bolsa sanduíche, em Portugal e campo, em Angola, onde o método antropossemiótico foi estruturante de toda a investigação.

O estudo do consumo que já se aproximava da Antropologia pela adequação do método etnográfico como caminho privilegiado para a empiria e, novamente, se alinha a Antropologia em novos contornos, agora por meio dos estudos sobre os rituais e a cultura material. As leituras de Mary Douglas, J. Campbell, Van Gennepe, Victor Turner, Roberto DaMatta, Mariza Peirano, Daniel Miller, Daniel Roche, Georg Simmel, T. Veblen, Grant McCracken, Massimo Canevacci, Marcel Mauss, Michel De Certeau, Arjun Appadurai e Mário Perniola, apenas para citar alguns, permitiram o avanço nas reflexões sobre a cultura material e o consumo, com camadas de discussão acerca das tendências de comportamento e consumo, a biografia das coisas, a fetichização dos objetos e os rituais de consumo, subárea de investigação privilegiada desde então. Reflexões a partir das Ciências Sociais e da Filosofia, com as leituras de Bauman, Lipovetsky, Giddens, Lyotard etc., garantiram os fundamentos conceituais para a compreensão da sociedade contemporânea, atravessada pelas lógicas do consumo, com a moda assumindo a centralidade como mecanismo de transferência de significados, juntamente com a Publicidade e, no Brasil, a Telenovela (PEREZ, 2020). Nesse contexto, uma nova disciplina é credenciada no PPGCOM agora expressiva dos caminhos já mais consolidados entre a Semiótica e o Consumo, intitulada “Semiótica e Rituais do Consumo”. Também como reflexo do adensamento das pesquisas e reconhecimento da importância para o campo dos estudos semióticos, fui convidada a integrar a chapa para nova gestão da FELS – Federación Latinoamericana de Semiótica, na qualidade de vice-presidente, sendo eleita em 2018, na Colômbia, tendo José Maria Paz Gago, da Universidad da Coruña, como presidente, Neyla Pardo



(Colômbia), Roberto Flores (México) e Célia Rubina (Peru), também como vice-presidentes.

No Brasil, o consumo já não era mais tão rejeitado como área de pesquisa, principalmente por indução direta de pesquisas robustas e consistentes, onde o GESC3 e seus pesquisadores se destacaram no cenário nacional e internacional, por ação estratégica e forte articulação nas políticas do campo. Além da ABP2 e dos seminários anuais Propesp PP, fortalecimento do GP de Publicidade da Intercom, criação da revista *Signos do Consumo* entre outras ações e projetos, a aprovação, em 2015, da criação de um novo Grupo de Pesquisa na Compós – Associação Nacional da Pós-Graduação em Comunicação, intitulado “Consumos e Processos Comunicacionais”, consolida o espaço de pesquisa, da formação pós-graduada e da atuação dos Estudos do Consumo, na Comunicação. Antes os artigos sobre consumo eram submetidos ao GT de Recepção, enfrentando pesadas travas na avaliação e recusas e, quando aprovados, embates pesadíssimos durante as discussões, com situações memoráveis, incluindo os desvios dos fundamentos intelectuais em direção às vaidades acadêmicas. Com a criação do GT Consumos e Processos Comunicacionais, nossas pesquisas, bem como aquelas desenvolvidas por professores e pesquisadores de outros PPGs de Comunicação, com destaque para ESPM, PUC-RJ, UFPE, UFRJ, UFF, UFMG e UNB, ganharam espaço privilegiado para o debate, para a inovação e para a visibilidade de suas pesquisas; participo, com apresentação de trabalho, deste GT desde o seu início, assumindo a vice-coordenação em 2019-2021, tendo Rogério Covaleski, da UFPE, como coordenador e, a partir de 2022, como coordenadora, em parceria com Elisa Piedras (UFRGS), como vice-coordenadora.

A evolução das pesquisas em consumo, fundadas na semiótica e na antropologia, com o método antropossemiótico se mostrando rentável, inclusive para apontar novas necessidades teóricas, no sentido de ampliar a compreensão sobre as motivações para o consumo, me levou à Psicanálise. As buscas, escolhas e justificativas para o consumo, muitas vezes racionais e objetivas, em tantas outras guiadas pelas emoções e por fundamentos inconscientes, demandava uma compreensão aprofundada. Nesse sentido, as leituras sobre

Psicanálise, antes desprezíveis, passaram a ser mais frequentes e a formação com o grupo Associação Livre SP, formada por psicanalistas da PUC-SP, USP e Unicamp e vários clínicos, levada de 2015 a 2018, com aulas semanais, leituras e eventos diversos (Café Lacaniano, Seminário Bem-estar da Cultura, encontros na Casa do Saber etc.), trouxeram as bases teóricas necessárias para a compreensão do consumo pelo viés psicanalítico, na articulação com a Semiótica e a Antropologia. Desta parceria teórica, surgiu o curso de especialização Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas, já na 6ª edição, com mais de 100 alunos formados, sendo que oito deles ingressaram em programas de pós-graduação stricto sensu na USP ou no exterior. O livro *Cultura (i)material e rituais de consumo: perspectivas semiopsicanalíticas* (<https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/605>), publicado em 2021, coordenado por mim e Eneus Trindade, conta com a participação de alunos e professores e materializa nossos esforços interdisciplinares para o estudo do Consumo.

Realizada em 2018 e implementada em 2019, uma nova reestruturação do PPGCOM criou uma única área de pesquisa “Ciências da Comunicação”, com três linhas de investigação: 1) Comunicação, redes e linguagens: objetos teóricos e empíricos; 2) Processos comunicacionais: tecnologias, produção e consumos; e 3) Comunicação: interfaces e institucionalidades. Na nova estrutura, as pesquisas sobre Consumo encontram-se na linha 2. A pesquisa sobre os rituais de consumo seguiu, como caminho de articulação, com os estudos das mediações do consumo, buscando vínculos teóricos com a teoria das mediações de Barbeiro, sem deixar de esclarecer que a semiótica peirceana é mediação em essência, uma vez que o signo é o fundamento das relações triádicas dos fenômenos da linguagem e da vida (PEIRCE, 1995). Nesse sentido, a participação em dois projetos institucionais do PPGCOM, o Procad e o Dinter, com financiamento CAPES, envolvendo as Universidades UNEB da Bahia e Federal do Mato Grosso do Sul, foram exemplares na articulação do consumo com as práticas sociais e mediações culturais.

Como a própria reestruturação aponta, na configuração da linha 2, o estudo do Consumo passa inevitavelmente pelas tecnologias digitais,

não apenas como estrutura de acesso e publicização, mas, principalmente, pelas novas lógicas criadas pela sociedade em rede, conectada e em crescimento. Aqui, as discussões teóricas com Henry Jenkins, Manuel Castells, Shirky, Yuval Harari, Byung Chul-Han, Cosimo Accoto, Massimo Leone, entre outros, foram e são fundamentais para a compreensão das novas densidades do consumo, na construção de identidades plúrais, em trânsito e fragmentadas, típicas das ambiências digitais, agora pautadas pelas Inteligências Artificiais e pelo paradigma algorítmico.

Nesse contexto de atravessamento do digital em todas as esferas da vida e alicerce das novas possibilidades identitárias, sobrepondo-se ao entendimento midiacentrista do passado recente, destaco a parceria com o grupo de pesquisa FACETS: Face Aesthetics in Contemporary E-Technological Societies, liderado pelo professor Massimo Leone, da Universidade de Turin, na Itália, financiado pela ERC - COST da Comunidade Europeia. Além do Seminário “DEEP FACETS Volti Artificiali nelle Arti, nella Scienza, nella Società, em 2019, a *live* “Brasil, mostra a sua cara na pandemia”, em 2020, dentro do ciclo “Cultura del Rostro, webinários latino-americanos”, que contou com a posterior publicação do capítulo de livro “Brasil, mostra a sua cara na pandemia: máscaras, telas-espelhos e consequências”, em coautoria com Silvio Sato, egresso do PPGCOM, são demonstrações das articulações que estamos provendo no sentido de aprofundar o entendimento sobre os novos desafios epistemológicos, teóricos e metodológicos. Em 2020, oferecemos o Seminário Avançado de Semiótica do Rosto nas Culturas Digitais (Advanced Seminar of Semiotics of the Face in Digital Cultures), com Massimo Leone. O professor é parte do bureau executivo da IASS e editor da revista *Semiótica*, periódico oficial da associação, criado por Thomas Sebeok, em 2001; estes espaços de discussão, visibilidade e política científica se encontram com as nossas presenças e espaços de mesma natureza no Brasil e América Latina, garantindo reciprocidade e crescimento conjunto.

Durante a pandemia, pesquisas, aulas, orientações e seminários mantiveram-se e, em certa medida, foram facilitados pelas tecnologias de conexão. Diante deste contexto, em 2021, organizamos, com outros dois programas de pós-graduação em Comunicação, da Universidade Uniso e da Universidade Metodista, em parceria com

a Cátedra Unesco, revista *DeSignis*, ABES – Associação Brasileira de Semiótica, FELS, IASS, TV e Jornal da USP, o ciclo de conferências “Caminhos da Semiótica no Brasil e na América Latina”, com a participação de 18 semioticistas, de 11 países distintos, 9 debatedores e uma audiência que ultrapassa os 15 mil (on-line e, posteriormente, pelo acesso ao canal da USP no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=Q-7Mwrloess&t=315s>). Essa ação, além da internacionalização, atende ao princípio de impacto social, cada vez mais necessário para adensar a justificativa do fim primeiro das pesquisas em qualquer área do conhecimento, melhorar a vida das pessoas.

Em setembro de 2021, ainda durante a pandemia de covid-19, inicio meu mandato como coordenadora do PPGCOM-ECA-USP. O novo desafio me fez implementar um amplo processo ativo de escuta, que tomou alguns meses de conversas, com todos os professores do programa e uma importante quantidade de alunos, além dos funcionários. A experiência nesses quase 20 anos de PPGCOM como docente-pesquisadora, membro da CCP e agora coordenadora, permitiram estabelecer alguns parâmetros de gestão científica mais alinhados com os novos tempos. A necessidade de aberturas à participação de mais docentes nas decisões, implantação imediata de políticas afirmativas para ampliar a inclusão e a diversidade, ampliação da visibilidade das pesquisas e publicações dos professores, alunos e egressos, busca por outras fontes de financiamento estudantil, além da expansão das parcerias interinstitucionais já consolidadas e as induções por áreas estratégicas, mas que ainda estamos distantes, como, por exemplo, a relação Comunicação e Meio Ambiente. Nesse sentido, foram criadas nove comissões, algumas com funções mais tático-operacionais e outras com atribuições estratégicas: 1) Comissão de bolsas; 2) Comissão de renovação de bolsas; 3) Comissão de prêmios; 4) Comissão de Diversidade e Inclusão; 5) Comissão de seleção; 6) Comissão de internacionalização; 7) Comissão de Credenciamento; 8) Comissão de Recredenciamento; 9) Comissão dos 50 anos do PPGCOM. Essas diferentes comissões envolvem mais 60% dos professores do programa, ampliando a participação e o engajamento do corpo de docentes-pesquisadores na gestão do programa, além da presença de doutorandos e mestrandos em várias delas.

Destaco aqui duas comissões, a Comissão de Diversidade e Inclusão que procedeu estudos sobre legislação e boas práticas dentro e fora da USP, subsidiando o PPGCOM na sua decisão de implementar, pela primeira vez, um processo seletivo com 35% de vagas reservadas para a população PPI – pretos, pardos e indígenas, cumprindo, assim, com a necessária reparação histórica e melhores bases para uma cidadania ampla. A Comissão dos 50 anos tem atuado em várias frentes, como publicações comemorativas (professores, parceiros internacionais e alunos), eventos (aulas-magna, seminários e debates nacionais e internacionais) e reconhecimentos. Foi criada uma identidade visual para abrigar todas essas ações, além de site específico. Com mais de 2.500 mestres e doutores formados, o PPGCOM-ECA-USP, se estabelece como o programa fonte e referência para a pós-graduação e a pesquisa em Comunicação no Brasil e na América Latina. Essa posição, conquistada pelo esforço de mais de 100 professores, alunos, convidados internacionais, grupos de pesquisa e funcionários, suscitou a implementação da pesquisa “Egressos PPGCOM: 50 anos formando pesquisadores”, que está em desenvolvimento e deverá ser publicizada até o fim de 2022.

Os desafios para a área estão na necessidade de desenvolvimento de metodologias de pesquisa que consigam captar as novas lógicas de conexão e produção de sentido, que já acontecem nas dinâmicas assimétricas, mas amalgamadas e em crescimento nas esferas físicas e digitais. Na perspectiva teórico-epistemológica é seguir nos esforços que assegurem novas teorias a partir do Brasil e da América-Latina, sem deixar de lado os clássicos europeus e americanos, mas construindo pertinência com consistência e rigor. A ampliação da diversidade e da inclusão de camadas apartadas da pesquisa e da pós-graduação no país é um imenso desafio, e ações para ampliar o acesso já estão em andamento, mas a permanência e o desenvolvimento em bases sustentáveis carecem de aperfeiçoamentos. Sobre o impacto social da pesquisa, além das ações afirmativas, a ampliação da divulgação científica por caminhos não acadêmicos precisa ser estimulada, fato que há anos venho atuando, quer por meio de pesquisas sociais, quer por meio de palestras, presença em veículos de imprensa com amplo acesso, por meio de artigos ou entrevistas, materializando o discurso qualificado e que faz sentido para a sociedade.

Esse rápido percurso histórico, contemplando 20 anos da minha presença na pós-graduação do PPCOM-ECA-USP, tem o objetivo de explicitar as ações deliberadas, as escolhas e decisões estratégicas, os feitos entusiasmados e não planejados, a formação de pesquisadores e as produções decorrentes, que sustentam e explicam, por um lado, a força do trabalho, e por outro, a clara intenção de criação de um novo campo de pesquisa, fundado na semiótica peirceana, articulado com a Antropologia, com a Psicanálise e, mais recentemente, com as tecnologias digitais que instauram as lógicas algorítmicas que (re)tensionam os fundamentos das relações de troca, das escolhas, de todo o Ecosistema Publicitário e de Consumo.

Este caminho foi percorrido junto com Eneus Trindade, nossas dezenas de mestres, doutores e pós-doutores, nossos parceiros internacionais, os diretores da ABP2, e todos os investigadores do GESC3 – Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo, alguns docentes em outros programas de pós-graduação em Comunicação espalhados pelo país e no exterior, o que nos dá imenso orgulho e a sensação de caminho certo.

## Referências

- ACCOTO, C. **O mundo dado**: cinco breves lições de filosofia digital. São Paulo: Paulus, 2020.
- APPADURAI, A. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Rio de Janeiro: UFF, 2008.
- BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BAUMAN, Z. **Vida para o consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CAMPBELL, C. **A ética romântica e o espírito do consumo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- CANCLINI, N. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- CANCLINI, N. **Sociedade sem relato**. São Paulo: Edusp, 2012.
- CANEVACCI, M. **Antropologia da comunicação visual**. São Paulo: Perspectiva, 2018.

- CANEVACCI, M. **Fetichismos visuais**. São Paulo: Ateliê, 2016.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CESAROTTO, O. (Org.). **Ideias de Lacan**. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- CESAROTTO, O. **Inconsciências: psicanálise, semiótica e cultura material**. São Paulo: Iluminuras, 2019.
- DA MATTA, R. Apresentação. In: VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. 2. ed. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 9-20.
- DA MATTA, R. **O que é o Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- DUNKER, C. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- DUNKER, C. **Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- FRANÇA, M.I. **Psicanálise, estética e ética do desejo**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- FREUD, S. **Obras completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1968.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HAN, B.C. **O aroma do tempo: um ensaio filosófico sobre a arte da demora**. Lisboa: Relógio D'Água, 2016.
- HAN, B.C. **A agonia de eros**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HAN, B.C. **No enxame: perspectivas sobre o digital**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HARARI, Y. **21 lições para o século XXI**. São Paulo: Cia das Letras, 2018.
- JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Spreadable media**. New York: NYU, 2013.
- LEONE, M. O falso como vírus: uma epidemiologia semiótica. **Revista Estudos Semióticos**, v.18, n. 2, 2022.
- LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- LIPOVETSKY, G. **Agradar e tocar: ensaio sobre a sociedade da sedução**. Lisboa: Edições 70, 2019.
- LIPOVETSKY, G; SERROY, J. **A era do capitalismo estético**. São Paulo: Cia de Letras, 2013.
- MCCRACKEN, G. **Cultura & consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- MICK, D.G. Consumer research and semiotics: exploring the morphology of signs, symbols and significance. **Journal of Consumer Research**, v. 13, 1986.
- MILLER, D. **Trecos, troços e coisas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- MILLER, D. **Teoria das compras: o que orienta as escolhas dos consumidores**. São Paulo: Nobel, 2002.

- MORACE, F. **Consumo autoral**: as gerações como empresas criativas. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.
- PEIRANO, M. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- PEIRCE, C.S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1995
- PEREZ, C.; CORREA, V. Estética do consumo: uma perspectiva a partir da ecologia publicitária. **Revista Visualidades** (UFG), v. 2, p. 301-317, 2018.
- PEREZ, C. **Quando el objeto pide el método**: antropossemiótica aplicada a lo design thinking. Murcia: Universidad de Murcia, 2014.
- PEREZ, C. **Ecologia publicitária**: o crescimento signico da publicidade. GP de Publicidade. São Paulo: Intercom, 2016.
- PEREZ, C. Estéticas do consumo a partir do sistema publicitário. *In*: COMPÓS. **Anais** [...]. Brasília: Compós, 2015.
- PEREZ, C. **Signos da marca**: expressividade e sensorialidade. 2. ed. São Paulo: Cengage, 2017.
- PEREZ, C. Estéticas do consumo a partir do ecossistema publicitário. **Revista Observatório**, v. 4, n. 5, p. 788-812, 2018.
- PEREZ, C. A comunicação da completude: a busca do objeto de desejo. **Revista Mackenzie, Educação, Arte e História da Cultura**, ano 3, n. 4, 2003.
- PEREZ, C. **Há limites para o consumo?** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2020.
- PEREZ, C.; TRINDADE, E. **A biografia das coisas**: a resistência à imortalidade da cultura material. *In*: ENCONTRO NACIONAL DOS PESQUISADORES EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA – Propesq PP, 10, 2019, São Paulo. São Paulo: ABP2; ECA-USP, 2019.
- PEREZ, C.; TRINDADE, E. Marketing e tendências do consumo: o marketing do entendimento. *In*: BRITO, C. M.; DE LENCASTRE, P. (Org.). **Novos Horizontes do Marketing**. 1. ed. Alfragide. Lisboa: Dom Quixote, 2014.
- PEREZ, C.; TRINDADE, E.. Três dimensões para compreender as mediações comunicacionais do consumo na contemporaneidade. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 27, 2018, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: COMPÓS/PUC-MG, 2018. GT-Consumos e Processos em Comunicação.
- PEREZ, C.; TRINDADE, E. A biografia da cultura material de consumo: de objeto à sujeito. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO: INTERCOM, 42, 2019, Belém. **Anais** [...]. Belém: UFP, 2019.
- PEREZ, C. e BARBOSA, I. (orgs.). **Hiperpublicidade I**. São Paulo: ThomsonLearning, 2007.
- PERNIOLA, M. **Pensando o ritual**: sexualidade, morte, mundo. São Paulo: Studio Nobel, 2000.



- ROCHA, E; FRID, M.; CORBO, W. **O paraíso do consumo**: Émile Zola, a magia e os grandes magazines. Rio de Janeiro: Mauad; PUC Rio, 2016.
- ROCHE, D. **A cultura das aparências**: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII). São Paulo: Senac, 1989.
- ROCHE, D. **História das coisas banais**: nascimento do consumo (séculos XVII-XIX). Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SANTI, P. L. R. de. **Desejo e adição nas relações de consumo**. São Paulo: Zago-doni, 2011.
- SATO, S. **Signos da mobilidade**: marcas e consumo na cultura digital. Curitiba: Appris, 2017
- SIMMEL, G. **Filosofia del dinero**. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.
- TRINDADE, E.; PEREZ, C. **Vínculos de sentido do consumo alimentar em São Paulo**: publicidade e práticas de consumo. *In*: COMPÓS, 21, Juiz de Fora, 2012.
- TRINDADE, E.; PEREZ, C. Para pensar as dimensões do consumo midiaticizado: teoria, metodologia e aspectos empíricos. **Revista Contemporânea** (UFBA on-line), v. 14, p. 385-397, 2016a.
- TRINDADE, E.; PEREZ, C. Consumo midiático e consumo midiaticizado: aproximações e diferenças. Uma contribuição teórico-metodológica. *In*: LUVIZOTTO, C. K.; LOSNAK, C. J.; ROTHBERG, D. (Org.). **Mídia e sociedade em transformação**. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016b.
- TURNER, V. Dewey, Dilthey and Drama: An Essay in the Anthropology of Experience. *In*: TURNER, V. W.; BRUNER, E.M. (Ed.) **The Anthropology of Experience**. Urban and Chicago: University of Illinois Press, 1986. p. 33-44.
- TURNER, V. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VAN GENNEP, A. **Los ritos de paso**. Madrid: Alianza Editorial, 2008.
- VEBLEN, T. **Teoria da classe ociosa**. São Paulo: Biblioteca Pioneira, 1965.

# Utopia, distopia e possíveis caminhos

Daniela Osvald Ramos

No início, era o bit. Acompanhei de perto o surgimento e a consolidação da internet no Brasil desde seus primórdios, em 1995, ainda no meio da graduação em Jornalismo, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Naqueles anos da última década do século XX, a internet era um campo promissor para o trabalho de jornalistas que se aventurassem a aprender HTML (Hyper Text Markup Language), pois a publicação de páginas na World Wide Web (WWW) era feita então “na unha”, como falávamos, pois não existiam ainda os publicadores automáticos, com interface amigável, que surgiram anos depois mudando definitivamente o ecossistema midiático contemporâneo, ao facilitarem a publicação e a produção midiática de um indivíduo para muitos.

Minha entrada no mercado jornalístico coincidiu com a tarefa de trabalhar na primeira versão do então site (mais tarde, “portal”) do jornal *Zero Hora*, ainda como estudante, em 1996, o que me proporcionou muito cedo na história da internet no Brasil a visão do *backend*, termo técnico da área para designar o que está por trás de qualquer publicação digital e que vem antes do que está no *frontend*, ou seja, na sua parte visível, gráfica. Esta experiência, aliada ao privilégio de, na época, não precisar pagar provedor de internet para navegar

mais de oito horas por dia na rede, proporcionando uma imersão na então ainda nova mídia, moldaram minha visão do que seria depois um percurso acadêmico. Antes disso, em busca de estar no centro de mais oportunidades de trabalho na área, deixei meu estado natal para trabalhar na Editora Abril, em São Paulo, empresa na qual participei das primeiras versões das revistas digitais *Claudia*, *Elle*, *Arquitetura & Construção*, *Playboy*, entre outras.

Durante este período, renasceu o desejo pelo ambiente no qual me sentia em casa – a Universidade. E assim conheci a Escola de Comunicações e Artes, onde ingressei como mestranda neste Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, em 1998. No início, envolvida pela imersão diária na rede, me inquietei em saber se existia arte digital, se era possível fazer arte com bits. No entanto, mudei meu projeto para estudar a nascente mediação on-line do que viria a ser, a partir da segunda década do século XXI, um novo fenômeno midiático: a astrologia, hoje assunto que vai do Instagram aos podcasts, objeto de intenso consumo e de produção midiática, conforme a internet foi se desenvolvendo. De 1999 a 2002, meu período de formação, aprendi os procedimentos da pesquisa científica, na orientação rigorosa da então professora deste PPGCOM, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cristina Castilho Costa, e trabalhei com autores clássicos da mediação, como José Martín Barbero, para entender como o, até então, necessário contato humano na interpretação de um mapa astral passaria por uma mediação tecnológica e seria entregue através de computadores. Uma das conclusões da pesquisa, realizada também com uma parte empírica, de campo, através de um *survey* que, em 2001, resultou em mais de 300 respostas sobre o consumo do objeto de pesquisa nas redes, ajudou a entendermos que, em um futuro, naquele momento ainda distante, o contato humano seria um luxo.

Chegamos em 2020 e, com a pandemia de covid-19 e o necessário isolamento social para conter a escalada de contaminação e morte dezoito anos depois, a conclusão daquela pesquisa seria comprovada na prática: sim, o contato humano é cada vez mais raro, pois a mediação tecnológica chegou a um nível sem volta. No atual cenário da extração de dados e, conseqüentemente, de metadados de toda

ordem, a partir da atividade humana e das mediações tecnológicas (muitas vezes esquecemos que o denominado *Big Data* vem de humanos), só poderemos ser atendidos por humanos se pagarmos por isso em várias áreas, como saúde, bancos, economia e seus produtos derivados, segurança pública, educação, e outras esferas de convívio humano, esse mesmo convívio que foi totalmente mediado tecnologicamente nos últimos dois anos.

Cursei e defendi o mestrado trabalhando no mercado jornalístico e, então, migrei para a sala de aula em universidades particulares, adquirindo experiência na docência do que era a então nascente área do “jornalismo on-line”. Depois de seis anos, tive novo ingresso, agora no doutorado, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elizabeth Saad, para pesquisar sobre linguagens digitais. Os anos de imersão na internet, a inquietação sobre arte e tecnologia e a experiência no mercado de trabalho me direcionaram a pesquisar se afinal existe uma linguagem própria para a internet. O meio é a mensagem? Marshal McLuhan foi um dos que inspiraram esta jornada, ao lado da abordagem teórica, solidificada em dois anos de cursos com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Irene Machado, sobre semiótica da cultura na abordagem do semioticista Iuri Lotman. Sim, o meio compõe a mensagem, e a natureza da comunicação no ambiente do zero e 1 (a fonte do *backend*) é de síntese, pois o que vemos e interagimos no *frontend* se dá a conhecer pela síntese numérica. A linguagem digital é estruturada pelo formato, que por sua vez foi forjado como estruturante das linguagens das profissões clássicas no campo da comunicação. No Jornalismo, as disciplinas de Rádio, TV e Impresso historicamente são ensinadas pelo formato: revista, jornal, programa de rádio, programa de TV, que por sua vez se desenvolvem dentro de um formato a ser repetido de maneira a direcionar as linguagens adotadas em cada meio.

O mercado jornalístico se apropriou da internet a partir da metáfora do impresso, os sites tem “páginas” (embora saibamos que não são páginas), porém o hiperlink e a convergência de linguagens ofereceram um universo que não foi totalmente explorado por diversas razões, entre elas a questão da autoria. O que se consolidou foi o formato multimídia, por vezes *long-form* (formato longo), como o realizado com sucesso

atualmente pelo UOL Tab (<https://tab.uol.com.br/>) e incorporado à rotina jornalística de algumas empresas. Minha pesquisa de campo envolveu o jornal argentino *El Clarín*, que tinha uma redação multimídia, assim como os espanhóis *El País* e *El Mundo*. A pesquisa resultou na tese “Formato: condição para a escrita do jornalismo digital de bases de dados. Uma contribuição da semiótica da cultura” (2011) e, posteriormente, na publicação do livro *A expansão do jornalismo para o ambiente numérico*, em 2016. “Ontologia do espaço numérico: investigação preliminar a partir do diagrama”, capítulo de livro publicado também em 2016, é um desdobramento da pesquisa em linguagens digitais a partir da noção do diagrama de Charles Sanders Peirce e que balizou também minha pesquisa inicial quando ingressei como docente no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes, em 2013.

Em 2013, ainda éramos utópicos em relação aos usos da internet, mas essa percepção começava a mudar. Foi um período de pesquisa sobre a sustentabilidade dos arranjos alternativos nas iniciativas de jornalismo independente na América Latina, com publicação de artigos e apresentação em congressos, alguns em parceria com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Egle Muller Spinelli, do PPGCOM da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), linha do tempo que apresentamos, em 30 de setembro de 2022, na série “PPGCOM Encontra com... ESPM: 15 anos de parceria científica”, e disponível no canal oficial da ECA na plataforma do YouTube.

Nos anos seguintes, e com minha colaboração para trabalhar com as mídias sociais e website do Núcleo de Estudos da Violência (NEV), de 2015 a 2017, migrei do campo de pesquisa sobre as linguagens e sua produção para a prática de sua aplicação. Durante aqueles anos, fizemos no NEV um aplicativo beta com o Banco de Dados da Imprensa do Núcleo que oferecia um ambiente de contexto, para entender a linha do tempo de coberturas jornalísticas a partir de um acervo de reportagens sobre segurança pública e violência, coletadas dos jornais a partir dos anos 1980 até o início dos anos 2000. Também firmamos colaboração com o Centro de Ciências Matemáticas Aplicadas à Indústria (CeMEAI), da USP-São Carlos, parceria que segue

até hoje, com o portal G1 e Fórum Brasileiro de Segurança Pública na construção do Monitor da Violência (<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/>). No contato com o dia a dia do NEV e seus pesquisadores, em 2017, cursei a disciplina Sociologia da Violência, optativa do curso de graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), ministrada então pelo Prof. Dr. Sérgio Adorno. A partir de então, minha pesquisa passou por um *plot twist*, para usar um termo em voga, que é uma mudança repentina em uma narrativa, e parti para a investigação sobre violências digitais. Nesse sentido, apresentei no 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) naquele mesmo ano, o artigo “A violência a partir do número e suas modelizações: mapeamento inicial”, com abordagem teórica da semiótica da cultura, e no XVI Congresso Ibero-Americano de Investigadores em Comunicação, Comunicación, Violencias y Transiciones, 2019 (Ibercom), os resultados de uma pesquisa pontual nomeada “Tipologia das violências nas bases de dados”, sobre tipos de violência digital a partir de coletas no Google com palavras-chave, para entender quais tipos de violência digital eram reportadas pelo noticiário e sua incidência. Ainda, em 2017, outro *plot twist*, quando saí do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA para atuar no curso de licenciatura em Educomunicação do Departamento de Comunicações e Artes.

A guinada para a intersecção entre violência e o campo da comunicação estava dada e, em 2019, apresentei no 8º Diálogo Brasil-Alemanha de Ciência, Pesquisa e Inovação, promovido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), a comunicação “*Digital violence agaisnt journalists in Brazil in the fragmented public sphere*”. 2019 foi o pico de relatos de violência contra jornalistas que atingiu os grandes veículos produtores de notícias no país e, em conjunto com a Profª Drª Elizabeth Saad, apresentamos, na 5º Annual Conference on the Safety of Journalists o artigo “*Reports of violence to Brazilian journalists and its mediation by algorithms: cases form the 2018 Presidential Elections*”. O processo distópico na comunicação mediada pela internet estava em franca ascensão e firmamos uma parceria, nos anos seguintes, com a Oslo

Metropolitan University (OsloMet), em participações contínuas na conferência anual sobre segurança de jornalistas, mas também para além, com a aprovação do projeto “*Safety Matters: research and education on the Safety of Journalists*”, financiado pelo Research Council of Norway para educação de alunos de doutorado do Brasil, Noruega, Estados Unidos e África do Sul, no qual atuo como coordenadora, e como professora no mês de outubro, por uma semana, na OsloMet.

Com a definitiva entrada do tema da violência contra jornalistas no meu universo de pesquisa desde 2019, fiz duas participações (2020 e 2022) na Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), no grupo de trabalho de Jornalismo, com o desenvolvimento de pesquisa sobre o tema violência cultural contra jornalistas. Como o processo de publicação de artigo científico em revistas qualificadas tem um ciclo longo, de erros, acertos e esperas, felizmente em breve essas pesquisas serão publicadas. Em 2022, publiquei, como resultado de pesquisa realizada em 2019 e 2020, o relato “Circulação de golpes no WhatsApp entre jovens universitários e o papel da literacia digital na prevenção de *phishing*”. Aqui, os golpes aparecem como violência comunicacional, pois atingem a capacidade cognitiva de um amplo espectro de pessoas nas suas competências em consumir conteúdo sem serem alvos de crimes.

Minha colaboração como professora neste programa iniciou-se em 2018, com a disciplina “Número e Algoritmo nas Interfaces Sociais da Comunicação”, na qual abordo a discussão sobre como o algoritmo, enquanto componente técnico indissociável da sociedade contemporânea. No artigo “Normatividade algorítmica e o consumo midiático no YouTube por jovens universitários” discuti alguns dos aspectos abordados em sala de aula sobre a implicação da normatividade algorítmica no universo da produção e consumo midiáticos. Em 2019, com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elizabeth Saad, oferecemos pontualmente a disciplina “O Lugar da Comunicação na Sociedade Digital: uma Introdução ao Pensamento de Yuval Noah Harari e Byung-Chul Han”, na qual fui a responsável pelo debate sobre Han, a partir do qual podemos denominar a “violência da positividade”, ou seja, a violência decorrente da positivação do sistema informático que sobrecarrega

a capacidade humana, gerando por exemplo o *burnout*, um estado de exaustão. Depois, no segundo semestre de 2021, em uma reunião de professores desse programa, colaborei no curso “Métodos e técnicas aplicadas à pesquisa em Comunicação”, especialmente em duas aulas nas quais fiz um panorama sobre as possibilidades de técnicas de coleta em Big Data, mas também sobre um universo que ainda precisa ser objeto de mais pesquisas no campo da comunicação – a *deep web*, ou web profunda, que está abaixo da superfície do consumo de conteúdos na internet comercial e nas plataformas em geral. Em 2021, fui credenciada como professora orientadora na linha de pesquisa “Processos comunicacionais: tecnologias, produção e consumos” e, atualmente, trabalho com dois orientandos de mestrado iniciando a jornada formal como parte deste corpo docente pelo qual também fui formada.

Em 2022, outra colaboração com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elizabeth Saad em disciplinas do programa, com o curso de quatro semanas “Novos paradigmas para dimensões de violência no campo da Comunicação: assédios e ameaças aos jornalistas e comunicadores”, no escopo do projeto Safety Matters, e, também, com vistas à preparação para ampliar a presença da discussão da infelizmente ubiquidade da violência na tecnologia e nos processos de produção e consumo midiáticos.

Desde 2007, atuo com uma intensa colaboração científica no grupo COM+ – Grupo de Pesquisa em Comunicação, Jornalismo e Mídias Digitais, com uma passagem de 2011 a 2013 e outra de 2017 a 2019, do grupo Semiótica da Comunicação, e, em 2022, passei a liderar o grupo OBCOM – Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura, que lançará, em novembro de 2022, uma ferramenta de cruzamento de dados tendo como base a série histórica de relatórios sobre violência contra jornalistas e comunicadores da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ).

Uma possível síntese entre a utopia do início da internet, quando achávamos que viveríamos na era da democracia da informação, para a distopia da desinformação em rede e de ameaças várias, inclusive criminosas, no consumo de conteúdos platformizados, pode ser o caminho entre as binariedades. O “caminho entre” dá a ver fendas, a



partir das quais trilhamos o campo do conhecimento, da prática e ética da pesquisa científica, e que permitem a construção de algo da ordem da terceiridade, do símbolo, e de uma compreensão que vá além dos polos zero e 1.

## Referências

- RAMOS, D. O. **Formato**: condição para a escrita do jornalismo digital de bases de dados. Uma contribuição da semiótica da cultura. 2011. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- RAMOS, D. O. **A expansão do jornalismo para o ambiente numérico**. Curitiba: Appris, 2016.
- RAMOS, D. O. Ontologia do espaço numérico: investigação preliminar a partir do diagrama. *In*: MACHADO, Irene (Org.). **Diagramas**: explorações no pensamento-signo dos espaços culturais. São Paulo: Alameda, 2016.
- RAMOS, D. O. A fragmentação da esfera pública e sua mediação pelo algoritmo: discurso de ódio, violência da positividade e novas literacias. *In*: SAAD, Elizabeth (Org.). **Caminhos da comunicação**: tendências e reflexões sobre o digital. 1. ed. v. 1. Curitiba: Appris, 2020. p. 63-79.
- RAMOS, D. O. Tipologia das violências nas bases de dados. *In*: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE INVESTIGADORES EM COMUNICAÇÃO, XVI, 2021, Bogotá. **Anais** [...]. Comunicación, Violencias y Transiciones, 2019, Bogotá. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2021. v. 1. p. 2-3885.
- RAMOS, D. O. A violência a partir do número e suas modelizações: mapeamento inicial. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO: INTERCOM, 40, 2017, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017.
- SPINELLI, E. M.; RAMOS, D. O. Normatividade algorítmica e o consumo midiático no YouTube por jovens universitários. **Revista Fronteiras**, v. 23, p. 80-88, 2021.
- RAMOS, D. O.; SPINELLI, E. M. (2022). Circulação de golpes no WhatsApp entre jovens universitários e o papel da literacia digital na prevenção de phishing. **Cambiasu: Estudos em Comunicação**, São Luís, v. 17, n. 29, p. 47-62. Disponível em: <https://doi.org/10.18764/2176-5111v17n29.2022.10>.

# Sob as lentes do digital

Elizabeth Saad

Optei por abordar este relato com um olhar de que estudos e pesquisas contemporâneos nos campos das Ciências da Comunicação e do Jornalismo ocupam um lugar diferencial e central na nossa sociedade. Assim, vou discorrer sobre o percurso desta pesquisadora atuando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, por meio de etapas que refletem minha autoreflexão e que possam indicar o porvir.

## Em busca de um posicionamento

Resiliência – centralidade – transversalidade são a tríade apresentada aqui em ordem inversa daquela originalmente expressa (SAAD CORRÊA, 2015), que têm direcionado minha atuação no campo de Ciências da Comunicação e das práticas epistêmico-pedagógicas que me inspiram na docência e pesquisa de pós-graduação. Embora tal *insight* sobre a tríade tenha ocorrido em 2015, já em meio à atuação no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, ressalto que os conceitos e respectivas conexões estavam configurados anteriormente por diversos autores do campo. Apenas, para mim, foi o ponto de inflexão.

O narrar de si numa perspectiva temporal e intelectual – desde 1988, momento de meu ingresso como docente do Departamento de

Jornalismo e Editoração e, a partir de 1997, integrando a pós-graduação – traz algum embate entre a objetividade acadêmica e os aspectos pessoais, emocionais e espirituais que permeiam a constituição do ser. Minha escolha neste relato é apagar eventuais embates e trazer à tona agregações e interconexões.

Antes de assumir a tríade como condutora de meu posicionamento acadêmico, gostaria de enfatizar alguns conceitos e termos que servem de base à compreensão aos desenvolvimentos a serem relatados.

Hibridismo é o primeiro ponto. Reflete as origens intelectuais que evoluíram para o atual momento: graduação e mestrado uspianos em gestão de empresas, decorrentes de vivências escolares anteriores baseadas em humanismo e que desembocaram numa visão de mundo sistêmico-organizativa; proximidade intrínseca à tecnologia e seus desenvolvimentos na atuação profissional, inicialmente em ambientes corporativos; interesse e envolvimento inerentes sobre o narrar acontecimentos e daí ao jornalismo e ao jornal.

O segundo ponto refere-se ao termo e conceito “tecnologia”. Tal hibridismo formador me conduziu a uma atuação no campo da pesquisa e desenvolvimento (P&D) tecnológicos, trazendo um envolvimento cotidiano em organizações públicas e privadas que possuíam atividades neste recorte, especialmente na constituição de estratégias para a absorção de tecnologias que trouxessem para o âmbito nacional uma necessária autonomia socioeconômica. Este foi o momento que iniciou meu envolvimento com objetos técnicos, como desenvolvimento de chips e placas eletrônicas para computadores (esses ainda em modelos que hoje consideramos jurássicos); participação na construção de políticas públicas para objetos informáticos no país; e os primeiros contatos com a *BitNet* e sua evolução, trazendo para a sociedade a lógica de uso de redes informáticas, suas múltiplas aplicações, a configuração da rede mundial de computadores e a instalação do termo “digital” em nossas vidas.

O terceiro ponto, é claro, refere-se ao próprio digital. À compreensão de como se transformam processos, operações, formas e meios de comunicação à lógica de dados, à redução, por exemplo, de uma mensagem textual em sinais eletrônicos de zeros e uns (os bits) para

que ela pudesse ser transmitida rápida e integralmente para qualquer outro ponto conectado a um computador. O termo digital não se refere a uma tecnologia ou método específicos, mas sim, a uma adjetivação acoplada a qualquer atividade que ocorra em ambientes informáticos.

Retomando a tríade que pontuei no início deste relato, resiliência – centralidade – transversalidade, associando à segunda tríade conceitual, hibridismo – tecnologia – digital, dei início ao meu desenvolvimento acadêmico por meio de produções em mestrado e doutorado, e sequência à carreira docente e de pesquisa buscando (inter) conectar tudo, numa postura de entender e transmitir às formações de graduação e pós-graduação estudos e pesquisas da transformação que os campos de Ciências da Comunicação e Jornalismo ainda passam por conta da digitalização irreversível “de tudo”.

Tais escolhas temáticas sinalizaram que eu adentrava em um campo, inicialmente controverso para o tradicionalismo constituído nas pesquisas em comunicação e jornalismo e, atualmente, mais reflexivo aos processos de inovação, seja tecnológica, seja na linguagem e na propagação de mensagens por meio de múltiplos e novos suportes. De toda forma, escolhi e ainda escolho avançar na direção da inovação e na possibilidade de atuar ensinando e pesquisando um tema complexo, mutante.

A partir do ponto de inflexão que indiquei, surgiram diversos questionamentos: Como conciliar campos e conteúdos? Como evitar o determinismo tecnológico? Como preservar e, ao mesmo tempo, atualizar deontologias, ontologias, abordagens epistemológicas, métodos de pesquisa consolidados? Como oferecer disciplinas, orientar futuros pesquisadores em tal cenário? Tudo isso sem um posicionamento de embate acadêmico e valorização da cordialidade entre pares. Tudo isso tendo claro que o campo da comunicação tem um papel indiscutível de centralidade no tecido social contemporâneo.

## **O digital como ponto de inflexão resiliente**

A marca deste tempo foi a centralidade comunicativa clássica. Falamos do período pós WWW e o famoso estouro da bolha; e início da web social (2001-2010).

Um primeiro momento de meu percurso exigiu a conciliação dos campos profissional, acadêmico, científico e epistêmico (SILVA, 2009)<sup>1</sup>, exigindo uma postura resiliente para adequação, adaptação de todo um conjunto de novas abordagens que vinham ocorrendo com o surgimento da internet e sua consolidação por meio do WWW, que foi moldando a rede digital a partir de 1992 e, mais fortemente, a partir do estouro da “bolha” dos novos empreendimentos digitais.

Naquele momento, diferentes autores apontavam estudos e pesquisas focados no mediocentrismo e no questionamento (ou não) do determinismo tecnológico que punham em xeque “num movimento pendular entre a primazia dos meios tecnológicos de informação, e seus múltiplos desdobramentos, ou a leitura alargada do fenômeno comunicativo na vida do ser humano” (SILVA, 2009, p. 1). A autora opta por caracterizar o direcionamento do campo como de *condição midiática*.

Assim, minha atuação no ensino e pesquisa objetivavam abordar de forma introdutória a relação entre internet e meios digitais com os meios de comunicação, suas linguagens e propostas de negócio. À época, ainda prevaleciam o protagonismo da mídia clássica, o conjunto de referenciais teóricos e os recortes epistemológicos também ancorados no referencial consolidado.

O panorama delineado naquele momento teve como foco temático a caracterização do campo jornalístico no digital, e possibilitou, no período de 1998 a 2003, a oferta da disciplina “Um novo mundo (virtual) para a informação jornalística na web”; e uma reciclagem, a partir de 2004, da mesma disciplina objetivando sua adequação às mudanças inerentes ao período, deslocando seu foco central para aplicações múltiplas que o digital trazia para o campo das Ciências da Comunicação: “A informação eletrônica em questão: os pensadores do ciberespaço”. A proposta, mantida até o presente, oferece, a cada ano de ministração, um conteúdo teórico-conceitual-aplicado que reflete não apenas o momento, mas primordialmente um conjunto referencial que indique inovações e tendências. É uma disciplina “mutante” tal e qual meu objeto de pesquisa.

---

<sup>1</sup> Referencio-me às reflexões da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gislene Silva que toma por base a discussão do Jornalismo e dos entranhamentos que emergem a partir do conceito de campo de Pierre Bourdieu e que, para o caso do Jornalismo e, ousou ampliar para a Comunicação, constitui-se numa inseparabilidade entrecampos.

Também, neste período, constituí, em 2006, o COM+ – Grupo de Pesquisa em Comunicação, Mídia e Jornalismo Digitais registrado no CNPq e na Comissão de Pesquisa da ECA-USP, para abrigar Iniciação Científica, mestrandos, doutorandos, pós-doutorados e docentes visitantes e, inclusive, para a produção e publicação de conteúdos múltiplos – artigos em periódicos nacionais e internacionais; livros; e material na mídia não acadêmica.

Em decorrência do desenvolvimento de pesquisas e da evolução na titulação da carreira na USP, publiquei, em 2003, pela Editora SENAC-SP, o livro *Estratégias para a mídia digital: internet, informação e comunicação*, atualmente em 3ª edição, já com o título atualizado para “estratégias 2.0”. No período, publicamos a primeira produção coletiva do COM+, *Curadoria digital*, em formato de e-book.

É possível caracterizar os primeiros anos de adequação temática como um meio de apresentação e disseminação de conceitos, práticas e autores, cujos recortes e abordagens teóricas passavam pela identificação de formatos narrativos, por uma espécie de separação das atividades e práticas comunicativas “do digital”, sem, entretanto, enveredar pela amplificação da digitalização pela sociedade.

Importante ressaltar que, epistemologicamente e para o direcionamento de minha atividade de docência e pesquisa, tal ideia de separação temática – comunicação digital, jornalismo on-line, entre os mais citados na literatura brasileira, teve uma espécie de prazo de validade. Na mesma linha, conceitos de cibercultura e ciberespaço vão perdendo o protagonismo como norteadores epistemológicos.

Seguindo nesta narrativa, justifico o posicionamento.

## **Primeiras transversalidades**

Minha proposta epistemológica, a partir da segunda metade dos anos 2000, buscou um acompanhamento da própria evolução do pensamento amplo da digitalização social. A marca deste tempo, até os dias atuais, define-se como abertura de horizontes e olhares transversais. Visões que aplico para todas as vertentes da pós-graduação.

Destaca-se o surgimento dos *internet studies* e do *digital journalism studies* como organizadores epistemológicos e ontológicos das

pesquisas e das formações em pós-graduação. Tais vertentes se caracterizam pela introdução da ideia de digitalização como transformadora dos processos de comunicação e informação. A chamada “produção de conteúdo”, já apropriada dos aspectos técnicos de hipertextualidade e intermedialidade, passa a configurar formatos narrativos, transformações nos hábitos e comportamentos, impactos nos processos de sociabilidade e no surgimento de meios de comunicação e interação abrigados para além da lógica da tela de computador, configurando dispositivos móveis, como suportes midiáticos e de relacionamento interpessoal.

Também emergem as discussões sobre a constituição de redes na sociedade, ativadas pelos dispositivos técnicos – os primeiros olhares para a digitalização sob o ponto de vista sociotécnico e, portanto, para transversalidades especialmente com outros campos das ciências humanas, a exemplo da sociologia, antropologia e psicologia.

É a partir deste período que a disciplina de pós-graduação, embora com o mesmo nome, evolui de um conjunto autoral para um conjunto de referências calcadas nos *internet studies* – Mark Deuze, Ramón Salaverría, Manuel Castells, Christian Fuchs, Bruno Latour, William Dutton; e no Brasil, Suzana Barbosa, Marcos Palácios e André Lemos. Na mesma direção, as atividades de pesquisa do grupo COM+ seguem numa produção continuada de publicações, não apenas nos trabalhos de cada participante, mas também na produção coletiva focada na disseminação para um público mais amplo das lógicas de redes digitais e nos processos de sociabilidade decorrentes. São produzidos os livros *Tendências da Comunicação – volumes 1 e 2*, em formato de e-book; e *Visibilidade e consumo da informação na sociedade digital* em formato impresso, com financiamento Fapesp.

Também é o momento da consolidação das plataformas sociais digitais como canais de comunicação, interação e transações, quando o grupo COM+ estabelece nelas, sua presença com o objetivo de disseminação de pesquisas, indicação de tendências e inovações para aplicação nos campos da comunicação e do jornalismo.

Mas, reforçando o que afirmamos ao longo deste texto, a cena digitalizada é mutante, criando ciclos de inovação e, especialmente, de questionamento dos rumos do cotidiano, da opinião pública e dos formatos

narrativos. É o momento de retomar os autores clássicos de nosso campo, buscando uma compreensão mais alargada dos fenômenos sociais: Edgar Morin, Delleuze & Guattari, Baudrillard, McLuhan somam-se ao conjunto autoral direcionado ao entendimento do digital.

Passamos por um novo reciclar de conceitos, recortes epistemológicos e referencial autoral.

### **A sociedade digitalizada, a comunicação plataformizada, a sociedade polarizada**

Os anos recentes, especialmente a partir de 2016, quando os movimentos sociais no mundo ocidental passam a ocorrer como fenômenos hibridizados, onde os acontecimentos e transformações literalmente navegam entre telas e ruas, exigiu-se uma adicional mirada epistemológica para abarcar a velocidade dos acontecimentos, das formas de comunicação e sociabilidade decorrentes. Sem, evidentemente, desconsiderar o conjunto referencial já constituído.

Outros protagonistas surgem com força na sociedade conectada à rede: as empresas privadas detentoras de ferramentas de gestão sociotécnica da rede e, claro, de todos nós. As *big techs* – Google (Alphabet), Meta (Facebook, Instagram e WhatsApp), Apple, Microsoft, IBM, Adobe, Amazon –, passam a conduzir a governança das redes digitais pela concentração em sistemas plataformizados que controlam a técnica e a sociabilidade por meio de aplicativos que determinam formatos de comportamento e comunicação em conformidade aos interesses econômicos dos seus detentores.

Hábitos de consumo, formas de relacionamento, mensagens e publicações, visibilidade, autonomia de expressividade e de linguagens, formatos de narrativas visuais são alguns dos fenômenos que emergiram como necessários ao campo da comunicação e seu papel numa sociedade extremamente digitalizada e governada.

A proposta de estudos e pesquisas sobre a digitalização no campo da comunicação e do jornalismo amplia-se ainda mais, cujo caráter de transversalidade se faz necessário. Como entender a modulação algorítmica gerenciada pelas plataformas e que direciona



opiniões, desejos e necessidades sociais? Como entender que tais modulações promovem um contínuo cenário de desinformação e de polarização? Como discutir os papéis legítimos de entes comunicativos – o jornalismo em especial? Como pesquisar, por exemplo, processos de visibilidade generalizada de entes sociais? Ou ainda, como pensar nos aspectos amplificados de consumo que vão além de bens e serviços materiais e passam a oferecer imaterialidades de alto valor comunicativo?

O que vivenciamos, desde então, como pesquisadores não é exatamente uma busca de respostas, mas sim uma proposta de readequação epistemológica e dos referenciais já consolidados.

Dados digitalizados protagonizam todos estes movimentos e acontecimentos. São bens imateriais que governam a rede e que são decorrentes de configurações técnicas informáticas e matemáticas que induzem correlações entre eles para a geração de algum tipo de ação-reação na sociedade. É o momento de entender tais processos técnicos e, principalmente, questionar o panorama cotidiano. É o momento da inclusão de visões autorais mais recentes, como Nick Coul-dry, Shoshana Zuboff, Jose Van Dijck que vão direto ao ponto quando se pensa em plataformas sociais digitais, em algoritimização, em intencionalidades. Também é o momento de pensar os processos comunicativos sob os pontos de vista da midiatização e das mediações, referenciando Andreas Hepp, Stig Hjarvard, Jesús Martin Barbero, como fortes referências.

Esta etapa recente dos estudos de comunicação na sociedade digitalizada traz, ainda, um significativo conjunto autoral de pesquisadores brasileiros que, para não cometer esquecimentos, não citarei nominalmente. De toda forma, vivenciamos um panorama robusto. Com isso, nossos desenvolvimentos acadêmicos, seja individualmente, seja por meio do grupo COM+, ganham um espectro epistemológico bastante alargado, com publicações, orientações de mestrado e doutorado focadas nos fenômenos comunicativos recentes. A produção de mais um livro coletivo, *Caminhos da Comunicação – 2020*, em formato impresso – reflete o cenário.

## Lembrete final

Ao longo de quase três décadas de atuação acadêmica em nível de pós-graduação fica o aprendizado de que tomar o digital como adjetivação e foco para estudos e pesquisas é uma experiência que nos faz percorrer mais por incertezas do que por afirmações, nos leva a questionamentos e revezes que são inerentes à própria ideia de vivenciar um campo epistemológico eternamente “em construção”, é assumir uma maturidade para aceitar mudanças de rumos como algo natural e necessário se escolhermos novas descobertas.

É, por fim, atuar num contexto que revigora e traz incríveis momentos de satisfação quando percebemos nosso percurso e, pedindo licença a McLuhan, não olhamos pelo retrovisor.

## Referências

- SAAD CORRÊA, E. Centralidade, transversalidade e resiliência: reflexões sobre as três condições da contemporaneidade digital e a epistemologia da comunicação. *In*: ROMANCINI, R.; LOPES, M. I. V. de (Org.). CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE COMUNICAÇÃO IBERCOM, XIV, 2015, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ECA-USP, 2015.
- SILVA, G. De que campo do jornalismo estamos falando? **MATRIZES**, v. 3, n. 1, p. 197-212, 2009. ISSN: 1982-2073. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143012785011>. Acesso em: 16 out. 2022.
- SILVA, G. Sobre a imaterialidade do objeto de estudo do jornalismo. **E-Compós**, v. 12, n. 2, p. 1-14, maio/ago. 2009.



# **Da produção de sentido da publicidade às mediações e miditizações dos consumos e a semiopragmática interacional entre marcas e consumidores**

**Eneus Trindade<sup>1</sup>**

## **A trajetória das disciplinas e a formação de um campo do conhecimento no PPGCOM-USP.**

Pude iniciar minhas atividades docentes junto ao PPGCOM-USP já no primeiro ano do meu ingresso na USP, no segundo semestre de 2005, ministrando a primeira edição da disciplina Propaganda Identidade e Discurso, na antiga linha de comunicação e linguagens que compunha a área de concentração sobre Teorias e Metodologias da Comunicação, junto ao Programa de Ciências da Comunicação da ECA-USP. Contudo, em função da avaliação da CAPES, a CCP do PPGCOM-USP e a CPG da ECA entraram com um processo de novo Programa. Fui recredenciado em 2007.

---

<sup>1</sup> Professor titular do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da ECA-USP. Docente Permanente do PPGCOM-USP.

Essa primeira versão da disciplina, era um diálogo da linguagem publicitária e sua produção social de sentido para a mediação da construção do tecido cultural identitário. A preocupação da minha pesquisa neste período centrava-se nas questões das identidades culturais e suas representações discursivas na publicidade brasileiras e numa abordagem sobre os elementos constitutivos dos aparelhos da enunciação dos discursos publicitários, buscando as possibilidades de estudos da enunciação midiática da publicidade como processo da emissão, circulação à recepção. Tal perspectiva de disciplina durou até 2010, sendo oferecida quatro vezes, quando em função da minha pesquisa e de redimensionamentos do Programa, por mudanças geracionais, aposentadorias e busca de novos enfoques, possibilitou a criação da linha de pesquisa “usos e consumos midiáticos nas práticas sociais”, dentro da área de concentração de Estudos dos Meios e da Produção Mediática. Assim, dentro desta nova área de concentração e linha de pesquisa (a partir de 2010), a disciplina passou a se chamar Propaganda, Identidade, Discurso e Práticas de Consumo.

O acréscimo “Práticas de consumo” servia naquele momento à comparação das práticas de consumo sugeridas em discursos das marcas, com as práticas de consumo efetivas dos consumidores na vida cotidiana, gerando os estudos das relações e vínculos de sentidos entre marcas e consumidores, como um dos eixos de abordagem da nova linha.

Essa abordagem acumulava a experiência do doutorado associada ao primeiro pós-doutorado que realizei em Antropologia Visual, ocorrido, entre 2008-2009, na Universidade Aberta de Portugal, Delegação do Porto. Tal percurso, posteriormente, permitiu um amadurecimento dessa perspectiva dos vínculos de sentidos entre marcas e consumidores que gerou uma nova disciplina em 2016 – Mediações e Mídiatizações do Consumo, cujo eixo se organiza com maior autonomia no campo comunicacional, apresentando-se como uma possibilidade de *metateorização* para acessar as questões pertinentes aos objetos comunicacionais nos consumos, referentes aos vínculos de sentidos nas relações e interações entre as marcas e consumidores.

Essa disciplina trabalha elementos das culturas identitárias representadas nas mensagens das marcas; como busca dar conta de práticas comunicacionais ligadas aos consumos em seus univer-

tos culturais, essas representações e práticas são vistas a partir das definições dos termos mediações comunicacionais nas/das culturas (MARTÍN-BARBERO, 2001) e midiaticização (COULDRY; HEPP, 2013 e 2017). Trata-se de um avanço ao entendimento das lógicas comunicacionais que modalizam os consumos em uma perspectiva fenomenológica-materialista de caráter interpretativista.

A disciplina se tornou uma base para formação de estudante e as turmas trazem em média 20 estudantes anualmente, não só da ECA, como de outras unidades da USP. A disciplina de Mediações e Midiaticização do Consumo permanece na nova estrutura do PPGCOM-USP aprovada em 2019, agora ligada à linha de pesquisa: “processos comunicacionais: produção, tecnologia e consumos”.

Esse processo de transformações de disciplinas na pós-graduação está articulado com os processos de pesquisa que desenvolvo e que sempre buscaram a constituição das interfaces Publicidade, Comunicação e Consumo como elementos constitutivos de uma vertente do campo do conhecimento comunicacional.

### **Os desdobramentos de um pensamento teórico e metodológico: em comunicação, publicidade e consumo**

Minhas atividades de pesquisa na ECA iniciaram-se no mestrado do antigo NPTN – Núcleo de Pesquisas em Telenovela do CCA-ECA-USP em 1996, ainda no mestrado, e no contexto do extinto Núcleo Interdisciplinar da Linguagem Publicitária – NIELP, criado em 2000 e oficializado em 2003, coordenado pelo Prof. Dr. Ivan Santo Barbosa, do qual fiz parte da sua fundação, até o seu encerramento em 2009, onde desenvolvi minha pesquisa de doutorado e outras reflexões e pesquisas sobre a linguagem publicitária que gerou ecos na comunidade científica para a área.

A partir de 2007, já como docente USP, passei a constituir o Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo, GESC3-CNPq-USP. Neste grupo, os ecos se tornaram muito mais fortes. Nele, já fui líder entre 2010 a 2013 e sou o vice-líder atualmente, juntamente com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Clotilde Perez (líder do Grupo), amiga e grande parceira de trabalho em muitas pesquisas e ações de extensão.

A partir deste espaço, temos atuado fortemente na consolidação da linha de estudos sobre comunicação, publicidade e consumos em âmbito nacional e internacional.

Nestes 17 anos, a minha produção científica no Depto. de Relações Públicas, Propaganda e Turismo (CRP) encontrou identidade. As pesquisas que realizei e realizo no Departamento e PPGCOM, gradualmente, desenvolvem permanentemente meu senso crítico e investigativo sobre o objeto empírico, isto é, as comunicações do ecossistema publicitário e das organizações para a sociedade de consumo.

Na USP, após a contratação como docente, fiz parte, como dito inicialmente, do NIELP – Grupo/Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Linguagem Publicitária. O NIELP atuou como núcleo de pesquisa do CRP-ECA-USP, organizando publicações de pesquisa e livros didáticos para a área e realizou atividades de extensão: eventos, cursos de especialização (Marketing Político e Propaganda Eleitoral e Publicidade e Mercado – Poéticas verbais e visuais), dos quais fui docente integrante entre 2004 até 2009.

As bases das diversas teorias semióticas, do discurso e abordagens dos estudos da linguagem ganhavam espaço no NIELP, que privilegiou a seleção teórico-metodológica a partir do que pode ser mais rentável para o objeto e estudo dos fenômenos publicitários, constituindo-se como um importante centro na pesquisa sobre a comunicação midiática publicitária no âmbito da ECA-USP.

No NIELP desenvolvi meu primeiro projeto individual de pesquisa como docente USP, intitulado “Produção Social de sentido: a enunciação publicitária dos polos da emissão à recepção” (2005 a 2008). E um projeto temático, “Propaganda, linguagem e identidade: consumo e cidadania no contexto latino-americano”, no qual o projeto individual supracitado era um subprojeto. Esses projetos aconteceram sem financiamento, mas o individual contou com uma bolsa de IC PIBIC-CNPq e uma bolsa de IC da Fapesp para o aluno Rafael Araújo Lavor Moreira, hoje um importante profissional da publicidade. Esse projeto individual obteve publicações em periódicos nacionais (BARBOSA; TRINDADE, 2007a; TRINDADE, 2008 a e b; e internacionais (TRINDADE; ANNIBAL, TRINDADE; PEREZ, 2009)

de relevância no contexto brasileiro e ibero-americano e manteve sua coerência com a linha de pesquisa de Comunicação e Linguagens do PPGCOM-USP.

Mas é entre julho de 2008 a janeiro de 2009 que a pesquisa tem um giro transformador em minha vida. Realizei, com financiamento da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da USP para jovens docentes, um primeiro pós-doutorado na Universidade Aberta de Portugal, intitulado “Um olhar etnográfico sobre a fotografia publicitária: aspectos da cultura do consumo alimentar no Brasil e em Portugal”, sob supervisão do Prof. Dr. José da Silva Ribeiro, coordenador do Laboratório de Antropologia Visual (LABAV). A pesquisa foi executada como estágio docente no Exterior/Pós-Doutorado. Trata-se de um estudo interdisciplinar entre Antropologia Visual e a produção de sentido da comunicação publicitária impressa, no campo da alimentação no Brasil e em Portugal. Os objetivos principais do trabalho foram estabelecer uma conexão sólida entre a Antropologia Visual e o Consumo com os estudos da produção de sentido da publicidade e observar os aspectos semelhantes, particulares e interculturais no campo do consumo alimentar, na mediação de publicidades impressas brasileiras e portuguesas. O relatório foi rico em dados. Uma parte serviu à publicação internacional em revista da Espanha (TRINDADE; RIBEIRO, 2009). Outra parte foi publicada em artigos e capítulos de livro no Brasil e uma terceira grande parte, inédita, ficou guardada por três anos e deu origem à tese de livre-docência defendida em 2012, intitulada “Publicidade e Imagens do Consumo Alimentar: aspectos interculturais entre Portugal e Brasil” (TRINDADE, 2012a).

Aqui tinha início a primeira rede de conexões internacionais em que me inseri, graças aos contatos dos amigos e colegas de departamento Clotilde Perez e Sérgio Bairon, que me apresentaram ao Prof. Dr. José da Silva Ribeiro. Nesse período, também ingresso no GESC3 – Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo CNPq/USP e inicia-se um feliz “casamento acadêmico” com Clotilde Perez, pois nosso trabalho conjunto resultou em conquistas institucionais e científicas na pesquisa em Publicidade, que serão descritas adiante.



Essas duas ações (pós-doutorado e ingresso no GESC3) operam a junção entre os conhecimentos da linguagem publicitária e a compreensão da conformação das práticas de consumo como práticas culturais e discursivas. É deste período que surge o contato com as definições de midiaticização, pois o conceito de mediações já era trabalhado desde o projeto do NPTN em 1996 e seguiu presente em toda minha pesquisa, mas, desde então (2009), passaram a se desenvolver aplicados às mediações comunicacionais e midiaticizações do consumo.

Aquele momento, posso dizer que foi o marco para a construção de um pensamento de pesquisa sobre a publicidade que se articulava na interação e vínculos entre marcas e consumidores e que permitiu novas pesquisas, bem como o ingresso na rede internacional Imagens da Cultura, Cultura das Imagens – ICCI (entre USP, Universidade Aberta de Portugal, Universidad de Sevilla e Universidad de Murcia, ambas da Espanha). O Seminário anual desta rede contou com a minha participação em 2008, 2009, 2010, 2011, 2012 e 2013. Em 2013, fui organizador do evento no Brasil na USP, com financiamento FAPESP. A rede foi extinta com a aposentadoria do Prof. Dr. José Ribeiro, mas as parcerias com os colegas e amigos de Murcia, Prof. Dr. Pedro Hellín, e Sevilla, Prof. Dr. Fernando Contreras, seguem ainda mais sólidas até os dias atuais.

Sobre o GESC3 – Grupo de Estudos de Semiótica, Comunicação, Cultura e Consumo cabe dizer, que ele serve de abrigo ao trabalho de pesquisas individuais de colaboradores pós-doutorandos, pós-graduandos e bolsistas de IC sob minha orientação e supervisão e da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Clotilde Perez, bem como ações coletivas do grupo como o estudo sobre o “Universo Sínico da Pirataria” (concluído em 2013). Trata-se de um grupo multi e interdisciplinar que envolve áreas como a Comunicação Social, a Antropologia, a Administração, a Economia, a Psicologia, as Ciências Sociais, entre outras. Busca refletir a respeito dos fenômenos comunicacionais, midiáticos e culturais e seus reflexos na sociedade contemporânea e, particularmente, nas manifestações da comunicação e consumo. Atualmente, o GESC3 também incorpora os doutores formados por mim, pela professora Clotilde Perez, alguns formados pelo professor Leandro Batista e pela

professora Sandra Ribeiro. Isso mostra sua vitalidade e capacidade de dar continuidade à pesquisa por gerações.

Nesse sentido, o GESC3 tem contribuído com publicações científicas, realização e participação em seminários e congressos de comunicação e de áreas afins (INTERCOM nacional e regionais, Anpad, FELS, AISV, AISS, ALAIC, Compós, Imagens da Cultura, Comunicom, Enpecom, TREC – Retóricas do Consumo), participação e/ou criação de cursos de extensão (atualização, especializações, como MBA em Negócios e Estética de Moda EaD, Estética, Gestão de Moda e Cultura Material e Consumo: perspectivas Semiopsicanalíticas) e *Masters* (na FEA-USP e em outras Universidades do Chile, Peru, Espanha, França e Portugal).

O Grupo gera visibilidade, permitindo convites, pela sua notoriedade, para entrevistas na imprensa escrita e audiovisual e palestras em universidades do Brasil, ONGs e empresas. Adicionalmente, mantém, desde 2003, projeto com o Instituto de Pesquisa Ipsos no Observatório de Tendências e no desenvolvimento de novas metodologias de pesquisa junto à Diretoria de GC – Gerência do Conhecimento e, também, à Casa Semio e Consultoria, ambos coordenados pela professora Clotilde Perez, onde sou colaborador nessas duas últimas ações e posso tanto aplicar os conhecimentos teóricos como também participar do trabalho de campo em pesquisas etnográficas e outras metodologias de natureza qualitativa, como observações etnográficas, observação participante, compra acompanhada, *hunting* no Brasil e no exterior, entrevistas em profundidade etc.

Isto é, o grupo é o norteador de todas as nossas ações nos âmbitos do Departamento CRP e do PPGCOM-USP e está fortemente alinhado com as propostas institucionais da ECA, Departamento, Pós-graduação e Unidade, bem como reforça nossa ação externa à USP, no Brasil e no exterior, em ações institucionais e intercâmbios que consolidam o campo da comunicação e consumo pelos estudos de marcas e publicidade.

Essa institucionalidade também se dá em financiamentos de pesquisas por agências de financiamento nacionais e internacionais, pois, entre 2009-2012, obtive meu primeiro financiamento nacional

do CNPq, com o edital de Ciências Humanas, com o projeto A produção de sentido na recepção da publicidade e nas práticas de consumo de alimentos na cidade de São Paulo, o qual buscou observar aspectos da cultura alimentar na cidade de São Paulo, por meio da mediação do consumo e da publicidade, na vida familiar e nos ambientes públicos do contexto objeto da investigação (Processo CNPq 400138/2009-3). Este projeto demandou a colaboração de dois mestrados, duas bolsas PIBIC-CNPq e a colaboração da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Clotilde Perez para o aprimoramento das reflexões sobre as tendências do consumo alimentar.

Entre 2011 – 2012 coordenei o Projeto Pré-IC Observatório do Consumo Familiar, financiado pela Pró-Reitoria de Pesquisa com jovens do Ensino médio. A proposta da pesquisa, além de aproximar o Ensino superior do Ensino Médio, era superar uma das maiores dificuldades de se realizar estudos etnográficos do consumo, pelo fato de que as técnicas etnográficas são muito invasivas, no sentido de se ter que estar presente na vida cotidiana das pessoas investigadas. No contexto contemporâneo torna-se difícil penetrar no universo doméstico para uma investigação dessa natureza. Nesse sentido, é que propus como atividade de Pré-IC o estudo do consumo das famílias, tendo como sujeito observador um membro da própria família. Além disso, o projeto ofereceu como contrapartida uma vivência no espaço da USP que incluiu visitas aos espaços da universidade e apresentação das profissões das carreiras em Publicidade, Relações Públicas e Turismo. O projeto foi assistido com bolsas para oito Jovens do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino de São Paulo da E.E. Sebastião de Souza Bueno. Considero esta experiência marcante. Os jovens realizaram um valioso conjunto de diários das vidas do consumo familiar e tiveram um aprendizado sobre o sentido da vida universitária.

Entre 2011-2013 coordenei importante Projeto Integrado no CNPq – “Cerveja, Publicidade, Regulação e Consumo: o olhar da comunicação sobre a comunicação de marcas de cervejas contemporâneas e suas implicações na vida social de adolescentes –, com financiamento do edital de Ciências Humanas. A pesquisa tinha como objeto e perspectiva teórica o olhar acerca da influência da comunicação publicitária e das marcas de cerveja no consumo de adolescentes

da cidade de São Paulo. A perspectiva de trabalho conjugou aspectos da regulação e regulamentação do consumo de bebidas alcoólicas, cerveja especificamente, com o estudo de recepção sobre os conteúdos e os efeitos de impacto de percepção dos elementos das campanhas publicitárias, como, também, incluiu o olhar sobre a circulação de mensagens do setor entre os sujeitos investigados nas mídias sociais. O trabalho buscou ainda a análise e a crítica da trajetória das marcas de cerveja em seus discursos (conceitos e temas de campanhas). Objetivo: tal abordagem visou conhecer os processos de midiaticização e a presença das marcas de cerveja na vida dos adolescentes que vivem em São Paulo, pelo olhar da pesquisa em Comunicação, tendo em vista que o assunto é estudado pela área de Saúde Pública e do Direito, mas era pouco abordado em relação ao modo como foi estudado neste projeto, no campo das Ciências da Comunicação. Essa pesquisa visou gerar outros pontos de vista para o debate nacional sobre o assunto. A metodologia utilizada foi de natureza interdisciplinar, trabalhando multimétodos: focada nos estudos semióticos e discursivos das marcas e das publicidades de cerveja, do universo cultural de consumo de cervejas junto aos jovens, bem como da circulação/recepção dos sentidos do consumo midiático das marcas de cervejas nas mídias sociais digitais, junto ao público da pesquisa (Processo CNPq/CAPES, edital 07/2011: 400617/2011). Compuseram essa pesquisa os professores Clotilde Perez, Leandro Batista, Pedro Hellín (Universidad de Múrcia Espanha) e quatro bolsistas de IC, sendo dois deles orientados por mim. O projeto gerou inúmeras publicações nacionais e internacionais.

Entre 2014 até setembro de 2020, tive outra grande vitória marcante em minha carreira de pesquisador, pois obtive o financiamento e a Coordenação do PROCAD CAPES – “Comunicação e mediações em contextos regionais: usos midiáticos, culturas e linguagens”. Tratava-se de um projeto de cooperação acadêmica em âmbito de pós-graduação entre os programas: PPGCOM-USP (Proponente) e PPGEM-UFRN e PPGCOM-UFMS (Associadas). A partir da consolidada tradição de pesquisas no campo das mediações culturais no âmbito das Ciências da Comunicação da IES proponente (50 anos – Capes nota 5) compartilha-se, por meio de projetos de ensino e pesquisa para formação

pós-graduada, esta experiência a favor do permanente desenvolvimento das IES associadas (ambas Capes nota 4 e 3, respectivamente). A temática da Comunicação e das mediações, como abordagem teórica, para análise de fenômenos das mídias em contextos regionais busca promover o respeito e a valorização da discussão sobre as produções sociais de sentidos nos diversos âmbitos de ocorrências dos fenômenos midiáticos, neste caso, restritos aos contextos vividos pelas realidades dos programas envolvidos nesta ação cooperada, ressaltando, sobretudo, as dimensões dos usos midiáticos manifestados pelas mídias tradicionais e dos novos formatos tecnológicos de comunicação em seus modos e lógicas de interação nos contextos de suas apropriações; das dinâmicas e reconfigurações das culturas locais mediadas pelos produtos midiáticos frente às demandas hegemônicas da globalização, bem como de suas linguagens, que constituem parte das dimensões do poder simbólico que se faz revelar, articular e desarticular, ao nos defrontarmos com os meandros destes fenômenos comunicacionais. Tal perspectiva tem por finalidade, ainda, propiciar construções teórico-metodológicas que traduziam possibilidades do exercício de rebeldias competentes (CUNHA, 2013) que estivessem mais apropriadas às realidades culturais e midiáticas do contexto ibero-americano, brasileiro, especificamente, o que tendeu a ser revelador de uma identidade do pensamento teórico da área de comunicação.

A natureza deste programa de cooperação foi a de abrigar projetos docentes de pesquisa, de pós-doutorado, de dissertações e teses, Bolsas de IC e mobilidade de docentes e discentes (Processo PROCAD, edital 071/2013: Nº 88881.068497/2014-01, aprovado em outubro de 2014).

O PPGCOM-USP revitalizou sua inserção social nacional com este projeto e o aprendizado foi gratificante. As produções científicas são inúmeras. Já existem livros publicados em 2019 e em 2021 (TRINDADE, et al., 2019 e 2021). O projeto chegou ao fim com êxito e abre possibilidades de criação de uma rede nacional e internacional sobre as mediações em comunicação, tendo sido um dos maiores projetos financiados da ECA nos últimos dez anos. A ECA e o PPGCOM-USP reafirmam seu lugar como uma Escola do Pensamento sobre as Mediações Comunicacionais na e das Culturas.

Também, entre 2014-2017 obtive outra valiosa conquista. Trata-se do meu primeiro projeto aprovado com Bolsa Produtividade em Pesquisa PQ2, do CNPq.

O PROCAD Capes e este projeto PQ CNPq consolidam dois aspectos relevantes na minha trajetória profissional: a minha maturidade acadêmica como pesquisador em termos do reconhecimento por pares e por importantes instituições de financiamento da pesquisa nacional, CNPq e Capes; e, também, por contribuir à institucionalização do saber comunicacional a partir da publicidade, já que são poucos os pesquisadores desta área que são financiados com Bolsa Produtividade em Pesquisa.

Mas voltando ao projeto da Bolsa PQ2, que se intitulou – “Mediações e mediação de vínculos de sentidos entre marcas e consumidores: as marcas e tendências no setor alimentar em São Paulo”, posso configurá-lo como uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa, que buscou sistematizar e delinear, no âmbito teórico-metodológico, os contornos da mediação que constituem as vinculações de sentidos entre marcas e consumidores no setor da vida material alimentar, investigando espaços comerciais de alimentos, espaços de circulação em mídias digitais para interação com algumas marcas, bem como buscou estudar a recepção de sujeitos da classe média de 30 a 40 anos, residentes em São Paulo, frente às ações do ecossistema publicitário das marcas de alimentos, sob o foco de cinco grandes macro-tendências do consumo contemporâneo, a saber: sensorialidade e prazer; conveniência e praticidade; saudabilidade e bem-estar; ética e sustentabilidade; qualidade e confiabilidade. Justificativa: a temática em pauta tornou-se oportuna ao se perceber a carência de estudos desta natureza na área de Comunicação, quando da realização do projeto “A produção de sentido na recepção da publicidade e nas práticas de consumo de alimentos na cidade de São Paulo” (Processo CNPq 400138/2009-3, finalizado em 2011).

Os resultados da referida pesquisa, além de gerar um número considerável de publicações de artigos, permitiram nossa circulação junto a outras áreas do saber, como a Saúde Pública e Nutrição, possibilitando apresentar possíveis contribuições do campo comunicacional para essas áreas em bancas, eventos, que fizeram desta vivência algo bastante profícuo.

Além disso, em especial, os resultados da pesquisa citada, apresentados em parceria com Clotilde Perez, a saber: Trindade e Perez (2013) e Trindade (2012b), sobre os vínculos de sentidos do consumo alimentar na vida familiar e nos ambientes públicos de São Paulo, sinalizaram a problemática do aprofundamento dos vínculos de sentidos entre marcas e consumidores de alimentos frente às cinco macro-tendências do setor alimentar, já citadas, todas identificadas no importante relatório “Brasil food trends 2020”, publicado (MADI *et al.*, 2010), o qual traz uma síntese de estudos mundiais sobre megatendências do setor de alimentos. Os objetivos gerais da pesquisa eram: a) sistematizar, a partir de estudo exploratório de natureza qualitativa, os contornos de uma abordagem teórico-metodológica no campo dos estudos da comunicação e do consumo, sobre as formas de mediação do setor de alimentos; b) identificar os vínculos de sentidos criados pela mediação do sistema publicitário de marcas de alimentos frente as cinco macro-tendências do setor (sensorialidade e prazer; conveniência e praticidade; saudabilidade e bem-estar; ética e sustentabilidade; qualidade e confiabilidade), observando seus espaços comerciais, a circulação midiática de pelo menos uma marca em cada macro-tendência e buscando, ao mesmo tempo, as interpretações de consumidores de classe média sobre cada tendência e suas marcas.

A metodologia e os procedimentos envolveram a perspectiva semi-discursiva e antropocultural, pautadas em discussões de grupos para os estudos de recepção previstos na pesquisa, de percursos etnográficos do consumo de alimentos, suas ritualidades, com registros fotográficos, vídeos, diários de campos (Processo CNPq PQ2305449/2013-3).

No primeiro semestre de 2018, realizei um segundo pós-doutorado a convite da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Karine Berthelou-Guiet, Diretora do CELSA (antigo Centre D'Études Littéraire Appliqués), que hoje funciona como l'Ecole des Hautes Études en Sciences de l'Information et de la communication, pertencente à Sorbonne Université – Paris I. A referida docente também coordena, juntamente com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Caroline Marti, a linha de pesquisa do GRIPC sobre *Médiations marchandes*, estudando a especificidade da comunicação das marcas e da publicidade nos contextos culturais. O projeto realizado foi feito com

financiamento da Sorbonne Université para a ocupação da condição *chair numeratie publicitaire* do Projeto maior *TRANSNUM – Transformación Numérique*, financiado com 30.000,00 €, que abordava as transformações digitais na mediação da publicidade nas culturas. Neste sentido, coordenei a pesquisa “Etat des connaissances sur la publicite et consommation numériques dans les périodiques brésiliens et français de 2006 a 2017”. Essa ação gerou uma publicação em periódico, e teve a colaboração de dois pesquisadores franceses para a comparação entre os dois contextos – Brasil e França – (TRINDADE, 2019a). Também participei de vários eventos no CELSA e apresentei três seminários de pesquisa. As relações com a CELSA tiveram início em 2011, quando conheci as professoras Karine e Caroline no Congresso Internacional de Semiótica Visual (AISV), em Lisboa. Em 2015, convidei Karine para a abertura do VI Propesq PP – Encontro Nacional de Pesquisadores em Publicidade, evento anual realizado na ECA-USP em parceria com a Associação Brasileira de Pesquisadores em Publicidade (ABP2), com financiamento FAPESP e CAPES e, em 2016, fui convidado como conferencista do seminário internacional no CELSA sobre “Publicidade e mediação das marcas nas culturas de consumo”. Desde então, temos trabalhado com intercâmbios permanentes de naturezas diversas. Em 2016 a Prof<sup>a</sup> Caroline Marti participou como conferencista das Celebrações dos 50 anos da ECA-USP e, em 2019, ela participou do X Propesq PP – Encontro Nacional de Pesquisadores em Publicidade.

Entre 2017-2020 obtive novo projeto de Bolsa Produtividade em Pesquisa – PQ2 CNPq aprovado – “Tendências da Pesquisa em Publicidade e Consumo no Brasil – 2006 a 2018: a construção de um subcampo da pesquisa em comunicação”. Essa proposta buscou compreender as tendências da investigação em publicidade e consumo no campo da Comunicação no Brasil, a partir de um estudo longitudinal das principais publicações em periódicos, entre os anos de 2006 a 2018. O projeto utiliza, como principal referência para tal empreitada, os estudos de Kim, Hayes, Avant e Reid (2014) e Yale e Gilly (1988), que promoveram o levantamento internacional do estado da arte da pesquisa científica em publicidade, de 1990 a 2010 e de 1976 a 1985,



respectivamente. A relevância desta pesquisa bibliométrica reside no fato de não existir tal sistematização no que diz respeito à produção científica em publicidade e consumo no país e, também, pelo fato de que, no recorte temporal apresentado para estudo, se identifica uma ascensão da temática no contexto nacional da área que merece ser compreendida em seus direcionamentos teóricos, metodológicos e especificidades de objetos. Os estudos dessas tendências se concentram nos periódicos brasileiros considerados mais relevantes – Qualis Capes A2, periódicos (válido até 2018) – da área de Ciências Sociais Aplicadas 1 (Comunicação e Informação), buscando um alinhamento, na medida do possível, com critérios internacionais de qualidade científica, tais como o fator de impacto e a sua relevância para os principais centros de produção científica do país. Nesses termos, torna-se necessário observar essa produção e conhecer o *status* real da divulgação científica das pesquisas em periódicos brasileiros sobre o tema. Como resultado, foi possível promover uma análise das abordagens teóricas, metodologias e objetos, autores que configuram linhas epistemológicas convergentes e dispersantes da comunicação, a partir dos objetos constituídos na interface publicidade e consumos (Processo: 302496/2016-5). O projeto envolveu um bolsista PIBIC, dois doutorandos e uma mestrandia.

Por fim, destaco a pesquisa internacional Observatório da Pandemia, por ocasião da crise mundial provocada pelo coronavírus, que mobilizou o entendimento das marcas e práticas de consumo, no contexto do isolamento social. Essa pesquisa aglutinou nossos parceiros em Murcia e em Sevilha, na Espanha, no Chile, no Peru e em Portugal. Os resultados do capítulo Brasil foram publicados em MARQUES FILHO, PEREZ e TRINDADE, 2021.

### **O momento atual da pesquisa**

Atualmente, concluo projeto que foi iniciado em março de 2020, com financiamento de Bolsa Produtividade em Pesquisa PQ2 CNPq, intitulado “Mediações algorítmicas na cultura de consumo material: mapeando aplicativos de alimentação e moda”. A pesquisa,

em fase inicial, busca compreender os modos de interação comunicativa de aplicativos de uso corrente nos setores da vida material de alimentos e da moda, de modo a refletir sobre os tipos de funcionalidades, novas ritualidade e lógicas que tais dispositivos instauram na midiaticização dos consumos e das culturas em que se inserem. O projeto se pauta nas mediações culturais de Martín-Barbero (2001), para considerar a mediação comunicacional dos algoritmos (TRINDADE; PEREZ, 2021, TRINDADE, 2019b e 2021), na cultura de consumo a partir do contexto de São Paulo, mapeando aplicativos de moda e alimentação, discutindo suas funcionalidades e lógicas midiaticizadas na cultura. Essa pesquisa inaugural tem o desafio de entender os novos rumos da publicidade digital e seus modelos de negócios e processos de interação, colocando a publicidade como lógica, processo, deixando em segundo plano a sua análise como discurso/texto.

Esta perspectiva inaugura, em associação com as mediações do consumo, o que estamos denominando de semiopragmática das interações marcas e consumidores em contextos digitais.

É nesta esteira que se desenvolvem os caminhos atuais da minha pesquisa (TRINDADE, 2019a). Bem como, busco dar conta da minha ação institucional e de pesquisa na comunicação, a partir do meu trabalho no PPGCOM-USP de 17 anos, que é parte significativa dos 50 anos de história deste Programa.

## Referências

- BARBOSA, I. S.; TRINDADE, E. Enunciação publicitária e suas possibilidades. **Acta Semiotica et Linguistica**, v. 12, p. 59-70, São Paulo: SBPL, 2007.
- COULDRY, N.; HEPP, A. **The Mediated construction of reality**. Cambridge: Polity Press, 2017.
- COULDRY, N.; HEPP, A. conceptualizing mediatization: contexts, traditions, arguments. **Communication Theory**: Munich: ICA, v. 23, n. 3, p. 191-102, 2013. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/comt.12019/pdf>.
- CUNHA, I. F. A globalização da investigação em Ciências Sociais: o caso dos Estudos de Comunicação no Espaço Ibero-Americano e Lusófono. **MATRIZES**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. São Paulo: PPGCOM-USP, v. 7.n. 1, p.149-165, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v7i1p149-165>.
- KIM, K.; HAYES, J. L.; AVANT, J. A.; REID, L. N. Trends in Advertising Research: A Longitudinal Analysis of Leading Advertising, Marketing, and Communication Journals, 1980 to 2010. **Journal of advertising**, v. 43, n. 3, p. 296-316, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00913367.2013.857620>.
- MADI, L.; PRADO, A. C.; REGO, R. A. **Brasil food trends 2020**. São Paulo: Fiesp-Ital, 2010.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 2001.
- PEREZ, C.; TRINDADE, E.; FOGACA, J.; BATISTA, L. L. (Org.). **Universo sógnico da pirataria**: Falso? Verdadeiro! 1. ed. v. 1. São Paulo: Inmod, 2013. 363 p.
- POMPEU, B.; PEREZ, C.; TRINDADE, E. Observatório da pandemia: a publicidade e as marcas no contexto da covid-19. **Comunicação Pública**, v. 16, Lisboa: Univ. Nova de Lisboa, 2021.
- TRINDADE, E.; ANNIBAL, S. F. Os efeitos do espaço na enunciação midiática publicitária. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 7, p. 78-89, 2007.
- TRINDADE, E.; BARBOSA, I. S. Os tempos da enunciação e dos enunciados publicitários e a questão do cronotopo. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 10, p. 125-140, 2007.

TRINDADE, E. Diretrizes para uma teoria da enunciação da recepção publicitária. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo: Intercom. v. 31, n. 2, p. 35-54, 2008a,

TRINDADE, E. Recepção publicitária e práticas de consumo. **Revista Fronteiras Estudos Midiáticos**, São Leopoldo: Unisinos. v. X, n. 2, p.73-80, maio-ago., 2008b.

TRINDADE, E.; Ribeiro, J. S. Antropología, comunicación e imágenes: alternativas para pensa la publicidade y el consumo en la contemporaneidad. **Pensar la Publicidad**, v. 3, p. 203-218, 2009.

TRINDADE, E.; PEREZ, C. Os múltiplos sujeitos da publicidade contemporânea. **Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão**, Lisboa; Rio de Janeiro, v. 8, p. 25-36, 2009.

TRINDADE, E. **Publicidade, imagens do consumo alimentar**: aspectos interculturais entre Portugal e Brasil. 2012. Tese (Livre-docência) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012a. 172 p.

TRINDADE, E. Um olhar exploratório sobre o consumo e midiatização de marcas de alimentos nas vidas de algumas famílias. **MATRIZES**, São Paulo: PPGCOM-USP, v. 6, n. 1, p. 77-96, 2012b.

TRINDADE, E.; PEREZ, C. Rituais de Consumo: dispositivos midiáticos de articulação de vínculos de sentidos entre marcas e consumidores. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL IMAGENS DA CULTURA, CULTURA DAS IMAGENS, IX, 2013, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ECA-USP, 2013a. p. 1-12.

TRINDADE, E.; PEREZ, C. Aspectos dos vínculos de sentidos do consumo alimentar em São Paulo: difusão publicitária e megatendências. **Intercom**, São Paulo, v. 36, p. 245-266, 2013.

TRINDADE, E.; FERNANDES, M. L.; LACERDA, J. (Org.). **Entre comunicação e mediações: visões teóricas e empíricas**. 1. ed. São Paulo e Campina Comunicação e Mediações: novas perspectivas Grande: ECA-USP; EDUEPB, 2019, v. 1, p. 57-74. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002955410.pdf>.

TRINDADE, E.; MALULY, L. V. B.; PAVAN, M. A.; FERNANDES, M. L. (Org.). **Comunicação e Mediações**: novas perspectivas. 1. ed. v. 1. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 2021. 300 p.

TRINDADE, E. Tendências sobre publicidade e Consumo em revistas científicas da comunicação Qualis A2 entre 2006 e 2017. **Signos do Consumo**, v. 11, p. 114-125, 2019a.

TRINDADE, E. Algorithms and Advertising in Consumption Mediations: A Semio-pragmatic Perspective. *In: Lecture Notes in Computer Science (Part II)*. 1 ed. Cham: Springer International Publishing, 2019b, v. 11579, p. 514-526. Disponível em: [http://link.springer.com/10.1007/978-3-030-21905-5\\_40](http://link.springer.com/10.1007/978-3-030-21905-5_40).

TRINDADE, E.; PEREZ, C. Das mediações comunicacionais à mediação comunicacional numérica no consumo: uma tendência de pesquisa. *In: TRINDADE, E; MALULY, L; PAVAN, M. A.; FERNANDES, M. L. (Org.). Comunicação e Mediações: novas perspectivas*. 1. ed. v. 1. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 2021. p. 85-98. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/583/519/1975>.

YALE, Laura; GILLY, Mary C. Trends in Advertising Research: A Look at the Content of Marketing-Oriented Journals from 1976 to 1985. **Journal of Advertising**, v. 17, n. 1, p. 12-22, 1988.

# **Ciências Cognitivas e Comunicação: uma integração investigativa com a aplicação de metodologias pouco tradicionais no programa**

**Leandro Leonardo Batista**

## **Introdução**

Tive como base uma formação acadêmica de origem diferente da maioria dos colegas do PPGCOM, tendo como base teórica a integração da comunicação com a psicologia cognitiva e a comunicação de saúde e, como foco metodológico, os métodos quantitativos, tanto aqueles que buscam a mensuração de grandes populações, as chamadas *surveys*, muito populares atualmente em função da facilidade de aplicação via meios eletrônicos, como também pesquisa com pequenos grupos e intensa manipulação dos estímulos testados, como acontece em experimentos de laboratório, extremamente populares no campo da psicologia.

Toda a experiência adquirida durante a minha formação acadêmica ofereceu a oportunidade de trazer para o programa uma perspectiva pouco explorada nos estudos de comunicação no Brasil, que combina o processamento mental, suas causas, funções e consequências como base teórica e metodologia de pesquisa que integram

tanto os métodos qualitativos como os quantitativos, sendo que esses últimos têm ganhado aderência dentro das pesquisas no campo da comunicação nacional. Este foco permite integrar as reações motivacionais e emocionais no processamento automático e no reflexivo de mensagens recebidas dos meios de comunicação, considerando a interação entre o indivíduo e o meio em que ele se encontra, as respostas deste indivíduo às mensagens em tempo real e as consequências deste processamento nos processos de julgamento, decisão e escolha, que podem estar associados aos conteúdos comunicacionais.

Tendo esta fundamentação como base, divido esta apresentação da minha trajetória de mais de 20 anos como professor do PPGCOM-USP em aspectos teóricos e metodológicos.

### **Aspectos teóricos**

Os aspectos teóricos, que oferecem a base para as disciplinas oferecidas dentro do programa, têm como suporte os estudos das ciências cognitivas, assim “trata do modo como as pessoas percebem, aprendem, recordam e pensam sobre a informação” (STERNBERG, 2000, p. 22), sendo, portanto, diretamente aplicados em estudos de comunicação, seja com o foco interpessoal ou das comunicações de massa. Assim, o conteúdo das disciplinas oferecidas permitiu que os alunos tivessem contato com aspectos do processamento da mensagem que enfatizavam o papel da atenção, da emoção, da percepção, da motivação, da memória e do aprendizado de uma forma geral.

Essa base teórica foi a sustentação para o direcionamento das pesquisas realizadas que focaram por um lado nos processos de estereotipia e contra estereotipia, principalmente dentro da comunicação publicitária, no desenvolvimento de estudos que observavam a formação, o desenvolvimento e o combate ao racismo presentes nas comunicações comerciais. Esses temas são bem atuais e ganharam notoriedade internacional recentemente em face de acontecimentos e mudanças nas formas de pensar sobre eles. Livros, dissertações e teses foram desenvolvidas com esses pressupostos teóricos, a partir de pesquisas realizadas sob a minha orientação, colocando o programa

na vanguarda destes estudos dentro e fora da academia no Brasil e fora dele.

Merece destaque o livro organizado por Francisco Leite (mestrado e doutorado pelo PPGCOM) e por mim, com a colaboração de diversos professores do programa e também de fora da USP, intitulado *Publicidade antirracista: reflexões, caminhos e desafios* (LEITE; BATISTA, 2019), finalista do Prêmio Jabuti 2020 e com mais de 10 mil downloads, já que o livro foi disponibilizado gratuitamente no Portal de Livros Abertos da USP. Esta obra é uma continuidade de outro livro organizado pelos mesmos autores – *O Negro nos espaços publicitários* (BATISTA; LEITE, 2011) –, classificado entre os 10 melhores livros brasileiros do campo da comunicação pelo Prêmio Jabuti de 2012. Enquanto o livro de 2011 buscava demonstrar e denunciar aspectos racistas na publicidade, buscando combater e deslocar conteúdos estereotípicos negativos associados à população negra, o livro mais recente busca demarcar as potencialidades de um pensamento antirracista dentro da comunicação publicitária.

Não menos importante foi o desenvolvimento das pesquisas associadas à comunicação de riscos, área que estuda como a comunicação pode ajudar no alerta, na prevenção e no tratamento de riscos presentes no dia a dia da população, tanto na sua ligação com o meio ambiente focando em preservação, prevenção e recuperação da natureza, como quando ligada à saúde que ganhou notoriedade recentemente em face dos acontecimentos da pandemia do covid-19. A ciência cognitiva é peça central nestes estudos uma vez que a reação da sociedade frente a riscos depende diretamente da forma como o risco é percebido e sua aplicação atinge temas centrais na sociedade atual.

As pesquisas realizadas sob minha orientação nesta área abordaram principalmente problemas associados à saúde, incluindo desde pesquisa básica sobre o fluxo emocional e seu papel na percepção de risco até as associadas à avaliação de campanhas e o combate à hesitação vacinal, um problema mundial. A importância da presença desta área de pesquisa em um programa de comunicação é que, embora seja um problema de comunicação, a maioria dos estudos no Brasil são oriundos do campo da saúde pública, deixando uma lacuna a ser coberta pelos



estudos com base na comunicação. Importante salientar que outros professores do programa (e fora dele) já orientaram pesquisas com essa temática tendo como base métodos e teorias diferentes.

Nossas pesquisas mais recentes neste campo incluem as novas tecnologias, as chamadas Realidade Virtual e Realidade aumentada, buscando integrar o receptor com a mensagem gerando uma aproximação entre o conteúdo informativo da mensagem e a vivência do problema pelo receptor em uma quase realidade. A expectativa destes estudos é que a experiência pessoal do problema possibilite a internalização do risco e a aceitação da profilaxia. Este é um campo em franco desenvolvimento nas pesquisas de comunicação de risco em várias partes do mundo e que tem o potencial de inserir o programa como protagonista nessas pesquisas. Uma dissertação finalizada recentemente (MOCCIO, 2022<sup>1</sup>) com a finalidade de combater o tabagismo dá destaque, pela realidade aumentada, aos efeitos do consumo de produtos tabagistas (um problema em ascensão em jovens devido aos cigarros eletrônicos chamados *Vape*), no escurecimento do pulmão do fumante, um efeito conhecido mas de difícil visualização.

Fica claro, espero, a importância da inserção das ciências cognitivas nos focos teóricos dos estudos de comunicação, uma vez que permite observar, por exemplo, os efeitos da presença e da ausência de estereótipos em seus conteúdos, ao destacar valores da sociedade considerando aspectos como atenção, percepção, aprendizado e memória como influenciadores dos processos comunicacionais. No mesmo sentido, caminha a comunicação de riscos, um problema permeado pelo viés do otimismo, uma barreira a ser superada pela comunicação, uma vez que a percepção do indivíduo de que os males associados a um problema de saúde ou meio ambiente nunca o atingirão, pode ser combatido pela comunicação (WEINSTEIN; LYON, 1999, PARK et al., 2021).

No entanto, esta veia de pesquisa necessita de uma variedade de métodos como veremos a seguir.

---

<sup>1</sup> Ainda não disponível no sistema USP: “Efeito da realidade aumentada sobre a persuasão em comunicações públicas de combate ao tabagismo”. Gabriel Paezani Moccio, 2022.

## Aspectos metodológicos

As pesquisas realizadas durante a minha trajetória no programa têm aproveitado de uma vasta gama de métodos que vão desde os menos intrusivos, como análise de conteúdo, onde a ação do pesquisador não afeta o objeto da análise, até os mais intrusivos, como os experimentos de laboratório, onde o objetivo primeiro é avaliar o quanto efetiva pode ser uma manipulação do estímulo, do sujeito e/ou dessa interação em afetar o processamento da informação de conteúdos comunicacionais. Os dados coletados incluem tanto as reações controladas avaliadas por respostas a perguntas e escalas, geralmente em formato de questionários, como as reações automáticas medidas por tempo de reação, direcionamentos do olhar ou reações fisiológicas como sudorese ou batimentos cardíacos (esse último ainda está em fase de implantação).

O fundamento por trás da busca por uma variedade de métodos e uma combinação de estudos qualitativos e quantitativos é a necessidade de uma abordagem mais ampla dos problemas observados, considerando o viés teórico dos estudos cognitivos aplicados na comunicação. Principalmente a diferenciação entre respostas explícitas ou controladas, aquelas que o indivíduo tem controle total sobre elas, e as implícitas ou automáticas que são respostas quase que totalmente fora do controle do indivíduo.

Embora alguns pesquisadores possam considerar que a combinação de métodos qualitativos e quantitativos ferem princípios básicos das pesquisas empíricas, pois combinam diferentes visões do mundo e, por consequência, podem ter bases paradigmáticas diferentes, observa-se uma crescente onda para a combinação dessas modalidades de coleta de dados, considerando que uma estratégia pode ser usada a serviço da outra na busca do entendimento do fenômeno sendo observado. Não existe superioridade de um método sobre outro, nem tampouco uma ordem sequencial a ser seguida, cada problema ou questão de pesquisa demanda tanto um peso maior para um ou outro desses métodos na discussão dos resultados, quanto para uma igualdade de forças na explicação do que se quer observar; o mesmo pode ser considerado em termos de sequenciamento, para determinados problemas é melhor que se inicie com

a pesquisa qualitativa enquanto para outros o inverso é verdadeiro e, para um possível terceiro grupo de questões, a ordem não fará diferença. O desenvolvimento de softwares para análise de dados qualitativos com grande capacidade de síntese colabora muito para esta integração, como, por exemplo, o Iramuteq (<http://www.iramuteq.org>).

Passo a expor agora uma breve explanação dos métodos utilizados nas minhas pesquisas, focando, sem julgamento de valor, apenas naqueles que são menos tradicionais no campo da comunicação no Brasil.

Um método que se mostrou bastante frutífero para pesquisas exploratórias e que vem sendo introduzido recentemente no campo da comunicação no Brasil é a *Grounded Theory* – GT (TAROZZI, 2011) ou a Teoria Fundamentada, como o termo foi traduzido em Fragoso, Recuero e Amaral (2012). A GT é um agrupamento de procedimentos para se trabalhar um conjunto grande de dados qualitativos, originários de entrevistas em profundidade ou outros documentos (mensagens, matérias de jornal etc.). De uma forma geral, pode ser considerada como “um modo de pensar (ou de construir) a realidade social” (TAROZZI, 2012, p. 17), mas como alertam Fragoso et al. (2012): “precisa ser estudada com cuidado e espírito crítico antes de sua adoção como perspectiva metodológica” (p. 83).

Existem softwares como o N-Vivo e outros, que são grandes facilitadores do árduo esforço na análise; no entanto, existe uma grande recompensa deste esforço uma vez que os resultados gerados pelo método oferecem um entendimento do problema e suas dimensões dificilmente encontrados em outros métodos de pesquisa. Especificamente nas pesquisas que participei, foram abordados aspectos relacionados ao racismo e na formação de estereótipos do Brasil na imprensa estrangeira, no primeiro caso foram utilizadas, em dois estudos, entrevistas em profundidade e, no segundo, matérias jornalísticas publicadas na grande imprensa da Espanha sobre o Brasil.

Dentro do campo das respostas menos controladas, gostaria de destacar o teste de associação implícita (IAT na sigla em inglês) e os métodos associados à neurofisiologia, esses últimos às vezes tratados como neuromarketing. Eles são métodos aplicados em laboratório de

uma forma geral, mas com o desenvolvimento tecnológico dos últimos anos é cada vez mais comum coletar dados de forma virtual (por exemplo, para IAT visitar <https://implicit.harvard.edu/implicit/brazil/>; para rastreador de olhos, <https://realeye.io>).

O teste de associação implícita usa tempo de reação como uma medida da força com que associações automáticas são realizadas, como, por exemplo, a velocidade que um indivíduo associa adjetivos (negativos e positivos) do seu repertório cotidiano com elementos de uma categoria. Podendo ser essa categoria uma forma de classificação de pessoas (raça e/ou sexo, por exemplo) ou outros elementos como a marca de um produto. Como o teste pede uma resposta rápida do indivíduo, o resultado obtido pode ser considerado livre de uma avaliação introspectiva do participante, ou seja, uma forma de resposta automática como discutido acima, sendo, portanto, úteis em avaliar percepções estereotipadas, como o racismo.

Os procedimentos de aplicação do teste assim como a análise dos resultados exigem alguns procedimentos específicos realizados de forma simples em planilhas de dados (ver Nosek et al., 2014). O seu desenvolvimento como ferramenta de pesquisa exige algum conhecimento de programação, ao alcance de iniciantes da área.

Dentro da perspectiva dos métodos associados à neurofisiologia, levando em consideração o pouco espaço proposto para a presente explanação, vamos abordar de forma superficial o rastreador de olhos e a condutância da pele. Esses dois métodos são capazes de oferecer uma ampla gama de dados, para um entendimento do processamento de informações, fora do controle do indivíduo, buscando entender as reações de um sujeito exposto a um estímulo comunicacional, seja ele escrito, falado ou imagético, sendo o rastreador de olhos mais apropriado para estímulos escritos ou imagéticos. Pode-se considerar que estas reações são processamentos dos elementos da mensagem que possam gerar prazer, ameaça, interesses, novidades, dúvidas etc. em função ao que o indivíduo tem armazenado em seu cérebro.

O estudo do rastreamento ocular realizado através de web câmeras ou luzes infravermelhas com aparelhos específicos permite, de forma pouco intrusiva, acompanhar, em tempo real, o direcionamen-

to atencional voluntário e involuntário de um indivíduo exposto a um estímulo comunicacional, esse acompanhamento permite avaliar os movimentos, as fixações e atenção realizadas, uma vez que os dados podem ser armazenados para análises posteriores. Esses dados são altamente relevantes, uma vez que os movimentos oculares podem ser considerados como uma janela para a mente do indivíduo e uma fonte de informação para como o indivíduo se relaciona com aquele conteúdo, como ele se sente e como ele reage. A observação dessas reações pode ser considerada em relação ao conteúdo da mensagem como um todo ou a pontos específicos da mensagem, determinados pelo pesquisador como áreas de interesse (AOI).

A análise dos dados pode seguir uma linha qualitativa, quando foca nos chamados mapas de calor (*Heat Maps*) que indicam a concentração da direção do olhar por sobreposição de manchas coloridas, distinguindo maiores ou menores concentrações, mas sem dados numéricos associados a elas e/ou de forma quantitativa quando observa numericamente o tempo e a duração de fixações do olhar ou a dilatação da pupila de cada sujeito individualmente. Em ambos os casos, as análises oferecem informações relacionadas à atenção, distração e ao processamento da informação.

Já os estudos de condutância da pele analisam dados obtidos por eletrodos colocados em alguns pontos previamente determinados por estudos da neurociência, como, por exemplo, a palma das mãos, que indicam reações das glândulas sudoríparas em produzir sudorese, sendo uma indicação da reação emocional (positiva ou negativa) automática e imperceptível para o indivíduo sendo observado, podendo ser uma forma viável e confiável de medir as reações emocionais em relação a uma, previamente determinada, linha base daquele indivíduo. Esses dados fornecem informações a respeito da reação do indivíduo ao longo do tempo da exposição e que quando combinados com outras informações, como, por exemplo, os movimentos oculares, possibilitam entender a relação entre o conteúdo da mensagem e as reações emocionais do receptor.

## Considerações finais

Esperamos com este texto estimular os estudos que integrem outras concepções teóricas e métodos de pesquisa, além das tradicionalmente observadas no campo da comunicação no Brasil, que possam colaborar para um maior e melhor entendimento das possibilidades de pesquisa que o campo oferece.

Dentro desta perspectiva, nos parece importante um avanço dos denominados multimétodos, sejam eles combinando estudos qualitativos e quantitativos ou, simplesmente, incluindo múltiplos métodos de pesquisa na busca por responder às intrincadas perguntas de pesquisa que o campo da comunicação oferece.

Para os estudos com foco nas ciências cognitivas, se torna quase que obrigatória uma combinação de métodos que permitam avaliar tanto as reações controladas como as automáticas, uma vez que as respostas cerebrais, quando observadas sob estes prismas, podem oferecer um melhor entendimento da relação entre emissão e recepção ativa, um ponto relevante nos recentes paradigmas da comunicação.

## Referências

- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. v. 1. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- NOSEK, B. A. *et al.* Understanding and using the brief implicit association test: Recommended scoring procedures. **PloS one**, v. 9, n. 12, p. e110938, 2014.
- PARK, T. *et al.* Optimistic bias and preventive behavioral engagement in the context of covid-19. **Research in Social and Administrative Pharmacy**, v. 17, n. 1, p. 1859-1866, 2021.
- STERNBERG, R. J. **Psicologia cognitiva**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- TAROZZI, M. **O que é Grounded Theory**: metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011
- WEINSTEIN, N. D.; LYON, J.E. Mindset, optimistic bias about personal risk and health-protective behaviour. **British Journal of Health Psychology**, v. 4, n. 4, p. 289-300, 1999.



# **A ciência do jornalismo no PPGOM-ECA-USP: estudos aplicados ao rádio e aos esportes**

**Luciano Victor Barros Maluly**

## **Introdução**

O jornalismo é um dos principais campos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo (PPGCOM-ECA-USP). A primeira dissertação de mestrado, naquele âmbito, foi defendida por Cremilda Celeste de Araújo Medina, em 1975, com o título *A estrutura da mensagem jornalística*, sob orientação do Prof. Dr. Júlio Garcia Morejón.

Nomes como de Alice Mitika Koshiyama, Bernardo Kucinski, Carlos Marcos Avighi, Carlos Eduardo Lins da Silva, Ciro Juvenal Rodrigues Marcondes Filho, Dirceu Fernandes Lopes, Dulcília Helena Schroeder Buitoni, Edvaldo Pereira Lima, Francisco Gaudêncio Torquato do Rego, Gisela Swetlana Ortriwano, Jair Borin, Jeanne Marie Machado de Freitas, José Coelho Sobrinho, José Luiz Proença, José Marques de Melo, Laurindo Leal Filho, Manuel Carlos Chaparro, Maria Otília Bocchini, Sebastião Squirra, Wilson da Costa Bueno, Terezinha Fátima Tagé Dias Fernandes, entre outros, marcaram época no



programa como discentes e docentes (orientadores). Mesmo aposentados, Elizabeth Nicolau Saad Corrêa, Mayra Rodrigues Gomes, Boris Kossoy e Medina continuam atuando no PPGCOM pelo programa de Professor Sênior da USP.

O Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da ECA-USP abrigou a maioria desses professores, que formaram milhares de pesquisadores espalhados pelo Brasil e pela América Latina. Surgia, assim, a chamada *Escola Ecana de Jornalismo*, como descrevemos no primeiro volume da série ALTERJOR (MALULY *et. al.*, 2022, p. 14-22), tema do nosso atual projeto de pesquisa no PPGCOM-ECA-USP.

As publicações desses ecanos formaram a base teórica e, consequentemente, metodológica das atividades científicas e didáticas de boa parte dos atuais professores do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, desde as aulas até as pesquisas desenvolvidas nesta última década.

Atualmente, diversos docentes do curso de jornalismo estão vinculados aos programas de pós-graduação da USP, como Dennis de Oliveira (Integração da América Latina - PROLAM), Ricardo Alexino Ferreira (Humanidades, Direitos e outras Legitimidades – DIVERSITAS), Rosana de Lima Soares e Atilio José Avancini (Meios e Processos Audiovisuais – PGMPA), entre outros. Professores como Eugênio Bucci, Vitor Souza Lima Blotta, Luciano Victor Barros Maluly, Mônica de Fátima Rodrigues Nunes Vieira, Luciano Guimarães e Wagner Souza e Silva estão no PPGCOM-USP como docentes ou colaboradores.

Os demais departamentos da ECA, especialmente o CCA (Departamento de Comunicações e Artes) e o CRP (Departamento de Relações Públicas, Publicidade e Turismo), também possuem investigadores que têm o jornalismo entre os seus objetivos de pesquisa. Cláudia Lago, Daniela Oswald Ramos, Mariângela Furlam Haswani, Luiz Alberto Beserra de Farias, Paulo Roberto Nassar de Oliveira, Richard Romancini, Roseli Aparecida Figaro Paulino, Vinícius Romani são alguns desses pesquisadores. O grupo forma a segunda geração da Escola Ecana de Jornalismo, com atuação direta nas atividades de ensino, pesquisa, cultura e extensão da USP, notadamente pelo impacto de suas publicações.

Neste capítulo, destacamos o caminho teórico e metodológico de duas áreas da pesquisa em Ciências da Comunicação: a do radiojornalismo e do jornalismo esportivo. Nossa abordagem revelará a vanguarda nos estudos radiofônicos que foi proporcionada por Ortriwano (1985) e Santoro (1981), assim como os experimentos de João Walter Sampaio Smolka (1971) e Mário Fanucchi (1990). Também será possível conhecer o pioneirismo de João Augusto Ouhides da Fonseca (1982) e as contribuições de José Carlos Marques (2003), Sérgio Carvalho (1994) e outros investigadores aos estudos em jornalismo esportivo. Após esse panorama, destacaremos a nova etapa nas pesquisas em jornalismo na ECA-USP.

## Radiojornalismo

A pesquisa em radiojornalismo no PPGCOM tem como principal referência os trabalhos de Gisela Swetlana Ortriwano (1948-2003). Ao produzir o livro *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos* (1985), considerado um clássico na área, a professora investiga o conteúdo e o formato radiofônico no jornalismo. A pesquisadora procura integrar o meio e a mensagem, uma tendência em suas demais publicações, como nos artigos *Rádio: interatividade entre rosas e espinhos* (1998) e *Radiojornalismo: fragmentos de histórias* (2003), assim como na organização do livro *Radiojornalismo no Brasil: dez estudos regionais* (1997).

Durante a sua pesquisa de pós-doutorado na ECA-USP, Lourival da Cruz Galvão Júnior analisou o legado deixado pela docente ao ensino e à pesquisa no Brasil. Com o título *Modelo Giselista para o ensino da comunicação: a contribuição de Gisela Swetlana Ortriwano para o jornalismo* (2021), o também professor da Universidade de Taubaté revelou pontos, ainda desconhecidos, como o impacto que os estudos de Ortriwano tiveram na formação dos comunicadores brasileiros.

O ineditismo da pesquisa de Galvão Júnior pode ser conhecido, além disso, pela plataforma em áudio com a publicação do audiolivro *O Rádio de Gisela* (2021) e pela série *Vozes Giselistas: as*

*contribuições de Gisela Swetlana Ortriwano ao radiojornalismo e à comunicação*, transmitida pela Rádio USP, em 12 episódios, de 1º de novembro de 2020 a 17 de janeiro de 2021.

Outros docentes da ECA merecem ser lembrados quando o tema é a pesquisa em radiojornalismo. Destacamos três deles: João Walter Sampaio Smolka, Mário Fanucchi e Luiz Fernando Santoro.

João Walter Sampaio Smolka dá nome ao Laboratório de Radiojornalismo do CJE, uma homenagem ao aluno que virou professor<sup>1</sup> e a um dos pioneiros nos estudos sobre comunicação audiovisual na ECA-USP. A publicação do livro *Jornalismo audiovisual: teoria e prática do jornalismo no rádio, TV e cinema* (1971) foi um marco, tanto ao ensino quanto à prática do jornalismo nos meios eletrônicos, por meio de uma abordagem voltada à realização acadêmica e profissional.

O relatório de pesquisa aplicada *Uma proposta de rádio alternativo – Rádio USP* foi apresentado em 1990, por Mário Fanucchi, ao Departamento de Teatro, Cinema, Rádio e Televisão. O documento destaca inovações realizadas na Rádio USP e mostra as possibilidades de uma programação educativa e cultural em uma emissora universitária e pública. Analisamos, junto com o produtor da Rádio USP, Gustavo Xavier Ferreira da Silva, a produção da emissora partindo do viés da pesquisa de Fanucchi até os dias atuais (2019, p. 200-214)

Luiz Fernando Santoro é um dos docentes mais atuantes do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, tendo trabalhado ainda em diversas universidades e meios de comunicação. A publicação do artigo *Rádios Livres: o uso popular da tecnologia* (1981) revelou novos caminhos aos estudos sobre o uso do rádio como meio de informação e de comunicação. O artigo traz novas perspectivas para além das emissoras tradicionais, das comerciais às públicas, mostrando um universo de possibilidades individuais, criativas e políticas do meio rádio.

---

<sup>1</sup> Disponível em: [http://www.mac.usp.br/mac/templates/exposicoes/exposicao\\_artejornalismo/expo\\_virtual/virtual11.htm](http://www.mac.usp.br/mac/templates/exposicoes/exposicao_artejornalismo/expo_virtual/virtual11.htm). Acesso em: 9 set. 2022.

## Jornalismo Esportivo

O jornalismo esportivo é outra área de interesse em nossos estudos no PPGCOM e tem, como base, as pesquisas de Ouhydes João Augusto da Fonseca realizadas no programa. A dissertação de mestrado “Cartola e o jornalista: influência da política clubística no jornalismo esportivo de São Paulo” (1982) é determinante para os demais estudos nesse campo porque possibilita analisar a linha tênue que permeia a prática jornalística e a complicada relação com os dirigentes de clubes esportivos. Logo depois, em 1988, Fonseca produziu a tese *Pelé, o gol contra: um discurso de poder*, um estudo minucioso sobre o discurso (reproduzido pela imprensa) em torno de um dos principais personagens da história do país.

Outros estudos sobre comunicação e esportes realizados na USP, especialmente na ECA, também merecem ser mencionados, pois possibilitam leituras multidisciplinares que continuam influenciando diretamente a pesquisa na área.

A tese *O futebol ao rés-do-chão (A crônica e a coluna em tempos de Copa do Mundo)* defendida, em 2003, por José Carlos Marques, analisa pontos de intersecção entre a literatura, o esporte e o jornalismo, quando observa que certos textos opinativos “enriquecem as páginas esportivas com relatos, narrativas e comentários imagéticos, subjetivos e até mesmo ficcionais sobre o futebol brasileiro” (MARQUES, 2003, p. 4). A tese de Marques questiona a objetividade jornalística e, ao mesmo tempo, amplia o universo de atuação e de influência dos escritores e colunistas esportivos nos principais jornais do eixo Rio-São Paulo. É um marco que influenciará as pesquisas em jornalismo esportivo ao longo do século XXI.

*Hora da Ginástica: resgate da obra do Professor Oswaldo Diniz Magalhães*, de Sérgio Carvalho (1994), é uma obra de vanguarda nos estudos sobre comunicação e esportes pelo fato de analisar a história de um dos programas radiofônicos mais importantes da história do Brasil, com influência direta nos meios de comunicação, assim como na linguagem de uma possível cobertura esportiva voltada à educação física. A origem do livro está ligada ao desenvolvimento

da tese de doutorado *Caminhos da Educação Física via rádio: uma proposta alternativa*, defendida em 1990 por Carvalho.

Organizado por Pascoal Luiz Tambucci, José Guilmar Mariz de Oliveira e José Coelho Sobrinho, o livro *Esporte & Jornalismo* (1997) revela a multidisciplinaridade necessária e existente na pesquisa científica e na cobertura esportiva. Da mesma forma, autores como Kátia Rubio, Waldenyr Caldas, Walter Gama, Ary José Rocco Júnior, Wilson da Costa Bueno, Carlos Henrique de Souza Padeiro, Gustavo de Araújo Longo, Carlos Augusto Tavares Júnior, Gisela Swetlana Ortriwano, entre outros, estudaram o esporte como fenômeno no processo de comunicação, tendo impacto significativo na construção da pesquisa voltada ao jornalismo esportivo.

### Considerações Finais

A ciência do jornalismo se inicia, em 1690, com a primeira tese em jornalismo em uma universidade, a de Leipzig, na Alemanha, defendida por Tobias Peucer (2004), e se instaura com as pesquisas de Otto Groth (1966) no século passado. Os estudos de Groth exerceram forte influência sobre a academia brasileira, como revela José Marques de Melo na resenha do livro *O poder cultural desconhecido: fundamentos da ciência dos jornais*, de Liriam Sponholz, com tradução e organização de Eduardo Meditsch (2011).

Diversos autores citados neste capítulo foram fundamentais para a constituição de uma base teórica e metodológica à pesquisa em jornalismo, incluindo a interface com o rádio e os esportes. Nossa perspectiva procura ampliar essa abordagem para além da análise de documentos e utiliza ferramentas da cobertura jornalística diária para a coleta e a análise de informações.

Logo, elementos da reportagem, desde a pauta, passando pela apuração até a publicação e a repercussão, integram o processo de construção da notícia e, por isso, merecem ser observados. O mesmo ocorre com as técnicas de reportagem, como a entrevista, a visita técnica (*in loco*), a seleção e a análise de materiais paralelos, entre

outras, consideradas procedimentos que traduzem a existência de um paralelo significativo para a pesquisa em comunicação, justamente por aproximar os processos da cobertura cotidiana da pesquisa científica voltada para o jornalismo (MALULY; OLIVEIRA, 2019).

Por meio de uma perspectiva teórica-metodológica multidisciplinar e alinhada aos processos de produção da notícia, a nossa trajetória acadêmica, incluindo os orientandos do PPGCOM-ECA-USP e do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Popular e Alternativo (ALTER-JOR), permite ampliar as possibilidades de análise das mensagens veiculadas pelos jornais.

Foi assim que procuramos incluir as possibilidades de estudos sobre a cobertura jornalística em nossas pesquisas, desde a monografia *A relação arte e força no futebol brasileiro: um conflito à brasileira* (1995), na dissertação “O futebol-arte de Telê Santana no jornalismo esportivo de Armando Nogueira” (1998), na tese “Doping: a notícia incompleta no jornalismo esportivo brasileiro” (2002), assim como na pesquisa de pós-doutorado “O ensino do radiojornalismo: experiências luso-brasileiras” (2013) e na de livre-docência “Jornalismo esportivo e olímpico: princípios e técnica” (2016). Logo, aprendemos com os orientadores desses estudos a utilizar uma técnica mista de investigação científica e jornalística para a análise de periódicos.

## Referências

- BELAU, A. F. **La Ciencia Periodística de Otto Groth**. Pamplona, Spain: Instituto de Periodismo de La Universidad de Navarra, 1966.
- CARVALHO, S. **Caminhos da educação física via rádio: uma proposta alternativa**. 1990. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.
- CARVALHO, S. **Hora da ginástica: resgate da obra do professor Oswaldo Diniz Magalhães**. Santa Maria, RS: UFSM, 1994.
- FANUCCHI, M. **Uma proposta de rádio alternativo: rádio USP**. Relatório de Pesquisa apresentado ao Departamento de Teatro, Cinema, Rádio e Televisão. São Paulo: ECA-USP, 1990.
- FONSECA, O. J.A. da. **Cartola e o jornalista: influência da política clubística no jornalismo esportivo de São Paulo**. Dissertação de Mestrado (Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.
- FONSECA, O. J.A. da. **Pelé, o gol contra: um discurso de poder**. 1988. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.
- GALVÃO JÚNIOR, L. C. **Vozes giselistas: as contribuições de Gisela Swetlana Ortriwano ao radiojornalismo e à comunicação**. 12 episódios. São Paulo: Rádio USP, 1 nov. 2020; 18 jan. 2021. Programa de Rádio. Disponível em: <http://radiojornalismo.webhostusp.sti.usp.br/index.php/category/colunas/coluna-modelo-giselista-de-radiojornalismo/vozes-giselistas/>. Acesso em: 3 set. 2022.
- GALVÃO JÚNIOR, L. C.; MALULY, L. V. B. **O rádio de Gisela**. São Paulo: ECA-USP, 2021. 1 audiolivro, extensão MP3 (263 MB). Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/700>. Acesso em: 3 set. 2022.
- MALULY, L. V. B. **O ensino do radiojornalismo: experiências luso-brasileiras**. 2013. Relatório de Pesquisa de Pós-Doutorado (Ciências Sociais) – Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2013.
- MALULY, L. V. B. **A relação arte e força no futebol brasileiro: um conflito à brasileira**. 1995. Monografia (Curso de Comunicação – habilitação em Jornalismo) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1995.
- MALULY, L. V. B. **Doping: a notícia incompleta no jornalismo esportivo brasileiro**. 2002. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MALULY, L. V. B. **Jornalismo esportivo e olímpico: princípios e técnica.** 2016. Relatório de Pesquisa (Livre-Docência) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MALULY, L. V. B. **O futebol-arte de Telê Santana no jornalismo esportivo de Armando Nogueira.** 1998. Dissertação de Mestrado (Comunicação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1998.

MALULY, L. V. B.; BUENO, W.C.; OLIVEIRA, D.; KNEIPP, V. A. P. A escola ecana de jornalismo: obras e autores pioneiros. *In*: MALULY, L. *et al.* (Org.). **Alterjor**, v. 1, p. 14-22, São Paulo: ECA-USP, 2022. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/879/797/2913>. Acesso em: 8 set. 2022.

MALULY, L. V. B.; OLIVEIRA, D. A ciência está no jornalismo. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TECNOLOGIA, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE, 2019, Itaquaquecetuba. **Anais** [...]. Itaquaquecetuba: Fatec, 2019. p. 193-202.

MALULY, L. V. B.; SILVA, G. X. F. Rádio USP: dos ideais de Mário Fanucchi ao programa Universidade 93.7. *In*: MEIRELES, N; ALBUQUERQUE, E. (Org.). **Rádios universitárias: experiências e perspectivas.** João Pessoa: Ed. do CCTA, 2019. p. 200-214. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/comunicacao/radios-universitarias-experiencias-e-perspectivas/livro-1ebook.pdf>. Acesso em: 9 set. 2022.

MARQUES, J. C. **O futebol ao rés-do-chão: a crônica e a coluna em tempos de Copa do Mundo.** 2003. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MEDINA, C.C. A. **A estrutura da mensagem jornalística.** 1975. Dissertação de Mestrado (Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1975.

MELO, J. M. de. A recepção das ideias de Otto Groth no Brasil. **Jornal da Alcar**, Porto Alegre, mar. 2012. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/artigos-jornal-alcar/A%20recepcao%20das%20ideias%20de%20Otto%20Groth%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

MUSEU DE ARTE Contemporânea da Universidade de São Paulo. Museu Universitário, [s.d.]. Disponível em: [http://www.mac.usp.br/mac/templates/exposicoes/exposicao\\_artejornalismo/expo\\_virtual/virtual11.htm](http://www.mac.usp.br/mac/templates/exposicoes/exposicao_artejornalismo/expo_virtual/virtual11.htm). Acesso em: 9 set. 2022.

ORTRIWANO, G. S. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo: Summus, 1985.



ORTRIWANO, G. S. Rádio: interatividade entre rosas e espinhos. **Novos Olhares**, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 13-18, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51314>. Acesso em: 9 set. 2022.

ORTRIWANO, G. S. **Radiojornalismo no Brasil**: dez estudos regionais. São Paulo: Com-arte, 1987.

ORTRIWANO, G. S. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. **Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 66-85, dez./fev. 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33808>. Acesso em: 9 set. 2022.

PEUCER, T. Relatos jornalísticos. **Revista Estudos de Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 1, n. 2, 2004. Tradução de Paulo da Rocha Dias. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070>. Acesso em: 9 set. 2022.

SANTORO, L. F. Rádios livres: o uso popular da tecnologia. **Revista Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 6, n. 6, p. 97-103, 1981.

SMOLKA, João Walter Sampaio. **Jornalismo audiovisual**: teoria e prática do jornalismo no rádio, TV e cinema. São Paulo: Vozes, 1971.

SPONHOLZ, L. **O poder cultural desconhecido**: fundamentos da ciência dos jornais. Tradução e organização de Eduardo Meditsch. Petrópolis: Vozes, 2011.

TAMBUCCI, P. L.; OLIVEIRA, J. G. M; SOBRINHO, J. C. **Esporte & Jornalismo**. São Paulo: CEPEUSP, 1997.

# Fotografia e as telas midiáticas: comunicação e tecnoimagética

Wagner Souza e Silva

As telas vêm se consolidando como a principal interface de acesso à experiência midiática e reforçam um pressuposto de que o uso de imagens foi fundamental para a ascensão da permeabilidade social dos meios de comunicação. Isso parece evidenciar, portanto, que há uma relação simbiótica entre imagem e mídia – termo aqui apreendido em seu sentido como expressão do conjunto de tecnologias e instituições da comunicação de massa (LIMA, 2012) –, fazendo com que conceitos e abordagens a respeito de uma dita “imagem midiática” possam ser articulados como instrumentos teóricos pertinentes para auxiliar pesquisas de objetos diversos no campo da comunicação social.

Essa premissa é o cerne sustentador de minha atual disciplina oferecida no PPGCOM-ECA, “Imagem e mídia: a comunicação sob a autoridade das telas”, que busca conduzir uma revisão de alguns influentes marcos teóricos sobre as imagens midiáticas, com o objetivo de apresentar e explorar um repertório conceitual a respeito das dimensões técnica, estética e política das formas de produção imagética que acompanharam a ascensão dos meios. Partindo de uma cronologia tecnológica, desde a *câmara obscura* renascentista ao *touchscreen* dos dispositivos contemporâneos, o conteúdo programático da disciplina objetiva oferecer instrumentos teóricos para observar a tela

em sua relevância comunicacional, observando-a como tecnologia de convergência e expressão das variadas técnicas, gêneros e usos da imagem. Trata-se de um duplo mapeamento: de ordem tecnológica, de modo a garantir os subsídios concretos para o entendimento das hibridações e transversalidades entre os dispositivos de produção e divulgação de imagens; e de ordem teórico-filosófica, para apresentar alguns dos modelos interpretativos da imagem midiática, a fim de garantir uma aproximação aos caracteres ontológicos e epistemológicos que envolvem o tema.

Nesse sentido, central é o conceito de *imagem técnica* (ou *tecnoimagem*), de Vilém Flusser (2002; 2008), não somente por sua abrangência teórica para atender a um contexto de convergência imagético-midiática promovida pelas telas, mas também por ter a fotografia como âncora genealógica, evidenciando-a como um fenômeno cultural determinante para caracterizar as imagens desse universo de produção visual fortemente mediado por tecnologias, elas que se tornam cada vez mais complexas em termos de estrutura e funcionamento algoritmizado, ao mesmo tempo em que sua instrumentalidade se torna mais acessível. A fotografia, a primeira das tecnoimagens, carrega as balizas fundamentais desse universo tecnoimagético, esse que apresenta uma amplitude que envolve todas as tecnologias que surgiram a partir dessa lógica de produção imagética cristalizada no século XIX. Cinema, vídeo, TV, e mesmo as imagens sintetizadas computacionalmente que se condensam nas telas, devem à fotografia o seu ponto de partida. Reconhecimento esse que também foi explorado a partir de minha primeira disciplina no PPGCOM, “Tecnoimagética: produção e circulação da imagem na comunicação contemporânea”, oferecida entre os anos de 2013 e 2020<sup>1</sup>, cujo conteúdo foi absorvido como parte da já mencionada disciplina atualmente em oferecimento no programa.

---

<sup>1</sup> As oito edições de oferecimento desta disciplina foi, de certa maneira, materializada no e-book *Tecnoimagética: vida esparramada em superfícies* (SOUZA E SILVA, 2021), disponível no portal de livros abertos da USP, cuja sinopse aqui destaco: “Esta publicação reúne contribuições de mestres e doutores que cursaram a disciplina Tecnoimagética: Produção e Circulação da Imagem na Comunicação Contemporânea, como parte do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). É esse ambiente didático-pedagógico que está por trás da presente coletânea de textos, que reflete as trocas de experiências, repertórios e interpretações a respeito dessa temática. Assim, é certo que este livro tem a intenção de contribuir para os estudos da imagem na comunicação, mas é também seu objetivo compartilhar a experiência da sala de aula de pós-graduação como espaço de convivência, debate e aprendizado”.

A fotografia tem sido o objeto de pesquisa sobre o qual mais me debrucei, após meu ingresso no programa, em 2013, e sua inserção nesse percurso de formatação dos conteúdos programáticos para as disciplinas evidencia a preocupação de se garantir uma aproximação entre minha produção científica e a linha de pesquisa em que atuo, “Linha 2 – Processos comunicacionais: tecnologias, produção e consumos”. Um objeto que, importante dizer, deu continuidade às investigações consolidadas no doutorado, intitulado Foto 0/Foto 1 (SOUZA E SILVA, 2016a), e que também se sintoniza com minha dedicação às disciplinas pelas quais sou um dos responsáveis nos cursos de graduação em Jornalismo e Editoração da ECA: “Projetos em Fotografia Documental”, “Fotografia e Imagem em Editoração”, “Jornalismo Visual: Fotojornalismo e Design da Notícia” e “Laboratório de Fotojornalismo”. É possível enquadrar os projetos de pesquisa e a produção científica resultante dos últimos dez anos dentro de uma articulação entre fotografia, tecnologias digitais e redes, no contexto da ecologia das mídias, esse que é um dos eixos caracterizadores da linha de pesquisa em que me insiro.

De início, o projeto “Fotografia na Cultura Informacional” (2011-2013) observou a paisagem prática da fotografia contemporânea regida pelas inovações tecnológicas do universo digital, entendendo que a cultura da informação, com seus dispositivos híbridos, softwares diversos e redes sociais abrangentes, estabelecia uma dinâmica de circulação de imagens com efetiva participação na definição do numérico como nova condição epistemológica para a construção do conhecimento. Nesse sentido, a ideia de documento, bastante alinhada com a prática fotográfica convencional, parecia reconfigurar-se, influenciando fortemente os papéis sociais que sempre foram atribuídos à fotografia, visto que, preponderantemente, ela sempre foi praticada como técnica de representação fiel da realidade. O projeto buscava observar a inserção da fotografia nas práticas da cultura informacional, assumindo que uma nova consciência documental passaria a ser exigida, sugerindo uma redefinição das potencialidades de sentido para as suas imagens.

Como primeiro projeto de pesquisa enquanto professor, é necessário salientar que a sua temática foi também motivada pelos

anos de prática como fotógrafo documentarista junto ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, coisa que se deu ao longo de pouco mais de dez anos que antecederam a realização do doutorado. Essa proximidade empírica com o fotodocumentarismo, que foi e continua sendo determinante para o meu percurso de formação e atuação como pesquisador<sup>2</sup>, também influenciou as premissas do projeto seguinte, “Interfaces digitais da fotografia” (2014-2017), que observou como os modos de edição, visualização e compartilhamento das fotografias nas telas eletrônicas eram regidos por softwares que traziam verdadeiras narrativas de acesso e manipulação, determinando lógicas operacionais que influenciavam diretamente o caráter estético e o potencial informativo da fotografia. Assim, essas interfaces deveriam ser encaradas como uma chave fundamental para a compreensão da fotografia contemporânea. O projeto partia da hipótese de que haveria uma estética fotográfica que parecia emergir dessas condutas préestabelecidas e programadas de manipulação digital, e objetivava investigar como essas interfaces poderiam definir novos parâmetros para determinar o valor informativo das imagens fotográficas.

Há uma evidente intersecção entre ambos os projetos, tornando-os um processo de refinamento do recorte da fotografia como objeto de pesquisa. A produção científica do período, que pode ser representada por artigos como “A condição pós-histórica da fotografia” (SOUZA E SILVA, 2014b), “Fotografia e interfaces digitais: convergência entre produção, comunicação e significação” (SOUZA E SILVA, 2015a) ou “O estatuto documental da fotografia na era digital” (SOUZA E SILVA, 2015b), evidenciou a premência de se tomar as redes sociais como um fenômeno incontornável para se pensar a prática e os usos da fotografia em qualquer direção. Isso se manifestou em artigos como “Redes de imagem e o (tele)fotójornalismo” (SOUZA E SILVA, 2016b), “O Instagram e as narrativas de desenquadramento

---

2 Ainda antes de finalizar a graduação em Rádio e TV pela ECA-USP, em 1997, ingressei como fotógrafo documentarista no MAE-USP, assumindo, posteriormente, também o cargo de chefe da seção de produção gráfica e audiovisual. Após meu ingresso como professor na ECA-USP, venho mantendo minha atuação como fotógrafo, mas somente através de colaborações com projetos de extensão universitária, fotografando acervos institucionais para divulgação científica.

fotográfico” (MONFRINATO; SOUZA E SILVA, 2017) – redigido em coautoria com uma orientanda de iniciação científica – e, principalmente, no artigo “Imagem e subjetividade: narrativas fotográficas confessionais e a estética da afetividade” (SOUZA E SILVA, 2014a), que motivou a realização do projeto de pesquisa “Fotografia e comunicação: redes sociais e a dimensão afetiva da imagem”, desenvolvido em Portugal, entre dezembro de 2014 e março de 2015, na Universidade Nova de Lisboa, mais especificamente junto ao CIMJ – Centro de Investigação em Media e Jornalismo, e sob a supervisão do Prof. Dr. Francisco Rui Cádima.

O crescente protagonismo do Instagram naquele momento (em dezembro de 2014, foi anunciado que a plataforma ultrapassava o Twitter em número de usuários) demonstrava como a prática da fotografia ganhava significativo incremento com a ainda recente hibridação gadgets-rede. Uma configuração sustentada pela mobilidade e conectividade dos smartphones, dotados de câmeras com qualidade técnica crescente e aplicativos de fácil manuseio para intervenções plásticas atraentes, banalizando as possibilidades estéticas da fotografia, o que gerava uma expressiva produção fotográfica pautada pela intimidade e os afetos. Dessa forma, o período de pesquisa na UNL teve o objetivo de abordar esse entrelaçamento de um despojamento estético com uma intensificação da dimensão afetiva da imagem, propondo que a fotografia nestes ambientes deveria ser analisada como uma prática menos ancorada no repertório conceitual das Artes e mais como um fenômeno midiático sob os domínios da Comunicação Social. Como estratégia de investigação, o projeto observou, naquele período entre dezembro de 2014 e março de 2015, a inserção do fotojornalismo no Instagram, em atenção à participação dos periódicos, fotojornalistas e usuários comuns, que, equalizados pelas mesmas interfaces e políticas de uso, já promoviam vasta documentação fotográfica em torno dos mesmos temas noticiosos, reforçando a autonomia da fotografia como um fenômeno midiático. Os resultados foram publicados no artigo “Considerações sobre a presença do fotojornalismo no Instagram” (SOUZA E SILVA, 2015c), trazendo conclusões que foram decisivas para formatar o projeto de pesquisa seguinte, em

vista do acento que promoveu no reconhecimento do potencial do fotojornalismo para refletir aspectos essenciais do entrelaçamento de emoção e informação.

Assim, em “Os afetos como valores-notícia: notas para uma teoria do fotojornalismo”, projeto iniciado em 2017, a intenção foi partir do fotojornalismo entendido como um mecanismo para se investigar em que medida um evento ganha status de notícia, mais por seu apelo afetivo do que por outros critérios de relevância. A ideia era subsidiar o debate sobre os fundamentos éticos para o exercício da prática fotojornalística na atualidade, além do aprofundamento do entendimento da presença das emoções no fotojornalismo para além do conceito de sensacionalismo. Na verdade, tal como conclui o artigo “Fotojornalismo: os afetos como valores-notícia” (SOUZA E SILVA, 2018), a pesquisa evidenciava um percurso investigativo que poderia sistematizar instrumentos teóricos para auxiliar as reflexões sobre os impactos dos afetos na própria prática jornalística como um todo.

O projeto não somente se manteve atento às dinâmicas das redes sociais, mas também buscou analisar outros objetos empíricos que poderiam ser explorados para demonstrar esse alargamento da dimensão afetiva que se supunha presente na fotografia de natureza documental. Destaco, nesse sentido, o artigo “A polarização afetiva da obra de Sebastião Salgado” (SOUZA E SILVA, 2019), que propôs observar uma “guinada afetiva” na obra deste fotógrafo, evidenciada por uma virada temática em seu percurso: Salgado deixaria de lado as sempre polêmicas fotografias de dor e sofrimento que denunciavam as mazelas sociais da humanidade, tal como se via no projeto *Êxodos*, por exemplo, e passaria ao engajamento no projeto *Gênesis*, com suas imagens de natureza e povos indígenas, belas e exuberantes, fazendo de sua obra um movimento de oscilação entre afetos, como medo, desespero e esperança.

Observar essa dimensão afetiva da produção fotográfica contemporânea é um desafio frente à atual realidade tecnológica de produção imagética abundante, sobretudo no contexto das telas conectadas pelas redes sociais. Por essa razão, o projeto de pesquisa atualmente em andamento, “Os excessos da imagem: fotografia em

tempos de abundância nas telas”, propõe a estratégia de investigar produções fotográficas que se mostram responsivas a este cenário de excessos. Ou seja, visa tanto mapear novas formas de expressão da fotografia contemporânea, sobretudo nos seus usos no círculo do fotodocumentarismo, como também contribuir para qualificar o debate e a crítica sobre a inevitável e crescente abundância de imagens nos processos comunicacionais contemporâneos.

Sugere-se uma estética fotográfica que parece ir além do despojamento já detectado nos projetos anteriores, por ser capaz de assimilar e refletir essa realidade das redes sociais emoldurada pelos conceitos de plataforma, algoritmo e dados. É o que busca apontar o primeiro artigo já publicado, “*Photoviz: expressão da fotografia no contexto do Big Data*” (SOUZA E SILVA, 2022), que examina a possibilidade de uso da fotografia para a visualização de dados (*dataviz*): “ao mesmo tempo em que evoca uma dimensão contemplativa”, essa fotografia “adere-se aos pressupostos da abundância e dos cálculos ‘subterrâneos’ do *Big Data*, estes que são aspectos determinantes e sustentadores da vida conectada” (ibid, p. 36).

A abordagem reforça a importância do já citado conceito de *tecnoimagem*, que é capaz de abarcar essa condição numérica e calculante da fotografia. Um conceito que permite não somente analisar esta crescente sinergia entre a prática fotográfica e as telas midiáticas, mas também fazer notar como muitos dos processos de comunicação em andamento retroalimentam uma realidade de intensa costura entre a vida cotidiana e uma tecnoimagética que não cessa de se agigantar.



## Referências

- FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FLUSSER, V. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.
- LIMA, V. A. de. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2012.
- MONFRINATO, B. M. F.; SOUZA E SILVA, W. O Instagram e as narrativas de desenquadramento fotográfico. **Revista de Estudos de Gestão, Informação e Tecnologia**, v. 7, p. 69-81, 2017.
- SOUZA E SILVA, W. (Org.). **Tecnoimagética: vida esparramada em superfícies**. São Paulo: ECA-USP, 2021. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/666>. Acesso em: 13 out. 2022.
- SOUZA E SILVA, W. A condição pós-histórica da fotografia. **Revista Alterjor**, v. 2, p. 1-14, 2014b.
- SOUZA E SILVA, W. A polarização afetiva da obra de Sebastião Salgado. **Líbero**, v. 22, p. 68-77, 2019.
- SOUZA E SILVA, W. Considerações sobre a presença do fotojornalismo no Instagram. **Tríade**, v. 3, p. 108-123, 2015c.
- SOUZA E SILVA, W. **Foto 0/Foto 1**. São Paulo: Edusp, 2016a.
- SOUZA E SILVA, W. Fotografia e interfaces digitais: convergência entre produção, comunicação e significação. **Revista Geminis**, v. 6, p. 329-340, 2015a.
- SOUZA E SILVA, W. Fotojornalismo e os afetos como valores-notícia. **Discursos Fotográficos**, v. 14, p. 143-162, 2018.
- SOUZA E SILVA, W. Imagem e subjetividade: narrativas fotográficas confessionais e a estética da afetividade. **Ciberlegenda**, v. 2, p. 65-75, 2014a.
- SOUZA E SILVA, W. O estatuto documental da fotografia na era digital. **Artciencia.com**, v. 9, p. 1-10, 2015b.
- SOUZA E SILVA, W. Photoviz: expressões da fotografia na era do Big Data. **Revista Fronteiras**, v. 24, p. 24-36, 2022. Disponível em: <https://revistas.unisinus.br/index.php/fronteiras/article/view/24730/60749160>. Acesso em: 13 out. 2022.
- SOUZA E SILVA, W. Redes de imagem e o (tele)fotojornalismo. **Leituras do Jornalismo**, v. 2, p. 64-73, 2016b.

# Pesquisas em Comunicação Visual

Sandra Maria Ribeiro de Souza

A Comunicação Visual deve ser entendida aqui como o processo de trocas de informação visual, que se realiza entre pessoas ou instituições, por meio de recursos gráficos – palavras e imagens, linhas, formas, cores e texturas organizadas em um plano, geralmente bidimensional – para “afetar o conhecimento, o comportamento ou as atitudes das pessoas em uma determinada direção” (FRASCARA, 2006, p. 24). Sendo assim, Comunicação Visual também poderia ser chamada de Design Gráfico, pois os conteúdos de ambas as disciplinas se confundem no objetivo de atingir o *outro* ou os *outros* pela visão e, desse modo, estimular uma resposta energética na direção pretendida pelo comunicador.

Fui professora do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo (CRP) por quase quatro décadas e sempre atuei, na graduação e pós-graduação, com o objetivo de refletir sobre a comunicação visual e auxiliar os alunos a produzi-la, com funcionalidade, na solução de problemas específicos.

No programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM), por pouco mais de duas décadas, orientei pesquisas que tinham a imagem gráfica como tema principal de estudo ou análise, em três campos principais:

## 1. Publicidade e consumo<sup>1</sup>;

## 2. Sistemas de informação ao público<sup>2</sup>;

- 
- 1 Doutorados defendidos no campo 1 (Publicidade e consumo):** Flavia Iglori Gonsales. A cor no Branding: um estudo sobre design de marca e comunicação visual estratégica. 2018. (Bolsa Fulbright Brasil).
- Ed Marcos Sarro. Quadrinhos de uso corporativo e a contemporaneidade: do *boom* nos anos 90 ao declínio do gênero no Brasil. 2017.
- Maria Cecília Consolo. Marcas: a expansão simbólica da identidade. Origem da metodologia projetual e revisão dos métodos de implantação dos sistemas de uso. 2012.
- Ana Cristina Paula Lima. \* \_ \* vi\$u@l coloqu!@l v!rtu@l \o/ O uso de imagens em conversação nas redes sociais. 2010.
- Christiane Paula Godinho Santarelli. Processos de análise da imagem gráfica: um estudo comparativo da publicidade de moda. 2009. (Bolsa Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).
- Arlindo Ornelas Figueira Neto. Em curso de ferreiro... ou uso de comunicação para a potencialização do aproveitamento discente no ensino de publicidade e propaganda”. 2006.
- Leda Yukiko Matayoshi. Propaganda do Terceiro Setor brasileiro - campanhas em base voluntária. 2005.
- Mestrados defendidos no campo 1:** Laura Batista Cintra. O uso social de GIFs animados e a comunicação publicitária: análise semiótica tridimensional para GIFs animados no Twitter. 2021. (Bolsa Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).
- Barbara Doro Zachi. Os espaços de aula como facilitadores de práticas pedagógicas no curso de Publicidade: proposta de um *framework* de análise e estudo de caso na habilitação da ECA-USP. 2019.
- Amanda Cristina de Oliveira. A velhice conectada e suas representações na publicidade em vídeo brasileira. 2018. (Bolsa Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).
- Tiemy da Silva Moura. Iconografias de idosos em comunicações marcárias publicadas nas mídias sociais. 2017. (Bolsa Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).
- Thiago Seiji Takahashi. A potencialidade dos quadrinhos na educação corporativa: gibis impressos, digitais e *Graphic Novels*. 2015.
- Beatriz Chiavini Mendes de Carvalho Kelman. O design como instrumento social na área de educação em saúde: o caso do Dia Mundial do Diabetes. 2012.
- Graziela Nicola Bernardo. Gestão estratégica do design de embalagens: a comunicação visual a serviço da marca. 2008.
- Janaina Fuentes Panizza. Metodologia e processo criativo em projetos de comunicação visual. 2004. (Bolsa Cnpq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).
- Luiz Fernando Cury. Paisagens da comunicação. Um estudo para entender e classificar a comunicação exterior. 2004.
- Ricardo Zagallo Camargo. Nuances no diálogo entre educação, criança e consumo. 2003.
- Maria Cecília Consolo. A imagem [tipo]gráfica. Poéticas visuais da comunicação na era digital. 2002.
- Fábio Vertullo. A criação publicitária na era tecnológica. 2002.
- Aguinaldo Caiado de Castro Aquino Coelho. Transformações gráficas na primeira página – *Jornal O Popular* de Goiânia. 1998. (Coorientação).
- Mirian da Costa Manso Moreira de Mendonça. O reflexo no espelho: o vestuário e a moda como linguagem artística e simbólica. 1998. (Coorientação).
- 2 Doutorados defendidos no campo 2 (Sistemas de informação ao público):** Mônica de Moraes Oliveira. O caráter multidisciplinar da Comunicação Visual em hospitais. 2012. (Bolsa Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).
- Mestrados defendidos no campo 2:** Graziela Gallo Garcia. Os significados da seta: análise do símbolo gráfico em sistemas de sinalização, de esquematização e de identidades visuais. 2012.
- Ciro Roberto de Matos. Pictogramas e seu uso nas instruções médicas: estudo comparativo entre repertórios para instruções de uso de medicamentos. 2009.
- Maria Regina Leoni Schmid. Comunicação e informação no design de catálogos técnicos: um estudo comparativo sobre catálogos de engenharia. 2006.
- Javier Eduardo López Díaz. Sistema pictográfico do Campus da Universidade Federal do Mato Grosso. 2000.

### 3. Divulgação científica e infografia<sup>3</sup>.

Nestes campos de aplicação das ciências sociais, agrupei os estudos da imagem em três categorias principais, independentemente do suporte em que foram veiculadas:

- A imagem persuasiva, presente em campanhas promocionais de produtos ou serviços e em campanhas de benefício social. A dialética entre texto e imagem corresponde à dinâmica entre informação (o quê) e comunicação (o como) das mensagens patrocinadas.
- A imagem sinalética, presente em objetos e nos ambientes públicos para orientar o comportamento autônomo dos indivíduos, isto é, com pouca ou nenhuma interferência da palavra escrita.
- A imagem esquemática – didática ou científica –, presente em documentos de difusão científica com a função de ampliar a capacidade de compreensão de esquemas mentais, teorias, dados e notícias.

Toda imagem é, usualmente, polissêmica ou ambígua, por isso a maioria vem acompanhada de algum tipo de texto para lhe *ancorar* o sentido. A comunicação por imagens é sempre espacial e simultânea, isto é, não depende da sequencialidade das línguas faladas ou escritas. Além de atrair a atenção, a comunicação por imagens auxilia na compreensão de textos e na adoção de medidas propostas como ideais de ação, seja em uma peça publicitária, seja na explicação de alguma notícia complexa.

Esses tipos de imagem (persuasiva, sinalética e esquemática) e os campos de aplicação (publicidade, sinalização e divulgação científica) marcam as pesquisas sobre imagens que orientei com o traço da

---

<sup>3</sup> **Mestrados defendidos no campo 3 (Divulgação científica e infografia):** Susana Narimatsu Sato. A infografia na divulgação científica: um estudo de caso da revista *Pesquisa Fapesp*. 2017. Julia Rabetti Giannella. Dispositivo infovis: interfaces entre visualização da informação, infografia e interatividade em sítios jornalísticos. 2014.

funcionalidade *preferível* (apud FRASCARA, 2022, p. 271) em comunicação, distanciando-as, por essa função declarada e assumida, do estudo das artes, da estética ou, simplesmente, das técnicas da linguagem visual. Minha abordagem das imagens em comunicação sempre foi o enfoque comunicativo, ou seja, como a imagem comunica (seja para persuadir, organizar, ensinar, explicar ou guiar o comportamento) para um determinado público? Ou, como uma determinada imagem ou campanha visual poderia comunicar com eficácia, isto é, produzir resultados e atingir os objetivos comunicativos? Tudo isto, devo ressaltar, do ponto de vista do criador de imagens, de suas possibilidades comunicativas e não da recepção das mesmas, propriamente dita, pois os estudos de recepção implicam em pesquisa quantitativa, pesquisa de efetividade, para os quais nunca desenvolvemos os recursos necessários.

Em 25 anos na pós-graduação da ECA, formei oito doutores e 20 mestres em Ciências da Comunicação, dos quais dois em coorientação com outro docente do programa. Costumava alertar meus orientandos que, apesar da curiosidade e da habilidade cognitiva em desvendar novos campos de conhecimento, como a neurociência, a história, a etnografia e qualquer outra “ia” das ciências sociais, o local mais confortável para o pesquisador de imagens no programa PPG-COM sempre foi, na minha opinião, o local do comunicador, daquele que, com um problema em mente, propõe soluções (ou analisa soluções) em termos de linguagem visual com amplo conhecimento do público a ser atingido e do contexto cultural em que ele se insere no tempo e espaço. Pode-se dizer, o local da produção crítica. Assim, ganhou força em nossos estudos sobre comunicação visual, o usuário, o consumidor ou, simplesmente, o *outro*, de cujo conhecimento depende a eficácia da comunicação.

Não é possível julgar uma peça de design gráfico somente a partir de sua sofisticação visual. Os aspectos estéticos que afetam a escolha de certas peças de design em concursos e publicações não

devem distorcer a avaliação de qualidade e do propósito fundamental do design de comunicação visual que é o de obter uma certa resposta de um certo público. (FRASCARA, 2006, p. 30, tradução nossa)

A comunicação visual centrada no usuário foi uma das abordagens metodológicas escolhidas para nossas pesquisas e essa modalidade foi adequada aos recursos existentes: pesquisar um número pequeno mas representativo de usuários sobre um leiaute ou um projeto visual criado ou escolhido pelos pesquisadores para análise, conforme seu livre interesse, com a finalidade de bem adequá-lo à interpretação de seus receptores-alvo, tirando o peso das decisões estratégicas, estéticas e únicas do designer, mas estendendo-o a um número pequeno, porém representativo, de usuários principais, que se tornam, desse modo, cocriadores.

As pesquisas orientadas foram tanto para obter resultados *preferíveis* de design, como também para analisar ou entender as variáveis envolvidas em determinado assunto, como, por exemplo, o papel das cores em uma campanha promocional veiculada, o tipo de imagens de marca divulgadas em redes sociais ou exemplos visuais de alguma iconografia pouco mapeada ou pouco compreendida.

A maestria em design de comunicação visual – tradicionalmente definida como o conhecimento da linguagem da visão – deve se estender para incluir o conhecimento das línguas, as necessidades, as percepções e os valores culturais do público a que se dirige. Hoje é comum começar todo estudo de mercado com a elaboração e implementação de critérios de segmentação. Os parâmetros de segmentação variam, mas é possível se falar em critérios geográficos, demográficos e socioeconômicos. (FRASCARA, 2004, p. 28-29, tradução nossa)

Baseados nessa colocação, minha orientação sempre foi no sentido do pesquisador conhecer bem o objeto de estudo proposto e, igualmente, o público envolvido na(s) mensagem(s) comunicativa(s), sem, no entanto, fazer o mesmo regredir, historicamente, ao período das pinturas nas cavernas, por exemplo, a fim de abordar um tema visual contemporâneo. “Deixemos a história para os historiadores”, dizia eu, não desprezando, porém, nenhuma linha do tempo que pudesse inserir os alunos no conhecimento dos principais fatos relacionados ao tema escolhido para produção ou análise de imagens.

Segundo ainda Frascara (2004, p. 29-53), uma comunicação visual eficaz é aquela que apresenta os seguintes critérios de qualidade: ser *substancial*, para justificar os custos envolvidos; *alcançável*, isto é, que atinja materialmente o público objetivado; *compreensível* e *convicente*, para que o público destinado confie nela; *reativa*, ou seja, que tenha potencialmente os elementos necessários para provocar as respostas desejadas; e *mensurável*, verificar se o público visado foi em realidade afetado pela comunicação visual utilizada, que aspectos tiveram efeitos e quais devem ser modificados. Apesar de respeitarmos esses critérios, nossos estudos em comunicação visual sempre focaram as *possibilidades* comunicativas das imagens, as estratégias disponíveis ao designer e não seus aspectos mensuráveis, próprios de pesquisas de recepção que, conforme dissemos anteriormente, nunca foram nossa abordagem.

Afirmo que a estética não deveria ser o único critério para determinar a qualidade de um desenho. A estética deve ser um dos vários requisitos a que devemos atender. Além disso, em vez de olhar para as estruturas estéticas como demonstrações da criatividade de um designer, propus considerá-las em termos da sua adequação às pessoas abordadas, ao domínio e contexto específicos, bem como ao objetivo do projeto. (FRASCARA, 2022, p. 271, tradução nossa)

Com essa orientação básica da comunicação visual centrada no usuário e com a convicção de que estudos isolados de linguagem visual não poderiam dar conta de explicar como determinadas imagens foram escolhidas em detrimento de outras para comunicar ou expressar um determinado sentido, para determinado público, chegamos à adoção da semiótica como uma metodologia de pesquisa em design.

Inspirada na tipologia semiótica do discurso, do filósofo americano Charles Williams Morris (1901-1979), e na sua formalização das três dimensões semióticas – sintática, semântica e pragmática –, propus aos orientandos abordar a imagem como uma unidade trina, isto é, como uma união indissociável de escolhas possíveis entre elementos/composições visuais, conteúdos interpretáveis e usos preferenciais, isto é, como um signo indivisível, sem privilegiar o estudo ou a análise de uma dimensão sobre as outras. E um signo para gerar respostas previsíveis. Para Morris, um signo (ou *veículo sígnico*) é um estímulo mediador que influencia ou desencadeia séries de respostas-sequências, causando em algum organismo (o *intérprete*) uma disposição para responder (*interpretante*, ou um *dar-se conta*) de uma certa maneira (MORRIS, 1985, p. 27-31).

A sintaxe compreende o estudo da dimensão sintática da semiótica, das relações formais de um signo com outros signos, das combinações sígnicas sujeitas às regras sintáticas (MORRIS, 1985, p. 43-54). Corresponde à função comunicativa sintetizada pela questão *como dizer?* A semântica estuda as relações entre os signos e os objetos que podem denotar ou (que realmente) denotam (MORRIS, 1985, p. 55-66). Diz respeito à adequação de conteúdo à forma e responde ao *o que dizer?* A pragmática trata da relação dos signos com seus intérpretes, considerando todos os aspectos psicológicos, biológicos, e sociológicos envolvidos no funcionamento dos signos (MORRIS, 1985, p. 67-85). *Para que e para quem dizer?*

Combinando a semiótica de Charles S. Peirce, o behaviorismo social de George H. Mead e o logicismo de Rudolf Carnap, Morris foi fortemente criticado devido à sua orientação behaviorista e positivista e acusado de ter compreendido mal a semiótica de Peirce. Apesar de



considerado um importante pensador americano por muitos desde o seu tempo, Morris enfatiza sua inclinação comportamental ao propor a formulação de signo como um *sign-behavior* (signo-comportamento), em função das “disposições de comportamento” que causa, influenciando os intérpretes (MORRIS, 2003, p. 12-15). Mas foi exatamente essa característica comportamental tão criticada, que me fez elegê-lo como o teórico principal de minhas orientações, sobretudo em publicidade e consumo, onde se espera que a comunicação visual contribua para a persuasão e o engajamento de clientes potenciais à fonte comunicadora.

Na tipologia semiótica dos discursos, Morris considera a propaganda como um discurso prescritivo, em caráter, e de uso ou finalidade sistêmica, entre 16 tipos principais de discurso:

Tabela 1 – Os principais tipos de discurso, segundo Charles W. Morris

USOS MODOS	Informativo	Avaliativo	Incitivo	Sistêmico
Designativo	científico	fictício	legal	cosmológico
Apreciativo	mítico	poético	moral	crítico
Prescritivo	tecnológico	político	religioso	propagandístico
Formativo	lógico-matemático	retórico	gramatical	metafísico

Fonte: traduzido de Morris (2003, p. 158) – *truth, and reliability of signs – Types of discourse – Formators and formative discourse – Individual and social import of signs – The scope and import of semiotic – Appendix : some contemporary analysis of sign-processes. Includes bibliographical references* (p. 311-343).

Os signos designativos são usados informativamente, os signos apreciativos são usados avaliativamente, os signos prescritivos são usados de forma incitativa e os signos (trans)formativos são usados sistematicamente.

Utilizando a teoria s gnica de Morris como base teórico-metodológica e utilizando a marca como um exemplo de objeto de estudo, podemos considerar a marca como o tema/objeto (*designatum*), enquanto seus gestores ou comunicadores são o organismo produtor do signo (*sign-producer*) que usa os recursos visuais para provocar determinadas disposi es (*interpretantes*) nos públicos da marca (*intérpretes*) e, assim, alcançar seus objetivos (*respostas*) que podem variar do conhecimento   compra, passando pela preferência e aprecia o.

Para cada projeto de pesquisa e para cada uma das três dimensões semióticas envolvidas desenvolvemos, caso a caso, um protocolo de análise específico, detalhando os aspectos a serem observados, quantificados e registrados em cada dimensão – sint tica, semântica e pragmática – a fim de obtermos um panorama geral do modo como imagens produziram sentido na comunica o ou como poderiam ter sido utilizadas preferivelmente.

“A semiologia provê o analista com um conjunto de instrumentais conceptuais para uma abordagem sistemática dos sistemas de signos, a fim de descobrir como eles produzem sentido.” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 319). A análise conteúdo, aplicada em textos visuais, nos possibilitou acrescentar   análise semiótica, uma interpreta o meticulosa às imagens das pesquisas, permitindo ao pesquisador não apenas recuperar processos criativos como, também, acessar possíveis sentidos culturais implícitos. Desse modo, foi-nos útil, metodologicamente, combinar descri es das dimensões semióticas com a análise de conteúdo (AC), para reduzir a complexidade de uma cole o de dados que, normalmente, uma pesquisa em níveis de mestrado ou doutorado envolve, como também detectar flutua es no conteúdo visual de campanhas/peças em pesquisas longitudinais ou, ainda, mapear indicadores culturais implícitos na sele o de determinadas imagens.

Morris e Frascara, distantes no tempo, mas muito comprometidos com o pragmatismo, foram dois autores que nos ajudaram muito em nossa jornada por uma comunica o visual eficiente e de qualidade. Por esta razão, foram muito apreciados e, não raro, adotados em nossa prática de orienta o. Para finalizar, deixo tr s

pensamentos impregnados em cada uma das pesquisas orientadas: a) o entendimento de que toda imagem ou coleção de imagens só pode ser abordada no conjunto indissociável de suas dimensões semióticas; b) o designer ou comunicador visual, conscientemente ou não, é um tradutor do seu tempo, um mediador cultural; e c) em sentido amplo, o termo *comunicação* tem a função de criar comunidades, isto é, tornar comum temas que não poderiam seguir adiante senão em sua condição social.

## Referências

- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi, Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- FRASCARA, J. **Diseño para la gente**. Comunicaciones de masa y cambio social. 3. ed. Buenos Aires: Infinito, 2004.
- FRASCARA, J. **El diseño de comunicación**. 1. ed. Buenos Aires: Infinito, 2006.
- FRASCARA, J. Revisiting “Graphic Design: fine art or social science?” The question of quality in communications design. pdf. *In: Academia.edu*, 2022.
- MORRIS, C. **Fundamentos de la teoría de los signos**. Tradução de Rafael Grasa. Barcelona: Paidós, 1985. Texto original de 1938.
- MORRIS, C. **Signos, lenguaje y conducta**. Tradução de José Rovira Armengol. Buenos Aires: Editorial Losada, 2003. Texto original de 1946.

LINHA DE PESQUISA 3

**Comunicação: Interfaces e  
Institucionalidades**



# Dos estudos de recepção infantojuvenil ao paradigma da educomunicação na Pós-Graduação da ECA-USP

Claudemir Edson Viana<sup>1</sup>

## Pesquisas de recepção infantil de mídia televisiva na ECA-USP

A Escola de Comunicações e Artes – ECA, da Universidade de São Paulo – USP, contou por mais de 30 anos com a atuação exímia da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elza Dias Pacheco<sup>2</sup>, pioneira na instituição e no país com estudos sobre recepção infantil de TV, mídia e educação. Lecionou por muitos anos a disciplina de Psicologia da Comunicação para todos os discentes da ECA; fomentou projetos de pesquisa; orientou mestradados, doutorados e pós-doutorados com investigações relacionadas à temática e atuou fortemente no Programa de Pós-Graduação desta instituição; coordenou diversos seminários e congressos de grande sucesso; fez importantes publicações, e criou e coordenou o LAPIC

---

<sup>1</sup> Docente e coordenador pedagógico da licenciatura em Educomunicação, e docente-orientador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, ambos na ECA-USP.

<sup>2</sup> Para saber mais sobre a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Elza Dias Pacheco : <https://www.escavador.com/sobre/1547672/elza-dias-pacheco>

– Laboratório de Pesquisas sobre Infância, Imaginário e Comunicação (1996-2010)<sup>3</sup>, o qual promoveu pesquisas amplas e aprofundadas sobre a recepção infantil da mídia televisiva, sobre o imaginário, a comunicação e as culturas infantis, e também sobre questões referentes à interface entre Comunicação e Educação.

A perspectiva de estudos e pesquisas realizados pela professora Elza e seu grupo de pesquisadores (cerca de 12 pessoas) deu-se no contexto da compreensão sobre a Comunicação que a ECA-USP adotou no decorrer dos anos, desde sua fundação em 1966, ou seja, entendendo-se a comunicação como um fenômeno cultural complexo e amplo, que transpassa todas áreas da existência humana e que é entendida a partir da Teoria Crítica e dos Estudos Culturais desenvolvidos em alguns campos da Sociologia e da Comunicação, no decorrer da segunda metade do século XX. Tal compreensão foi sendo fortalecida pelos grupos de pesquisa e extensão cultural da ECA-USP, sobretudo a partir dos anos 1980, ao lado de outras vertentes teóricas de estudos sobre os fenômenos da comunicação, como o estruturalismo e o marxismo dialético e crítico, que foram se adensando na produção científica da Instituição.

A este contexto teórico foi se dando a congregação de fatores que favoreceram a importância das pesquisas e da docência sobre a relação Comunicação e Educação, como área e como objeto de análise. Foi fundamental a reunião de docentes pesquisadores de diferentes áreas (Sociologia, Arte, Linguagem, Produção Cultural, Midiática etc.), voltados aos estudos e às pesquisas sobre a comunicação, focados em questões, processos e resultados educativos, observados ou desejados, e por meio de práticas comunicativas existentes ou a serem promovidas. Muitos dos docentes da ECA-USP, especialmente do CCA – Departamento de Comunicações e Artes, tiveram experiência de sala de aula no ensino básico e buscavam, por meio de suas ações, colaborar para que a escola e a educação em geral pudessem ser renovadas a partir das descobertas e propostas advindas da universidade.

Isso levou a iniciativas importantes no decorrer da década de 1990, como a criação de núcleos, laboratórios e centros de pesquisa e

---

3 Para saber mais sobre o LAPIC: <file:///C:/Users/User/Downloads/36945-Texto%20do%20artigo-43483-1-10-20120808.pdf>.

de extensão, de modo a favorecer pesquisas e a divulgação científica sobre temas e problemas que pautavam o contexto social e acadêmico de então. Assim se deu com a criação do LAPIC e de outros grupos com o objetivo claro de abrir caminhos para ampliar e aprofundar a pesquisa sobre as práticas na interface Comunicação e Educação.

Outros importantes órgãos de investigação criados nessa época foram: o Centro de Estudos de Telenovela (CETVN)<sup>4</sup>, liderado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Imacullata Vasconcelos; o Núcleo de Comunicações e Educação (NCE)<sup>5</sup>, sob a liderança do Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares; a fundação da revista *Comunicação & Educação*<sup>6</sup>, liderada pelos professores Dr<sup>a</sup> Maria Aparecida Baccega, Dr. Adilson Citelli, Dr<sup>a</sup> Cristina Costa, Dr<sup>a</sup> Maria Lourdes Motter, Dr<sup>a</sup> Roseli Figaro, dentre outros. Esses fatores favoreceram fortemente a produção de conhecimento de ponta por meio de pesquisas e pelas ações de docência e extensão cultural, de modo a criarem o movimento de constituição do subcampo de estudos Comunicação e Educação nas Ciências da Comunicação desta Instituição.

Este foi um longo e disputado processo entre diferentes perspectivas e experiências promovidas, na ECA, pelos seus atores diretos (docentes, pesquisadores, discentes, direção e funcionários), pelas políticas e estruturas da universidade nas quais as ações promovidas pelos cursos, pelas pesquisas e práticas de extensão cultural aconteciam, bem como ainda outros fatores de contextos mais amplos e complexos, como o do nível de fomento em ciências e investimento no ensino público superior, e, especialmente, na área das Humanidades, que foram promovidos (ou não) pelos governos no período.

Foi nesse fértil e turbulento processo de pesquisa sobre o tema infância, mídia e educação existente na ECA-USP, que mergulhei, em 1996, quando iniciei Iniciação Científica no LAPIC, numa pesquisa integrada, financiada pelo CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento

---

4 Para saber mais sobre o CETVN: <http://www.cetvn.net.br/>.

5 Para saber mais sobre o NCE: <https://www.nceusp.blog.br/>.

6 Para saber mais sobre a revista *Comunicação & Educação* (Quallis A2): <https://www.revistas.usp.br/comueduc>.



Científico e Tecnológico, sobre “Televisão, Criança e Imaginário”<sup>7</sup>, e que estudou a recepção televisiva de cerca de 700 crianças entre sete e 11 anos, moradoras na cidade de São Paulo-SP entre 1997 e 1999. Daquele ano até 2010, estive dedicado às atividades do Laboratório, quando o mesmo foi fechado em decorrência do falecimento da professora Elza Dias Pacheco. Outra importante pesquisa promovida pelo LAPIC foi “O Desenho Animado na TV: mitos, símbolos e metáforas” (1999-2000)<sup>8</sup> que estudou a interpretação que 350 crianças e pré-adolescentes faziam dos desenhos animados veiculados na TV aberta no ano de 1999. Disso resultaram publicações, seminários e outras pesquisas como as minhas de mestrado e doutorado.

Sendo eu discente do programa de Pós-Graduação da ECA-USP na área das Ciências da Comunicação, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elza Dias Pacheco, acabei por desenvolver no mestrado a primeira pesquisa científica sobre educomunicação ao analisar como pode se dar a inclusão de mídia comercial, como jornal impresso e um seriado televisivo, nas aulas apostiladas de História do Brasil do Ensino Médio, no contexto de uma instituição privada de ensino na cidade de São Paulo-SP (1998-2000). A dissertação é intitulada “O Processo Educomunicacional: a mídia na escola”, e está disponível no banco de teses da USP<sup>9</sup>.

Tendo aproveitado os conhecimentos sobre infância e mídia, bem como a experiência com metodologias de pesquisa, em particular para os estudos de recepção infantil de conteúdos midiáticos, durante os anos de atuação no LAPIC, e como discente do programa de Pós-Graduação da ECA-USP, pude aplicar meus aprendizados na estruturação do meu objeto de estudo e da problemática em questão, que também resultaram dos quase oito anos (naquela época) de minha atuação como docente de História em três colégios (um público e dois particulares).

---

7 Além de relatórios e seminários, a referida pesquisa se desdobrou em livro publicado em 1998, intitulado *Televisão, Criança, Imaginário e Educação*.

8 A pesquisa também resultou num grande evento acadêmico promovido pelo LAPIC em 1998, que reuniu cerca de 800 pessoas nas dependências do auditório da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. E resultou num livro publicado em 2007 intitulado *O cotidiano Infantil Violento: Marginalidade e Exclusão Social*.

9 Dissertação de Mestrado, VIANA, C. E. O Processo Educomunicacional: a mídia na escola (2000). Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27134/tde-02122007-214731/publico/mestrado2.pdf>.

Assim também se deu no doutorado, realizado na sequência, em que aprofundei a pesquisa sobre a relação de crianças do Ensino Fundamental I com jogos digitais em CD-Rom, muito popular na virada do século XX para o XXI, quando a capacidade da internet ainda limitava o uso de games on-line. O objetivo era entender aspectos importantes sobre as novas formas de brincar das crianças do novo século, suas maneiras de interagir com os jogos e entre si, seus modos de elaborar sentidos, e, no horizonte do problema da pesquisa, havia sempre a pergunta: A brincadeira com jogos digitais e o uso de internet promoviam quais aprendizagens? Ou: Que aprendizagens poderiam ser incentivadas? Foi um estudo realizado com 30 crianças, entre 8 e 11 anos, de uma escola particular da cidade de São Paulo-SP: alunos de duas turmas, uma da 3ª série e outra da 4ª série do Ensino Fundamental. Durante um ano, 2003, acompanhei momentos em que a turma descia até o laboratório de informática da escola, com computadores em rede e com equipamento apropriado, trazendo seus jogos preferidos em CD Rom para brincar por alguns minutos, e eu fazia, então, a minha pesquisa de campo com elas.

A investigação permitiu identificar práticas lúdicas, formas e conteúdos de aprendizagens que se davam nas brincadeiras das crianças e, quando de conversa tida com elas, a respeito dos sentimentos e sentidos atribuídos aos jogos digitais preferidos e sobre o ato de brincar com eles. O resultado principal até o momento foi a tese “O lúdico e a aprendizagem na cibercultura: jogos digitais e internet no cotidiano infantil” (2005)<sup>10</sup>.

Dentre os aspectos observados, destacou-se um conjunto de evidências sobre a prática das crianças para interagir com os jogos, com habilidades no manejo dos elementos dentro das regras estabelecidas pelo jogo, mas também havia muitas vezes em que elas não só burlavam as regras, como chegavam a se divertir ao fazer isso.

Quero dizer que, assim como nos demais contextos da pesquisa sobre a relação de crianças e mídias, ocorridos na ECA-USP até então, também no doutorado pude entender a criança como um ser

---

<sup>10</sup> “O lúdico e a aprendizagem na cibercultura: jogos digitais e internet no cotidiano infantil” (2005). Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27134/tde-02102007-133619/pt-br.php>.

sócio-histórico-cultural, em interação com sua comunidade, ambiente no qual vive, e as conveniências sociais de que desfruta; ou seja, que a criança desenvolve continuamente a capacidade de aprender a aprender, aprender a conviver e a ampliar os seus conhecimentos, por isso a importância de um dos dois eixos da disciplina em questão, isto é, a cultura infantojuvenil, que denota uma cultura produzida para e pelas crianças e jovens, considerando aspectos diversos do que de complexo há na relação entre esses sujeitos e toda uma rede de outros agentes culturais e sociais. É o caso dos grupos familiares, religiosos, esportivos e escolares.

O sujeito criança/jovem não está isolado, ao contrário, está em pleno processo de ampliação da sua rede de relações com outros sujeitos e instituições e, cada vez mais, de forma ampla, aberta e múltipla, o que traz oportunidades mas também riscos, o que deveria ser um item a ser trabalhado com este público, não só por meio de um programa de educação para a comunicação digital e em rede, como também uma formação para promoção de práticas em educomunicação, a ser desenvolvido em algum contexto particular, como para uma turma de alunos e alunas, ou, mesmo, para um projeto comunitário.

Sobre a criança, diz a professora Elza Dias Pacheco que

Mas conhecer a criança é pensá-la não apenas numa perspectiva evolutiva e etária. Conhecer a criança é pensá-la como um ser social determinado historicamente. Conhecer a criança é pensá-la num tempo e num espaço, interagindo dinamicamente, influenciando e sendo influenciada. Conhecer a criança é pensá-la como um ser de relações que ocorrem ao nível da família, da sociedade, da comunidade. É conhecê-la em casa, na escola, na igreja, na rua, no clube, em seus grupos sociais, nas “peladas”, enfim, em todas as suas atividades. Vendo-as sob todas essas óticas os adultos não lhe perguntariam mais “O que você vai ser quando crescer?”. Eles veriam que a criança é um ser histórico que produz cultura, que a criança pensa, que

a criança sente o canto dos pássaros, o ronco dos carros e dos aviões, o zumbido dos insetos, o farfalhar das folhas, a cor e o perfume das flores. Mas ela sente também outras [...] a dor, a fome, o frio, a poluição, a violência, a injustiça. Ela sente e sofre [...]. (PACHECO, 1996)

Depois de oito anos da defesa da referida tese, e tendo recentemente ingresso, por meio de concurso, na ECA-USP como docente no curso de Licenciatura em Educomunicação, elaborei para o Plano de Carreira a proposta de retomar as articulações entre os conhecimentos que havia acumulado nesse percurso, em especial, entre dois elementos centrais: a educomunicação e a cultura infantojuvenil.

A educomunicação está presente como um paradigma constituído por noções-chave, princípios e fundamentos específicos sobre os fenômenos decorrentes da interface entre Comunicação e Educação. Trata-se de promover uma comunicação educativa a partir dos referenciais da educomunicação, por meio da criação e/ou fortalecimento de ecossistemas comunicativos democráticos, abertos, múltiplos e diversos, inclusivos, colaborativos e coletivos. Depois de duas décadas de sua sistematização por meio de uma pesquisa realizada pelo NCE – Núcleo de Comunicação e Educação da USP, a educomunicação alcançou o reconhecimento nacional e internacional de sua existência e de sua particularidade como perspectiva teórico-metodológica latino-americana sobre a interface entre Comunicação e Educação, e sobre que tipos de práticas e valores sociais se quer promover junto a diversas situações do cotidiano, como no ensino, na saúde, no meio ambiente, enfim, em todas áreas da existência humana em que a comunicação e a educação acontecem.

A educomunicação é tomada também como prática social com forte potencial educativo e que se constitui, hoje, em tecnologia social inovadora, conforme reconhecido recentemente (agosto de 2018) pela própria USP, com o Prêmio USP Trajetória pela Inovação, concedido pela Pró-Reitoria de Pesquisa e pela Agência USP de Inovação ao Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, representante na área de Humanidades.

O prêmio se deveu à ressignificação do conceito a partir de pesquisa aprofundada sobre a prática profissional de 176 pessoas em

12 países da América Latina, e a criação de técnicas e de métodos para sua aplicação em diversos contextos da sociedade, de forma inédita e inovadora, chegando a se constituir como campo de trabalho e de pesquisa, a embasar a criação de novos cursos na academia e fora dela, e a se tornar conhecimento teórico-prático que incidiu na elaboração de políticas públicas em diferentes áreas e níveis de governo.

Que tipo de comunicação e que tipo de educação estamos a tratar? A educomunicação está preocupada com os processos políticos e éticos que estão presentes, ou que deveriam estar, nas práticas comunicacionais e educativas da sociedade. Trata-se de não só entender a comunicação como um direito humano, conforme está no artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), e a liberdade de expressão como fundamental para a existência humana e da democracia como modelo político, visando preparar o cidadão para manter e fortalecer esses aspectos. É também tomar a comunicação, existente ou que se quer promover, como eixo essencial para o exercício coletivo e colaborativo de construir-desconstruir-construir sentidos, valores, ações e fenômenos que estão presentes no cotidiano de cada grupo. Nestes contextos em que a comunicação é assim constituída, será potencializada uma certa cultura dialógica e participativa no grupo e vice-versa, numa dialética constante entre os atores integrantes do ecossistema comunicacional em questão, ainda mais que o contemporâneo nos apresenta com as mediações tecnológicas da internet, das redes sociais digitais, enfim, da cibercultura na qual participam cada vez mais pessoas e grupos de forma intensa.

A cibercultura que se tem presente na sociedade brasileira é bastante particular, não só aos modos de ser e viver nas diversas localidades do país, como pela caracterizada estrutura social que prevalece de enorme desigualdade econômica e social, grande concentração de riquezas etc. Por exemplo, temos o Estado com políticas públicas insuficientes para atender as demandas da sociedade, inclusive no que diz respeito a disponibilizar acesso à internet de qualidade nas escolas públicas do país. Mesmo nas grandes capitais do sudeste do país há, ainda hoje, o que melhorar nisso, e mais ainda em outros muitos aspectos decorrentes da presença e uso das TICs – Tecnologias de

Informação e Comunicação, e seus produtos no cotidiano de todos, não só de crianças e jovens.

### **Do convívio com a mídia ao protagonismo crítico**

O título deste bloco é parte do nome da disciplina de pós-graduação em Ciências da Comunicação, que criei em 2015 e que retrata bem a materialização de meu percurso como pesquisador e docente, intitulada “Educomunicação e Cultura Infantojuvenil: do convívio com a mídia ao protagonismo crítico”. Este título, está aqui novamente, agora com sua parte em destaque porque representa o foco da problemática teórico-metodológica promovida pela disciplina em questão, e porque demonstra a perspectiva de estudos e análises sobre a relação entre os sujeitos criança e jovem com a mídia e as TICs, de maneira bastante coerente com a evolução das pesquisas e produções científicas a respeito, em especial na ECA-USP e, também, com algumas vertentes científicas no Brasil e no mundo.

A disciplina apresenta uma abordagem antropológica sobre a presença das mídias e das TICs no cotidiano, superando perspectivas de ataques ou defesas a respeito, sobretudo quando se trata de educação e cidadania. Busca-se perceber sobre quais usos são feitos delas pelas crianças e jovens, com que objetivos e com que resultados, considerando um contexto cultural amplo, dinâmico e dialético em que se vive.

E por compartilhar da perspectiva dialética, sobre a atuação da criança e do jovem na sociedade, e de sua capacidade criativa, a disciplina estimula o discente a observar o protagonismo crítico como parte importante do fenômeno e, mesmo onde ele se dá em ecossistemas comunicativos favoráveis, é sempre preciso buscá-lo, ter a intenção de promover processos comunicativos que levem seus atores a processos de educação sobre, para e por meio da comunicação, modelados por princípios humanistas e democráticos a serem valorizados e promovidos.

O senso de que se tem sobre a criança, sobretudo, mas também sobre o jovem, de que são seres incapazes de entender e, por isso,

de se defender de algum risco na realidade cada vez mais violenta e tumultuada no cotidiano, agora, também permeado pelos meios e conteúdos digitais da web e seu mundo, ainda prevalece. A questão em si não está em não defender as TICs ou não se preocupar com os riscos que eles estão correndo ao usá-las, mas sim partir do pressuposto de que são seres incapazes de ter pensamento crítico, de serem capazes de aprender e entender a respeito das tecnologias e seus serviços e produtos. Tomando-se este caminho de pensamento, tendo a cultura digital e em rede que se tem hoje, a lógica seria completamente equivocada, mais uma vez, ao supor que o adulto, por ter as capacidades cognitivas definidas e o caráter estabelecido, saberia automaticamente como lidar com tais riscos, produtos e meios tecnológicos. Um engodo pensar assim, muito pelo contrário, pois se observa que muitas crianças e jovens têm mais conhecimentos a respeito do assunto, chegando a ensinar os mais velhos, como os próprios avós, a usarem celulares e seus aplicativos, por exemplo. Por outro lado, nota-se também como falta às crianças e jovens, e aos adultos também, sabedoria no uso de tecnologias que lhes ajudam na existência cotidiana contemporânea, e como a educação midiática e a educomunicação, em especial, podem colaborar nisso.

Na verdade, trata-se de entender que a relação dialética e criativa de crianças e jovens com a realidade, mediada pelas tecnologias digitais e em rede a que se tem acesso, precisa ser objeto não só de melhor compreensão, mas também se tornar conteúdo a ser estudado e aplicado nos processos educativos próprios dos contextos domiciliar e escolar e em outras situações do cotidiano dessa parte da população, como clubes, igrejas, comunidade etc. Ou seja, isto quer dizer que além das ações fora da escola em busca da educação para uso criativo, crítico, coletivo e democrático das tecnologias e meios de comunicação e informação disponíveis na sociedade, é preciso que dentro das escolas e instituições promotoras de processos educativos, que não só utilizem tais recursos, mas que se promovam processos de formação de sujeitos capazes de exercer e fortalecer suas práticas de cidadania no ciberespaço também, e de modo responsavelmente articulado ao vivido na dimensão real do cotidiano. Seria a educação para e pela comunicação crítica e responsável coerente ao contexto de cibercultura.

Assim, além de pensar em riscos e oportunidades quando observamos os usos de TICs por crianças e jovens, e quando pensamos em como educar para atuar nesses contextos, prevalecem modelos de educação para o uso competitivo das TICs, muito contaminado pela função da escola como formadora do sujeito para o mercado de trabalho, por exemplo. No entanto, as crianças e jovens já usam de múltiplas formas tecnologias de comunicação e informação no seu cotidiano, produzindo cultura, diversas e diferentes, conforme região geográfica, nível socioeconômico e muitas outras variáveis.

### **Pesquisas sobre crianças e jovens no contexto da cibercultura, na perspectiva da educomunicação**

No decorrer dos anos em que a referida disciplina foi oferecida, parte dos exercícios que os discentes faziam era dedicada à realização de uma pesquisa científica sobre a temática em diálogo com teorias abordadas nos estudos indicados na disciplina, e com dados de pesquisa sobre a temática com legitimidade para servir de referências nas análises e para as sínteses epistemológicas alcançadas pelos discentes da disciplina.

Ao final de cinco anos, a partir dos *papers* apresentados pelos discentes com o resultado de suas pesquisas e análises, conseguimos captar recursos para a produção de um e-book e livro impresso com 17 capítulos, oriundos dos *papers* selecionados e qualificados por três pessoas: eu e duas discentes especiais, Michele Marques e Juliana Medeiros. A obra está disponível na web, hospedada nos sites da ABPEducom – Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação<sup>11</sup> e do NCE-USP<sup>12</sup>.

Foram definidos critérios para a realização pelos discentes da referida disciplina, da experiência investigativa sobre a relação entre crianças e jovens com a internet e a mídia, sendo a proposta ir além de observação e análise de situações e documentos referentes

---

<sup>11</sup> ABPEducom. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/>

<sup>12</sup> E-book *Cultura Infantojuvenil na perspectiva de Educomunicação* (2020). Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/book/26>.



ao tema. As investigações realizadas pelos autores dos capítulos desta obra também foram feitas em importantes bancos de dados sobre temas relacionados, e o desafio ao analisarem dados observados no microcosmo pesquisado por eles, foi o de contextualizá-los com o macrocosmo por meio de dados retirados de pesquisas com amostras de sujeitos pesquisados bem maiores e representativas. Para tanto, adotou-se o Cetic.br – Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade e Informação, órgão de pesquisa do Comitê Gestor da Internet, existente desde 2005, para, desse banco de informações a respeito do tema, se extrair dados para a análise contextualizada e relativa ao investigado.

Em 2012, fui convidado pelo Cetic.br, como representante da ONG CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária, para integrar o fórum de especialistas sobre internet, educação, criança e jovens, pelo fato de naquele ano estar na coordenação de um projeto educativo pela internet de sucesso já por cinco anos, coordenado por essa ONG e financiado pela Fundação Telefônica. Foi o projeto Comunidade Virtual de Aprendizagem Minha Terra, que reuniu num mesmo ambiente virtual e por meio de atividades orientadas a distância, cerca de 10 mil participantes, 80% estudantes de escolas públicas de todo o país.

Desde então, participo de encontros anuais promovidos pelo Cetic.br entre especialistas de diversas instituições da universidade pública, de centros e institutos de pesquisa e de formação, órgãos públicos federais e de diversas áreas, também representantes de organizações internacionais envolvidas com as temáticas, como a ONU e a UNESCO. Os grupos temáticos dos quais passei a participar, desde então, são o TIC Educação<sup>13</sup> e o TIC Kids Online<sup>14</sup>, que me permitem entender melhor sobre os processos de pesquisa de amostras significativas, como o número, a distribuição e a representatividade de sujeitos nas pesquisas.

---

13 TIC Educação. Disponível em: <https://www.cetic.br/pesquisa/educacao/>.

14 TIC Kids Online Brasil. Disponível em: <https://cetic.br/pesquisa/kids-online/>.

A aproximação também se deu entre as pesquisas, publicações e eventos promovidos pelo Cetic.br e a disciplina da pós-graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP, por mim ministrada a partir de 2015. Desde 2016, passou a ser parte do programa da disciplina “Educomunicação e Cultura Infantojuvenil: do convívio com a mídia ao protagonismo crítico”, estudar e utilizar as informações disponibilizadas na plataforma do órgão. Por serem fontes de extrema qualidade e diretamente relacionadas ao objeto de estudo da disciplina em questão, os discentes passaram a ter como desafio desenvolver investigação, como já apresentado acima, e relacionar os resultados dos estudos bibliográficos e de campo com dados das pesquisas do Cetic.br, dos dois temas de pesquisa destacados aqui, TIC Educação e TIC Kids Online.

Ainda por oportunidade dessa aproximação, antes das vivências da referida disciplina com os dados disponibilizados por ambas as pesquisas do Cetic.br, lançou-se o desafio de aplicar a perspectiva educ comunicativa na interpretação e no questionamento sobre o painel social desenhado pelas pesquisas de significativas amostras de sujeitos específicos. O primeiro se deu, em 2013, com a publicação de artigo, de minha autoria em coautoria com o Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, intitulado “Pais, filhos & internet: a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012, na perspectiva da Educomunicação”<sup>15</sup>, em que apresentamos análises a partir dos resultados da pesquisa Tic Kids Online Brasil 2012 e problematizamos sobre os resultados a partir do paradigma da educ omunicação.

Na mesma perspectiva, outro exercício de análise de resultados pesquisados do Cetic.br deu-se, em 2015, com a publicação do artigo de minha autoria, no livro *TIC Educação 2014*, intitulado “Pesquisa TIC Educação 2013 e os caminhos a percorrer na prática educ comunicativa em contextos da cibercultura”<sup>16</sup>, onde apresentam-se desafios a serem

---

15 *TIC Kids Online 2012*, 2012. p. 47. E-book. Disponível em: <https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-kids-online-2012.pdf>.

16 *TIC Educação 2014*, 2014. p. 77. E-book. Disponível em: [https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC\\_Educacao\\_2014\\_livro\\_eletronico.pdf](https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Educacao_2014_livro_eletronico.pdf)

enfrentados em razão do contexto desenhado pela pesquisa em questão e para os quais as práticas e os princípios da educomunicação são indicativos de caminhos possíveis para o enfrentamento criativo de tais desafios.

Por isso, o objetivo é compreender melhor a respeito da presença das TICs e dos usos que crianças e jovens fazem de produtos culturais, sobretudo os digitais e em rede, e isso se tornou um desafio compartilhado com os discentes da referida disciplina desde 2016. A partir do segundo mês do cronograma das aulas, as bases de dados do Cetic.br são utilizadas para as análises, são objeto dos estudos apresentados pelos discentes durante as aulas, no mesmo período em que ocorrem a pesquisa de campo com grupos definidos de crianças e jovens, que se debruçam sobre análises de conteúdos e discursos de produtos midiáticos relacionados ao uso por crianças e jovens, tendo o paradigma da educomunicação presente.

Enfim, continuamos o percurso acadêmico ampliando e aprofundando os estudos sobre as infâncias e juventudes contemporâneas e a partir do contexto brasileiro, tendo a educomunicação como referência teórico-metodológica e objeto de conhecimento sobre o fenômeno da interface entre comunicação e educação, calcado em princípios humanistas e consciência crítica e comprometida com o bem-estar coletivo.

A partir de 2022, passei a orientar dois pesquisadores no PPG-COM na categoria de mestrado, e com eles já estamos trilhando uma fértil parceria no campo da pesquisa sobre cultura infantojuvenil, cibercultura e educomunicação. Em novembro do mesmo ano, realizaremos o IX Encontro Brasileiro de Educomunicação, cujo tema gerador é “Práticas Sociais e Tecnológicas pelos Direitos Humanos e Direitos da Terra”<sup>17</sup>, que reuniu 32 especialistas, gestores e lideranças no assunto, 70 trabalhos apresentados e 230 inscritos em evento virtual promovido pela parceria entre ABPEducom, NCE-USP, Instituto Palavra Aberta, Universidade Federal de Campina Grande, onde foi sediado o evento, que contou com cerimônias presenciais, tanto na abertura como no encerramento.

---

<sup>17</sup> IX Encontro Brasileiro de Educomunicação, 14 a 16 de novembro de 2022, realizado de forma híbrida. Disponível em: <https://www.even3.com.br/ixeducom/>.

Para concluir, não posso deixar de mencionar o fato de ter assumido a coordenação do NCE-USP em 2015, com a aposentadoria do Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares que, desde então, está como presidente de honra do Núcleo, constituído por 40 pesquisadores colaboradores, que nos ajudam a realizar importantes projetos com parceiros. Também atuo fortemente na ABPEducom como Secretário Executivo, desde a criação da Associação, em 2012. Tenho tido oportunidade de participar do rico processo de fortalecimento e crescimento da Associação, que hoje conta com mais de 240 associados de todas as regiões do país, possui seis núcleos regionais e promove intensamente diversas atividades que visam divulgar e trocar experiências a partir da educomunicação, tida como paradigma para entender as interfaces entre comunicação e educação e ampliar a consciência crítica sobre nosso mundo, a partir de nossas maneiras de se portar e interagir neste mundo ou não.

Atualmente, além de eventos e publicações, o NCE e a ABPEducom colaboram em projetos de formação e intervenção social a partir da educomunicação como referência. É o caso do Projeto Educom. Saúde-SP que, há quatro anos (2019-2022), promove formação continuada de cem horas para 800 profissionais da saúde de todo o estado, a fim de qualificar ações de interação destes profissionais da saúde com a comunidade de cada território, em razão das ações sanitárias necessárias para prever dengue, chikungunya e zika, epidemias que dependem muito da mudança de atitudes e comportamento das pessoas para serem coibidas, muito além de só estar informado a respeito do problema. E a educomunicação tem se mostrado, mais uma vez, se tratar de um conjunto de práticas e concepções sobre a comunicação coletiva, participativa e significativa para as pessoas envolvidas nos projetos, o que se torna uma maneira de fomentar a mobilização social em torno de temas e causas realmente de interesse humano e social, como os direitos humanos e a saúde do meio ambiente, para o direito de desfrutar do bem viver em nosso lar, a Terra.

## Referência

- PACHECO, E. D. (Org.). **O desenho animado na TV: mitos, símbolos e metáforas**. São Paulo: LAPIC; ECA-USP; CNPq; FAPESP, 2000.
- PACHECO, E. D. (Org.). **Televisão, criança e imaginário: contribuições para a integração escola-universidade-sociedade**. São Paulo: LAPIC – Laboratório de Pesquisa sobre Infância, Imaginário e Comunicação; Escola de Comunicaçõe e Artes da USP, 1997.
- PACHECO, E. D. **Das representações da infância no imaginário social, à criação de uma linguagem mítica**. São Paulo: LOGOS Intercâmbio, 1996.
- SOARES, I. O. A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato**, Brasília, ano 1, n. 2, jan./mar. 1999. Disponível em: [http://www.nceusp.blog.br/wp-content/uploads/2018/10/IsmarSoares\\_RevContato\\_1999.pdf](http://www.nceusp.blog.br/wp-content/uploads/2018/10/IsmarSoares_RevContato_1999.pdf).
- VIANA, C. E.; MEDEIROS, J. P. S.; PEREIRA, M. M. (Org.). **Cultura infantojuvenil na perspectiva da educomunicação**. São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação e Palavra Aberta, 2020. ISBN 978-65-87460-01-7. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/book/26>.
- VIANA, Claudemir Edson. **Pesquisa TIC Educação 2013 e os caminhos a percorrer na prática educacional em contextos da cibercultura: TIC Educação 2014**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016. Disponível em: [https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC\\_Educacao\\_2014\\_livro\\_eletronico.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Educacao_2014_livro_eletronico.pdf).
- VIANA, C. E.; SOARES, I. O. Pais, filhos e internet: a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012, na perspectiva da educomunicação. In: BARBOSA, A. F. (Coord. edit.). **TIC Kids Online Brasil 2012**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013. Disponível em: <https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-kids-online-2012.pdf>.
- VIANA, C. E. Minha terra: diversidade cultural e sustentabilidade em práticas educacionais pela web. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 14, n. 1, p. 123-136, 2011. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>.
- VIANA, Claudemir Edson. O lúdico e a aprendizagem na cibercultura: jogos digitais e internet no cotidiano infantil. 2005. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27134/tde-02102007-133619/pt-br.php>.
- VIANA, C. E. O processo educacional: a mídia na escola. Dissertação de Mestrado (Escola de Comunicações e Artes) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27134/tde-02122007-214731/pt-br.php>.

# Educação, pesquisa e engajamento: uma trajetória imbrincada

Cláudia Lago

Falar de si, tentar expor motivações, construir uma trajetória coesa, com começo e continuidade é uma tarefa prazerosa e ao mesmo tempo difícil. Prazerosa porque olhar para si alimenta nosso narcisismo. Difícil porque olhar para si, quando este movimento envolve um mínimo de honestidade, põe em xeque as escolhas, os caminhos. A tentação é construir um percurso linear, não acidentado, que valorize cada passo e cada opção. Mas esta narrativa é necessariamente um embuste, pois não há percurso sem percalço, desvios inúmeros e acertos que advêm do acaso tanto quanto de objetivos. Além dos fracassos.

Este pois é meu espírito ao tentar dar coesão a uma trajetória que não é linear nem planejada. Uma narrativa *a posteriori* que necessariamente conterà *gaps* e imprecisões. Mas vamos a ela, primeiro apontando um lugar social de onde provenho e que atravessa esta trajetória, para em seguida, a partir do estabelecimento de um começo arbitrário, iniciar a jornada propriamente dita. Início com algumas informações biográficas acadêmicas, para depois falar sobre entrelaçamentos teórico-metodológicos e militâncias dentro da academia (que, no entanto, a extrapolam).

## De onde falo

Sou filha de professores universitários, da Universidade Federal de Santa Catarina (nasci em Florianópolis). Meu pai, já falecido, era historiador e geógrafo, ecologista, com inúmeros livros sobre geografia de Santa Catarina e trabalhos sobre ecologia publicados. Minha mãe, aposentada, é formada em pedagogia, mas vinculada ao departamento de Psicologia da UFSC, militante feminista aguerrida que, atualmente, é uma das editoras da *Revista Estudos Feministas*, importante publicação na área de Estudos de Gênero no Brasil, com reconhecimento internacional no campo.

Por uma série de razões que seriam melhor explicitadas a partir de uma chave psicanalítica, acabei por me formar em Jornalismo, na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo. Antes de me formar já trabalhava, especialmente em assessorias de imprensa. Ao terminar a graduação sentia-me desconfortável com o mundo de evidências dos jornalistas. Na época, inquietava-me a percepção de que jornalistas aceitavam tacitamente que seu trabalho era falar sobre a verdade dos fatos. Estas inquietações, mais o desejo de retornar a Florianópolis, fizeram com que eu tentasse o mestrado em Antropologia Social, na UFSC (escolhido entre outros das humanidades pelas leituras propostas, pela sensação de maior liberdade – o que se comprovou).

Fiz o mestrado em uma época em que podíamos nos dar ao luxo de ter muito tempo para pesquisar. E este tempo se prorrogou, porque foi coalhado de crises pessoais e repetidos adiamentos, além do nascimento do meu filho com a junção entre estudo/pesquisa e maternidade, em uma época em que ela era ainda mais problemática e menos aceita<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Brincamos que determinadas ações podem atrasar uma pós-graduação, como a separação, a maternidade (e é justo que atrase), muitas mudanças etc. Eu tive um filho, mudei de cidade, construí uma casa, separei-me e casei novamente. Tudo em um mestrado que, por isso, foi excessivamente longo e complicado. Quando estava fazendo meu doutorado, meu pai teve câncer e, depois de um processo que durou cerca de dois anos, morreu. Desta feita, minha pesquisa teve uma pequena interrupção, quando larguei a vida para ficar os últimos meses com ele, minha mãe e irmã. E foi prontamente retomada, quase como uma tábua de salvação, após sua morte, algo com o que se ocupar unicamente, aliviando a dor da perda. Menciono esses dados pessoais para indicar que a pesquisa não acontece à margem da vida. Ela faz parte e é alimentada por nossa existência cotidiana que, de alguma forma, incorpora nossas reflexões.

Ao fim, consegui produzir uma dissertação que não foi lá muito bem-vista aos olhos da banca. Lembro-me de uma das arguidoras apontando para a forma herética como eu usava Pierre Bourdieu (a espinha central do meu trabalho). Obtive o título, mas se houvesse nota não seria das melhores.

Menciono isto com dois objetivos: o primeiro, o de ser mais fiel aos percalços, e o segundo, porque acho que é importante desmistificar os processos acadêmicos. Como canso de dizer a orientandas e orientandos, o mestrado é a primeira etapa de uma carreira de pesquisa e é importante para aprender o ofício – mas há muito mais além disso.

Foi no mestrado em Antropologia, que internalizei meu *habitus* (BOURDIEU, 1996) de pesquisa. Aliás, foi no mestrado que minha então orientadora, Miriam Grossi, me apresentou Bourdieu, autor essencial na minha trajetória, presente na dissertação de mestrado e na tese de doutorado, esse realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM-USP) e em trabalhos publicados, em aulas ministradas na pós-graduação<sup>2</sup> mas, especialmente, na forma de ver o mundo e o ofício acadêmico – como um “esporte de combate” que tem o objetivo de fornecer instrumentos acurados de desvelar as estruturas opressivas para combatê-las, com rigor metodológico e a partir de pressupostos que questionam o senso comum. Um esporte que deve, especialmente se voltado ao campo da comunicação, pensar o poder e as violências simbólicas (BOURDIEU, 1989).

Foi no mestrado, acalentado junto ao autor, que desenvolvi meu amor à teoria e ao processo de construção metodológica e ampliei minhas desconfianças com o óbvio, como o regularmente dito, com o naturalizado como verdade, fatos etc. Como um dos frutos plantados no período e consolidados no doutorado, menciono a organização junto com Marcia Benetti, amiga da Universidade Federal do

---

2 Em 2017, 15 anos após sua morte, propus uma disciplina curta sobre o autor, “Pierre Bourdieu e o Campo da Comunicação”, que já havia dado como convidada junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e que gerou o texto “Pierre Bourdieu e algumas lições para o campo da comunicação” (LAGO, 2015). A ideia era reforçar a importância do autor naquela efeméride. No entanto, continuei oferecendo a disciplina todos os anos desde aquela época, inclusive durante a pandemia.



Rio Grande do Sul, o livro *Metodologia da Pesquisa em Jornalismo* (LAGO; BENETTI, 2010), que chegou a ser reimpresso inúmeras vezes e que teve uma repercussão expressiva no Jornalismo. A história do livro está marcada também pela minha relação com o Jornalismo e uma das primeiras militâncias acadêmicas.

## **O jornalismo como campo de combate**

Apesar de meu estranhamento, o jornalismo sempre foi um campo de combate. Enquanto práxis social e também dentro do campo da comunicação, que durante muito tempo esteve atrelado a disputas externas que buscavam privilegiar agentes em detrimentos de outros já instituídos. E como acontece nas disputas acadêmicas, já bastante enfatizadas (BOURDIEU, 2011), os agentes buscam tornar legítimos seus próprios recursos, desvalorizando assim os recursos de outros competidores.

Foi nesse contexto que me envolvi com um grupo de pessoas que hoje são grandes amigas e amigos. Juntos nos mobilizamos para fundar, em 2003, a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). A SBPJor foi extremamente marcante em minha vida acadêmica, porque me forneceu um lugar de troca acadêmica. Até 2014, eu sempre trabalhei em universidades privadas, ligada unicamente à graduação. Apesar de ter amigas e amigos indispensáveis, das trocas maravilhosas com estudantes, de ter neste lugar me feito professora, são espaços não marcados pelo incentivo à pesquisa. Ao contrário, pesquisar é nadar contra a corrente. Desta forma, a SBPJor foi para mim um porto seguro, um espaço de trocas. Por isso, também, que durante parte importante da minha vida dediquei-me à Associação, tendo sido membro de diretoria como conselheira científica, depois diretora administrativa por duas gestões e presidente da entidade de 2013 a 2017. Após este período permaneci envolvida, até 2020, com a *Brazilian Journalism Research*, a BJR, uma das mais interessantes revistas de nosso campo, como parte do grupo de editores(as). Conto isto pois a SBPJor e as trocas que ela me possibilitou estão entranhadas no que sou como pesquisadora e pensadora do campo.

A relação com o Jornalismo está presente em boa parte de minha produção acadêmica, a começar pelos trabalhos de pesquisa no mestrado (Burocráticos e Românticos: pontos para uma etnografia do campo jornalístico paulistano) e no doutorado (O Romantismo morreu? Viva o romantismo. Ethos romântico no jornalismo). E permanece até hoje, junto às minhas pesquisas que buscam olhar para os atravessamentos de gênero, a partir de uma perspectiva interseccional, especialmente nas narrativas não ficcionais.

No entanto, há algum tempo minha carreira, minhas pesquisas e meu olhar sofreram uma inflexão, ou melhor, ela foi possibilitada pela entrada enquanto docente na Universidade de São Paulo.

### **Um novo lugar e vários retornos**

Prestei concurso junto ao Departamento de Comunicações e Artes (CCA), da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA-USP), em dezembro de 2014. Fui efetivamente contratada em junho de 2015. O concurso visava preencher uma vaga junto à Licenciatura em Educomunicação, temática com a qual eu havia me habituado há anos, tendo participado de vários dos importantes projetos de Educomunicação (Educom.rádio, Educom.Centro-Oeste, Educom.Saúde), realizados, desde o início dos anos 2000, pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da ECA, ligado ao CCA. Mais do que habituada ao tema, na verdade eu me sentia profundamente apegada às discussões e reflexões encaminhadas junto à Educomunicação, a perspectiva da construção do conhecimento, à horizontalidade almejada das relações, enfim, os pressupostos educ comunicativos (SOARES, 2011), que já tentava incorporar como prática didática, apesar das dificuldades dadas pela qualidade do ecossistema comunicativo (SOARES, 2000) da universidade privada.

Ao entrar no CCA, comprometi-me com a necessidade de desenvolver pesquisas e me associar a um programa de pós-graduação. Em pouco tempo, propus uma disciplina relacionada ao projeto de pesquisa, a Alteridade em diálogo: Educomunicação, Relações de Gênero e Narrativas Midiáticas Não Ficcionais ao PPGCom, programa

no qual obtive meu título de doutora. Conforme os objetivos, a ideia é apresentar a Alteridade a partir de uma perspectiva multiconceitual, entendê-la enquanto relações estabelecidas com um “Outro” que é constituído social e historicamente. Ao mesmo tempo, entrelaçar estas questões com a Educomunicação e a partir do campo dos estudos de gênero, observando especialmente narrativas midiáticas não ficcionais. A proposta baseia-se na justificativa de que

A discussão da Alteridade, tida como a relação com um “Outro” histórica e socialmente construído, tem sido central na contemporaneidade, a partir da constatação de que as representações sociais que apontam para uma humanidade unificada com base em parâmetros do Ocidente Cristão não dão conta da complexidade das relações sociais. No Brasil, a discussão da Alteridade é feita dentro de um contexto específico, em que “Outros”, imigrantes, estrangeiros, dividem esta condição com amplas parcelas da população, tomadas também como “Outros”. Estes “Outros” estão dentro dos sistemas de ensino, não feitos para eles, e são representados em suas alteridades na Mídia, espaços ímpares da construção das representações coletivas. A centralidade da questão da Alteridade, notadamente nos espaços escolares, e sua relação intrínseca com a Mídia, portanto, demanda que ela seja pensada e refletida de forma mais intensa<sup>3</sup>.

A disciplina se articula em três eixos, o primeiro deles, a discussão conceitual da questão da alteridade segundo diversas abordagens, incluindo aí o embasamento de questões a partir do campo da

---

<sup>3</sup> Justificativa da disciplina. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/janus/componente/catalogoDisciplinasInicial.jsf?action=3&sgldis=CCA5915>.

educomunicação, já que a educação é constantemente convocada para construir as relações de alteridade, a partir de pressupostos de exclusão especialmente – que a educomunicação aponta, denuncia e busca superar. O segundo, o entrelaçamento com o campo dos estudos de gênero, que visceralmente tem interrogado a naturalização do mundo e, conseqüentemente, a constituição da alteridade. E, por fim, o olhar para as narrativas não ficcionais, não tão evidentes nos estudos sobre representações do “Outro” dentro do PPGCOM, apesar de fundamentais na construção dessas representações.

A disciplina sintetizou minha adesão programática a três universos de pesquisa/reflexão: educomunicação, estudos de gênero e narrativas não ficcionais. Com o tempo, o mergulho no campo dos estudos de gênero passou a ser determinante, especialmente pela chegada de estudantes de pós com interesse nas questões levantadas. Nos fazemos educadoras e educadores na relação com estudantes, e isso vale para qualquer nível de ensino.

Ao mesmo tempo, foi uma resposta a indagações feitas por minha mãe, estudiosa do campo há muito tempo, quando defendi meu doutorado. Acompanhante constante de minhas incursões acadêmicas, questionou-me de pronto, apontando para o fato dos atravessamentos de gênero não terem sido considerados em minha pesquisa. Esse questionamento ficou em suspenso durante meu tempo de professora em uma privada, quando desenvolvi trabalhos sobre o campo jornalístico dentro do possível – e sem conseguir ampliar meu repertório para dar conta de pensar estes atravessamentos<sup>4</sup>.

A entrada na USP e no PPGCOM, portanto, foi uma possibilidade de um resgate de algo latente e de uma projeção de algo futuro. Porque pensar em qualquer pesquisa no campo da comunicação, que

---

4 Quando ministro a disciplina Gênero, Mídia e Educação para a graduação, peço que estudantes façam um trabalho sobre o momento em que se percebem atravessados pelas estruturas que organizam gêneros. No meu caso particular, a percepção deste atravessamento se deu desde muito cedo, o que não poderia deixar de ser tendo uma mãe feminista. Em conversas com colegas de escola, tempos depois, descobri que eu era feminista para eles(as) mesmo sem saber que o era para mim. Na minha infância e adolescência, o termo não estava tão em evidência como hoje, o que não significa que uma percepção da desigualdade entre homens e mulheres (ou meninos e meninas), bem como estratégias para questioná-las não fossem possíveis e constantes.

não leve em conta os atravessamentos das estruturas que naturalizam as diferenças, considerando a centralidade contemporânea destas essenciais “tecnologias de gênero”, como indica De Lauretis (2019), parece-me pouco produtivo e bastante limitante. Aliás, seguindo minha atração pelas questões epistemológicas, trabalhos que mapeiam esta ausência no campo, têm sido uma constante de minha produção (MARTINEZ; LAGO; LAGO, 2016; LAGO; CANJANI; BERGO, 2020, MARTINEZ; LAGO; HEIDEMANN, 2022).

O mergulho no campo dos estudos de gênero e a convivência constante com estudantes negros e negras que passaram a frequentar especialmente a graduação, trazendo inúmeros interrogantes, também abriu as portas para outro resgate: pensar a racialização (e a classe, que a ela se atrela num país como o nosso) como constitutiva das relações e, portanto, essencial para nossas análises sobre objetos do campo da comunicação. Essa percepção se deu também visceralmente<sup>5</sup>, já que o racismo me atravessa de forma pessoal. Meu pai era um homem negro de pele clara, o que o fez passar a vida tentando não sê-lo, investindo em sua passabilidade branca. E esta violência, que ainda não consigo elaborar de forma mais aprofundada, lança uma sombra e uma presença em minhas inquietações. Ela está atrelada e produz um olhar que vê a racialidade e que me aproxima de autoras que pensam dentro da lógica da interseccionalidade (CRENSHAW, 2002). Esta abertura tem produzido reflexões, em conjunto com estudantes de pós e colegas, incluindo aí sobre as ausências deste olhar nas pesquisas realizadas na comunicação (LAGO; KAZAN; THAMANI, 2018, LAGO; MARTINS; NONATO, 2019, CERQUEIRA; LAGO; NONATO, 2022).

### **Um modo de pesquisa e de pensar: em rede e em atuação**

Resgatando meu *habitus*, que pensa o produzir ciência a partir da lógica coletiva, minha ação educacional, que pensa a construção

---

<sup>5</sup> Aqui aponto para uma das minhas convicções em termos de pesquisa: não existe neutralidade em pesquisa (o que não significa que não exista rigor teórico-metodológico em pesquisa), investimos em nossos objetos aquilo que nos liga a eles.

do conhecimento a partir da relação com as pessoas envolvidas, em relações mútuas e horizontalizadas o máximo possível, resta apontar ainda a percepção de que não há produção de conhecimento que aconteça sem estar ligada à difusão deste conhecimento. Ou seja, o ofício científico é um ofício militante também.

No caso de pesquisas que se organizam a partir do campo de estudos de gênero, entrelaçadas à percepção das interseccionalidades e da exclusão de corpos dissidentes, esta militância é constante e acontece mesmo sem que se queira nela pensar.

O fato de produzirmos pesquisas que apontam para os mecanismos de naturalização das estruturas excludentes, que colocam como regra e ponto de partida o sistema branco masculino cis heteronormativo, construindo como “outros” e sujeitos a não pertencimentos, todas as pessoas que não são homens brancos cis e heteros das camadas mais abastadas, ou seja, criando sistemas que excluem a maioria esmagadora da população, observados os atravessamentos dos diversos marcadores sociais, é uma ação militante, mesmo que isso não esteja na intenção inicial das pesquisas.<sup>6</sup>

Neste sentido é importante mencionar um espaço na academia que também faz parte da configuração de meu lugar enquanto pesquisadora, a Rede Não Cala USP!, de professoras e pesquisadoras contra o assédio e a violência de gênero na universidade. Composta por mulheres de diversas áreas e campi, a Rede foi um lugar de encontro e também de amparo dentro de uma estrutura que ainda é excessivamente elitista e excludente – mesmo que consideremos os avanços nos últimos anos, como a tardia adoção, se comparada com outras universidades, de uma política de cotas na graduação. Além de um espaço de articulação sobre as questões de gênero e raça na USP, também é um espaço de produção de conhecimento, tanto bibliográfico (CRUZ; ALMEIDA; OLIVEIRA; LIMA; LAGO; MACHADO, 2018) quanto didático, como o curso “Rede Não Cala discute Gênero”, ofertado on-line em

---

6 Não à toa estas pesquisas têm sido atacadas e este tem sido o terreno fértil da luta contemporânea que constrói uma extrema direita empenhada em atacar direitos de mulheres, negros e negras, LGBTQIAP+ e todas as pessoas com algum tipo de marcador de diferença em relação à norma naturalizada.

2020. E um porto seguro para discutir e encaminhar as angústias que pesquisadoras enfrentam no seu cotidiano, já que o marcador gênero nos atravessa também na pesquisa e na docência.

Além da Rede não Cala!, que tem uma configuração específica, importante frisar que meu trabalho enquanto pesquisadora busca se organizar em rede. Não acredito e não professo o lugar do pesquisador individual, imerso em seu universo particular, quase uma figura romântica nos moldes que já aponte há tempos, pensando no jornalista. A condição da reflexividade (BOURDIEU, 2006) passa pela organização de um trabalho coletivo. Desta forma, estou reunida com estudantes de pós e colegas/amigas/amigos, no Grupo de Pesquisa Alteridades, Subjetividades, Estudos de Gênero e Performances nas Comunicações e nas Artes, o AlterGen, que realiza ações de divulgação de nossas pesquisas, especialmente o encontro anual Fazendo e Desfazendo (FZDZ) Gênero, na ECA. Esse, aliás, vincula-se também a projeto de extensão, o Diversidade na ECA – a pesquisa tem que se desdobrar para a Extensão e o Ensino. É por isso que invisto em textos e artigos a várias mãos, já que eles se fazem sempre em diálogo. Antes de ser uma estratégia frente às exigências da produtividade nos moldes em que nos colocam (ou nos quais nos colocamos), é uma perspectiva de ação, uma confiança na capacidade do coletivo se contrapor às lógicas individualistas que permeiam e sustentam a carreira universitária, e uma crença de que a ciência se faz a partir de lugares situados (HARAWAY, 2009), em redes.

Este trabalho coletivo permite inclusive a abertura dos horizontes teórico-metodológicos. Foi nessas trocas que pude aprofundar o conhecimento sobre feminismos negros e latino-americanos, sobre a cruzada antigênero, sobre o racismo estrutural, sobre a decolonialidade, a perspectiva queer, e tantas outras perspectivas e olhares que me foram apresentados na relação com colegas, amigas, orientandos e orientandas tão essenciais na minha trajetória<sup>7</sup>.

Termino este retrospecto, portanto, agradecendo a oportunidade deste contato. Sem essas redes de ação, pesquisa, solidariedade,

---

<sup>7</sup> Estes encontros permitiram uma ampliação dos referenciais teóricos que não é possível comportar neste texto, mas que estão indicados nas bibliografias dos trabalhos produzidos que menciono.

amizade e compartilhamento a reflexão não seria possível. Ou seria muito limitada, aquém da tarefa que nos cabe. Retomando Bourdieu, nosso ofício deve ser um serviço público com o objetivo de desvelar e desnaturalizar o mundo social, permitindo que pessoas e grupos se apropriem desta desnaturalização para transformar suas vidas. Sem essa premissa é apenas uma atividade estéril e burocrática, a serviço da manutenção das estruturas que produzem e reproduzem as desigualdades.

## Referências

- BOURDIEU, P. **As regras da arte**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, P. **Autoanálises de um sociólogo**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006.
- BOURDIEU, P. **Homo academicus**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- CERQUEIRA, C.; LAGO, C.; NONATO, C. Comunicação, mídia e interseccionalidade: uma relação necessária. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 16, n. 3, p. 1-6, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/rmc.v16i3.55923>.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-189, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJ-Z397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>.
- CRUZ, E. F. *et al.* Don't stay silent: network of female professors against gender violence at University of São Paulo (USP). **Annual Review of Critical Psychology**, v. 15, p. 223-245, 2018. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002997738.pdf>.
- DE LAURETIS, T. Tecnologia de Gênero. In: HOLLANDA, H. B. de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 121-155.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>.
- LAGO, C.; BENETTI, M. (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2010.



- LAGO, C. Pierre Bourdieu e algumas lições para o campo da comunicação. **Intexto**, n. 34, dez. 2015, p. 728-744, Disponível em: doi:10.19132/1807-8583201534.728-744.
- LAGO, C.; KAZAN, E. M.; THAMANI, M. Jornalismo e estudos de gênero: e a interseccionalidade, onde está? *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41, 2018, Joinville. **Anais** [...], Joinville: Escola de Comunicações e Artes; São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003028415.pdf>.
- LAGO, C.; MARTINS, F.; NONATO, C. A alteridade na educomunicação: estudos de gênero, interseccionalidade e performance. **Comunicação & Educação**, v. 24, n. 2, p. 54-65, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v24i2p54-65>.
- LAGO, C.; CANJANI, E.; BERGO, I. Estudos de gênero em interface com signos e mídia: aproximações muito tímidas. **Signos do Consumo**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 33-44, 2020. Disponível em: DOI: 10.11606/issn.1984-5057.v12i2p33-44.
- MARTINEZ, M.; LAGO, C.; LAGO, M. C. S. Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: uma tênue relação. **Revista FAMECOS**, v. 23, n. 2, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.2.22464>.
- MARTINEZ, M.; LAGO, C.; HEIDEMANN, V. Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: a relação tênue continua. **Revista FAMECOS**, v. 29, n. 1, e41919, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2022.1.41919>.
- SOARES, I. O. Educomunicação: um campo de mediações. **Revista Comunicação & Educação**, ano 7, n. 19, p. 12-24, São Paulo: Segmento; ECA-USP, set./dez. 2000.
- SOARES, I. O. Educomunicação, um campo de mediações. *In*: CITELLI, A. e COSTA, M.C.C. (Org.). **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

# **A Educomunicação, nos 50 anos do PPGCOM da ECA-USP: uma experiência de 30 anos de orientação**

**Ismar de Oliveira Soares<sup>1</sup>**

Ao celebrar os 50 anos do PPGCOM da ECA-USP, o artigo propõe colaborar com os pesquisadores atentos ao levantamento e sistematização de dados referentes à reflexão acadêmica sobre a interface comunicação/educação a partir do paradigma educacional.

O objeto da análise é constituído por um conjunto formado por 24 teses de doutorado, acrescidas de 22 dissertações de mestrado e de duas assistências a projetos de pesquisa em nível de pós-graduação, totalizando 48 orientações, em 30 anos de atendimento.

Esclareço, inicialmente, que não tenho a pretensão de esgotar o tema das pesquisas sobre Educomunicação no âmbito do PPGCOM da ECA-USP, lembrando que outros docentes do programa trabalham com o paradigma, por tempo semelhante. Ficaria alentado se, de igual forma, se dispuserem a realizar levantamentos que contribuam para se ter a exata imagem da contribuição do nosso programa para a sustentação teórica do campo.

---

<sup>1</sup> Professor titular sênior da ECA-USP, Presidente da ABPEducom – Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação. Disponível em: [www.abpeducom.org.br](http://www.abpeducom.org.br).

## Introdução

A partir de 1989, o Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (CCA-ECA-USP) passou a impulsionar sua trajetória de pesquisas, publicações e extensão cultural na interface entre Comunicação e Educação. Inaugurava-se, naquele ano, o I Curso de Especialização em Comunicação e Educação (300 horas), envolvendo, praticamente, todos os docentes do departamento, aos quais se juntaram colaborativamente outros professores da Escola e da própria Faculdade de Educação.

No ano subsequente, apresentamos nossa tese de livre docência, intitulada “A contribuição das ciências sociais para a avaliação dos programas de educação para a comunicação”, num olhar sobre os esforços no sentido de se implementar, no Brasil, programas de leitura crítica da mídia<sup>2</sup>. Já em 1992, tinha início a fase de apresentação e defesa de dissertações de meus primeiros orientandos junto ao PPG-COM da ECA. Examinando o conjunto das pesquisas orientadas desde aquela data até 2022, podemos reuni-las em duas fases distintas: uma primeira, ao longo da década de 1990, que denominamos de Exploratória, constituída por projetos de pesquisa que buscavam por pontos de intersecções entre os dois campos, e uma segunda, a partir de 2002, que definimos como Epistêmico-programática, já sob o impacto dos resultados de pesquisa sobre a interface em questão, concluída pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE-USP), em 1999<sup>3</sup>.

---

2 O trabalho analisou a experiência do Projeto LCC – Leitura Crítica da Comunicação, implementado pela UCBC – União Cristã Brasileira de Comunicação, nas décadas de 1970 e 1980, sob o ponto de vista das ciências sociais.

3 Em novembro de 1996, era constituído o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), voltado tanto para a pesquisa quanto para a extensão cultural. Entre 1997 e 1999, o NCE promoveu, com uma amostragem formada por 176 especialistas de 12 países da América Latina, uma investigação sobre a natureza da inter-relação Comunicação/Educação e detectou, ao final, fortes indícios que apontavam para a emergência de um novo campo – interdisciplinar e autônomo – de intervenção social, então denominado Educomunicação. Tal conceito anteriormente fora usado para designar tão somente uma das áreas do novo campo, o da educação para a recepção ativa dos meios massivos. A partir da pesquisa do NCE, no entanto, passou a representar – na linha freiriana – um paradigma de prática social de intervenção social, visando confrontar a perspectiva funcionalista do emprego dos procedimentos comunicativos nos espaços educativos.

## **1. Visitando as relações entre os dois campos: a Fase Exploratória (1992-2000: 11 pesquisas)**

A primeira pesquisa que orientamos no PPGCM da ECA-USP foi defendida em 23 de junho de 1992, tendo como autor um estudante indu, de nome Joseph Fredrick Xavier. O interesse do trabalho por ele produzido voltou-se para a experiência brasileira na sistematização dos estudos sobre a relação entre educação popular e comunicação alternativa, produzidos na década de 1980. Reconhecia este estudante que o Brasil era internacionalmente conhecido pelo desenvolvimento de projetos de “comunicação popular/alternativa”, bem como pelo alto nível das contribuições acadêmicas sobre este objeto. O fato o levou a escolher, como tema de estudo, as dissertações e teses de doutorado dedicadas ao assunto, defendidas, na ECA, na década de 1980. Em sua maioria, tais pesquisas voltavam-se ao estudo de recursos e processos de comunicação, tais como: o vídeo popular, os pequenos jornais, as cartilhas políticas, os centros de comunicação e documentação popular e os próprios processos populares de comunicação.

A preocupação com o tema da comunicação popular havia levado outra orientanda – Sunita Pereira Mourão – a resgatar as formas de comunicação utilizadas em período remoto da história do Brasil, nos inícios do século XVII. O trabalho, em nível de doutorado, foi defendido em 10 de agosto de 1992, tendo como título “Destruição no Guayrá: confronto de informações”. Tratava da identificação, análise e comparação das formas de comunicação utilizadas pelos segmentos sociais envolvidos nas lutas que se travaram em torno da destruição das Reduções Jesuíticas e dos centros urbanos castelhanos, na Província do Guayra. A dissertação apresentava a comunicação como fator fundamental da vida do Guarani, personagem principal desta história.

Em 1993, conduzimos duas defesas, ambas em nível de mestrado, envolvendo a relação entre comunicação e o mundo juvenil. Em 4 junho, Januária Cristina Alves defendia a pesquisa “Jornal infantil: expressão e participação”. O trabalho apresentou o quadro dos suplementos infantis editados no Brasil até aquela data, mostrando como a grande imprensa via a criança. Observou, igualmente, como as

crianças produziam cultura enquanto se relacionavam com o jornal infantil. Já em 17 de dezembro, Hiliana Reis Alves, num trabalho de natureza antropológica, apresentava a dissertação “Album de família: a trama das representações sociais de adolescentes abandonados”. A pesquisa tinha como propósito levantar os elementos simbólicos significativos, presentes na comunicação de um grupo de adolescentes marginalizados socioeconomicamente e que se encontrava, no momento da investigação, sob a tutela da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM/SP).

No ano subsequente, duas pesquisas traduziram a reflexão que preocupava os educadores nos meados dos anos 1990: a presença da linguagem audiovisual na educação: O doutorado de Nelson Pretto (A universidade e o mundo da comunicação: análise das práticas audiovisuais das universidades brasileiras”, 1994) e o mestrado de Vicente Gosciola (Nos bastidores da sala de aula: a videogravação no processo de ensino-aprendizagem, 1995).

Pretto analisou a presença do audiovisual no cotidiano pedagógico de cinco universidades brasileiras (UFRJ, UnB, UFRN, PUC-RS e USP), nos anos de 1980 e inícios dos 1990. Sua conclusão foi pessimista ao identificar a ausência da cultura audiovisual nas práticas acadêmicas, tanto nos procedimentos de professores e estudantes, como nas estruturas mais gerais das instituições. E foi mais longe: as tentativas de incorporar os novos meios de comunicação e informação no cotidiano universitário reafirmavam o isolamento conceitual que afastava, em diversas instâncias, a produção/utilização de vídeos, de um lado, e a produção de conhecimentos gerados nas próprias universidades, de outro. Para o autor, educação e comunicação representavam mundos distantes que não se aproximavam, que não se conheciam: o mundo das imagens, da imaginação e da informação e o mundo da razão, (PRETTO, 1995, p. 59). A pesquisa retratou, contudo, a força do movimento que começava a ganhar corpo em favor de uma mudança de atitude, enaltecendo a reprodutividade e o potencial representado pelos recursos da comunicação para a ação educativa. As conclusões do trabalho acabaram por possibilitar a produção de um livro intitulado *Uma Escola Sem/Com Futuro*, publicado em 1996, pela Papyrus, e que chegou à sua 8ª edição em 2013, atualizada em seu conteúdo, sob a responsabilidade editorial da EDUFBA.

Na apresentação do livro<sup>4</sup>, afirmamos que a contribuição de Nelson Pretto abria um panorama diferenciado para as futuras pesquisas, representando um marco histórico não apenas para o programa de pós-graduação da ECA-USP, mas para o estudo da interface Comunicação/Educação, no Brasil. Convertia-se, a nosso juízo, na base para um diálogo que aos poucos foi abrindo estrada, criando sensibilidades, oferecendo repertório e ampliando interlocutores, tanto no âmbito da academia quanto das políticas públicas de educação. Hoje, Nelson Pretto é uma das lideranças nacionais mais ouvidas sobre a importância de um diálogo crítico entre a educação e as tecnologias da informação e da comunicação.

Por seu turno, no mesmo período, Vicente Gosciola analisou o trabalho de vídeo-gravação em sala de aula como recurso para pesquisas sobre processos de ensino-aprendizagem. Essa análise foi desenvolvida não só do ponto de vista de quem grava a aula - o vídeo-realizador – como também do ponto de vista do instrumento de trabalho, a vídeo câmera. Apresentava os elementos facilitadores para que o vídeo-realizador cumprisse sua missão, integrando à escola os avanços tecnológicos e permitindo uma compreensão mais ampla e dinâmica dos processos educacionais.

Ainda em 1994, nossa orientanda Maria Sallett Tauk dos Santos defendia sua tese doutoral, afastando-se do tema das tecnologias em suas relações com a educação formal, para dedicar-se à comunicação popular, em pesquisa intitulada Igreja e pequeno produtor rural: a comunicação participativa.

O objetivo deste trabalho foi o de compreender a participação dos pequenos produtores rurais no programa desenvolvido pela ONG Serviço de Tecnologia Alternativa – SERTA, tendo detectado uma reticente participação dos agricultores, apesar dos esforços de comunicação popular-participativa desenvolvidos por esta Organização, visando envolver esses trabalhadores num processo de autopromoção sociopolítica e econômica. Uma das causas apontadas foi o recuo da Igreja Católica em seu trabalho de comunicação popular-participativa, desenvolvido, nas décadas anteriores, junto aos pequenos produtores

---

4 Disponível em: <https://docplayer.com.br/9726020-Uma-escola-sem-com-futuro-educacao-e-multimedia.html>. Acesso em: 10 out. 2022.

rurais do Nordeste. O estudo apontou, igualmente, para a influência de variáveis socioeconômicas e culturais sobre a relação entre as culturas populares e a cultura hegemônica, analisada à luz das abordagens teóricas articuladas por Freire e Kaplún (comunicação participativa), Canclini e Martín-Barbero (análise dos problemas da comunicação a partir da relação cultura hegemônica e culturas populares).

No final da década, Liana Gottlieb (1998) retornava às práticas de educação formal, no espaço do ensino superior, abordando um tema complexo e transdisciplinar: Como ajustar a sintonia da comunicação em mão dupla na sala de aula: as percepções anamorfóticas na comunicação professor-alunos no ensino superior através da práxis de um educador: um estudo de caso interdisciplinar: comunicação, educação e psicologia/psicodrama. Tratou-se de uma pesquisa-ação que traduzia a experiência da investigadora como formadora de professores, a partir de uma perspectiva por ela identificada como “educ comunicativa”. Na verdade, a tese foi construída justamente no momento em que o NCE-USP realizava a pesquisa que viria ressemantizar o conceito da Educomunicação. No caso, a tese de Liana Gottlieb inaugurava – juntamente com a dissertação de Claudemir Viana, orientando da professora Elza Dias Pacheco – o emprego do novo paradigma na análise da relação Comunicação/Educação, que viria caracterizar as duas décadas subsequentes, no programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP.

Já o ano de 2000 trouxe três defesas de teses doutorais, duas abordando subáreas como as da gestão e do extensionismo no âmbito do ensino formal e uma terceira, fazendo frente ao macrotema da cultura. Assim, Milton Braga de Rezende desenvolveu um estudo comparado sobre como as escolas confessionais católicas integravam a comunicação na gestão de seus processos pedagógicos – *“Comunicação e educação: um estudo comparativo de projetos político-pedagógicos de escolas católicas do estado de São Paulo na perspectiva da comunicação interna”* –, enquanto Ângela de Faria Vieira, coorientada pela professora Nelly de Camargo, voltava-se para a área da extensão universitária (Gestão do conhecimento na iniciação científica: paradigma de comunicação e educação), traduzindo sua prática docente junto ao mundo universitário do Rio de Janeiro e as assessorias que

realizava em nível nacional<sup>5</sup>. Já o tema da cultura ficou por conta de Denise Maria Cogo. A tese de Denise – “*Multiculturalismo, comunicação e educação : possibilidades da comunicação intercultural em espaços educativos*” – marcou um novo diapasão nas reflexões sobre a inter-relação Comunicação/Educação, levando em conta que seu trabalho acabou por apontar para um conjunto de perspectivas para a aplicação do paradigma da Educomunicação, tais como: a temática das migrações; o relacional no campo das identidades culturais; a relevância da perspectiva geracional; a institucionalização dos projetos de comunicação-educação; a comunicação intercultural; a formação de educadores na perspectiva do multiculturalismo; a esfera midiática como campo da luta simbólica.

## 2. Educomunicação: identificando os marcos referenciais da Fase Epistêmico-Programática (2002: 4 pesquisas)

No ano de 2002, quatro orientandas defenderam suas pesquisas, sendo uma em nível de doutorado (de autoria de Cláudia Guerra Monteiro) e três outras, em nível de mestrado (respectivamente, de autoria de Patrícia Horta Alves, Valéria Aparecida Bari e Grácia Maria Lopes Lima). O conjunto dos trabalhos apresentou-se como referência para os futuros estudos sobre a introdução do campo da Educomunicação como objeto e/ou paradigma de estudo, no espaço da ECA-USP.

Na verdade, as quatro pesquisas apontaram para os três principais eixos de investigações constitutivos da **Fase Epistêmico-Programática**, que viria se firmar ao longo das duas décadas subsequentes: o eixo histórico-epistemológico; o empírico-programático e o político-institucional.

- O *EIXO HISTÓRICO-EPITEMOLÓGICO* mobilizou a dissertação de Valéria BARI “Para uma epistemologia do campo da educomunicação: a inter-relação Comunicação e Educação nos textos geradores do I Encontro Internacional sobre Comunica-

---

<sup>5</sup> É importante salientar que coube a Vieira a importante tarefa de difundir, pela primeira vez em veículo nacional, a conclusão da pesquisa do NCE-USP, finalizada em 1999, através da revista *Contato*, editada na gráfica do Senado Federal, da qual exercia a coordenação editorial.



ção e Educação, 2002). A pesquisa buscou localizar as evidências que confirmassem, ou não, a emergência de um novo campo autônomo do conhecimento (SOARES, 1999). Os objetos de análise foram os textos de autores brasileiros disponibilizados pelos Anais do “I International Congress on Communication and Education” (São Paulo, 1998). A pesquisa sinalizou que, já no momento em que os textos haviam sido produzidos e enviados para o evento internacional, tornavam-se evidentes os sinais que apontavam para a possibilidade de se entender que a tese defendida pelo NCE-USP era plausível.

- O *EIXO EMPÍRICO-PROGRAMÁTICO* ganhou significado inaugural nas dissertações de Cláudia Monteiro (Barco-Escola: uma experiência de educomunicação, 2002) e de Grácia Lima (Educomunicação, Psicopedagogia e Prática Radiofônica, 2002). A primeira negava a hipótese de que o Barco-Escola, empregado pelo projeto “Luz do Saber”, implementado pela Secretaria de Educação e Qualidade do Ensino do Estado do Amazonas (SEDUC-AM), nos afluentes do rio Amazonas, entre 1998 e 2000, tenha sido efetivamente uma proposta educocomunicativa. Já a segunda, que analisou as práticas do “Projeto Cala boca já morreu”, na periferia de São Paulo, identificou a natureza transdisciplinar do conceito e a viabilidade de aproximar o paradigma da Educomunicação dos referenciais da Psicopedagogia. Nos dois casos ficou evidenciada a importância do emprego de metodologias adequadas de investigação, que cotejem, com o necessário rigor acadêmico, a relação entre teoria e prática.
- O *EIXO POLÍTICO-INSTITUCIONAL* emergiu, por primeiro, da dissertação de Patrícia Alves (Educomunicação: a experiência do Núcleo de Comunicação e Educação, 2002). O resumo da pesquisa informa, justamente, que o trabalho tinha como objetivo a análise das etapas que propiciaram a constituição do campo acadêmico da Educomunicação no âmbito dos estudos de Comunicação/Educação da Escola de Comu-

nicações e Artes. Para tanto, a autora usou a metodologia do “estudo de caso”, focando-se na análise da vida e obras do Núcleo de Pesquisa de Comunicação e Educação – NCE da ECA-USP, com ênfase na investigação internacional por ele implementada, com apoio da FAPESP, sob o título: *A inter-relação Comunicação e Educação no âmbito da cultura latino-americana – o perfil do especialista na área (1997-1999)*. Com este trabalho, Alves deu início a uma linha de investigação voltada para a prática educacional como política de ação de instituições, quer privadas quer governamentais, alcançando o que se denomina como “políticas públicas”, em diferentes setores (especialmente nos da educação e do meio ambiente).

Apresentamos, a partir do tópico subsequente, os autores e títulos de teses e dissertações defendidas sob nossa orientação, no espaço de cada um dos eixos referenciais.

### **3. A sequência temática do EIXO HISTÓRICO-EPISTEMOLÓGICO (2004-2021: 10 pesquisas)**

O viés histórico-epistemológico acompanhou todas as pesquisas sobre o tema da Educomunicação, ao longo das duas últimas décadas. Cada uma das dissertações e teses se inicia com a apresentação dos elementos constitutivos do conceito e da práxis educacional aplicáveis ao objeto específico do estudo em questão. No entanto, o próprio conceito e suas aplicações foram, em si mesmos, objeto de observação sistemática, em 10 trabalhos por nós orientados.

Inicialmente, merecem destaque dois trabalhos voltados expressamente para o resgate histórico do pensamento educacional, ao longo da primeira década do século XXI: a tese de Rose Mara Pinheiro “Estudo sobre a contribuição das dissertações e teses ao campo da educomunicação”, (2011), construída a partir da análise da produção acadêmica do PPGCOM da ECA-USP e a dissertação de Cláudio Messias, tendo como objeto os *papers* apresentados em congressos nacionais das áreas da comunicação e educação, no Brasil – “Duas Décadas de Educomunicação: da crítica ao espetáculo”

(2011). Messias buscará aprofundamento sobre seu trabalho em sua tese doutoral “A epistemologia da educomunicação em aferição: pela configuração do habitus no Paradigma Educomunicativo”, (2017).

O eixo sobre a história e a epistemologia da Educomunicação abrigava, igualmente, o conjunto das pesquisas voltadas para a identificação da coerência entre teoria e prática, identificada como elemento constitutivo da natureza e dos procedimentos de projetos nomeados como educamunicativos.

Foi o caso do trabalho de Genésio Zeferino da Silva Filho, em sua tese doutoral “Metodologia da Educomunicação: um estudo das práticas de ONGs no Brasil”, (2004), que buscou entender como organizações não governamentais voltadas para a relação entre crianças e a mídia entendiam e implementavam a “práxis educamunicativa”. Já Lilian Cristina Ribeiro Romão optou por estudar, em sua dissertação, o conceito de “participação juvenil” em projetos movidos por tais organizações “Educomunicação e participação cidadã de adolescentes e jovens, no Brasil”, (2016).

Outros elementos constitutivos do conceito – como “mediações” e “planejamento participativo” – foram estudados em duas outras investigações, a partir da análise de uma ação expressamente vinculada ao sistema formal de educação: o Projeto “Educomunicação pelas Ondas do Rádio” (*Educom.rádio*), implementado pela Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo, sob a coordenação do NCE-USP, entre 2001 e 2004, que acabou por atender um conjunto de 455 escolas do ensino fundamental, com a formação de mais de 11 mil, entre professores e estudantes. Referimo-nos às pesquisas de mestrado de Cláudia Vicenza Funari “A prática da mediação em processos educamunicacionais: o caso do projeto *educam.rádio*”, (2007) e de Queila Cristina Goes Borges “Educomunicação e Democracia na Escola Pública: o *educam.rádio* e o planejamento”, (2009). Funari teve como objetivo identificar os referenciais adotados pelos agentes culturais responsáveis pela relação direta entre o Projeto *Educom.rádio* e os cursistas, representados por professores, estudantes e membros das comunidades educativas. A atuação desses agentes, denominados “mediadores”, buscava criar, em cada um dos polos onde a proposta era desenvolvida, as condições indispensáveis para o entendimento

e aplicação do conceito de educomunicação, de forma dialógica, participativa e cidadã. Por seu lado, Borges preocupou-se com a maneira como o conceito e a prática do “planejamento” eram trabalhados. Para tanto, analisou especificamente a produção de 169 propostas de planejamento educacional de autoria conjunta de professores, alunos e membros da comunidade que participaram de duas das sete fases do Educom.rádio, respectivamente a 6ª e a 7ª fases (segundo semestre de 2003 e primeiro de 2004). O resultado da pesquisa atestou o esforço epistemológico do próprio projeto no sentido de garantir a coerência interna do processo.

O conceito de Mediação, essencial às articulações em torno aos ecossistemas comunicativos, havia sido trabalhado particularmente por Marciel Aparecido Consani, em sua tese doutoral intitulada: “Mediação Tecnológica na Educação: conceito e aplicações” (2008). Na verdade, este estudo – na linha do que ocorrera com as teses Pretto e Cogo – apresentava-se como uma das mais significativas contribuições da linha de pesquisa em Comunicação e Educação do PPGCOM-ECA-USP, ao deixar clara a especificidade do pensamento educacional quando se confronta com a perspectiva utilitarista do emprego das tecnologias da informação e comunicação (TIC) no ensino.

Tal distinção de excelência deve ser atribuída igualmente a outra pesquisa de doutorado defendida no período. Trata-se do estudo sobre o projeto Educom.TV desenvolvido pelo NCE-USP, em 2002, junto à rede pública de educação do Estado de São Paulo, e voltado à implementação de ações educacionais através do audiovisual, atendendo 2.500 professores de 1010 escolas, em todo o estado de São Paulo. O trabalho investigativo permitiu à própria articuladora do projeto – Eliany Salvatierra Machado – uma profunda reflexão sobre a natureza epistemológica do conceito da “dialogicidade”, elemento fundamental da prática educacional. O trabalho teve como título: “Pelos caminhos de Alice: vivências na Educomunicação e a dialogicidade no Educom.TV” (doutorado, 2009).

Em 2021, Felipe dos Santos SHADT realizou uma síntese reflexiva sobre os caminhos do NCE-USP “A história do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo” (dissertação, 2021), resgatando a contribuição do Núcleo para a emergência e a

consolidação do conceito, tendo valorizado, como fontes para a investigação, tanto os eventos nacionais e internacionais, implementados pelo NCE, quanto a própria pesquisa implementada e estimulada por seus dirigentes e colaboradores.

#### **4. A sequência *EMPÍRICO-PROGRÁMATICA* (2003-2021: 12 teses/dissertações e 2 supervisões de Pós-Doc)**

As pesquisas reunidas sob a perspectiva empírico-programática preocuparam-se com a descrição de projetos de Educomunicação, identificando seus procedimentos.

O primeiro trabalho nesta linha foi o doutorado de Maria Verônica Rezende de Azevedo “Telejornalismo e Educação para a Cidadania”, (2003). Trata-se da primeira pesquisa voltada ao estudo da figura do profissional da área, o educador. O estudo teve como cenário a relação entre a escola pública e uma emissora de televisão, na cidade de Pindamonhanga, SP, focando na formação do professor, visto como agente estimulador do diálogo dos jovens com os conteúdos veiculados pelos telejornais. A parceria viabilizou experiências de produção de mensagens de autoria dos jovens. A ação do educador que coordenou o processo ofereceu os elementos para a elaboração das conclusões. Ainda na linha da comunicação mediada pelo áudio no espaço escolar, nos deparamos com a dissertação de Renato Tavares Jr. “Educomunicação e expressão comunicativa: a produção radiofônica de crianças e jovens no projeto Educom.rádio”, (2007). A dissertação investigou a consolidação do novo campo autônomo da Educomunicação, com ênfase na área da “mediação tecnológica na educação”, tendo como objeto as produções radiofônicas vinculadas ao projeto “Educom.rádio” (São Paulo, 2001-2004). Para tanto, o autor analisou quantitativamente centenas de programas de rádio realizados por professores e estudantes que participaram do projeto e, qualitativamente, observou a continuidade das práticas comunicativas de produção radiofônica nas escolas, nos dois anos subsequentes ao projeto (2005 e 2006). A pesquisa elucidou as condições pelas quais ações educacionais podem melhorar os processos comunicativos nas escolas e ainda estimular o protagonismo infanto-

juvenil, potencializando a capacidade expressiva de crianças e jovens, tornando-os cidadãos mais críticos e criativos.

Na sequência, entre 2008 e 2021, foram produzidas e defendidas 10 outras pesquisas na perspectiva *EMPÍRICO-PROGRAMÁTICO*, abordando temas como a relação da educomunicação com o cinema (MOGADOURO, 2011); a internet nos projetos do NCE (LEÃO, 2008); a educação a distância (MELLO, 2011), incluindo a formação do tutor (OLIVEIRA, 2012); as práticas pedagógico-comunicacionais (MELLO, 2016), abrangendo a educomunicação no processo de aprendizagem (MONTEIRO, 2012) e no emprego das TIC nas escolas (ITOCAZO, 2016); a relação da educomunicação com a mídia com destaque para a figura dos Jornalistas-educomunicadores (FERREIRA, 2019). Finalizando a série, uma visita ao sertão da Bahia que descobriu um pioneiro da Educomunicação no Brasil, na pessoa do bispo de Juazeiro, Dom José Rodrigues (SILVA, 2020). Finaliza o eixo, um primoroso olhar para o futuro, num estudo sobre a relação das crianças com a fotografia (PEREIRA, 2021).

Transcrevemos, na sequência, a relação dos títulos das 10 pesquisas, sendo 6 dissertações e 4 doutorados:

- **2008** - Maria Izabel de Araújo LEÃO. *O papel da Internet nos projetos educ comunicativos do NCE-USP* (Dissertação, 2008).
- **2011** - Cláudia Almeida MOGADOURO. *Educomunicação e escola: o cinema como mediação possível: desafios, práticas e proposta* (Doutorado, 2011); Luci Ferraz MELLO. *Educomunicação na Educação a Distância: o diálogo a partir das mediações do tutor* (Dissertação, 2011).
- **2012** - Carolina Boros Motta de OLIVEIRA. *A gestão da comunicação na formação do tutor: o impacto do paradigma educ comunicativo – um estudo de caso do Programa Mídias na Educação* (Dissertação, 2012); – Eduardo Bastos MONTEIRO. *Interface Comunicação-Aprendizagem: condições para a gestão da Educomunicação* (Doutorado, 2012).
- **2016** - Carolina Pedrosa Cardoso ITOCAZO. *Tecnologias educacionais nas escolas: fatores envolvidos no processo de adoção, a partir do ponto de vista da educomunicação* (Dissertação,

2016); – Luci Ferraz MELLO. *Educomunicação e as práticas pedagógico-comunicacionais da avaliação formativa no ensino básico* (Doutorado, 2016). Em seu trabalho, Luci revê a área de intervenção voltada para a pedagogia da comunicação.

- **2019** - Bruno de Oliveira FERREIRA. *Jornalistas-educomunicadores: identidade profissional e sentidos do trabalho em comunicação e educação* (Dissertação, 2019). O trabalho de Ferreira demonstrou que a categoria profissional do jornalista converteu-se naquela que mais se aproxima do perfil do implementador da prática educacional, especialmente no espaço das organizações sociais.
- **2020** - Francisco de Assis SILVA. *Educomunicação no sertão do São Francisco: o papel do acervo Dom José Rodrigues de Souza em Juazeiro da Bahia* (Doutorado, 2020).
- **2021** - Michele Marques PEREIRA. *A fotografia na educação infantil: Perspectivas Educomunicativas* (Dissertação, 2021). Com o trabalho de Pereira, fica evidente que a prática educacional não prevê nem exige limites de idade.

## Supervisão de pós-doutorados

Além da assistência a este conjunto de 12 pesquisas, oferecemos o serviço de supervisão a dois trabalhos de pós-doutorado, ambos integrados à sequência temática *EMPÍRICO-PROGRÁMATICA*, como segue: Ariane Porto – “Bem-te-vi: a produção audiovisual de crianças e adolescentes sob a ótica da Educomunicação”, (2012) – e Filomena M. A. BOMFIM – “Educomunicação & redes”, (2018). Os dois trabalhos documentaram o desenvolvimento de polos difusores de práticas educacionais implementadas, as primeiras, em São Paulo, SP, e as segundas, em São João del Rei, MG.

É importante lembrar que o trabalho acadêmico de Ariane Porto havia sido precedido pela implementação de um projeto de intervenção, apoiado pelo Ministério da Cultura, com o nome Bem-Te-Vi, contando com a assessoria imediata de uma equipe do NCE-USP, assumiu a coordenação pedagógica e garantiu a formação em serviço dos mediadores. Criado em 2006, o Projeto Bem-te-vi acompanhou

e sistematizou oficinas de audiovisual realizadas com crianças e adolescentes de diferentes classes sociais e etnias, portadores ou não de necessidades especiais, com idades entre 6 e 17 anos. Durante a iniciativa, foram produzidos mais de 140 vídeos com base em metodologias educacionais. Entre os participantes, estão mais de 1.000 crianças provenientes de países como Brasil, Espanha, Inglaterra, Bulgária, Angola, Gana, Japão, Nepal e França.<sup>6</sup>

## **5. A sequência temática do Eixo *POLÍTICO- INSTITUCIONAL* (2007-2019: 7 pesquisas)**

Este eixo abriga os estudos sobre Educomunicação enquanto ação vinculada a políticas públicas ou à tomada de decisão de institucionais privadas.

No âmbito das políticas públicas na área da educação, o eixo ganhou impulso a partir de Patrícia Horta Alves (2007), com a tese “Educom.rádio – Uma política pública em educomunicação” (2007). Ganhou continuidade com as dissertações de Daniele Próspero “Educomunicação e políticas públicas: os desafios e as contribuições para o Programa Mais Educação” (2013) e se consolidou no doutorado de Elisângela Rodrigues da Costa “Educomunicação e políticas públicas: Estudo comparativo em educação midiática nas redes municipais de ensino do Rio de Janeiro e de São Paulo” (2018). Já no espaço da sustentabilidade e meio ambiente, o eixo trouxe o mestrado de Patrícia Zimmermann “Educomunicação Socioambiental como Política Pública: a mobilização cidadã no entorno da Baía da Babitonga” (2019).

O conjunto destes três estudos permitiu entender a solidez e a coerência epistemológica das ações estruturadas pelo poder público, ao longo das duas primeiras décadas do século, oferecendo elementos para que as futuras gerações de pesquisadores possam encontrar subsídios para prosseguir investigando os passos largos dados pelo paradigma em diferentes áreas territoriais do país.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/download/19/16/625-1?inline=1> e [https://www.youtube.com/watch?v=dK62SqY6j\\_E](https://www.youtube.com/watch?v=dK62SqY6j_E). Acesso em: 10 out. 2022..



À disseminação do conceito e da prática educomunicativa via políticas públicas somaram-se os caminhos percorridos por instituições privadas, na América Latina e no Brasil. Referimo-nos aos temas tratados por duas pesquisas, em especial: o mestrado de Antônia Alves Pereira “A Educomunicação e a Cultura Escolar Salesiana: a trajetória da construção de um referencial educomunicativo para as redes salesianas de educação em nível mundial, continental e brasileiro” (2012) – e o doutorado de Maurício Nascimento Cruz Filho “A educomunicação no diretório de comunicação da igreja no Brasil: aprendizagem em perspectiva” (2018). No primeiro caso, trata-se da análise de um trabalho que vem se consolidando desde o ano 2000, quando a congregação das Filhas de Maria Auxiliadora assumiu o conceito como estratégia de ação de suas obras (colégios e centros juvenis), em toda a América Latina. No Brasil, tal decisão levou a uma política de trabalho que incluiu a produção de subsídios e a uma ação formativa consistente. O tema foi reassumido por Marcia Kofferrmann, em seu projeto de doutorado junto à Universidade de Huelva, Espanha “EduComunicar para a Formação Integral na Sociedade da Infodemia: uma análise da Rede Salesiana Brasil de Escolas” (2022), numa pesquisa coorientada por José Ignacio Aguaded, de Huelva, e Ismar Soares, da ECA-USP.

## **6. Doutorados em processo de finalização e mestrados em abertura de vagas**

Salientamos circunstancialmente a existência de dois processos de orientação, ambos em nível de doutorado, que reforçam, respectivamente, os estudos em torno do eixo *HISTÓRICO-EPISTEMOLÓGICO* (Lilian Cristina Romão – “Rompendo dinâmicas de poder: impacto das práticas educomunicativas na relação entre a juventude e as estruturas sociais”) e as contribuições relativas ao eixo *EMPÍRICO-PROGRÁMATICO* (Felipe Saldanha – “Convergência de intencionalidades entre Educomunicação e Jornalismo Digital Independente no âmbito da Educação Básica”).

Por outro lado, dois orientandos em nível de mestrado, com início em 2023, completam o quadro de orientações assumidas junto ao PPGCOM, totalizando 50 projetos assistidos até 2024.

## 7. Perspectivas

Observando as fases, períodos e números de trabalhos orientados, expressos no quadro abaixo, notamos, neste caso particular, a tendência de predomínio do Eixo Empírico-Programático, que reúne dissertações e teses voltadas para a investigação sobre as práticas. Entendemos que tal direcionamento deverá marcar a continuidade da escolha futura por temas de pesquisas na interface Comunicação/Educação ou, mais especificamente, no campo da Educomunicação.

Fases das pesquisas	Períodos	Números de trabalhos orientados
I – Fase Exploratória	1992-2000	<b>11</b>
II – Fase Epistêmico-Programática		
Marcos referenciais	2002	<b>04</b>
Eixo histórico-epistemológico	2004-2021	<b>10</b>
Eixo empírico-programático	2003-2021	<b>14</b>
Eixo político-institucional	2007-2019	<b>07</b>
Doutorados em processo de finalização	2022-2023	<b>02</b>
Mestrados em início de orientação	2023-2024	<b>02</b>
<b>Total</b>	1992-2024	<b>50</b>

Na verdade, temos muito o que pesquisar levando em conta que a avaliação sistemática faz parte da natureza do próprio processo educacional. Em termos estratégicos, temos que estudar com método, para avançar de forma sistemática e coerente. Motivos temos para isso, como lembrou Pinheiro (2012), nas conclusões de seu trabalho:

Após a análise do conjunto de informações extraídas da produção acadêmica, tanto da ECA-USP quanto de outros centros de pesquisa, creio que no mínimo é possível perceber que os fundamentos da inter-relação Comunicação e Educação estão cada vez mais fortalecidos e solidificam um campo acadêmico específico, capaz de aprofundar e buscar soluções para as questões provenientes dessa intersecção.

### Em razão disso, continua a pesquisadora:

Os indicadores levantados apontam para a necessidade de consolidar em termos acadêmicos a prática educacional, mostrando que é na relação dialógica e dialética entre teoria e prática que o campo pode de fato ser legitimado. Posso afirmar, sem sombras de dúvida, que as pesquisas alimentam as práticas e vice-versa.

Na verdade, a consolidação acadêmica esperada pela nossa orientanda de 2012 acabou sendo parcialmente cumprida uma década depois. É o que constatamos a partir da recuperação dos dados sobre o conjunto das pesquisas de mestrado, doutorados e pós-doutorados analisados no presente artigo, e, de forma mais evidente, a partir dos dados oferecidos pelo banco de teses da CAPES, quando informa que, entre 2000 e 2022, foram produzidos um total de 478 pesquisas sobre o nosso tema, sendo 86 doutorados, 309 mestrados acadêmicos e 83 mestrados profissionais, envolvendo 114 instituições universitárias, lideradas pela USP (96 pesquisas), seguida pelas Universidades Federais do Mato Grosso (26) e do Paraná (25), pela Estadual de Santa Catarina (22) e pela Federal de Pernambuco (16)<sup>7</sup>.

A vitalidade da pesquisa para além do centro propulsor não permite dúvidas sobre universalização da prática educacional, levando a Academia Brasileira de Letras a legitimar o tema, introdu-

---

<sup>7</sup> Consultado em: 10 out. 2022.

zindo o neologismo Educomunicação no léxico da Língua Portuguesa, em julho de 2001<sup>8</sup>, usando para definir o novo substantivo feminino justamente os termos conceituais propostos pelo NCE-USP, em 1999, e que constam como justificativa em cada uma das teses e dissertações defendidas na ECA-USP até o presente momento.

## Referências

SOARES, I.; MACHADO, E. S. Educomunicação: ou a emergência do campo da inter-relação Comunicação/Educação. XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM, set. 1999. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/baoc6abdb23do15ed86fac876b7f093f.PDF>.

SOARES, I. O. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Revista Contato**, Brasília, ano 1, n. 1, p. 19-74, jan./mar. 1999. Disponível em: [http://www.nceusp.blog.br/wp-content/uploads/2018/10/IsmarSoares\\_RevContato\\_1999.pdf](http://www.nceusp.blog.br/wp-content/uploads/2018/10/IsmarSoares_RevContato_1999.pdf).

Soares, I. O. A ECA-USP e a educomunicação: a consolidação de um conceito, em dezoito anos de trabalho. **Comunicação & Educação**, v. 12, n. 2, p. 7-12, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v12i2p7-12>.

SOARES, I.; HORTA, P. NCE-USP: A pesquisa e a prática educacional no Brasil. *In*: MARQUES DE MELO, J.; DALLA COSTA, R. M.; FONSECA, J. (Org.). **Paradigmas brasileiros em ciência da comunicação**. São Paulo: Intercom, 2012. p. 383-406. ISBN 978-85-88537-92-7.

SOARES, I. O. Nos 50 anos da ECA-USP, a educomunicação alcança maturidade acadêmica e legitimidade política. **Comunicação & Educação**, v. 21, n. 2, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/122851/120957>.

SOARES, I. O. Caminhos cruzados x caminhos integrados: o dilema da ECA-USP e a emergência da Educomunicação. *In*: KUNSCH, Margarida; FIGARO, Roseli (Org.). **Comunicação e educação, caminhos integrados para um mundo em transformação**. Coleção Congressos da Intercom. São Paulo: Intercom, 2017. p. 41-54. ISBN 978-85-8208-10. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/livro-comunicacao-e-educacao.pdf>.

---

8 <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/educunicacao>

SOARES, I. O. Educomunicação: um diálogo com os cursos de comunicação social, no Brasil. *In*: ALMEIDA, F. F.; CARILHO, K.; BASTOS, R. (Org.). **Realidades e perspectivas do ensino de comunicação no Brasil**. São Paulo: Fórum Ensicom; Intercom, 2017. p. 22-41. ISBN 978-85-8208-106-8. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/livro-ensicom05102017.pdf>.

SOARES, I. O., CITELLI, A.; LOPES, M. I. V. Educomunicação: referências para uma construção metodológica. **Comunicação & Educação**, ano XXIV, n. 2, p. 12-25, jul./dez. 2019. ISSN: 0104-6829; e-ISSN: 2316-9125.

SOARES, I. O. Educommunication Landmarks in Latin America: what should be considered in the last 50 years. *In*: MATEUS, J. C.; ANDRADA, P.; QUEIROZ, M. T. **Media Education Latin America**. London: Routledge, 2019. p. 185-199. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780429244469>. ISBN 9780367199555. ISBN e-book 9780429244469. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/e/9780429244469>.

SOARES I. O.; VIANA, C. E. Educomunicação: caminhos entre a pesquisa e formação no II Congresso Internacional de Comunicação e Educação, São Paulo, ABPEducom; Palavra Aberta, 2021. p. 12-24. ISBN 978-65-87460-02-4. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/book/28/>.

SOARES, I. Caminos de la Educomunicación en America Latina: logros y desafíos. *In*: AGUADED, I.; PÉREZ-RODRIGUEZ, A. **Educomunicación y empoderamiento en el nuevo mundo post-covid**, Valencia: Tirant Humanidades, 2021. p. 31-60. ISBN 978-84-18656-47-7.

# **Percurso, reflexões e intersecções das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional no PPGCOM**

**Maria Aparecida Ferrari**

Minha inserção no Programa de Pós-Graduação – PPGCOM, da Escola de Comunicações e Artes ocorreu em 2010, embora fizesse parte do corpo docente da ECA, no programa de graduação, desde o ano de 2000.

Integrar o corpo docente do PPGCOM sempre esteve presente no meu projeto acadêmico e acredito que minha incorporação se deu no momento de minha maturidade acadêmica, como pesquisadora e professora. Já atuava como docente havia mais de vinte anos na graduação dos cursos de Relações Públicas da Universidade Metodista de São Paulo e, posteriormente, na ECA-USP. Minha formação em Ciências Sociais e, posteriormente, em Relações Públicas, permitiu ter uma visão plural e sistêmica da comunicação como processo cultural e de criação de sentidos.

Meu percurso, sem dúvida, possibilitou o amadurecimento desde uma perspectiva dos estudos e pesquisas que já vinha realizando sobre o exercício profissional em Relações Públicas como sendo um processo dinâmico que envolve o contexto cultural para ser compreendido, preocupação que vem desde a minha tese de doutorado.

Meu ingresso no PPGCOM da ECA, na linha de pesquisa “Políticas e Estratégias de Comunicação”, possibilitou a oportunidade de estruturar a disciplina “Comunicação intercultural e Relações Públicas: dimensões da comunicação nas organizações” que trata da possibilidade de analisar como os sistemas político, econômico e cultural afetam a prática das Relações Públicas em diferentes setores da sociedade. Também busca refletir sobre a intersecção dos desafios apresentados pela sociedade contemporânea, sob o ponto de vista dos processos comunicacionais. Ainda, a disciplina busca analisar as diferenças interculturais sob distintas óticas e proporcionar competências e habilidades para permitir a interação bem-sucedida nas organizações multiculturais, em distintas partes do mundo. Portanto, foi desta forma que passei a fazer parte do corpo docente da Linha 3, do PPGCOM.

A partir de minha inserção no PPGCOM, desenvolvi várias pesquisas que tiveram como objeto as Relações Públicas e a comunicação intercultural, culminando com inúmeras apresentações de resultados de pesquisas em congressos internacionais, como BLEDCom, nos anos de 2002, 2008 e 2012, em Bled, Eslovênia. Em 2010, no Congresso da IABC realizado na cidade de Toronto, Canadá, apresentamos parte da pesquisa global na qual participei como um dos cinco integrantes principais do projeto “*International Study of Communication Department Structure*”. O projeto foi financiado pela IABC – International Association of Business Communication e finalizado em abril de 2014. O documento completo, com 304 páginas, foi entregue para a Fundação IABC.

Também, mediante meu envolvimento com instituições em diversos países da América Latina e Moçambique, vários convênios acadêmicos internacionais da ECA-USP foram assinados com universidades latino-americanas, sendo eu a representante técnica; com a Universidad del Azuay e Universidad Casa Grande, ambas do Equador; Universidad La Sabana, na Colômbia; Universidad Católica del Uruguay, no Uruguai; e Escola Superior de Jornalismo, de Moçambique. Com a Universidad del Azuay, do Equador, foi desenvolvido o projeto “*Gestión de las Relaciones Públicas en procesos de sustentabilidade: Estudio comparativo en empresas brasileñas y ecuatorianas*”, desenvolvida entre 2014 a

2017. Os resultados da pesquisa foram apresentados no 1º Congresso Internacional de Comunicación – CICOM e a produção do livro (em papel e e-book) *Tejiendo sustentabilidad desde la comunicación em América Latina* em julho de 2018.

A parceria com a Universidad de La Sabana, na Colombia, gerou a pesquisa *“Innovación colaborativa abierta y comunicación mediada por TIC en empresas colombianas y brasileñas”*, durante o período de 2017 a 2020. O resultado da pesquisa foi publicado em publicações científicas no Brasil e na Colombia.

Atualmente, coordeno, no Brasil, a pesquisa *“Evaluación de Procesos de Gestión Pública en Pandemia y Participación Ciudadana”* (Evaprop) que faz parte do Programa Iberoamericano de Ciência e Tecnologia (CYTED), cujo objetivo é mapear as ações de comunicação durante a crise sanitária do covid-19 no Brasil e, em seguida, propor, juntamente com outros sete países envolvidos (Argentina, Chile, Colômbia, Costa Rica, Espanha, México e Panamá), um plano de comunicação para futuras crises que envolvam a saúde coletiva.

Por outro lado, também desenvolvi pesquisas sobre o ensino de Relações Públicas no Brasil, assunto que faz parte da Linha 3 do PPGCOM. A primeira pesquisa “Perfil do Egresso do curso de Relações Públicas: trajetória, expectativas e opiniões” (2012 a 2014) teve como objetivo identificar a trajetória dos ex-alunos do curso de Relações Públicas da ECA-USP, de 1996 até 2012, assim como a formação complementar após o término do curso, a inserção no mercado de trabalho, avaliação do curso, tanto do ponto de vista metodológico como de conteúdo. Ela foi realizada entre 2012 a 2014 e seus resultados foram publicados e apresentados em congressos nacionais. Além disso, os resultados serviram como base para a elaboração do novo Projeto Pedagógico do curso de Relações Públicas da ECA-USP.

A segunda pesquisa, “Didática e Metodologias de ensino no curso universitário de Relações Públicas: um estudo nacional”, verificou a dicotomia no ensino das disciplinas específicas do curso de Relações Públicas e as competências e habilidades impostas pelo mercado de trabalho. O projeto foi financiado pela Fapesp durante o período de 2016 a 2018 e seus resultados publicados e apresentados em eventos científicos.



A terceira pesquisa ocorreu no período da pandemia, de 2020 a 2022, e em dois momentos. No primeiro momento, participaram docentes dos cursos de Relações Públicas de todo o Brasil e o objetivo era conhecer as alterações no ensino-aprendizagem no formato virtual e também identificar possíveis problemas relacionados à saúde física e mental dos professores. O segundo, junto aos alunos do curso de Relações Públicas da ECA-USP, cujo objetivo era identificar perdas e ganhos dos formatos presencial e remoto de ensino.

Frente às constantes demandas e necessidades da sociedade, em 2018, estruturei a disciplina “Comunicação para a cultura de paz e interculturalidade”. A referida disciplina é ministrada no formato condensado de três (3) créditos e é oferecida em conjunto com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raquel Cabral, da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp-Bauru. Nesse sentido, os “Estudos para a Paz” e, em especial, a Comunicação para Cultura de Paz proporcionam um referencial teórico e prático que nos permitem encontrar instrumentos que possam desconstruir estruturas de violência que representam uma barreira à interação e ao diálogo intercultural. Um cuidado que tenho tomado é com a bibliografia adotada, mantendo as referências atualizadas com os temas contemporâneos, buscando pertinência à Linha 3 de pesquisa.

Vale ressaltar que, em junho de 2019, o programa do PPGCOM foi reestruturado, fruto do trabalho de um grupo de docentes, do qual participei. Como aponta o documento “Proposta da Reestruturação Curricular do PPGCOM” (2017-2019), “verificamos que o PPGCOM, ao longo dos últimos 47 anos, buscou adequar-se e evoluir não apenas conforme as suas características endógenas, mas principalmente, conforme o próprio ambiente exógeno das Ciências da Comunicação”. O novo programa, fruto do amadurecimento de quatro décadas, apresenta uma mudança radical baseada em áreas multitemáticas do campo, acompanhando a contemporaneidade das Ciências da Comunicação.

A reestruturação do PPGCOM também veio a atender novas necessidades de temáticas, principalmente aquelas voltadas aos estudos das interfaces sociais demarcados pelas pesquisas em Comunicação Organizacional e Relações Públicas, abordando dimensões

políticas e estratégias da comunicação, questões da diversidade e as relações da comunicação e educação, ou seja, fica em evidente consonância com o papel que o campo da Comunicação assume na sociedade, uma resultante dos processos de mudança da base material e inovação tecnológica, com profunda transformação cultural.

Neste sentido, as dissertações e teses que tenho orientado nos últimos anos estão em consonância com o contexto contemporâneo, exemplificando com assuntos como: o processo de comunicação na internacionalização de empresas e na inovação; gênero, feminismos, comunicação intercultural e o ensino das Relações Públicas no Brasil são temáticas contemporâneas que precisam ser pesquisadas e divulgadas, uma vez que ainda existe escassa literatura sobre as referidas temáticas no Brasil e na área de Relações Públicas e Comunicação Organizacional.

Portanto, a Linha 3 – Comunicação: interfaces e institucionalidades, a partir de 2019, “abarca os estudos da comunicação em suas interfaces sociais, tecnológicas e institucionais, assim como trata de apreender a comunicação nos aspectos organizativos e políticos, tendo como instância constitutiva os processos educacionais, econômicos, culturais e ecológicos. A reflexão epistemológica, teórica e metodológica dá-se no âmbito do diálogo entre as diferentes práticas sociais”. Isto posto, posso afirmar que minhas pesquisas e disciplinas têm total aderência a essa linha e atendem às necessidades do campo da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas.

Minha ação institucional no âmbito nacional e internacional, seja participando de congressos como colaborando como docente convidada em programas de pós-graduação de universidades latino-americanas, se complementa com duas outras atividades, a saber: participação na criação e como sócia-fundadora da ABRAPCORP – Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Fundada em 2006, a entidade é um pilar importante para a Linha 3 – Comunicação: interfaces e institucionalidades, seja na realização de congressos nacionais, como na promoção e disseminação de pesquisas de alunos e docentes do PPGCOM. Na ABRAPCORP já exerci diversas funções na diretoria; atualmente sou

coordenadora do GT5 – Comunicação Intercultural e Interseccionalidades. A responsabilidade de coordenar o Grupo de Trabalho está visceralmente ligada ao PPGCOM, uma vez que os estudos e pesquisas desenvolvidos com nossos alunos são apresentados anualmente nos eventos científicos e publicados em anais e livros da entidade. Também coordeno o Colóquio Acadêmico, já na sua 4ª versão, que trata de um espaço qualificado para que docentes e coordenadores dos cursos de Relações Públicas e de Comunicação Organizacional do Brasil possam se reunir para discutir e refletir sobre questões relacionadas ao ensino e experiências que são desenvolvidas em suas regiões. Em formato de relatos de experiência docente, o colóquio tem proporcionado uma interação regional interessante que trata de valorizar as diferenças locais.

Por último, a *Revista Organicom* tem sido um instrumento essencial e muito valorizado no PPGCOM, pois trata de disseminar pesquisas e artigos, tanto dos docentes do programa, como dos discentes. Criada em 2004, a referida revista trata, especificamente, das temáticas relacionadas às Relações Públicas e da Comunicação Organizacional. Faço parte da Comissão Editorial e do corpo de pareceristas e, nesses 18 anos de existência, tive a oportunidade de coordenar sete edições, todas relacionadas com minhas pesquisas.

Atingindo sua maturidade, o PPGCOM da ECA-USP é referência para o ensino da pós-graduação em Comunicação no Brasil, seja por sua estrutura baseada em conteúdos contemporâneos, como pela maturidade e produção intelectual do corpo docente. Nossos egressos hoje são referência em diferentes programas de pós-graduação do país, fruto do trabalho dedicado por parte do corpo docente e coordenações que nos últimos 50 anos foram alicerçando o PPGCOM. Afinal, o que somos hoje, devemos aos primeiros colegas que começaram a edificar o nosso programa.

# **Inserção no PPGCOM-ECA-USP: desbravando a construção de novos aportes nos estudos teóricos e aplicados em Comunicação Organizacional e em Relações Públicas**

**Margarida M. Krohling Kunsch**

Minha inserção no PPGCOM – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) se dá como discente, pesquisadora e docente.

## **1. Inserção como discente**

O passo inicial rumo à pesquisa científica ocorreu em 1979, quando entrei como aluna regular no mestrado do programa de Ciências da Comunicação e Artes – Relações Públicas, sob orientação do Prof. Dr. Cândido Teobaldo de Souza Andrade. Na época, eram os departamentos que sediavam as áreas específicas do Programa.

Cursar várias disciplinas, conviver com os mestres e interagir com colegas de todo o Brasil foi uma experiência muito enriquecedora. A pesquisa tinha como foco estudar o planejamento de relações públicas na comunicação integrada nas organizações. Tinha como meta buscar fundamentos teóricos a fim de dar um novo enfoque que superasse uma visão meramente técnica das relações públicas, muito presente na literatura específica na época e que era motivo de questionamento da minha parte, como docente da disciplina de planejamento de Relações Públicas. Meu objetivo foi também analisar as relações públicas diante de uma nova realidade que se desenhava no mundo das organizações e que exigia uma atuação mais integrada das ações de comunicação. Comecei a enfatizar essa proposta numa época em que o tema ainda não era objeto de estudos mais concretos na academia e nas organizações as relações públicas, o jornalismo empresarial, a assessoria de imprensa e a publicidade ainda cumpriam suas tarefas de forma estanque, sem uma preocupação maior quanto a uma sinergia de esforços entre os setores de comunicação institucional, comunicação mercadológica, comunicação interna e comunicação administrativa.

Assim, pus-me a investigar essa temática, baseada em ampla pesquisa, além de estudos de caso de três organizações de natureza diferente. A bússola que me norteava era a necessidade de um novo paradigma das relações públicas e, conseqüentemente, de uma revolução em seus conceitos e suas práticas tradicionais. Conforme apregoa Thomas Kuhn, um paradigma tem vigência e legitimidade enquanto os membros de uma comunidade acadêmica ou uma área de especialização o endossarem como visão e forma de pesquisa aceitáveis. O paradigma vigente, de ver as relações públicas de forma fragmentada e isolada, centrada apenas nos seus instrumentos e nas suas técnicas, não dava mais conta de atender às novas demandas sociais e às transformações mundiais que se anunciavam, num período em que o Brasil passava pelo período da transição democrática. Daí minha preocupação em sistematizar os fundamentos das relações públicas no planejamento e na gestão estratégica da comunicação organizacional.

Esse trabalho resultou na minha dissertação de mestrado, “Planejamento das relações públicas na comunicação integrada nas

organizações sociais”. Defendida em 1985, ela foi publicada pela Summus em 1986, com o título de *Planejamento de relações públicas na comunicação integrada*, obra que desde então passou por sucessivas reimpressões e foi totalmente revisada e ampliada em 2003. Considero muito satisfatória a repercussão que ela alcançou. Sua adoção nas escolas ou faculdades de Comunicação, bem como a incorporação do conceito de “comunicação integrada” pelas organizações e por estudiosos e profissionais da área têm sido, cada vez mais, uma realidade. São inúmeras as manifestações que tenho recebido e a referência da obra por autores de livros, teses, dissertações, monografias e trabalhos de conclusão de cursos de graduação, além de ela ter sido parte integrante da bibliografia de concursos públicos realizados ao longo do território nacional nas últimas décadas.

A minha preocupação central foi demonstrar a função estratégica de relações públicas na gestão da comunicação das organizações com os seus públicos e as conexões com as subáreas da comunicação. Esse meu posicionamento, cuja intenção não tem sido senão contribuir com novas reflexões nas áreas acadêmica e aplicadas das relações públicas e da comunicação organizacional, seria explorado também em obras subsequentes.

Em 1986, iniciei o doutorado com a proposta básica de pesquisar mais a fundo a comunicação nas organizações, particularizando sua aplicação no segmento universitário, tendo como orientadora a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sarah Chucid Da Viá. O tema escolhido para a pesquisa me permitiu avançar numa análise da universidade enquanto organização que tem características, objetivos, tipologias e finalidades próprias e que, para sobreviver como sistema aberto, necessita da comunicação, que, por sua vez, deve fazer parte integrante de sua estrutura organizacional.

O trabalho, além da fundamentação teórica, sedimentada na leitura e na interpretação de uma vasta bibliografia sobre universidade, organizações, administração, planejamento, comunicação e divulgação científica, envolveu uma pesquisa de campo junto a 84 universidades brasileiras então existentes, para coletar dados sobre sua estrutura, a geração de conhecimentos, o sistema de comunicação vigente e os meios utilizados para a difusão de sua produção científica.

Com a tese “Universidade e comunicação na edificação da sociedade”, defendida em 1991, eu mostrava que a universidade é uma organização social complexa que, a par de outras atribuições essenciais, gera novos conhecimentos, para cuja difusão é absolutamente necessária a estruturação de um sistema de comunicação devidamente planejado, que só terá consistência se for construído sobre bases sólidas. Considerava e continuo defendendo que a comunicação integrada é o instrumento mais eficaz para a irradiação da produção científica. Só assim a universidade será capaz de canalizar toda a sua potencialidade, no sentido de contribuir para o aperfeiçoamento da vida social, mantendo ou recuperando sua real dimensão e o seu papel no quadro atual das transformações por que passam o Brasil e o mundo. Com esse mesmo título, a tese foi publicada na íntegra pelas Edições Loyola, em 1992, e encontrou ressonância aplicativa nas assessorias de comunicação das universidades e em centros de investigação científica. Felizmente, os resultados dessa pesquisa, embora de abrangência mais restrita se comparada com a do mestrado, foram frutuosos. Pude constatar, em vários momentos, que ela contribuiu para novos estudos, inclusive em teses de doutorado e dissertações de mestrado.

Com a formação que obtive como discente no PPGCOM da ECA-USP, pude construir alicerces que foram fundamentais para o desenvolvimento da minha carreira acadêmica e para, posteriormente, atuar como docente deste programa. Lembro-me que, além de cursar os créditos, pesquisar e produzir os trabalhos, soube aproveitar os vários espaços oferecidos pela pós-graduação. Participei de cursos e seminários extras e assisti a um sem-número de defesas de dissertações e teses, o que permitiu um grande aprendizado e aproveitamento.

## **2. Inserção como pesquisadora e docente**

A contribuição do PPGCOM para a institucionalização das ciências da comunicação no Brasil e o seu papel no processo de formação de pesquisadores foi fator decisivo para o desenvolvimento do campo da comunicação no Brasil. Desse programa é que surgiram os primeiros doutores da área no país, exercendo um papel de incubadora

de novos cursos de pós-graduação que foram sendo criados a partir de 1990, constituindo-se, assim, em centro nucleador com referência nacional e internacional. Muitos professores que integram o programa e seus egressos são autores de obras de uso frequente na formação de profissionais e pesquisadores nas diversas escolas de comunicação existentes no Brasil.

Participar deste programa pioneiro de pós-graduação da ECA, que completa 50 anos, sempre foi para mim motivo de enorme satisfação e entusiasmo. A partir de 1994, passei a integrar o corpo docente na área de concentração Relações Públicas, na linha de pesquisa “Comunicação Institucional: Políticas e Processos”, como docente e orientadora. Iniciei ministrando as disciplinas CRP 5706-A – Comunicação Integrada nas Organizações Complexa (1994-2003) e CRP5750 – Relações Públicas no Composto da Comunicação nas Organizações (1995-2004).

Em 2005, após uma nova avaliação dos conteúdos programáticos das disciplinas que vinha ministrando, optei por criar uma nova que fosse mais abrangente: CRP5971 – Comunicação Organizacional: Pressupostos Teóricos, Funções e Processos na Sociedade Contemporânea, que vigora até hoje, sendo que, em 2019, com o recredenciamento o número passou para CRP 5997.

A abrangência temática dessa disciplina tem sido explorada sob vários ângulos e contemplando abordagens teóricas, aplicadas e reflexivas sobre a comunicação organizacional no contexto da sociedade contemporânea. Em síntese, os conteúdos buscam cobrir várias vertentes de temas atuais relacionados com os propósitos da disciplina, a saber: Comunicação, organizações e sociedade; Evolução conceitual da comunicação organizacional na perspectiva nacional e internacional; Estudo dos paradigmas funcionalista, interpretativo, crítico, pós-moderno e da complexidade da comunicação nas organizações; As dimensões da comunicação organizacional instrumental, humana, cultural e estratégica; O campo acadêmico e o pensamento comunicacional das relações públicas e da comunicação organizacional no Brasil; Comunicação organizacional integrada na perspectiva estratégica: aportes conceituais e aplicados; Comunicação estratégica e as correntes teóricas racionalistas e inovadora; Comunicação organizacional na era



digital e seus impactos institucionais e mercadológicos; A retórica das organizações como entidades discursivas; A comunicação pública e a convergência entre o público e privado; A Comunicação intercultural entre as organizações globais; Comunicação para a gestão da sustentabilidade e da responsabilidade social nas organizações.

Os estudos, debates e reflexões que vêm sendo travados com os integrantes anualmente, por meio do oferecimento dessa disciplina, têm sido bastante enriquecedores, servindo de bases conceituais para pesquisas e a produção científica, inclusive para as futuras dissertações de mestrado e teses de doutorado dos pesquisadores envolvidos.

### **3. O locus da comunicação organizacional e das relações públicas no PPGCOM**

A ECA-USP foi pioneira no país em abrir espaço para as áreas de comunicação organizacional e relações públicas nos anos 1970, quando nesse programa foram defendidas as primeiras teses de doutorado de Candido Teobaldo de Souza Andrade (1973), em Relações Públicas, e Francisco Gaudêncio Torquato do Rego (1973), em Comunicação Empresarial. A esses que foram meus mestres rendo merecida homenagem e o reconhecimento por tudo o que fizeram para que chegássemos ao patamar de desenvolvimento que essas áreas alcançaram até hoje.

As iniciativas e os trabalhos de pesquisa e docência desses dois pioneiros foram continuados pelos seus sucessores, muitos dos quais ex-orientandos. Como parte de uma evolução natural, o PPGCOM, ao longo de sua trajetória, passou por ciclos de mudanças e atualizações nas suas áreas de concentração e linhas de pesquisas. É fato que também as áreas de comunicação organizacional e de relações públicas tiveram que se adaptar, atualizando não só as linhas de estudos, como também os conteúdos programáticos das disciplinas que vinham sendo oferecidas.

No meu percurso no PPGCOM como docente e pesquisadora sempre me envolvi diretamente com os estudos de comunicação organizacional e de relações públicas, defendendo suas interfaces e a perspectiva interdisciplinar com as demais áreas do conhecimento. Os projetos de pesquisa que venho desenvolvendo buscam avançar em temas centrais

para o avanço dos estudos epistemológicos do campo, assim como em temas contemporâneos relacionados à comunicação, à sustentabilidade, à humanização e à gestão estratégica da comunicação integrada nas organizações. Essas temáticas também vêm sendo trabalhadas pelos meus orientandos de mestrado e doutorado, cujos produtos finais podem ser considerados inovadores e contributivos para novos aportes conceituais e aplicados.

Em relação à epistemologia, o principal propósito do projeto em curso, que se encontra em fase de finalização, é pesquisar os pressupostos teóricos e as principais correntes e os paradigmas dos estudos de comunicação organizacional e de relações públicas no Brasil, a fim de reunir bases conceituais para fundamentação científica e aplicada dessas áreas e que, de alguma forma, tragam novas contribuições para o desenvolvimento desses campos das ciências da comunicação no Brasil, tanto no campo acadêmico quanto no do mercado profissional. Espera-se, também, trazer novos aportes para intervir nas práticas da comunicação nas organizações no contexto sociocultural.

A problemática básica que norteia o projeto de pesquisa é a constatação de que, apesar de os estudos de comunicação organizacional e de relações públicas no Brasil se encontrarem em um estágio avançado e em franco desenvolvimento, falta ainda um arcabouço teórico mais consistente que possibilite um conceito mais claro sobre as delimitações, diferenças e convergências entre essas duas áreas. Muniz Sodré (2014, p. 92-94) ao se referir ao campo comunicacional no Brasil, fala da dispersão cognitiva e das ambiguidades existentes. Acreditamos que essas percepções do autor estão muito presentes nos estudos dessas áreas no país.

No âmbito das práticas das organizações, as terminologias usadas para nomear os departamentos ou setores responsáveis pela comunicação são muito variadas, como comunicação social, comunicação corporativa, relações institucionais, assuntos institucionais, relações externas etc., faltando, portanto, nesse sentido, uma maior unicidade por parte do mercado das comunicações. Se considerarmos o estágio avançado em que se encontra esse campo no país, acreditamos que os estudos científicos precisam ser vanguardas para interferir em busca de uma maior precisão conceitual também nessa direção.

José Marques de Melo (2001, p. 91) escreveu como se desenvolve um campo do saber:

O estoque de saber acumulado pela humanidade provém [...] da confluência de duas fontes:

a) Práxis – aplicação do saber acumulado pelas sociedades e, dentro delas, pelas corporações profissionais. Sua meta é desenvolver modelos produtivos, transmitindo-os às novas gerações para acelerar o processo civilizatório.

b) Teoria – apropriação do saber prático pela academia, que o submete a permanente reflexão e sistematização. Através do ensino e da pesquisa, a universidade atua como formadora de recursos humanos e como produtora de conhecimento.

Neste sentido, considerando que a comunicação organizacional e as relações públicas fazem parte das ciências sociais aplicadas, nossos estudos necessitam se voltar para suas *práxis* cotidianas nas organizações no contexto da sociedade.

As principais conclusões dos estudos realizados até aqui sinalizam que há novas contribuições teóricas inovadoras em algumas teses estudadas, oriundas de centros de pós-graduação em comunicação do país, e sobre a necessidade de mais estudos epistemológicos sobre esses campos do saber. Outra percepção é a atualidade e diversidade das temáticas exploradas, sempre muito presentes nas pesquisas e na produção científica gerada.

No que tange aos estudos de comunicação e sustentabilidade, venho desenvolvendo estudos e projetos de extensão com a participação efetiva de orientandos de pós-graduação e de graduação, também no âmbito do Observatório de Comunicação, Responsabilidade Social e Sustentabilidade – SustenCOM, que coordeno. Este observatório tem como propósito contribuir para uma maior consciência

social da sociedade, com ações colaborativas de comunicação para a sustentabilidade e a preservação do planeta Terra. Constitui um centro de conhecimento teórico e aplicado sobre as práticas fundamentais de comunicação, alinhada com o desenvolvimento sustentável, para âmbitos privados e públicos da sociedade.

Os projetos que tenho levado a efeito, juntamente com meus orientandos de mestrado e doutorado, buscam trabalhar a comunicação para a sustentabilidade global sob um enfoque abrangente e que contemple simultaneamente as esferas governamental, privada e da sociedade civil. Isso a partir de um referencial teórico interdisciplinar e de pesquisas empíricas de caráter qualitativo, tendo como foco verificar a interlocução desses atores na realização de projetos especiais com vistas a ações concretas relacionadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU).

#### **4. Considerações finais**

É inegável a contribuição paradigmática da ECA-USP, sobretudo por meio do PPGCOM, para a sistematização e consolidação dos estudos de comunicação no Brasil e, particularmente, para institucionalização das áreas de comunicação organizacional e de relações públicas, constituindo assim um *locus* por excelência que lançou a semente, germinou e floresceu com frutos que colhemos hoje.

Ao fazer esta minha autorreflexão sobre meu envolvimento com o PPGCOM, vejo que esses campos acadêmicos evoluíram e hoje são muito mais reconhecidos e valorizados, tanto pela comunidade acadêmica quanto pelo mercado profissional.

Acredito que, apesar das conquistas, temos que continuar a buscar caminhos para um crescimento consistente e inovador. Para tanto, elenco cinco recomendações: 1) democratizar a produção de conhecimento já disponível; 2) otimizar as experiências acumuladas das práticas sociais e do mercado profissional para sistematizar reflexões e construir novas teorias; 3) promover maior intercâmbio e acordos de cooperação acadêmica entre pesquisadores de universidades brasileiras

e internacionais; 4) defender e valorizar uma cultura científica no meio acadêmico e no mercado profissional das comunicações; 5) modernizar e melhorar a qualidade no ensino na graduação e nos cursos de pós-graduação (*lato e stricto sensu*).

A consolidação acadêmico-científica dos campos da comunicação organizacional e das relações públicas no país dependerá da dedicação tanto de pessoas (professores, pesquisadores, profissionais e estudantes) quanto de instituições públicas e privadas, com políticas institucionais de apoio à pesquisa, das entidades do setor e das universidades – *locus* principal no qual se desenvolvem os estudos. Somente com a união de esforços e com base em conhecimentos, construiremos uma consolidação duradora.

## Referências

- ANDRADE, C. T. de S. **Relações públicas e o interesse público**. 1973. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1973.
- KUNSCH, M. M. K. **Universidade e comunicação na edificação da sociedade**. 1991. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- KUNSCH, M. M. K. **Universidade e comunicação na edificação da sociedade**. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.
- KUNSCH, M. M. K. **O planejamento de relações públicas em função da comunicação integrada nas organizações sociais**. 1985. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.
- KUNSCH, M. M. K. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. Ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Summus, 2003.
- MARQUES DE MELO, J. Conhecer - produzir - transformar: paradigmas da Escola Latino-americana de Comunicação. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, SP: Póscom-Umesp, ano 23, n. 36, p. 87-110, 2. sem. 2001.
- SODRÉ, M. **A ciência do comum**: notas para o método. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- TORQUATO, G. **Comunicação na empresa e o jornalismo empresarial**. 1973. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1973.

# Um esboço do presente

Por Paulo Nassar e Luiz Alberto de Farias

## 1. Memórias rituais, narrativas da experiência<sup>1</sup> – Anotações para uma aula<sup>2</sup>

Estas anotações intencionalmente remetem-se ao ensaio autobiográfico *Um esboço do passado*<sup>3</sup>, de Virginia Woolf (1882-1941), escrito entre os anos 1939 e 1940, traduzido e apresentado de maneira magistral por Ana Carolina Mesquita. Esta remissão não se trata aqui em nosso texto de um embelezamento literário, mas uma evocação de algumas questões que nossa disciplina trabalha, ano a ano, e Woolf enfrenta na abertura de seu trabalho de memória, elaborado em *Um esboço do passado*, destacadamente entre elas, a relação entre o presente e

---

1 A disciplina “Memórias Rituais, Narrativas da Experiência” surgiu de ampliação do trabalho e pesquisa colaborativos no âmbito do PPGCOM-ECA-USP. Por que não fazer uma disciplina colaborativa? Por que não somar vivências? As quatro palavras que nomeiam a disciplina nos norteiam e caracterizam a sua interdisciplinaridade, sua proposta dialogal, dialógica, de debate a priori. E além da interdisciplinaridade, somem-se as visões compartilhadas e a possibilidade de construir novas fases que dialoguem com a comunicação.

2 Buscamos aqui o recurso de trazer da memória, dos conscientes e inconscientes que a habitam, as referências para a troca, para a aula, momento especial de iluminação coletiva.

3 WOOLF, Virginia. *Um esboço do passado*. Tradução de Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Ed. Nós, 2020.

o passado, expressa nas escolhas da escritora entre o que ela chamava de “seu eu de agora”, com o “seu eu de antes” relativo a sua identidade. Diante desse dilema autoral – que inspirará aqui em nossas aulas algumas reflexões sobre a Arte da Memória, e por que não da Arte do Esquecimento, referenciadas pela mitologia grega nas águas dos rios Mnemósine e Lete, além de as relações do tema da memória com o ritual pensado como narrativa e experiência –, Woolf, de pronto, justapõe essas duas situações de identidade entendendo que o presente é uma “plataforma onde se pôr de pé”, lugar de evocar, de ritualizar, que afeta, instante a instante, a lembrança do passado. Mais do que isso, a lembrança do que Woolf foi no passado; e diante dele, em vários momentos, ela se pergunta, o que foi, poderia ser diferente?

Constatamos essa pergunta quando Woolf, ao lembrar fatos de sua relação com os pais e irmãos, reflete, no contexto de uma educação vitoriana do final do século XIX, o que significa para si, para a sua identidade de escritora e mulher, o convívio entre o feminino submisso, mas potente em sua leveza, e o masculino ditador de regras, mas fraco em sua brutalidade. Em uma primeira citação pinçada por nós, Woolf (2020, p. 144) explicita a tensão entre ela e as convenções de seu tempo: “as maneiras vitorianas talvez representem uma desvantagem para escrever. Quando leio os meus antigos artigos para o *Literary Supplement*, culpo meu treinamento na mesa do chá pela suavidade, pela cortesia, pela abordagem indireta do tema. Vejo a mim mesma não resenhando um livro, mas oferecendo pratos de pãezinhos a rapazes tímidos e perguntando-lhes: aceitam creme ou açúcar”.

Vejam, é a poderosa escritora perguntando-se sobre o seu lugar no mundo; no suplemento consagrado do jornal *The Times* ou no papel de serviçal do homem vitoriano. Caminhemos analisando outras pistas deixadas em *Um esboço do passado*, onde o microcosmo familiar inglês funciona como uma metonímia da Inglaterra daquele tempo. Ali os espaços descritos, como a sala e o quarto, e os objetos, como a mesa e a cama, dizem muito sobre a sua família e a sociedade da época. A descrição de Woolf (2020, p. 97) é longa, mas vale percorrê-la pela

sua riqueza etnográfica. Ela nos diz, “a mesa do chá, o próprio centro da vila familiar, a mesa do chá redonda ao redor da qual se deram festas inumeráveis, sobre a qual, quando chegava o domingo – o dia do chá festivo –, punham-se pratos cor-de-rosa cheios de pãezinhos negros, cheios de fatias muito finas de pães branco integral e manteiga. A mesa do chá, e não a de jantar, era o centro da vida familiar vitoriana – ao menos na nossa família. Suponho que os selvagens se congreguem em torno de alguma árvore ou fogueira; a mesa redonda marcava aquele ponto focal, sagrado em nossa casa. Era o centro, o coração da família. O centro ao qual os filhos retornavam de seu trabalho à noite; o lar de cujo o fogo a mãe se ocupava, ao servir o chá. Da mesma maneira, o quarto – o quarto com a cama de casal do primeiro andar – era o centro sexual da casa; o centro do nascimento; o centro da morte. Não era grande, mas suas paredes deviam estar impregnadas, se as paredes pudessem absorver imagens e acumular o que se diz e se faz de mais intenso, de mais íntimo, da vida familiar. Naquela cama quatro filhos foram gerados; ali foram paridos; ali minha mãe morreu; depois meu pai, com uma foto de mamãe pendurada diante dele”. É nesses espaços e mobílias que as bandeiras memoriais são entendidas sob a forma de adereços notáveis e reluzentes de significantes: toalhas, colchas, recortes dos acontecidos e dos segredados. E Woolf nos apresenta o espaço que agita e pacifica, em que se oferece o descanso e a noite de sono, mas o nascimento, a geração de vida, o saciar das pulsões e até o fim, com a morte e o suave e final dormir.

Woolf por meio de reflexões como a citada constrói uma identidade de final de vida. Essa identidade, a partir de triste contemplação, é esboçada, por que, à luz de outras possibilidades de ela ser, ela poderia ter sido outra – ou até outras – Virginia. Um dilema que se põe para todos nós: Não poderíamos ter sido outras coisas? O retorno no tempo, pela evocação pode nos levar até uma vida intrauterina, à fundação da vida, aos momentos fundadores da nossa vida, enquanto infantes, adolescentes, adultos, velhos. Impossível não lembrar, a partir da plataforma do presente proposta por Woolf, a forma como



Santo Agostinho (354-430), em seu livro autobiográfico *Confissões*<sup>4</sup>, escrito entre os anos de 397 e 401, traz a ideia de um tempo único e nela está uma definição de memória, que traz sempre para o presente e dá plasticidade à experiência humana. Em seu texto (1984, p. 344-345) em que a prosa se vincula à poesia, ele nos diz “agora está claro e evidente para mim que o futuro e o passado não existem, e que não é exato falar de três tempos – passado, presente e futuro. Seria talvez mais justo que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes, o presente dos fatos futuros. E estes três tempos estão na mente e não os vejo em outro lugar. O presente do passado é a memória. O presente do presente é a visão. O presente do futuro é a espera”.

## 2. Passagens para nós mesmos

Em sua escavação memorial, no contexto de seu presente, de maneira sofrida, Woolf (2020, p. 19) reconhece a plasticidade – no sentido da volatilidade, da mudança como uma tatuagem impossível de ser retirada do rosto de uma vida – do material evocado, quando afirma que “o que escrevo hoje não escreverei daqui a um ano”. Uma plasticidade – que significa avaliar a experiência que se transforma em memória de muitas formas – sempre constante em qualquer evocação, assinalada por uma autora do campo da interface literária, que assume com vigor uma incerteza sobre a veracidade do que ela evoca. Em uma de suas recordações, ela nos diz que às vezes consigo retornar a St. Ives mais completamente do que nesta manhã. Consigo alcançar um estado onde pareço observar as coisas acontecendo como seu estivesse lá. Isso acredito, porque minha memória deve suprir o que esqueci, de modo que é como se as coisas estivessem acontecendo independentemente de mim, quando na verdade eu é que as estou fazendo acontecer.

Em estados de ânimo mais favoráveis, “as memórias – aquilo que esquecemos – emergem até a superfície. Ora, se é assim, não será

---

4 AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1984.

possível, um dia, que se invente **algum aparelho que nos permite acessá-las?** [grifo nosso] Eu o enxergo – o passado – como uma avenida que ficou para trás; uma longa fita de cenas, de emoções. Ali, ao final da avenida imóvel, estão o pomar e o quarto das crianças”. Esta maneira topológica de Virginia evocar a memória lembra a antiga mnemotécnica que liga aquilo que se busca a lugares. Vale lembrar então a narrativa do romano Cícero (2007,p.30), em *De oratore*<sup>5</sup>, que assinala, em relação a mnemotécnica grega, que “[Simônides] inferiu que pessoas que desejam treinar essa faculdade (da memória) precisam selecionar lugares e formar imagens mentais das coisas que querem lembrar, e guardar essas imagens nesses lugares, de modo que a ordem dos lugares preserve a ordem das coisas, e as imagens das coisas denotem as próprias coisas; e devemos empregar os lugares e as imagens assim como uma tábua de cera sobre a qual são inscritas letras.” Um mapeamento de mnemotécnicas, ou *ars memoriae*, realizado por Frances A. Yates, em seu livro *A arte da memória*, que se inicia na Grécia, passa por Roma, pela Idade Média, pelo Renascimento, pelo Teatro da Memória de Fludde e o Globe Theatre até a Arte da Memória e o Desenvolvimento do Método Científico.

Em tempos de nosso presente, a memória se transforma em outros lugares, acessados não pela relação com conexões mnemotécnicas, mas pelos dispositivos que guardam em si o poder de nos dizer – ou não – os caminhos que nos levarão àquilo que esteja em nossos vastos territórios memoriais, delegados a uma gestão outra que não de nossa própria memória.

### 3. A máquina de recordar

Mas voltemos à Virginia Woolf e sua maravilhosa interioridade, inspiradora de conversas aqui sobre possíveis conexões com alguns autores e temas canônicos dos estudos da Memória. Woolf (2020, p. 19-20), a partir de sua ideia de um potencial aparelho para acessar as suas memórias, discorre sobre o seu intento: “Em vez de

5 YATES, A. Frances. *A arte da memória*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.

lembrar uma cena aqui e um som ali, enfiarei uma tomada na parede para escutar o passado. Aumentarei o volume de agosto de 1890. Sinto que as emoções intensas devem deixar seu rastro; e que é simplesmente uma questão de descobrir como podemos nos conectar novamente a elas para podermos viver nossa vida desde o princípio”. Texto que guarda possíveis remissões com as ideias de Agostinho, em *Confissões*, dentre elas, a de “tesouro da memória”, a de “câmara das maravilhas”, a de “ventre da mente”. Lugares de recordação para onde podemos voltar e transformar os afetos. As dores, os fracassos, os traumas podem ser compreendidos, perdoados (na perspectiva religiosa, do direito natural,...), curados (na perspectiva da psique). Um retorno pela “máquina do recordar” para um espaço onde estão os fatos com o objetivo de um recomeçar a vida. Para fazer as coisas certas, as coisas boas. Na perspectiva de Virginia, talvez, pavimentar uma estrada que a afastasse do sofrimento. De certa forma, objetos e lugares cotidianos ou institucionais podem de alguma forma serem esse aparelho de recordar imaginado por Woolf.

No plano institucional, essas máquinas podem ser dispositivos como os museus, os memoriais, os lugares de memória. No plano individual, essas máquinas de recordar podem ser as miudezas de fundo de gaveta, cicatrizes na pele, uma tesoura da mãe costureira guardada em um quadro na parede, como uma lembrança da luta de uma mulher para sustentar com o seu trabalho a família ou uma biblioteca que se torna a segunda pele, com poros sempre prontos a revelar conhecimentos, a desvelar novas/velhas memórias, como ambiente de trabalho intelectual e de mergulho aos alfarrábios tecidos em nossos dispositivos memoriais.

#### 4. Dispositivos de memória

Em um esboço do passado, Virginia (2020, p. 131) liga uma pequena árvore à morte e à ressurreição: “Sempre vejo, quando penso nos meses que se seguiram à morte dela um arbusto no escuro de uma noite de verão. Essa arvorezinha bem desenhada e cheia de ramos está

em frente a uma casa de jardim. [...] Ela resumia tudo aquilo. Até hoje, aquela árvore sem folhas é para mim o emblema, o símbolo, daqueles meses de verão. [...] Mas as árvores não permanecem sem folhas. Nelas começam a crescer brotinhos vermelhos.” Vamos, a partir dessa cena escrita por Woolf, acessar duas passagens literárias, uma de autoria de Marcel Proust<sup>6</sup> (1871-1922) e outra citação de autoria de Thomas Mann<sup>7</sup> (1875-1955), em seu romance de formação, *A montanha mágica*, que podem enriquecer a nossa reflexão sobre a “maquinaria da memória”. A passagem proustiana vem sob a forma de memória pura, conceituada pelo filósofo Henri Bergson<sup>8</sup> (1999, p. 88-89), que presentifica o passado “sob a forma de imagens lembranças, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam”.

Em *O caminho de Swann* o dispositivo memorial funciona pelo sabor de um biscoito e pela xícara de chá, tudo isso está nestes dois trechos de rara beleza: “Fazia já muitos anos que, de Combray, tudo que não fosse o teatro e o drama do meu deitar não existia mais para mim, quando num dia de inverno, chegando eu em casa, minha mãe, vendo-me com frio, propôs que tomasse, contra os meus hábitos, um pouco de chá. A princípio recusei-me e, nem sei por que, acabei aceitando. Ela então mandou buscar um desses biscoitos curtos e rechonchudos chamados madeleines, que parecem ter sido moldados na valva estriada de uma colcha de São Tiago. E logo, maquinalmente, acabrunhado pelo dia tristonho e a perspectiva de um dia seguinte igualmente sombrio, levei à boca uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço da Madeleine. Mas no mesmo instante em que esse gole, misturado com os farelos do biscoito, tocou o meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim”. O extraordinário narrado é o ressurgir para o personagem proustiano de memórias não mais lembradas: “E como nesse jogo

6 PROUST, Marcel. *No caminho de Swann: à sombra das moças em flor*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

7 MANN, Thomas. *A montanha mágica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

8 BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

em que os japoneses se divertem mergulhando numa bacia de porcelana cheia de água pequeninos pedaços de papel até então indistintos que, mal são mergulhados, se estiram, se contorcem, se colorem, se diferenciam, tornando-se flores, casas, pessoas consistentes e reconhecíveis, assim agora todas as flores do nosso jardim e as do parque do Sr. Swann, e as ninfeias do Vivonne, e a boa gente da aldeia e suas pequenas residências, e a igreja, e toda a Combray e suas redondezas, tudo isso que toma forma e solidez, **saiu, cidade, cidade e jardins, de minha xícara de chá**” [grifo nosso]. Esse raio de lembranças pode ser estimulado por um objeto na direção de um marco passado, de um grupo familiar, comunitário, em que a identidade se define pela idade<sup>9</sup>, pelo gênero, pela etnia, pelo trabalho, pelo aprendizado, dentre outras possibilidades que produzem o sentimento de pertencer ou de pertencimento.

Em nossa relação com o território, a memória estimulada pela arquitetura e pelos objetos contidos em um hábitat, é produzido o que os romanos denominavam como *genius loci*, o espírito do lugar. É em uma descrição de uma bacia batismal, “de prata muito oxidada”, que formava com uma bandeja um conjunto pertencente à família de Hans Castorp, personagem central de Thomas Mann, em *A montanha mágica*, que temos a caracterização social, cultural e econômica, um mapa de afetos familiares. No romance de Mann (2016, p. 33), o avô de Castorp conta para o neto que “originalmente a bacia e a bandeja não formavam um jogo, como bem se via [...] mas combinavam-se no uso, [a bacia] era formosa, de linhas simples e nobres, com a marca do gosto austero que reinava em princípios anteriores. Polida e maciça, repousava sobre um pé redondo e era dourada no seu interior; mas desse ouro sobrara com o tempo somente um reflexo de amarelo pálido”. “Quanto à bandeja, podia-se ler a data que lhe conferia uma antiguidade muito maior: ‘mil seiscentos e cinquenta’, em números enfeitados em arabescos, emoldurados [...] No reverso da bandeja, porém, estavam inscritos os nomes dos

---

<sup>9</sup> Ecléia Bosi (1973, p. 38), em *Memória e sociedade*: lembrança de velhos, constrói a sua pesquisa tendo como referência uma comunidade de destino, o envelhecimento.

chefes de família que no decorrer dos anos a tinham possuído: já havia ali sete nomes, cada qual com o ano de transmissão do objeto, e o ancião recitava-os ao neto um a um, indicando-os com a ponta de seu dedo ornado de anel. Estava ali o nome do pai, assim como do próprio avô, e depois se dobrava, triplicava, quadruplicava o prefixo na boca do narrador”.

A narrativa de Thomas Mann a partir dos objetos revela uma tradição religiosa e uma ambiência familiar que atravessa gerações de parentes, desperta e legítima a integração do novo, representado por Hans Castorp. A simbologia que brota do conjunto bacia e bandeja, da obra de Mann, faz parte de um ritual e uma experiência que catalisa uma família diante da renovação do humano representado pela criança introduzida no mundo. Neste e em outros casos, a autoria de Mann poderia ser a autoria de Proust ou de Virginia Woolf, dá relevância aos objetos na trajetória dos personagens e também na nossa experiência de leitores. É o que faz o escritor ucraniano Vassili Grossman<sup>10</sup> (1905-1964), ao narrar a restituição, em 1955, à Alemanha do quadro *Madona Sistina*, de Rafael, confiscado pelo exército soviético, quando se destruiu e derrotou o exército fascista. Em seu texto magnífico, Grossman (2015, p. 181) descreve o seu maravilhamento ao ver a *Madona Sistina*, no Museu Púchkin, em Moscou, e todas as memórias boas e más que a obra de Rafael o faz acessar. Ele lembra que “contemplaram esse quadro doze gerações humanas, a quinta parte das pessoas que viveram na Terra desde o começo das cronologias até os dias de hoje. [...] A beleza da *Madona* está solidamente ligada à vida terrena. Ela é democrática, humana; com uma beleza inerente à humanidade – de rosto amarelo, de olhos vesgos, corcundas de narizes pálidos e compridos, rostos negros de cabelos encaracolados e lábios grossos –, universal. É a alma e o espelho da humanidade, e todos que contemplam a *Madona* veem seu caráter humano; ela é a imagem da alma materna, e por isso sua beleza está eternamente entrelaçada, fundida à beleza que se esconde indestrutível e profunda, em todo o lugar em que a vida nasce e existe – nos porões, sótãos, palácios e calabouços”.

---

10 GROSSMAN, Vassili Semenovich. *A estrada*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

Os trechos literários citados demonstram que as nove musas filhas de Mnemósine e Zeus se constituem em um ventre de memórias, um atributo que parte da experiência e geram narrativas que caracterizam a Pintura, o Teatro, a Arquitetura, a Música, a Escultura e outras denominadas velhas Artes. De tal forma que podemos afirmar que as Artes são produtos e, ao mesmo tempo, dispositivos de memórias. Dispositivos autorais que mais que certezas, trabalham a partir de medidas humanas imperfeitas, que se afasta do desenho anatômico, da reprodução perfeita e da utopia da perfeição dos números. Por certo, o aparelho pensado por Woolf não existe em sua pretensão de capturar e guardar tudo. Jorge Luís Borges<sup>11</sup> (1899-1986) criou Funes, o memorioso, para nos apresentar um ser completo de informações que o prendem a um eterno presente. Sem passado e sem futuro, o ser borgiano é incapaz de gerar pensamento, indagar e duvidar.

## 5. Texto e contexto eternamente mutantes

Diante do duvidar sobre o que ela evoca, Woolf nos traz uma boa dúvida sobre o que é veraz no que a autora como autoridade afirma em seu texto. A precisão do que se evoca não é uma questão nova no universo das interfaces que se trabalham aqui em nossos encontros semanais. A eterna mudança, radicalmente de tudo o que é matéria real ou abstrata já está presente no contexto da filosofia pré-socrática, que estabelece uma ligação profunda entre as reflexões da teogonia, da cosmogonia e da antropologia. Afinal é o humano que ao olhar os universos, o sagrado e o profano, tenta estabelecer as suas identidades no tempo e no espaço, em eterna fluidez e mudança. É assim que Parmênides de Eléia (1987, p. 19) concluiu o seu *O Poema*<sup>12</sup> sobre a Natureza, na belíssima tradução de Gerardo Mello Mourão, acerca de o nascimento das coisas, evento máximo que ganha sentido

---

11 BORGES, Jorge Luis. Funes, o memorioso: *In Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

12 PARMÊNIDES. *O poema*. Tradução de Gerardo Mello Mourão. São Paulo: GRD, 1987.

e significado pela linguagem humana: “O pensar, e aquilo sobre que desabrocha o pensamento, são uma e a mesma coisa. Pois, fora do ser, que é o lugar de sua revelação, não acharás o pensar; nada é, com efeito, nem será, nem será outra coisa que não o ser e sua circunstância; pois a partilha que é sua o ligou à lei de uma integridade em repouso; por isso mesmo, desde que seja, tudo será nome; nele se fixaram os mortais, para seus hábitos, confiantes em que não há nada para lá do nome: tanto nascer, como perecer, estar ou não estar lá, deixar seu lugar por um outro e brilhar aqui e ali com um brilho furta-cor”.

A necessidade de explicar os fenômenos de uma, de sua vida, está no esboço de um passado produzido por Virginia Woolf, um pouco antes de dar termo à sua vida. Virginia não nos oferece certezas em sua autobiografia, ela nos apresenta esboços de acontecimentos de sua infância, de sua adolescência, de sua velhice. A partir de uma afirmação de Ecléia Bosi, autora importante dos estudos da memória, em sua obra *O tempo vivo da memória*, quando reflete sobre os tempos vazios de nossas existências (p. 24), podemos pensar que os primeiros anos de Woolf não têm o ritmo de um allegro, a música de fundo de seu esboço de vida, a partir da memória, é um adágio. O esboço do passado é sempre assinalado a partir de uma plataforma do presente, onde o instante do espírito, do corpo e do cosmo, visto como uma variável fundamental, define a narrativa e a singularidade da autoria. Se é assim, Woolf estava triste quando olhava o seu passado. O seu esboço do passado se transforma em um documento, mas não em um remédio que lhe devolvesse o gosto pela vida. Como documento, o legado de Woolf abre para nós a possibilidade de grifar partes que nos afetam, escrever nas bordas de seu texto as anotações sobre as nossas vidas. Uma apropriação do texto lido a partir da experiência vivida e da evocação de cada um de nós.

Por outro lado, essa plasticidade da memória vista no campo das Ciências Humanas é uma linguagem aberta e mítica, muitas vezes mãe legitimadora de pontos de fuga discursivos em relação à narrativa reconhecida e validada como científica de parte das produções das Comunicações e da totalidade das produções das Artes. Pontos de fuga



discursivos, que estão aquém e além da contraposição entre a cultura científica e a cultura humanística, tratada de maneira magistral por C. P. Snow<sup>13</sup> (1905-1980), em Cambridge, ainda em 1959; que estão em conteúdos canônicos da Ciência das Religiões, onde a caneta de um Mircea Eliade (1907-1986) discorre sobre uma geografia repleta de tempos e espaços que não cabem em metáforas; desses tempos e espaços descritos por Eliade brotarão objetos que desafiam a linguagem exata, já que esses tempos e espaços não conservaram documentos, não contém a experiência humana e sequer ruínas. Pontos de fuga discursivos que estão nos textos de Roberto DaMatta, em suas narrativas sobre um Brasil urbano – repleto de gestos, expressões de alerta, contenção, mando e comando – que é explicado e se faz realidade por meio de mediações e mediadores.

Assim, ao alinhavarmos estas e outras anotações da disciplina *Memórias Rituais, Narrativas da Experiência* estarão presentes as inspirações e os aprendizados contidos em dissertações e teses propostas, nos últimos sete anos, por cerca de 150 mestrandos e doutorandos, inscritos em nossa disciplina, a maioria deles oriundos da Literatura, da Psicologia, da Administração, da História, do Direito, da Medicina, da Saúde Pública, da Política, dentre outras áreas de pesquisa que têm estabelecido interfaces com os nossos interesses de pesquisa. Estarão presentes em aulas as maneiras como processamos, sentimos os nossos envolvimento com os temas de pesquisa enlaçados em nossas vidas? E assentados sobre a plataforma do presente, quais as escolhas que faríamos agora? A partir do aqui, das nossas mudanças, como avaliamos orientandos, orientações, colegas, autores, conceitos e teorias? Como o conhecimento que circulamos em cada uma das quinze semanas, de cada ano, totalizando bem mais que 300 horas, se transformou, se transforma em produção textual, em docência, em divulgação científica, em conversas com a sociedade? Como tudo que estamos evocando continua existindo? O que estamos deixando de lado em nossas lembranças?

---

13 SNOW, C. P. *As Duas Culturas e uma Segunda Leitura: uma Versão Ampliada das Culturas e a Revolução Científica*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1995.

Wolf, como inspiração, é uma referência para pensarmos o estudo da memória em nossa disciplina, evoca em nós as memórias fortes, afetivas, aquelas que se originam no que Virginia Woolf (2020, p. 24) denomina de “momentos de ser”, esses em contraposição aos “momentos de não ser”. Para ela, “uma enorme parte de cada dia não é vivida conscientemente. Caminhamos, comemos, vemos coisas, resolvemos o que precisa ser resolvido, o aspirador de pó quebrado, ordenar o jantar, encadernar livros. Quando o dia é ruim a proporção **de não ser** [grifo nosso] é muito maior. Tive uma febre a semana passada; praticamente o dia inteiro foi **de não ser**”. Woolf transita a sua evocação por um tempo duro e funcional que de forma direta nos remete aos não-lugares de Marc Augé e aos tempos mortos descritos por Ecléia Bosi, quando lamenta que “a sociedade industrial multiplica horas mortas que apenas suportamos: são os tempos vazios das filas, dos bancos, da burocracia, preenchimento de formulários...” Bosi encaminha também o seu pensamento para refletirmos sobre a nossa relação desumanizada com o território, cada vez mais desenraizado, e mediado pelos aplicativos de transporte, que apenas nos perguntam os pontos de partida e de chegada. A trajetória precificada é a morte do *flâneur* e a narrativa da viagem é empobrecida por um passageiro que não quer conversar e que não consegue evocar e pensar sobre o seu passado e o seu futuro. Virginia Woolf não finalizou o seu *Um esboço do passado*. No último dia de sua vida, disse em um bilhete para o seu marido Leonardo Woolf, que não conseguia mais lutar.

## 6. Derradeiras lembranças

Despedidas são muitas vezes reencontros com nossas afetividades guardadas em memórias – que preenchem nosso presente, resguardam nosso passado e iluminam nossos futuros –, livros, bilhetes, gavetas e até em entonações dadas às palavras. Cada passagem faz de nós um pedaço do que somos e de como implementamos olhares sobre o mosaico de nossas experiências e anotações de vida. Das letras

do livro *Cordel do CRP* (2012), de Victor Aquino Gomes Correa (1948-2020) – colega memorável de ECA-USP, a quem tiramos o chapéu –, extraímos os trepentes<sup>14</sup> com os quais nos apresentamos.

**Trepente do Paulo Nassar (p. 123)**

Conheci Paulo Nassar  
Comentando atualidades  
Da música popular  
Numa rádio da cidade.

Até que me convidou  
Para falar de lambada.  
Foi mal prá quem escutou,  
Que era coisa mal falada

Fez das Memórias Ecanas  
Obra departamental,  
Coroando muitos anos  
De nossa história social.

**Trepente do Luiz Alberto (p. 51)**

Mais carioca dos paulistas,  
Chegou do Rio de Janeiro,  
Estudou prá jornalista  
Mas fez “Errepê” primeiro.

Da Ilha do Governador  
Trouxe a gentileza rara,  
Qu o torna sempre credor  
Desse afeto Tabajara.

Conhece como ninguém  
A forma protocolar  
E o cerimonial também.  
É um ás na arte de anunciar.

---

<sup>14</sup> Composição feita com três estrofes.

# Minicurrículo dos autores(as)

**Brasilina Passarelli:** Professora titular pela ECA-USP. Foi chefe do Departamento de Informação e Cultura (CBD-ECA-USP). Vice-Diretora da Escola de Comunicações e Artes – ECA, para o período 2017-2020. É a atual Diretora da ECA para o período 2021-2024. Designada Vice-Presidente da Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica – AGUIA, em 09/2019. Coordenadora da ISchools da ECA-USP desde janeiro de 2020. Coordenadora Científica do NACE – Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Novas Tecnologias de Comunicação Aplicadas à Educação, Escola do Futuro-USP, desde 2007, onde coordena pesquisas quantitativas e qualitativas sobre populações conectadas no âmbito do Observatório da Cultura Digital, com metodologia da netnografia e da etnografia virtual. Orientadora de mestrado, doutorado e supervisão de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da ECA-USP na Linha de Pesquisa Processos Comunicacionais: tecnologias, produção e consumos, onde ministra a disciplina Novas Lógicas e Literacias Emergentes nos Coletivos Digitais: Práticas, Leituras e Reflexões. Coordena convênios internacionais com: Universidade do Porto (Portugal); Universidade de Aveiro (Portugal); Universidad Complutense de Madrid (Espanha); College of Communication da Universidade do Texas (Austin).

**Bóris Kossoy:** Natural de São Paulo, dedicou-se desde jovem à fotografia. Em 1968, fundou o Estúdio Ampliart, atuando nas áreas de jornalismo, publicidade e retrato, paralelamente a uma carreira autoral. Graduiu-se Arquiteto, pela Universidade Mackenzie (1965), mestrado e doutorado em Ciências, pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1977-1979). Entre 1992 e 1994, foi professor (dedicação exclusiva) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP – Campus de Baurú-SP; entre 1988 e 1997, foi professor convidado do Depto. de Jornalismo e Editoração da ECA-USP e, entre 1998 e 2008, seguiu como docente da mesma instituição em regime de dedicação exclusiva. Em 2000, prestou concurso para livre-docência na Escola de Comunicações e Artes da USP e, em 2002, para o cargo de professor titular. Foi pesquisador do projeto temático Fapesp “Arquivos da Repressão e da Resistência: mapeamento e digitalização dos Fundos DEOPS-SP e DEIP-SP” (2006-2011). Atualmente dedica-se à docência e à pesquisa como professor de programas de pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações-USP, além de seguir com sua obra como fotógrafo. Possui uma obra reconhecida nos âmbitos nacional e internacional.

**Claudemir Edson Viana:** Desde 2013, atua como professor doutor na Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo (USP), na Licenciatura em Educomunicação e no Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação. Tem graduação em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (1991), e Licenciatura em História pela Faculdade de Educação da USP (1992). Realizei a pesquisa de Mestrado em Ciências da Comunicação (2000) e Doutorado em Ciências da Comunicação (2005), ambos na Escola de Comunicações e Artes da USP. Atuou como pesquisador no LAPIC (Laboratório de Pesquisas sobre Infância, Imaginário e Comunicação), de 1996 a 2010, e, desde 2001, é pesquisador colaborador do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA-USP. Atua principalmente nos seguintes temas: educomunicação, comunicação e educação, infância e juventude, comunicação social e cibercultura, aprendizagem. É Secretário Executivo da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais da Educomunicação (ABPEducom), desde 2012, e integra o grupo de especialistas em Internet & crianças/adolescentes do Comitê Gestor da Internet no Brasil. Desde 2015, é o coordenador do NCE-USP – Núcleo de Comunicação e Educação da USP, e é o líder do Grupo de Pesquisa do CNPq Epistemologia da Educomunicação. Desde 2019, é membro do Conselho Estadual de Educação em Direitos Humanos em São Paulo.

**Cláudia Lago:** Graduada em Jornalismo – pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero (1989), mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (1995) e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2003). É professora da Escola de Comunicações e Artes no departamento CCA, curso Licenciatura em Educomunicação, da Universidade de São Paulo, professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo e foi presidente da Comissão de Direitos Humanos da ECA-USP (2017-2020). É membro da Coordenação do Fórum das Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Letras, Linguística e Artes (FCHSSALLA). Desenvolve pesquisa na área de Comunicação tendo como foco a construção da Alteridade, especialmente relacionada aos estudos de gênero em narrativas não ficcionais, e pesquisa e extensão em Educomunicação, relacionadas também ao estudo da Alteridade. Coordena o Grupo de Pesquisa Alteridade, Subjetividades, Estudos de Gênero e Performances nas Comunicações e Artes (AlterGen) e o projeto de Extensão Diversidade na ECA. Participa do Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura (Obcom) da ECA-USP.

**Clotilde Perez:** Professora titular de Publicidade e Semiótica da ECA-USP (2017). Livre-docente em Ciências da Comunicação pela ECA-USP (2007). Bolsista Produtividade em Pesquisa, nível 2, do CNPq. Pós-doutora em Design Thinking, pela Stanford University (2013). Pós-doutora em Comunicação pela Universidad de Murcia, Espanha, com bolsa da Fundación Carolina (2009). Pós-doutora pela Universidade Católica Portuguesa, Porto (2011). Doutora em Comunicação e Semiótica (2001) e Mestre em Administração de Marketing (1998), pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Administradora formada pela PUC-SP (1994). Professora do CRP-ECA-USP (desde 2002) na graduação em Publicidade e no programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Chefe do Depto CRP - Relações Públicas, Publicidade e Turismo da ECA-USP (fev. 2017-fev.2021). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP (2021-2023). Líder do Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo – GESC3. Vice-presidente da FELS – Federación Latinoamericana de Semiótica. Editora da revista *Signos do Consumo*. Membro do Conselho Científico da *Matrizes* e da revista *DeSignis*.

**Cremilda Medina:** Jornalista, pesquisadora e professora titular sênior da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. É autora de 20 livros e organizou 55 coletâneas nas áreas de comunicação, jornalismo e literatura. Nasceu em Portugal, mudou-se para Porto Alegre na infância, onde se formou em Jornalismo e Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1964. Atuou na imprensa e na televisão (*O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde*, *Revista Fotoptica*, TV Bandeirantes, TV Cultura) nos anos 1970 e 1980, ao mesmo tempo em que desenvolveu carreira universitária na USP e era ceceada pelo Estado autoritário. É livre-docente em Epistemologia do Jornalismo pela Universidade de São Paulo (1989), mestra e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1975 e 1986), especialista em Jornalismo pelo Centro de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina - CIESPAL, Equador. Dedicou-se a formação de mestres, doutores e pós-doutores no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) e no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam), ambos da USP. Tem como principal linha de pesquisa a Dialogia Social e os desafios paradigmáticos do Saber Plural: a perspectiva do ato presencial, abertura à complexidade, signo da relação e pedagogia dos afetos; tendo como finalidade a teoria e prática da reportagem (narrativas da contemporaneidade). É líder do grupo de pesquisa Epistemologia do Diálogo Social (epistemologiadialogosocial.wordpress.com).

**Daniela Osvald Ramos:** Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA-USP), graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora de Novas Tecnologias da Comunicação na Sociedade Contemporânea e Teorias da Comunicação, no curso de Educomunicação no Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, em Regime de Dedicação Integral à Docência e Pesquisa (RDIDP). É integrante do grupo de pesquisa COM+ (ECA-USP) e do OBCOM – Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura. Membro do projeto internacional “Safety Matters: Research and education on the Safety of Journalists in cooperation between Norway?Brazil?South Africa and USA”, liderado pela Oslo Metropolitan University (OsloMet), financiado pelo Research Council of Norway. Perfil no Resarch Gate: [https://www.researchgate.net/profile/Daniela\\_Ramos4](https://www.researchgate.net/profile/Daniela_Ramos4). Site pessoal: <http://sites.usp.br/dosvald>. É professora permanente do PPGCOM-USP.

**Elizabeth Saad:** Professora titular senior do Departamento de Jornalismo e Editoração – ECA-USP, Atua como docente e pesquisadora nas áreas de comunicação digital e jornalismo digital. Nelas, enfatiza pesquisas e orientações nos segmentos de estratégia e negócios de informação digital; e na correlação entre a estratégia e o desenvolvimento de novas linguagens para conteúdos digitais. Foi professora visitante, em 2018, na Oslo Metropolitan University, Noruega, junto ao grupo de pesquisa Digital Journalism Studies, em 2016 pela Cátedra Unesco de Comunicação Internacional – Université Grenoble-Alpes, França. Dentre outros periódicos é componente do Editorial Board e do Review Team do periódico *Digital Journalism* (Taylor & Francis). Em nível de pós-graduação é docente e pesquisadora credenciada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP. É coordenadora do grupo de pesquisa COM+: [www.grupo-ecausp/commais](http://www.grupo-ecausp/commais), registrado no CNPq.

**Eneus Trindade:** Professor titular da Universidade de São Paulo (USP), na Escola de Comunicações e Artes (ECA). Bolsista Produtividade em Pesquisa (PQ), nível 2 do CNPq. Possui graduação em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Pernambuco (1995), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1999), doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2003), pós-doutorado em Antropologia Visual pela Universidade Aberta de Portugal (2009), livre-docência em Ciências da Comunicação Publicitária pela USP (2012), estágio pós-doutoral na condição de professor convidado para a Chair Numeratie Publicitaire do CELSA Sorbonne Universités Paris, França (1S/2018), Projeto TransNum. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM-USP). Foi Coordenador do PPGCOM-USP, 2013 até 2017. Colíder do Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo – GESC3. Editor da revista *Signos do Consumo*.

**Eugênio Bucci:** Professor titular da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP). Coordenador acadêmico da Cátedra Oscar Sala (IEA-USP) e Superintendente de Comunicação Social da USP. Escreve quinzenalmente na seção Espaço Aberto do jornal *O Estado de S. Paulo*. É docente permanente do PPGCOM-USP. Docente do Departamento de Informação e Cultura (CBD) da ECA-USP. Foi professor da ESPM, entre 2010 e 2014, onde dirigiu o curso de Pós-Graduação em

Jornalismo com Ênfase em Direção Editorial, de 2011 a 2013. Foi presidente da Radiobras de 2003 a 2007. Na Editora Abril, foi diretor de redação das revistas *Superinteressante* e *Quatro Rodas* e Secretário Editorial. Desenvolve pesquisas nas seguintes áreas: ética e imprensa, comunicação pública, superindústria do imaginário, informação e cultura democrática. Escreveu, entre outros livros, *O Estado de Narciso* (Companhia das Letras, 2015), *A forma bruta dos protestos* (Companhia das Letras, 2016), *Existe democracia sem verdade factual?* (Estação das Letras e Cores, 2019) e *A superindústria do imaginário* (Autêntica, 2021).

**Ismar de Oliveira Soares:** Professor titular sênior da Universidade de São Paulo. Bacharel em Geografia e licenciado em História pela Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena, SP (1965). Jornalista formado pela Faculdade Cásper Líbero (1970). Mestre (1980) e Doutor em Ciências da Comunicação (1986) pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado (2000) pela Marquette University Milwaukee, WI, USA. Professor na graduação e na pós-graduação do CCA-ECA-USP (1988-Atual). Ressemantizou o neologismo Educomunicação para designar um campo autônomo de conhecimento (1997-1999). Foi chefe do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP por dois quadriênios (1998-2001 e 2009-2012), tendo implementado a licenciatura em Educomunicação (2011). Coordenou o NCE – Núcleo de Comunicação e Educação da ECA-USP (1996 a 2014). É docente permanente do PPGCOM-USP.

**Leandro Leonardo Batista:** Professor associado RDIDP da Escola de Comunicações e Artes (USP) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação -PPGCOM-USP. Graduado em Educação Física pela Universidade de São Paulo (1975), possui mestrado em Propaganda – University of North Carolina (1990), doutorado em Comunicação Social – University of North Carolina (1996) e livre-docência (2019) pela ECA-USP. Atualmente é professor RDIDP da Escola de Comunicações e Artes (USP) e do programa de pós-graduação PPGCOM-USP. Tem experiência acadêmica e profissional na área de Comunicação, com ênfase em Relações Públicas e Propaganda, atuando principalmente nos seguintes temas: campanhas públicas, publicidade, pesquisa de mercado, comunicação de riscos, preconceitos sociais e comportamento do consumidor, com foco em recepção, persuasão, ciências cognitivas e neurofisiologia aplicada. Coordenador do grupo de pesquisa e do laboratório de neurofisiologia aplicada à comunicação 4C: Centro de Ciências Cognitivas e Comunicação e do grupo de pesquisa ArC2 – Estudos antirracistas em Comunicação e Consumos-CNPq. É um dos organizadores e autor das obras – *O Negro nos Espaços Publicitários Brasileiros* – (ECA; Cone, 2011), livro finalista do Prêmio Jabuti 2012 entre os dez melhores do campo da comunicação, bem como – *Publicidade Antirracista: reflexões, caminhos e desafios* – (ECA-USP, 2019), obra finalista do Prêmio Jabuti 2020.

**Luciano Maluly:** Possui graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo - pela Universidade Estadual de Londrina (1995), Mestrado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (1998), Doutorado em Ciências da Comunicação (2002) e Livre-Docência (2016), ambos pela Universidade de São Paulo, além de Pós-Doutorado na Universidade do Minho, em Portugal (2011). Atua como professor e pesquisador na Universidade de São Paulo (USP) como docente permanente do PPGCOM-USP, com experiência na área de Comunicação, com ênfase em rádiojornalismo e jornalismo esportivo.

**Luiz Alberto de Farias:** Professor associado (livre-docente) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo desde 2003, onde coordenou o curso de Relações Públicas de 2012 a 2013 e em 2015, e atua no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Comunicação como professor permanente desde 2011. Pós-doutorado em Comunicação pela Universidade de Málaga, Espanha (2016). Doutor em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam), da Universidade de São Paulo (2006). Mestre em Comunicação e Mercado (2000), especialista em Teoria da Comunicação (1995) e graduado em Relações Públicas (1990) pela Faculdade Casper Líbero. Graduado em Jornalismo pela Universidade Cruzeiro do Sul (2001). Professor visitante na Universidade de Málaga e professor conveniado como orientador de doutorado na Universidade Nova de Lisboa (Portugal).

**Maria Aparecida Ferrari:** Professora associada da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Livre-docente em Relações Públicas: pressupostos teóricos e históricos pela Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), com período de estudos na Universidade de Maryland (EUA). Mestra em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e em Relações Públicas pela Universidade Anhembi Morumbi. É professora do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, no qual orienta estudos nos níveis mestrado e doutorado, bem como supervisiona pesquisas de pós-doutorado. Desenvolve pesquisas com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Lidera o grupo de pesquisa Diversidades, interculturalidade, comunicação e linguagens culturais (DICULT).

**Maria Cristina Palma Munglioli:** Professora associada (livre-docente) da Escola de Comunicações e Artes – USP, onde ministra aulas em cursos de graduação e atua como docente permanente no Programa de Pós-Graduação (stricto sensu) em Ciências da Comunicação (PPGCOM). É bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível 2. Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. Possui graduação e licenciatura em Letras pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP, graduação

e licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Educação da USP. Mestrado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (2000) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes – USP (2006). Estágio pós-doutoral na Université Sorbonne Nouvelle (Paris 3) com bolsa FAPESP (2016). Foi chefe do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP entre 2016 e 2020. Foi coordenadora da licenciatura em Educação Comunicação (ECA-USP) entre 2014 e 2016. Editora adjunta da *Revista ALAIC*. Tem trabalhado com os seguintes temas: comunicação, estudos de televisão, formatos e linguagem televisuais, teledramaturgia, narrativa transmedia, destacando o estudo de: telenovelas, minisséries, séries e identidades; linguagem e cognição, cultura narrativa; Educomunicação.

**Maria Immacolata Vassalo de Lopes:** Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo; mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo; pós-doutorado na Universidade de Florença, Itália. Professora titular da Escola de Comunicações e Artes da USP. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Epistemologia da Comunicação, Teoria da Comunicação e Metodologia da Pesquisa em Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: campo da comunicação, metodologia da comunicação, recepção da comunicação, ficção televisiva, transmidiação. Coordena o Centro de Estudos de Telenovela da USP (CETVN) e o Centro de Estudos do Campo da Comunicação da USP (CECOM). Criadora e coordenadora da rede internacional de pesquisa OBITEL (Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva) e da rede nacional de pesquisa OBITEL-BRASIL. Diretora de *MATRIZES*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. Presidente da IBERCOM – Associação Ibero-Americana de Investigadores da Comunicação (2015-2019). Presidente da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (1995-1997) e é vice-presidente do Conselho Curador da entidade. Presidente da Comissão de Pós-Graduação da ECA-USP (2001-2008) e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (2001-2012). Representante da área de Comunicação no Comitê Assessor CA-AC do CNPq (2004-2007). Membro do conselho científico de periódicos nacionais e internacionais. Publica artigos e livros no país e no exterior em suas especialidades. É pesquisadora 1A do CNPq.

**Mayra Rodrigues Gomes:** Professora titular do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, possui bacharelado e licenciatura em Filosofia pela Universidade de São Paulo, mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, pós-doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, livre docência em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Tornou-se Professora Titular a partir do concurso realizado em maio de 2009. Atua nas áreas de teoria da comunicação, filosofia da linguagem, psicanálise, tendo o jornalismo e a produção midiática em geral como foco de reflexão. É líder do Miadiato – Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas, e tem longo histórico de participação nas pesquisas do Obcom – Observatório de Comunicação Liberdade de Expressão e Censura. No momento, desenvolve estudos sobre linguagem, narrativa, discursos, processos de supervisão e controle, como parte do compromisso com a Bolsa de Produtividade em Pesquisa concedida pelo CNPq.

**Margarida Maria Krohling Kunsch:** Professora emérita e pesquisadora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), da qual foi diretora de 2013 a 2017. Doutora em Ciências da Comunicação e livre-docente em Teoria da Comunicação Institucional: Políticas e Processos, pela ECA-USP. Coordenadora do Centro de Estudos de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Cecorp) e do Observatório de Comunicação, Responsabilidade Social e Sustentabilidade (SustenCOM) da ECA-USP. Foi Pró-reitora adjunta de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo (2018-2021). Pesquisadora vinculada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Representante de área de Comunicação e Informação no Comitê Assessor (CA-AC) do CNPq (2019 -2022). É autora de vasta produção em Ciências da Comunicação e em Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Publicou livros próprios, com destaque para *Planejamento de relações públicas na comunicação integrada*, 97 capítulos e 90 prefácios de vários livros, 40 artigos em periódicos científicos nacionais e internacionais e organizou 43 coletâneas dessas áreas. Criadora e editora das revistas científicas *Organicom* – Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas, da ECA-USP, e *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (Alaic). Sua trajetória acadêmica e profissional foi e é marcada por uma efetiva participação nas entidades científicas e associações de classe da área de Comunicação no Brasil e no Exterior, tendo participado de criação e ocupado cargos diretivos em diversas delas.

**Paulo Roberto Nassar de Oliveira:** Professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP); diretor-presidente da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje); doutor e Mestre pela ECA-USP. É Coordenador do Grupo de Estudos de Novas Narrativas (GENN), da ECA-USP. Docente permanente do PPGCOM-ECA-USP; pesquisador da British Academy (University of Liverpool (2016-2017)). É coautor dos livros: *Communicating Causes: Strategic Public Relations for the Non-profit Sector* (Routledge, Reino Unido, 2018); *The Handbook of Financial Communication and Investor Relation* (Wiley-Blackwell, Nova Jersey, 2018); *O que é Comunicação Empresarial* (Brasiliense, 1995) e *Narrativas Midiáticas e Comunicação? Construção da Memória como Processo de Identidade Organizacional* (Coimbra University Press, Portugal, 2018).

**Roseli Fígaro:** Professora titular da Universidade de São Paulo, bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível 2. É coordenadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT). Coordena o projeto temático Fapesp

(2023-2028), Datificação da atividade de comunicação e trabalho de arranjos de comunicadores: os embates com as determinações das empresas de plataformas. Coordena na USP, convênio com a Universidade de Oxford, para a pesquisa Fairwork Brasil. É membro do conselho gestor do INCT-DSI-CNPq. Presidenta da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (COMPOS). Diretora editorial da revista *Comunicação & Educação*. Professora convidada da Celsa – Sorbonne Université (2018). Em 2020 e em 2021, coordenou, no CPCT, a pesquisa como trabalham os comunicadores em tempos da pandemia da covid-19? Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP de agosto 2017 a setembro 2021. Possui estágio de pesquisa pós-doutoral no CIESPAL (2016) e pós-doutorado pela Universidade Aix-Marseille, França (2007), doutorado (1999) e mestrado (1993) em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo; e graduação em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero (1981). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Linguagem Verbal, Comunicação e Trabalho e Teorias da Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação e mundo do trabalho, comunicação e discurso, comunicação/educação.

**Sandra Souza:** É licenciada em Educação Artística pela Fundação Armando Álvares Penteado (1977) e graduada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade de São Paulo (1977). Possui mestrado (1986) e doutorado (1992) em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Em 2010, foi aprovada na função de professora associada (livre-docente) da Universidade de São Paulo, na Escola de Comunicações e Artes, Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo (CRP). Na graduação, foi responsável pelas disciplinas de Promoção de Vendas, Projetos Experimentais e TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. É docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM). Orienta pesquisas relacionadas aos temas: publicidade, comunicação visual, design e marketing promocional. Tem experiência nas áreas de Publicidade, Promoção, Comunicação Visual e Design da Informação, orientando estudos da imagem funcional em diferentes discursos: sinalização (símbolos gráficos de comunicação), divulgação científica (imagem esquemática e infográfica) e comunicação de marca (publicidade e identidade visual). Integra o GEIC – Grupo de Estudos da Imagem na Comunicação, grupo do CNPq, que criou em 2006 e liderou até 2022. Atualmente, colabora com a Universidade como professora sênior.

**Vinícios Romanini:** Possui graduação em Ciências da Comunicação (Jornalismo, 1990), mestrado (2001) e doutorado (2006) em Ciências da Comunicação, todos pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado pela Universidade de Indiana (EUA), em 2014. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Filosofia e Teoria da Comunicação, Filosofia da Linguagem, Cultura e Semiótica. Como jornalista, foi repórter, editor ou colaborador em diversos meios de comunicação, nos quais cobriu principalmente assuntos de cultura, ciência e sustentabilidade. É o atual presidente da Sociedade Brasileira de Ciência Cognitiva (SBCC) para a gestão 2017-2019. É também editor-científico da revista *SEMÉIOSIS* (Revista Transdisciplinar de Semiótica e Design), membro de corpo editorial da Peter Lang Book Series Reflections on Signs and Language, além dos seguintes periódicos: *Cadernos de Semiótica Aplicada* (CASA), *Brazilian Journal of Technology, Communication, and Cognitive Science*, *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia e da Claveira* – Revista de Filosofia da Região Amazônica. Coordenador do Grupo ECA pela Democracia. Pesquisador do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC), do Centro de Lógica e Epistemologia da Ciência (CLE-Unicamp), do Grupo de Estudos em Sistemas Sgnicos do Design, bem como do Projeto UniTwin da Unesco (Unesp). Entre os prêmios que ganhou estão o Abril de Jornalismo, o Ethos de Jornalismo Ambiental e o Citi Journalistic Excellence Award. Integra os programas do pós-graduação PPGCOM (Comunicação) e PGEHA (Interunidades em Estética e História da Arte).

**Wagner Souza e Silva:** Professor doutor e pesquisador da Universidade de São Paulo, junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, ambos da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP). Como pesquisador, tem interesse na produção e circulação das imagens técnicas e seus impactos na construção da informação e conhecimento. Desenvolve projetos de pesquisa voltados especialmente para as relações entre fotografia documental, fotojornalismo e cultura digital, bem como para a análise da fotografia nas mídias sociais, tendo realizado um período de investigação no CIMJ – Centro de Investigação Média e Jornalismo, da Universidade Nova de Lisboa, em Portugal (12/2014-03/2015). É um dos coordenadores do Grupo de Estudos da Imagem na Comunicação e do Grupo de Pesquisa em Políticas da Imagem, ambos da ECA-USP, e vice-coordenador do GP de Fotografia da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Como fotógrafo documentarista atuou junto ao Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP), entre os anos de 1998 e 2008, e, atualmente, tem colaborado com projetos de extensão voltados para a divulgação científica.



Este obra foi composta com as tipologias Georgia  
e Open Sans, e impresso em papel *Offset* 90 g  
pela gráfica Meta Brasil.